

Projecto Final de Arquitectura

ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Maria Antónia Rocha Vieira

2018/2019

Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho teórico de Maria Antónia Rocha Vieira submetido como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 -1882)

VERTENTE TEÓRICA

ORIENTADORA: Mafalda Gambutas Teixeira de Sampayo

COORDINADOR: Paulo Jorge Ferreira Miranda

As novas Portas de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)

VERTENTE PROJECTUAL

ORIENTADORA: Mónica Ribeiro Moreira Pacheco Navarro

ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologia e Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo

2018/2019

O presente trabalho segue as normas do novo acordo ortográfico. As referências bibliográficas presentes ao longo deste trabalho estão de acordo com as normas de Harvard.

ÍNDICE GERAL

PARTE I | VERTENTE TEÓRICA

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

Índice de fontes e imagens	29
Índice dos anexos	35
1. Introdução	39
2. Estado da arte	49
3. História urbana de S. Miguel	59
4. Enquadramento teórico	97
5. Análise gráfica às fachadas das igrejas de São Miguel	137
6. Conclusão	173

PARTE II | VERTENTE PROJECTUAL

As novas Portas de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)

Índice de fontes e imagens	239
índice dos anexos	243
1. Problemática	249
2. Estratégia de grupo	253
3. Estratégia individual	277
4. Conclusão	329

AGRADECIMENTOS

À minha família, com quem sempre pude contar e de quem recebi toda a compreensão, paciência e apoio incondicional, bem como por toda a preocupação demonstrada ao longo deste percurso, que nem sempre foi fácil. Gostaria ainda de lhes agradecer por prontamente alinharem nas minhas aventuras, em especial, na (re)descoberta das igrejas e das ermidas espalhadas pela ilha, por vezes acessíveis apenas por atalhos e caminhos desconhecidos.

Um apreço especial àqueles que sem eu conhecer deixaram-me o “bichinho”, a herança do seu gosto e o desejo de conhecer.

A todos os meus amigos que estiveram presentes ao longo destes anos, tanto nos momentos mais divertidos, como nos momentos mais cansativos, com especial carinho ao meu colega de curso Marco Andrade com quem partilhei indecisões arquitetónicas e que sempre me ajudou.

À minha orientadora, professora Mafalda Sampayo, que acreditou em mim, pela disponibilidade, simpatia, apoio e conhecimento que sempre demonstrou no desenvolvimento da dissertação. Agradeço também, à professora Mónica Pacheco pela confiança que depositou no meu trabalho, bem como por todos os desafios que lançava em cada discussão de projeto.

Ao professor Paulo Miranda, pelo tempo dispensado, pela simpatia, pelo entusiasmo e pela dedicação incondicional que depositou no meu trabalho.

Ao Padre Hélio Soares, por me ter ajudado na recolha de alguma bibliografia no início deste percurso, recolha esta fundamental para a minha orientação.

Um apreço especial aos colegas e amigos dos meus pais que prontamente cederam-me informação, livros e fotografias “das suas igrejas”.

À Câmara Municipal da Ribeira Grande e às juntas de Freguesia de Achada, Achadinha, Algarvia, Santo António Nordestinho, Ribeira Seca da Ribeira Grande, Maia e Lomba da Maia, Ribeirinha, Rosário da Lagoa, Pilar da Bretanha, Remédios da Bretanha, Feteiras, Fenais da Luz, Santa Clara e Fajã de Baixo, pela decência de informação, fotografias, documentos e livros sobre a arquitetura religiosa, que serviu de base e auxílio a este trabalho.

E por fim, à Câmara Municipal de Loures e ao Arquivo Municipal de Loures pela cedência do ficheiro CAD (planimetria e altimetria de 2005) e pela informação histórica (desenhos técnicos e fotografias) de Camarate, que em muito serviu para a realização deste trabalho.

INTRODUÇÃO GERAL

A vertente teórica, primeira parte do presente trabalho escrito, diz respeito ao estudo realizado às fachadas principais das igrejas paroquiais da Ilha de São Miguel, durante seis séculos de povoamento (XV-XXI), com o intuito de caracterizar e mapear os seus elementos, de modo a evidenciar a existência duma tipologia de fachada, através das semelhanças entre as várias fachadas. A existência de um protótipo é consequência dos seus materiais e sistemas construtivos, na evidência dos elementos decorativos e da matriz compositiva de referente clássica das fachadas.

A vertente projectual, segunda parte do presente trabalho escrito, divide-se em duas partes: a de grupo e a individual. A parte de grupo inicia-se com a realização de um exercício de grupo, exercício de arranque, intitulado “Da Cidade Pós-industrial ao novo Campus Urbano”, cuja temática é a escassez de “camas” para jovens universitários deslocados e a especulação imobiliária. Nesta fase de arranque pretendia-se uma abordagem à temática com a análise e reconhecimento do território à macro escala (AML) de modo a desenvolver uma estratégia para colmatar a escassez de camas.

A segunda parte do trabalho, diz respeito ao exercício individual, onde através da fase de grupo, foi possível destacar vários territórios periféricos para a implantação da residência e de edifícios complementares, de modo a servir os futuros estudantes e a população local. A proposta em específico, insere-se no território de Camarate, delimitado pelo túnel do Grilo, pelo aeroporto e pelo centro histórico. Este território é caracterizado pelo seu subdesenvolvimento e segregação de malhas urbanas (AUGI), cujas ligações são escassas e em alguns casos inexistentes. Deste modo, o trabalho individual tem como intuito revitalizar uma área de Camarate, com a introdução da residência universitária e de outros equipamentos complementares à residência, de uso coletivo para a população local.

I. PARTE
VERTENTE TEÓRICA

Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho teórico de Maria Antónia Rocha Vieira submetido como requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

UMA TIPOLOGIA DE FACHADA NA IGREJA MICAELENSE (1728 - 1882)

VERTENTE TEÓRICA

ORIENTADORA: Mafalda Gambutas Teixeira de Sampayo

COORIENTADOR: Paulo Jorge Ferreira Miranda

ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologia e Arquitectura, Departamento de Arquitectura e Urbanismo

2018/2019

RESUMO

Os espaços religiosos concentram em si grande carga simbólica, destacando-se no tecido urbano não só pela sua localização, mas também pela sua escala em relação aos restantes edifícios deste tecido. Mostramos a relevância do espaço religioso na malha urbana insular, onde a igreja apresenta-se como elemento de grande importância, gerador de tecido urbano, e é normalmente localizada de forma estratégica, como marco do centro cívico das localidades.

Este estudo apresenta uma análise às fachadas principais das igrejas da ilha de S. Miguel, construídas durante seis séculos de povoamento (XV-XXI) e evidencia a existência de uma tipologia de fachada, através das semelhanças entre as várias fachadas. A existência de um protótipo é consequência dos seus materiais e sistemas construtivos, na evidência dos elementos decorativos e da matriz compositiva de referente clássica das fachadas. Esta demonstração vem dar continuidade aos estudos realizados por Luís Bernardo de Leite Ataíde (1943) para as ermidas micaelenses, por Nestor de Sousa (1986) com o conceito de fachada de “ornamentação barroca micaelense” e por Caldas (2012) com o conceito de “fachada barroca micaelense” e de “fachada tipo micaelense”.

Metodologicamente, a investigação analisa a composição matricial das fachadas e os elementos ornamentais presentes nas fachadas das igrejas da ilha de São Miguel, mapeando e caracterizando os elementos que compõem as fachadas, agrupando-os em categorias e estabelecendo uma tipologia entre as várias igrejas dos períodos setecentista e oitocentista.

Palavras-chave: arquitetura religiosa; setecentos; oitocentos; etnografia; fachadas; história urbana e religiosa; “Estilo micaelense”; São Miguel.

ABSTRACT

A typology of facade in the churches of S. Miguel (1728-1882)

The religious spaces are carriers of great symbolic importance, standing out in the urban fabric not only for their location, but also for their scale in relation to the surrounding buildings. We show the relevance of the religious space in the São Miguel island (Azores) urban fabric, where the church presents itself as an element of great importance. It is the generator of urban fabric, and it is usually strategically located as a landmark of the civic center of the localities.

This study presents an analysis of the main facades of the parish churches of the island of S. Miguel built during the eighteenth and nineteenth centuries. It highlights the existence of a typology of facade, which is a consequence of the materials and building systems existing there at the time. This demonstration continues the studies carried out by Sousa (1986) with the concept of facade “Micaelense baroque ornamentation” and Caldas (2012) with the concept of “Micaelense baroque facade” and “Micaelense type facade”.

Methodologically, the investigation was carried out through the analysis of the elements that make up the facades of the parish churches, the study of old and current photography, and drawings made in CAD; and the systematization of facades by grouping them into categories and establishing a typology between the various churches of the eighteenth and nineteenth centuries.

Keywords: religious architecture; XVIII; XIX; ethnography; facades; urban and religious history; "Micaelense style"; San Miguel.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	17
ABSTRACT	19
ÍNDICE GERAL	21
ÍNDICE ANALITÍCO	25
ÍNDICE DE FONTES E IMAGENS	29
ÍNDICE DOS QUADROS	33
ÍNDICE DOS ANEXOS	35
LISTA DE ABREVIATURAS	37
1. INTRODUÇÃO	39
1.1 Objetivos	41
1.2 Contribuição científica e justificação da importância do estudo	42
1.3 Metodologia	45
1.4 Resultados esperados	46

1.5	Estrutura da dissertação	47
2.	ESTADO DA ARTE	49
2.1	História sobre as igrejas e ermidas dos Açores	51
2.2	Arquitetura popular	52
2.3	“Estilo Micaelense”	53
2.4	Igrejas e ermidas de São Miguel	54
2.5	Igrejas e ermidas de Portugal	56
2.6	Síntese do capítulo	58
3.	HISTÓRIA URBANA DE S. MIGUEL	59
3.1	Contextualização geral	61
3.2	Espaços religiosos	79
3.3	Síntese do capítulo	95
4.	ENQUADRAMENTO TEÓRICO	97
4.1	Definição de conceitos	99
4.2	Investigação teórica	114
4.3	Fachada (Modelo)	129
4.4	Síntese do Capítulo	134

5. ANÁLISE GRÁFICA ÀS FACHADAS DAS IGREJAS DE SÃO MIGUEL	137
5.1 Sistematização do trabalho	139
5.2 A representação gráfica dos desenhos	140
5.3 Análise comparativa dos desenhos	146
5.4 Síntese do capítulo	170
6. CONCLUSÃO	173
7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	181

ÍNDICE ANALITÍCO

RESUMO	17
ABSTRACT	19
ÍNDICE GERAL	21
ÍNDICE ANALITÍCO	25
ÍNDICE DE FONTES E IMAGENS	29
ÍNDICE DOS QUADROS	33
ÍNDICE DOS ANEXOS	35
LISTA DE ABREVIATURAS	37
1. INTRODUÇÃO	39
1.1 Objetivos	41
1.2 Contribuição científica e justificação da importância do estudo	42
1.3 Metodologia	45
1.4 Resultados esperados	46

1.5	Estrutura da dissertação	47
2.	ESTADO DA ARTE	49
2.1	História sobre as igrejas e ermidas dos Açores	51
2.2	Arquitetura popular	52
2.3	“Estilo Micaelense”	53
2.4	Igrejas e ermidas de São Miguel	54
2.5	Igrejas e ermidas de Portugal	56
2.6	Síntese do capítulo	58
3.	HISTÓRIA URBANA DE S. MIGUEL	59
3.1	Contextualização geral	61
3.1.1	Cidades insulares	62
3.1.2	Ilha de São Miguel	63
3.2	Espaços religiosos	79
3.2.1	A influência dos espaços religiosos	90
3.3	Síntese do capítulo	95
4.	ENQUADRAMENTO TEÓRICO	97
4.1	Definição de conceitos	99
4.1.1	Planta	101
4.1.2	Fachada	105

4.2	Investigação teórica	114
4.2.1	Etnografia	114
4.2.2	Material	117
4.2.3	Fachada	119
4.2.4	Planta	124
4.2.5	Arquitetos	126
4.3	Fachada (Modelo)	129
4.4	Síntese do Capítulo	134
5.	ANÁLISE GRÁFICA ÀS FACHADAS DAS IGREJAS DE SÃO MIGUEL	137
5.1	Sistematização do trabalho	139
5.2	A representação gráfica dos desenhos	140
5.2.1	Contextualização geral da ilha relativamente à arquitetura religiosa	140
5.2.2	Contextualização cronológica e comparativa da arquitetura religiosa de São Miguel com a arquitetura religiosa nacional	141
5.2.3	Análise da matriz compositiva das fachadas das igrejas paroquiais	142
5.2.4	Síntese e evolução	144
5.3	Análise comparativa dos desenhos	146
5.3.1	Contextualização cronológica e comparativa da arquitetura religiosa de São Miguel com a arquitetura religiosa nacional	146
5.3.2	Análise comparativa das fachadas da Igrejas Paroquiais	149
5.3.3	Síntese e evolução	164
5.4	Síntese do capítulo	170
6.	CONCLUSÃO	173

7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	181
7.1 Bibliografia geral	183
7.2 Bibliografia temática	207

ÍNDICE DE FONTES E IMAGENS

- Figura 01** – Ilha de S. Miguel [1800?] (Disponível em WWW: <<http://purl.pt/25814>>)
- Figura 02** – Malha urbana de vila da Povoação e das Lombas da Povoação (VIEIRA, 2019)
- Figura 03** – Malha urbana de vila da Povoação (até à atualidade) (VIEIRA, 2019)
- Figura 04** – Malha urbana de vila de Nordeste (até à atualidade) (VIEIRA, 2019)
- Figura 05** – Exemplo da malha rural do concelho de Nordeste (Lomba da Fazenda) (VIEIRA, 2019)
- Figura 06** – Malha urbana de Vila Franca do Campo (até à atualidade) (VIEIRA, 2019)
- Figura 07** – Malha urbana da cidade de Ponta Delgada (até à atualidade) (VIEIRA, 2019)
- Figura 08** – Malha urbana da cidade da Ribeira Grande (até à atualidade) (VIEIRA, 2019)
- Figura 09** – Malha urbana da cidade de Lagoa (até à atualidade) (VIEIRA, 2019)
- Figura 10** – Igreja associada à praça como geradora de traçado (Matriz de P.D.) (COELHO e LAMAS, 2005, p.62)
- Figura 11** – Igreja matriz acedida por escadório (Matriz de R. G.) (COELHO e LAMAS, 2005, p.146)
- Figura 12** – Igreja paroquial no enfiamento de vias principais (Igreja paroquial da Fajã de Baixo) (COELHO e LAMAS, 2005, p.82)
- Figura 13** – Relação de fachadas de conventos masculino e femininos com o espaço público (Igreja conventual de N^a Sr^a da Conceição de P.D. e Igreja conventual de N^a Sr^a da Esperança de P.D. (COELHO e LAMAS, 2005, p.70 e 71)
- Figura 14** – Morfologia de uma ermida (VIEIRA, 2019)

Figura 15 – Relação das ermidas autónomas e anexas na malha urbana (VIEIRA, 2019)

Figura 16 – Distribuição tipologia de teatros ou ‘impérios’ do Divino Espírito Santo no Arquipélago dos Açores (VIEIRA, 2019)

Figura 17 – Influência do espaço religioso na malha urbana (COELHO e LAMAS, 2005, p.88 e p.110)

Figura 18 – Elementos que compõem uma planta de igreja (VIEIRA, 2019)

Figura 19 – Tipologia de plantas de igreja (VIEIRA, 2019)

Figura 20 – Partes da fachada da igreja (VIEIRA, 2019)

Figura 21 – Classificação de frontão (VIEIRA, 2019)

Figura 22 – Tipos de frontão (VIEIRA, 2019)

Figura 23 – Elementos primordiais da fachada da igreja (VIEIRA, 2019)

Figura 24 – Composição e classificação da torre (VIEIRA, 2019)

Figura 25 – Sistema construtivo – Sistema Trilítico (adaptação de imagem: RODRIGUES, 2002, p.119)

Figura 26 – Elementos ornamentais (excerto de imagem: AAVV, 2003, p.370)

Figura 27 – A fé do homem micaelense, procissão no Porto Formoso em 1965 (Disponível em WWW: <<http://portodememorias.blogspot.com/>>)

Figura 28 – Comparação de fachadas rebocadas no séc. XIX e no séc. XXI (branco/preto e a cores) (Disponível em WWW: <<https://diariodalagoa.pt/arquivo/74075>>) e (MELLO, 2017, p.111)

Figura 29 – Corpos que compõem a fachada da igreja micaelense (VIEIRA, 2019)

Figura 30 – Comparação da fachada da igreja de Gesù e de uma igreja Micaelense (VIEIRA, 2019)

Figura 31 – Corpos que compõem a planta da igreja micaelense (VIEIRA, 2019)

Figura 32 – Critério (Ornamentação barroca e Matriz compositiva de referente clássica)

Figura 33 – Tipologia de igrejas micaelenses com fachada modelo (VIEIRA, 2019)

Figura 34 – Comparação de coroamento da fachada modelo com a fachada família (VIEIRA, 2019)

Figura 35 – Comparação de entablamento da fachada modelo com a fachada família (VIEIRA, 2019)

Figura 36 – Comparação da volumetria da fachada modelo com a fachada família (VIEIRA, 2019)

Figura 37 – Implantação da torre de acordo com: (COELHO e LAMAS, 2005, p.102)

Figura 38 – Relação da torre com o corpo da fachada (Disponível em WWW: <<https://www.pinterest.at/pin/584764332846231383/>>)

Figura 39 – Análise morfológica do corpo da torre (VIEIRA, 2019)

Figura 40 – Comparação da composição da fachada modelo (VIEIRA, 2019)

Figura 41 – Distribuição tipológica das fachadas das igrejas da ilha de São Miguel (VIEIRA, 2019)

ÍNDICE DOS QUADROS

Tabela 1 – Tipologia de ermidas (VIEIRA, 2019)

Tabela 2 – Registo de edifícios religiosos no Séc. XVI segundo Gaspar Frutuoso (VIEIRA, 2019)

Tabela 3 – Registo de edifícios religiosos no Séc. XVIII segundo Francisco de Chaves e Melo (VIEIRA, 2019)

Tabela 4 – Registo de edifícios religiosos na atualidade, de acordo com tabela geral (Tabela Gráfica A) (VIEIRA, 2019)

Tabela 5 – Síntese dos conceitos utilizados de acordo com os elementos componentes da fachada, segundo Quintão (2005) destacando-se os mais pertinentes para o estudo em causa (VIEIRA, 2019)

Tabela 6 – Nomes de Arquitetos, Mestres de Obras e Construtores (VIEIRA, 2019)

Tabela 7 – Tipologia de fachada de igreja por época de construção (Igrejas da ilha de S. Miguel) (VIEIRA, 2019)

Tabela 8 – Medidas das fachadas (VIEIRA, 2019)

Tabela 9 – Relação de medidas dos diversos corpos da fachada (VIEIRA, 2019)

ÍNDICE DOS ANEXOS

Tabela Gráfica A – Tabela geral do espaço religioso da ilha de São Miguel

Tabela Gráfica B – Cronologia das fachadas referente a igrejas de Portugal continental

Tabela Gráfica C – Cronologia das fachadas referente a igrejas da ilha de São Miguel

Tabela Gráfica D – Cronologia das fachadas referente a igrejas da ilha de São Miguel

Tabela Gráfica E – Caracterização do corpo central

Tabela Gráfica F – Caracterização da torre

Tabela Gráfica G – Caracterização do batistério

Tabela Gráfica H – Estudos da torre e do batistério

Tabela Gráfica I – Estudo dos 3 corpos

Tabela Gráfica J – Medição das fachadas

Tabela Gráfica K – Tipologia das principais plantas de igrejas portuguesas

Tabela Gráfica L – Sistematização das fachadas das igrejas da ilha de São Miguel através duma distribuição tipológica

Tabela Gráfica M – Sistematização da fachada modelo

Artigo N – Artigo submetido à conferencia ICEUBI 2019, *University of Beira Interior*

LISTA DE ABREVIATURAS

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

IAC – Instituto Açoriano de Cultura

CAD – Desenho assistido por computador

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

PD – Ponta Delgada

VFC – Vila Franca do Campo

RG – Ribeira Grande

L – Lagoa

N – Nordeste

P – Povoação

1. INTRODUÇÃO

Na base desta investigação estão as seguintes questões: Existirá uma replicação das fachadas das igrejas do séc. XVIII e do séc. XIX na ilha de São Miguel? Poder-se-á falar de um modelo próprio de projetar igrejas? E poder-se-á designar de micaelense?

Desde o séc. XVI que o povo açoriano tem registos de grande parte dos seus feitos através de vários cronistas. Assim podemos enumerar as seguintes obras: em 1589 o livro *“Saudades da Terra”* do Padre Gaspar Frutuoso; em 1697 o livro *“Crónicas da Província de S. João Evangelista das ilhas dos Açores”* do Frei Agostinho Monte Alverne; em 1717 o livro *“História Insular das ilhas a Portugal Sujeita no Oceano Ocidental”* do Padre António Cordeiro; e em 1723 o livro *“A Margarida Animada”* do historiador Francisco Afonso de Chaves e Melo (ALMEIDA, 2012).

A partir do séc. XIX este registo continua, com o conjunto de artigos do historiador Ernesto do Canto *“Arquivo dos Açores”* de 1878-1959; com a obra do historiador Urbano de Mendonça Dias *“História dos Açores - Origem, colonização, donatário, capitánias, lutas políticas e governo dos Açores”* de 1924; e finalmente, com o conjunto de textos do historiador Luís Bernardo de Leite Ataíde *“Etnografia, Arte e Vida antiga dos Açores”* de 1973.

Nos séculos XVI e XVII, os padres faziam o registo da população e dos bens existentes em cada localidade, uma vez que eram dos poucos indivíduos que sabiam ler e escrever. Deste modo, os padres relataram e registaram grande parte dos bens religiosos. A partir do séc. XVIII começa a surgir a figura do historiador, que para além de recolher a informação também a processa e analisa. O aparecimento desta nova “figura”, surge graças ao rei D. João V aquando da criação da Academia Real de História Portuguesa, a 8 de dezembro de 1720 provando o seu interesse pelo desenvolvimento cultural de Portugal e pela sua preservação. (SERRÃO,1980).

Todavia, só nos últimos dois séculos, foram realizados vários estudos e inventários ao património imóvel dos Açores, concretamente à arquitetura açoriana (CANTO, 1896-97) (AAVV, 2000) (IAC,1999-

2014). Assim, quer de forma empírica ou erudita, temos a história dos Açores registada nos seus seis séculos de povoamento o que nos permite obter informação para a realização de vários estudos.

Contudo, continua a ser parco o conhecimento relativo ao povoamento dos primitivos portugueses que se fixaram em solo micaelense. Assim podemos questionarmos como eram os pequenos aglomerados instalados na ilha de São Miguel e nos restantes Açores. Como seria a imagem da ilha antes do povoamento? Como teriam sido as suas primitivas construções? Porquê a descomunal quantidade de construções religiosas em terras micaelenses? O que manteve este povo numa terra cheia de fenómenos naturais desconhecidos à época?

Os estudos científicos de Luís Bernardo de Leite Ataíde (1950) comprovam a existência de um “estilo micaelense” presente na ilha, compreendido entre o início do séc. XVII e meados do séc. XVIII, de acordo com os elementos decorativos presentes nos edifícios civis e religiosos, representando aquilo que era a etnografia de um povo numa dada época.

Portanto, desde cedo, a análise dos edifícios religiosos na cultura micaelense teve um protagonismo na história da ilha, cuja imagem perpetua impacto. Caldas (2012), na sua análise às igrejas barrocas da ilha de São Miguel, denomina a fachada destas igrejas de “fachada tipo micaelense” e afirma que este estudo de fachadas está ainda muito pouco fundamentado.

Deste modo, pretendemos verificar e estudar a existência desta tipologia de fachada, presente na arquitetura dos edifícios religiosos da ilha de São Miguel, que ao longo desta dissertação se explicitará.

1.1 Objetivos

É objectivo desta investigação analisar os elementos que compõem a fachada modelo das igrejas micaelenses dos séculos XVIII e XIX, através da sua matriz compositiva de referente clássica e dos seus elementos ornamentais de referente barroco. Para tal iremos sintetizar e estabelecer uma tipologia entre as várias igrejas no período temporal que abarca a sua existência, mapeando-as, de acordo com os princípios de composição das mesmas.

Para a concretização deste trabalho, em termos metodológicos é realizado um mapeamento de todas as ermidas e igrejas existentes e não existentes (demolidas) na ilha de São Miguel, mostrando: i) a sua localização; ii) a sua data de construção; iii) o arquiteto; engenheiro militar; mestre de obras e construtores (quando identificado o autor); iv) a identificação fotográfica; v) a descrição da fachada (com recurso ao Inventário do Património Imóvel dos Açores - IAC e ao site do SIPA); vi) e ainda algumas notas (informação complementar secundária).

1.2 Contribuição científica e justificação da importância do estudo

Através das pesquisas realizadas para este estudo, percebemos a existência de lacunas nas diversas fontes de informação disponíveis para consulta. Detetamos carência de estudos científicos sobre o nosso tema de pesquisa e falta de desenhos técnicos relativos às igrejas em estudo. Muito embora o SIPA registre on-line um número razoável de fichas técnicas relativas a igrejas nacionais e das ilhas, muito trabalho ainda está por fazer. Nas fontes encontradas, relativas a diversos autores e a diversas épocas, a nossa temática (as fachadas das igrejas de S. Miguel) é sempre abordada à luz da história. Desta forma, esta dissertação além de fazer uma leitura histórica, tem como contributo uma visão urbanística e arquitetónica que se baseia na leitura de fontes coevas e na interpretação das igrejas micaelenses através do estado atual das suas fachadas.

Esta investigação faz uma definição exata de um modelo de arquitetura – a arquitetura religiosa micaelense, que consideramos ser uma contribuição científica para os investigadores da área, através da explicação da originalidade das fachadas das igrejas da ilha de S. Miguel. O trabalho apresentado dá continuidade ao estudo de Caldas (2011). Devido à importância desta temática e ao facto de ter sido tão pouco trabalhada, o próprio autor sugere o desenvolvimento do seu trabalho:

“Enfim, na impossibilidade de chegar, por enquanto, a conclusões fundamentadas, esta tentativa de análise formal pretende, sobretudo, apelar a um trabalho que não está feito e que urge desenvolver sobre a origem dos modelos e quais os meios de transmissão e transformação dos elementos clássicos e decorativos característicos do barroco micaelense, assim como sobre a cronologia da sua evolução semântica e formal.”

(CALDAS, 2011, p.45)

Não devemos esquecer que o conceito de fachada ultrapassa a ideia de um simples limite e a importância desta é crucial na leitura da cidade e na definição de hierarquias urbanas.

Deste modo, o trabalho será ainda um contributo prático para a elaboração de projectos futuros de arquitetura religiosa na ilha, uma vez que a permanência da imagem desta igreja em S. Miguel foi-se perdendo ao longo do séc. XX, estendendo-se até à atualidade. Salvo um caso em particular de uma igreja contemporânea que procurou atualizar essa imagem segundo códigos atuais, fazendo a ponte entre o passado e o presente, no final do séc. XX, mas sem sucesso, que é o caso da não construída Igreja de Nossa Senhora do Lajedo, pelo arquiteto Luiz Cunha (1980-82), sendo o projeto recusado essencialmente pela imagem pública de continuidade histórica, a par de uma novidade na distribuição interior onde o altar ocuparia uma zona central, em redor da assembleia, de acordo com as novas propostas do Concílio Vaticano II, no entanto, a fábrica da igreja promotora optou mais tarde por outro projeto (atual Igreja de Nossa Senhora de Fátima no Lajedo), numa linguagem exterior mais despojada e próxima de arquétipos construídos no Continente, não deixando o interior de seguir a regra tradicional do altar ao fundo da assembleia (LAMAS, 1982).

Há que ter em consideração que a partir do séc. XX a planta da igreja micaelense altera-se, para plantas de igreja salão, o que de certa forma também influenciou o desenho das igrejas (desenho da fachada), facto comprovado pelo Concílio Vaticano II, que permitiu uma maior liberdade, e aproximação do altar para o centro da igreja-comunidade.

Em nosso entender, esta investigação foca-se na arquitetura religiosa de igrejas paroquiais católicas, analisando em específico, a fachada principal das mesmas, pela sua semelhança de matriz compositiva de referente clássica e de elementos decorativos de referente barroco. A análise da fachada principal justifica-se, também, por ser esta a parte de todo o conjunto do edificado que se destaca e que se distingue dos restantes edifícios civis, não só pela carga simbólica e ostentosa que contém, mas também pelo emprego das melhores técnicas construtivas e dos melhores materiais e pela sua presença e escala no território.

Importa lembrar que a fachada se trata do elemento que faz a transição do espaço público para o espaço privado e sagrado, pois esta é o rosto do edifício, que reflete a criação do Arquiteto ou do Mestre de Obras, sendo ainda o elemento que as pessoas retêm na sua memória do quotidiano.

As igrejas construídas na ilha de São Miguel, Açores, onde a fé sempre existiu de forma muito vincada no povo e nas suas crenças, transcritas na capacidade e vontade de erigir igrejas e ermidas ao longo

do território, são marcadas pela sua homogeneidade, balizadas entre os séculos XVIII e XIX, período em que surge um grande número de igrejas com composição idêntica (do estudo efetuado a setenta e oito igrejas paroquiais da ilha de São Miguel, verificou-se que quarenta e uma igrejas paroquiais apresentam fachada de composição idêntica).

Deste modo, o estudo terá como ferramenta de auxílio e de interpretação da fachada, o desenho gráfico e o levantamento fotográfico da mesma, através do seu mapeamento e sintetização compositiva.

1.3 Metodologia

Metodologicamente são mapeados todos os edifícios religiosos presentes na ilha de S. Miguel, desde o início do povoamento até à atualidade. Posteriormente são analisadas as matrizes compositivas das fachadas, exclusivamente das igrejas paroquiais, catalogando-as conforme as suas tipologias, filtrando as fachadas que fazem parte do designado modelo de arquitetura religiosa micaelense. Feita a pré-seleção das fachadas modelo, serão estudados os elementos ornamentais e a matriz compositiva presente nas fachadas. Importa ainda dizer que este trabalho deve ser lido acompanhando os desenhos e as tabelas em anexo.

O faseamento para a concretização do objetivo proposto será feito através de:

- i. Um mapeamento geral das igrejas e ermidas da ilha de São Miguel (referido nos objetivos);
- ii. Contactos com as juntas de freguesia e as câmaras municipais de São Miguel para recolha de informação adicional;
- iii. Pesquisa bibliográfica sobre o tema geral;
- iv. Pesquisa bibliográfica de casos de estudo, a partir do site do SIPA;
- v. Recolha de cartografia antiga;
- vi. Recolha de elementos a partir de observação direta na área de estudo através do levantamento fotográfico;
- vii. Mapeamento de elementos constituintes das fachadas (de acordo com os estudos já efetuados por Luís B. de Leite Ataíde (1943) e por José C. V. Quintão (2005));
- viii. Tratamento das imagens no programa CAD;
- ix. Interpretação escrita dos dados recolhidos nos campos anteriores.

1.4 Resultados esperados

Com o desenvolvimento deste trabalho, pretendemos atualizar a listagem de edifícios religiosos desenvolvida pelo historiador Ernesto do Canto (2000). Analisar e comparar a relação dos casos de estudo e desenvolver a teoria da existência de uma tipologia de fachada vincada na arquitetura religiosa em São Miguel, tendo em conta o modo de viver e a insularidade

Este estudo apresenta uma metodologia para futuras investigações. Esta metodologia assenta na observação dos edifícios religiosos com base em ferramentas de desenho analítico e sintético (esquemas gráficos realizados em CAD) na leitura diacrónica dos vários casos de estudos.

1.5 Estrutura da dissertação

Esta dissertação encontra-se dividida em 4 capítulos. Designado de Estado da Arte, o capítulo 1 é dedicado à filtragem e recolha de investigações e de estudos realizados sobre a temática de arquitetura religiosa não só na ilha de São Miguel, Açores, mas também no continente. Devido à sua complexidade e extensa recolha bibliográfica, subdivide-se o capítulo por temáticas, cada uma com um breve descritivo da obra analisada.

O capítulo 2 faz a contextualização histórica e urbana da ilha de São Miguel, do geral para o particular, destacando a influência do papel da igreja na criação da malha urbana e do povoado.

O capítulo 3 apresenta um glossário de conceitos técnicos específicos da realidade em estudo, e desenvolve o conceito de fachada modelo desta investigação.

O capítulo 4 expõe a análise gráfica relativa à interpretação e leitura comparativa das fachadas, com recurso ao desenho e à fotografia, apresentando os resultados extraídos desta análise qualitativa e quantitativa.

Por fim, este trabalho oferece, como já referimos, uma metodologia de análise gráfica para fachadas e aponta para investigações futuras, que possam implicar levantamento métrico dos edifícios.

2. ESTADO DA ARTE



Embora possamos encontrar obras que abordam, concomitantemente, várias temáticas relacionadas com o assunto principal deste trabalho, conseguimos também individualizar algumas por especificações ou por aprofundarem mais um tema do que outro.

Agrupamos, assim, os principais autores que proporcionaram informação para esta dissertação, segundo os temas mais relevantes para o estudo, que são: a história sobre as igrejas e ermidas dos Açores, a arquitetura popular, o “estilo micaelense”, as igrejas e ermidas de São Miguel, e as igrejas e ermidas de Portugal.

Este estado da arte, sintetiza os estudos mais marcantes para esta pesquisa e explicita, também, os conceitos e linhas de pensamento principais presentes nos textos selecionados.

2.1 História sobre as igrejas e ermidas dos Açores

COSTA, F. Carreiro da - *Igreja e ermidas dos Açores “Um perfil da sua história e da sua paisagem”*. In Açores – Madeira, Das ilhas de S. Miguel e Santa Maria, Funchal: Tip. Eco do Funchal, 1955.

DIAS, Urbano de Mendonça - *História dos Açores*. Agência de Obras Literárias de António Silvério de Medeiros, 1924.

História das igrejas e ermidas dos Açores. Ponta Delgada (Açores): jornal "Açores", 1953.

As obras acima enumeradas são compostas por uma recolha histórica e fotográfica dos edifícios religiosos, contemplando grande número de igrejas e ermidas da ilha de São Miguel.

A primeira e terceira obra, apresentam uma ficha de identificação de cada imóvel composta por: i) identificação do imóvel; ii) identificação do lugar; iii) nomes dos fundadores; iv) registo das datas de construção/obras; v) contextualização histórica e vi) registo fotográfico.

A segunda obra desenvolve o contexto histórico do arquipélago dos Açores, particularizando cada ilha, fazendo uma breve introdução da fase dos descobrimentos. Esta obra menciona o povoamento nas diversas ilhas, fazendo referência a alguns momentos e edifícios, em particular os edifícios religiosos, através de datas e nomes de pessoas que se destacaram em cada sítio da ilha, e elabora uma lista histórica sucinta das igrejas e ermidas de cada ilha.

2.2 Arquitetura popular

AAVV - Arquitectura popular dos Açores. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2000.

AAVV - São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do Património Imóvel dos Açores. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007.

AAVV - São Miguel, Nordeste: Inventário do Património Imóvel dos Açores. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011.

AAVV - São Miguel, Povoação: Inventário do Património Imóvel dos Açores. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012.

A obra “*Arquitectura popular dos Açores*” centra-se na arquitetura doméstica, nas atividades produtivas, nas construções vernáculas que mais caracterizam os Açores e na cultura açoriana, principalmente no conceito de casa e de arquitetura de produção, principal meio económico das ilhas. Esta obra aborda o início do povoamento e relata a expansão das principais freguesias, vilas e cidades dos Açores. Embora sejam mencionados os edifícios e espaços religiosos de forma muito ligeira, o seu maior enfoque está na arquitetura religiosa popular, na análise dos chamados “teatros” ou impérios do Divino Espírito Santo, onde o autor tipifica a morfologia de cada ilha.

Os três volumes do “*Inventário do Património Imóvel dos Açores*” consistem numa catalogação do património imóvel dos concelhos da Ribeira Grande, Nordeste e Povoação, incluindo todos os tipos de elementos arquitetónicos, urbanos ou paisagísticos com qualidade significativa de valor coletivo, social ou cultural. Este trabalho está organizado a partir duma seleção do imóvel feito no terreno através dum conjunto de critérios: i) a sua identificação; ii) a sua localização em cartografia e a atribuição de um número que corresponde à sua posição; e iv) a sua caracterização, através de uma ficha de identificação, composta por anexos visuais sejam eles fotografias, desenhos ou esboços. Cada imóvel apresenta uma parte escrita onde são apresentados os seguintes factos: i) designação; ii) localização; iii) localidade; iv) categoria e grupo tipológico; v) proteção existente; vi) legislação; vii) descrição geral; viii) elementos notáveis; ix) época de construção inicial; x) elementos datados; xi) função inicial e atual; xii) propriedade e xiii) estado de conservação.

2.3 “Estilo Micaelense”

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de – *Ribeira Grande, sua arquitectura Antiga*. In Revista Insulana. Ponta Delgada (Açores), vol. VI, 1950, p.33-68.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - *Etnografia, arte e vida antiga dos Açores*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. I vol. II vol. III vol. IV, 2011 [1973].

Pela primeira vez em 1950, no artigo “*Ribeira Grande, sua arquitectura Antiga*”, de Leite de Ataíde, surge a criação e definição do conceito “estilo micaelense”, definido pelo autor como “possuidor de personalidade própria e inconfundível” (CALDAS, 2007, p.27). Este estilo confinado à ilha de São Miguel, não está presente em todos os concelhos da mesma, tendo maior presença e classificação este património na cidade da Ribeira Grande, local de sua origem. Este estilo é detentor de uma originalidade de linguagem clássica e materializa um dialeto popular. As principais características do mesmo consistem: i) na utilização do material, endógeno dos Açores, a pedra negra de basalto, que acentua os contrastes sombra/luz e clara/escuro no fundo caiado de branco; ii) na variedade tipológica empregue nas casas solarengas, nas casas térreas e nas ermidas; iii) nos seus elementos característicos como sejam, as janelas com avental, os duplos lintéis de janelas e portas com frisos ornamentados

com rombos em ponta de diamante, suásticas, sexifólias ou outros elementos que segundo o autor são nomenclaturas que compõem um vocábulo vernáculo e popular e a ligação das janelas às portas; iv) e nos óculos usados para iluminar os vãos das escadas.

A obra de Leite de Ataíde “*Etnografia, arte e vida antiga dos Açores*” publicada em 2011 em 4 volumes, é relativa ao trabalho de 1973 e compila os principais textos apresentados pelo autor ao longo da sua vida, nomeadamente, os estudos relativos à história, etnografia e arte do povo açoriano entre 1910 e 1948. Neste conjunto de volumes podemos encontrar o modo particular da vivência e cultura de um povo das camadas inferiores da sociedade, através da materialização da sua vivência açoriana, de modo a recuperar e a preservar um património esquecido. No dizer de Ataíde as investigações sobre o povo açoriano permitem “as materializações do viver antigo ainda existentes, quase todas esquecidas e em estado de ruína, consideradas como documentos comparativos das suas múltiplas modalidades (...) transportar da obscuridade da mina para a luz da publicidade, alguns materiais com os quais o arquitecto virá um dia a erigir o grande monumento da história regional” (ATAÍDE, 2011[1973]a, p.7).

2.4 Igrejas e ermidas de São Miguel

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - *Ermidas Micaelenses*. Ponta Delgada (Açores): Diário dos Açores, 1943.

CANTO, Ernesto do – *Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da ilha de S. Miguel*. In Revista Insulana. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. LVI, 2000, pag.133-250.

DIAS, Urbano de Mendonça – *História das igrejas, conventos e ermidas micaelenses*. Vila Franca do Campo (Açores): Tipografia de “A Crença”, 1949-1950.

SIPA: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico – *Inventário do Património Arquitetónico* [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.monumentos.gov.pt>>

SOUSA, Nestor de - *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*. Ponta Delgada (Açores): Universidade dos Açores, 1986.

As obras enumeradas acima debruçam-se sobre a temática das igrejas de São Miguel. A primeira investigação e obra que reporta esta temática é do historiador Ernesto do Canto e foi publicada entre 1896 e 1897 no jornal “Preto no Branco”, com componente cultural e literária. A obra de Dias (1949-1950) é baseada no estudo anterior, mas detalha alguns casos de estudo incompletos, acabando por ser uma obra mais extensa, pois procura reportar todos os registos existentes, e é complementada por algumas fotografias dos casos de estudo.

O artigo de Ernesto do Canto republicado em 2000 na Revista Insulana -” *Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da ilha de S. Miguel*”, regista todas as igrejas, ermidas e altares de igrejas que existiram e que ainda existem na ilha de São Miguel, com base nos assentamentos dos cronistas de épocas anteriores, nomeadamente do Padre Gaspar Frutuoso e do Padre António Cordeiro. Deste modo, a sua listagem está organizada por ordem alfabética por invocação do santo, e cada “ficha de caracterização” é composta pela localização de cada igreja, pelo seu fundador e/ou fundadores, pela sua contextualização histórica com base em registos de cronistas e/ou de registos de testamento e/ou de livro das obras da paróquia (igreja/ermida).

O texto “*Ermidas micaelenses*” de Luís Bernardo Leite de Ataíde, analisa a evolução das ermidas da ilha de São Miguel de forma cronológica (séculos XVI, XVII, XVIII, XIX) de acordo com as suas características e com os seus motivos ornamentais. Para a elaboração desta análise o autor recorre só a uma pequena amostra de exemplares. Segundo o próprio, os mais significativos de cada século. Esta análise é realizada através da elaboração de uma breve ficha de caracterização de cada ermida, que consiste: i) na identificação dos seus fundadores; ii) na função inicial; iii) numa breve contextualização histórica; iv) na sua localização; e finalmente v) na descrição da sua fachada principal bem como do seu interior.

Para o estudo das igrejas e ermidas de S. Miguel, o sistema de informação e documentação sobre o património arquitetónico, urbanístico e paisagístico português e de origem ou matriz portuguesas (SIPA) gerido pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) é também proveitoso. Este sistema de informação com página on-line é composto por várias áreas de investigação, focando a inventariação e catalogação de alguns monumentos da ilha. O SIPA apresenta-se organizado por fichas de caracterização definidas por: i) contexto histórico; ii) cronologia; iii) descrição da fachada do monumento, bem como do seu interior; e iv) indicação do autor do projeto.

Por fim, julga-se igualmente útil na investigação das igrejas e ermidas de S. Miguel o estudo de Nestor de Sousa (1986) que analisa as várias igrejas e ermidas (dos séculos XVI, XVII, XVIII) da cidade de Ponta Delgada conforme as suas tipologias (igrejas paroquiais e conventuais e ermidas dos recolhimentos e particulares). Para esta análise, Nestor de Sousa (1986) elabora uma pequena recolha histórica e faz uma explicação arquitetónica evolutiva relativamente a cada templo.

2.5 Igrejas e ermidas de Portugal

KUBLER, George - *Arquitectura portuguesa Chã: entre as especiarias e os diamantes 1521-1706*. Lisboa: Vegas, 1988.

PINTO, Jorge Cruz – *Arquitectura portuguesa: A imagem de caixa*. Lisboa: ACD Editores, 2007.

QUINTÃO, José Cesar Vasconcelos - *Fachadas de igrejas portuguesas de referente clássico*. FAUP Publicações, 2005.

CORREIA, José Horta – *Arquitectura portuguesa – Renascimento, maneirismo, estilo chão*. Lisboa: Editorial Presença, 2002 (2ª Edição).

No livro *“Fachadas de igrejas portuguesas de referente clássico”* Quintão (2005) propõe a dissecação das referidas fachadas, elaborando tabelas e quadros que explicam a variação dos desenhos que as mesmas podem ter, dividindo-as em categorias. Para tal, cria um pequeno glossário, baseado na sua investigação e na pesquisa de outros estudos. Quintão (2005) inicia a análise pela observação da estrutura, que denomina de trilítico, e pelo coroamento, onde desenvolve a teoria de que nem todo o coroamento é chamado de frontão. Este autor faz, também, a classificação de fenestraçãoes que uma fachada pode ter, e todas as variações relativamente à sua disposição. Basicamente esta obra de Quintão (2005) cria uma linguagem através de siglas para descrever a composição da fachada.

O texto *“Arquitetura portuguesa chã”*, Kubler (1988) trata a evolução cronológica da arquitetura portuguesa, nomeadamente, a arquitetura religiosa, com os seus mais importantes exemplares de Portugal, entre os anos 1520 a 1700. Este período histórico, balizado entre duas correntes artísticas exuberantes na ornamentação, designadas de manuelino e de barroco, é demarcado pela carência económica que se refletiu numa arquitetura austera e depurada, intitulada pelo autor de *“arquitetura chã”*, designação adotada e adaptada da designação de *“estilo chã”*, da obra *“Lisboa antiga, O Bairro Alto”* de Júlio de Castelo (1954).

A história da arquitetura portuguesa religiosa é retratada num texto de Jorge Cruz Pinto (2007) de forma muito original, pois o autor adota e adapta o conceito de imagem de caixa, já estudada anteriormente por diversos autores, como Kubler (1988), José M. Fernandes (1991) e Fernando Chueca Goitia (1981). Encontramos, também, a síntese deste conceito na obra *“Em torno da arquitetura setecentista portuguesa, Páginas de História da Arte”* de Jorge Pais da Silva (1996). Deste modo, Cruz Pinto (2007) adjectiva a arquitetura portuguesa pela sua simplicidade formal, adaptada em cada época, estando submetida a um processo de manipulação, transfiguração e transformação, mas sempre com o seu carácter persistente de volume austero e simples paralelepípedo. Segundo este autor, na arquitetura portuguesa estamos geralmente perante uma arquitetura mais próxima da escala doméstica e humanizada do que da escala monumental, salvo as exceções das obras de comemoração nacional, restringidas a um pragmatismo construtivo, económico e conservador.

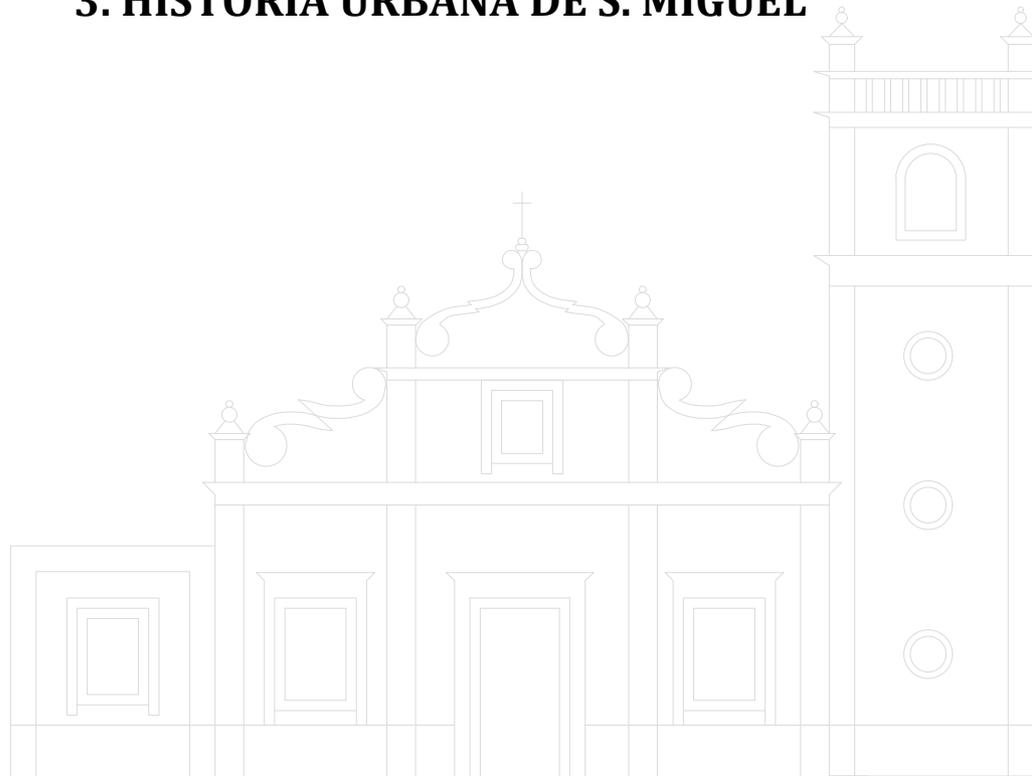
2.6 Síntese do capítulo

O capítulo do estado da arte tem como intuito, não só apresentar os estudos realizados na área de investigação desta dissertação, mas também delinear quais os conceitos desenvolvidos pelos respetivos autores sobre esta temática.

São importantes para o trabalho, algumas teorias, nomeadamente: i) o modo particular da vivência e cultura de um povo, das camadas inferiores da sociedade, através da materialização da sua vivência açoriana conforme refere Ataíde (2011 [1973]), ii) a ideia de uma “fachada tipo micaelense” apresentada num pequeno ensaio por Caldas (2012), iii) o proveito que se pode extrair da análise dos desenhos para a leitura dos objetos, através do trabalho de Quintão (2005), iv) o enquadramento histórico da arquitetura religiosa em Portugal de acordo com a análise desenvolvida por Kubler (1988), que foi replicado por muitos outros autores nas suas investigações.

No entanto, apesar da diversidade de autores de várias épocas que refletem sobre a temática de arquitetura religiosa em São Miguel, estes raramente apresentam um estudo sobre a razão da existência da replicação de imagem de fachada das igrejas, à exceção de Caldas (2011, 2012), que incide sempre na parte histórica e na contextualização do edifício em si. Esta observação é importante uma vez que justifica a razão da escolha da temática, e a opção metodológica (através de uma leitura de desenho) a abordar nesta dissertação.

3. HISTÓRIA URBANA DE S. MIGUEL



3.1 Contextualização geral

Este subcapítulo aborda a história da urbanização da ilha de São Miguel, local onde se inserem os casos de estudo. Deste modo, iremos elaborar uma sucinta explanação de todos os principais aglomerados urbanos da ilha, uma vez que cada um deles tem particularidades distintas e realidades próprias, estando sempre em destaque os edifícios religiosos, como as ermidas e as igrejas.

Não é objeto desta dissertação analisar a urbanização portuguesa, no entanto, é fundamental perceber a herança do modo de fazer cidade no continente, que foi transposto para a urbanização insular. Os núcleos urbanos da ilha de São Miguel são de simples complexidade, estruturados de acordo com as condições existentes no território, e com um desenho urbano baseado nas cidades medievais portuguesas do séc. XIII e XIV (TRINDADE, 2009). Luísa Trindade (2009) afirma que as cidades de fundação exercem um papel unificador e os modelos insulares seguem os mesmos princípios de desenho das cidades medievais.

A cidade portuguesa reside na síntese de duas componentes, uma erudita e uma vernácula, como forma de fazer cidade. A componente erudita, implica o uso de técnicas especializadas, detentoras de conhecimento no que diz respeito ao desenho da cidade, sendo que esta cidade portuguesa, de desenho erudito, tende a ser mais regular e construída sobre um esquema racional, cuja ordem do traçado é dada pela inserção dos diferentes tipos de edifícios e de funções, tendo como estrutura fundamental o espaço público (TEIXEIRA, 2000). A componente vernácula construída sem recurso a técnicos especialistas, com uma estreita relação do traçado urbano com a topografia dos locais em que se insere, tende a ter um traçado mais irregular e estruturado a partir da função dos edifícios (singulares, civis ou religiosos), situados em lugares notáveis na malha urbana (SAMPAIO, 2001). Sendo o fator fundamental das cidades portuguesas, a sua integração na topografia do local, esta cidade é projetada no sítio e com o sítio, ou seja, a cidade cresce e desenvolve-se, gradualmente, a partir de um plano pré-definido ou não, onde o traçado encontra-se no confronto da estrutura física natural do território (TEIXEIRA, 2000).

Com a expansão marítima portuguesa, surgem as primeiras ocupações fora do território continental português, em terras virgens, concretamente, nos arquipélagos da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde, muito diferentes das ocupações continentais que ocorreram em África, Brasil e Índia. A diversidade de desenhos urbanos justifica-se pelas desigualdades naturais geográficas e demográficas. Nos lugares conquistados mais tardiamente nota-se a aplicação dos princípios urbanos iluministas (TEIXEIRA, 2000).

3.1.1 Cidades insulares

Madeira e Açores são territórios com características distintas como mencionado anteriormente, onde a ocupação no séc. XV fez-se de igual modo, com desenho urbano idêntico. Assim as primeiras ocupações destas ilhas eram compostas por núcleos simples, organizados de acordo com as condições existentes do território e com o conhecimento da época (TEIXEIRA, 2000).

Apesar dos breves registos que existem em relação ao povoamento da ilha de São Miguel, a fase inicial da descoberta e de início do povoamento é marcada pelo desbravar de terras, fixação, distribuição e preparação dos terrenos (ALMEIDA, 2012) (ATAÍDE, 2011[1973]b).

As cidades insulares desenvolvidas nessa época, tiveram por base os modelos de cidades medievais portuguesas do séc. XIII e XIV. Assim os locais escolhidos para a implantação dos núcleos habitacionais, foram definidos a partir dos seguintes princípios: baías amplas e abrigadas, preferencialmente a sul, com bons portos naturais e abastecidas de água potável. Estas cidades organizavam-se segundo um caminho longo e paralelo à linha de costa, sendo esta via a estrutura primordial do traçado que ligava os vários núcleos de povoados que se iam instalando ao longo da costa, numa macro escala ou numa microescala. Esta via ligava os extremos do povoado, pontoado pelos seus espaços religiosos, deste modo, este núcleo era caracterizado pela sua forma linear (TEIXEIRA, 2000).

Findada a fase de descoberta e primitiva fixação, cujas preocupações restringiam-se a outros propósitos, a primeira urbanização foi feita a partir de estruturas efémeras com materiais frágeis, quer em edifícios civis ou religiosos, começando a surgir os primeiros arruamentos definidos por elementos

singelos em termos arquitetónicos, mas de grande significado em relação à insegurança, à insularidade e à fé deixados pelas primitivas gerações, cuja memória ainda se pode encontrar nas ermidas isoladas da ilha de São Miguel (ATAÍDE, 2011[1973]b). Depois de estabilizados os primitivos núcleos, eram solicitados especialistas para o planeamento e criação de arruamentos e novas expansões do traçado com base nos princípios urbanizadores (ATAÍDE, 2011[1973]b).

Deste modo, depois da fase inicial do povoamento, demarcada pela criação da via primordial, surgiam novos arruamentos, paralelos ao anterior, atravessados por vias secundárias perpendiculares, criando-se quarteirões com forma retangular, cuja medida maior situava-se paralelamente à linha de costa. Numa fase mais avançada, e com o crescimento do núcleo, as vias continuavam a surgir paralelamente às anteriores (linha de costa), no entanto, com o aumento da distância à linha de costa, os quarteirões começavam-se a distribuir de forma mais alongada e perpendicular à linha de costa. Todavia, as vias importantes na malha urbana, continuavam a ser as paralelas à linha de costa e as perpendiculares eram impulsionadoras do processo de crescimento da malha urbana (TEIXEIRA, 2000).

3.1.2 Ilha de São Miguel

Tal como os núcleos habitacionais localizados junto à costa ou à margem do rio que acabámos de descrever, São Miguel tem muitos dos seus núcleos habitacionais formados de igual modo, desenvolvendo-se ao longo de um caminho paralelo e junto à costa, constituindo a estrutura primordial da ocupação do território (TEIXEIRA, 1999), ou a chamada “espinha dorsal” designada assim por Nestor de Sousa (1986). Todavia, apesar da lógica de ocupação ser semelhante, todos os territórios apresentam dissemelhanças.

Por ser uma ilha muito grande e isolada, sem contacto com Santa Maria, na altura do seu povoamento houve algum receio, começando por ser povoada apenas no seu litoral, na costa sudeste, por estar virada para a sua ilha vizinha (AAVV, 2000).

Pode-se ver que são poucos os povoamentos que existem no interior da ilha, à exceção das Sete Cidades e das Furnas, que foram as últimas zonas a serem povoadas com construções de influência estrangeira (AAVV,2000)

Deste modo, o primeiro povoamento ocorre na vila da Povoação, no entanto, a sua topografia acidentada não privilegiou o crescimento da população e rapidamente o novo povoamento se alastrou para a restante costa sul, onde a primeira cidade formada é Vila Franca do Campo, seguida de Ponta Delgada, pelas suas boas condições territoriais (AAVV, 2000).

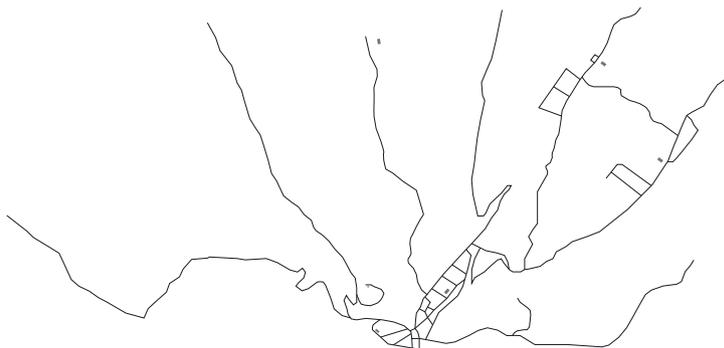
Desta maneira, a análise da contextualização urbana da ilha de São Miguel, será dividida de forma sintética pelos seus seis concelhos, a saber: i) Povoação; ii) Nordeste; iii) Vila Franca do Campo; iv) Ponta Delgada; v) Ribeira Grande; vi) Lagoa.

i) Povoação

A Povoação é um concelho situado na costa sul a nascente, criado no séc. XIX, que apesar de ter sido o primeiro lugar onde desembarcaram os primitivos povoadores, daí o seu nome, rapidamente perdeu o seu protagonismo e estagnou perdendo população com as expansões dos povoados para outros locais da ilha (FERNANDES, 2012).

Relativamente à sua ocupação no território, a primitiva fixação deu-se na zona de cota baixa, junto ao mar, na foz da ribeira. A Vila da Povoação é um núcleo de carácter urbano, encurralado pelas elevações e à mercê da força do mar, seguindo a linha de água até às linhas de fecho, subindo até às zonas de cota alta, formando as suas lombas de formação linear núcleos de carácter rural. Este pequeno núcleo perdeu progressivamente a sua importância aquando do aparecimento de novos povoados a poente da ilha (FERNANDES, 2012).

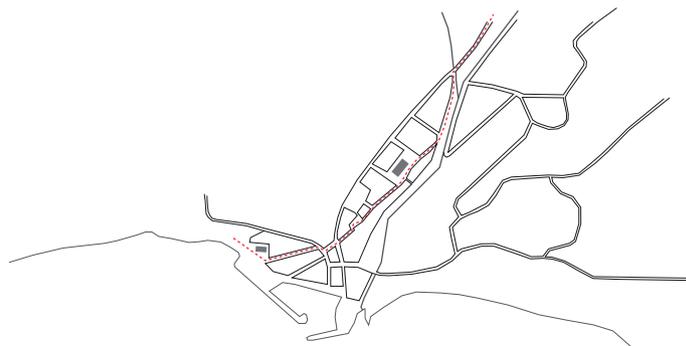
Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Legenda:

■ Igreja paroquial

Figura 02 - Malha urbana da vila de Povoação e das Lombas da Povoação



Legenda:

--- Via primordial

■ Igreja paroquial

— Ribeira

Figura 03 - Malha urbana da vila da Povoação

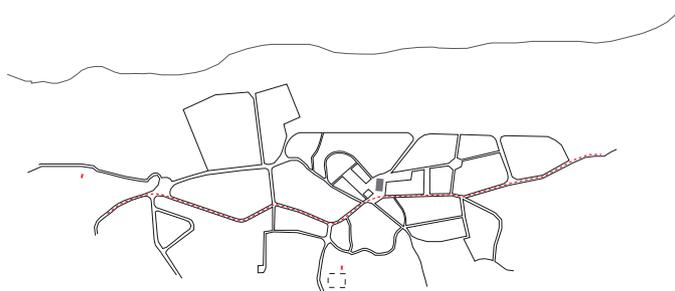
O núcleo de carácter urbano da Vila da Povoação teve o seu primeiro surgimento junto à costa e ao logo da ribeira (séc. XV e XVI). Gradualmente foi expandindo-se para norte, interior, onde criou-se um núcleo aglutinado à nova igreja que passou a ser matriz da vila no séc. XIX. Ainda nesta mesma altura, no centro da vila, no lado poente, foi construído um jardim de cariz romântico. Mais tarde, foi construída uma rua de perfil mais largo paralela à antiga rua direita, que albergava os principais equipamentos públicos, como a escola e o centro de saúde. Recentemente (anos 80 e 90) foi reformulada a frente de mar e o núcleo antigo, sendo inserido o hotel, a câmara, o tribunal e um polidesportivo (FERNANDES, 2012).

Os núcleos de carácter rural Faial da Terra, Água Retorta, Ribeira Quente e Lombas, desenvolveram-se linearmente, segundo um arruamento principal, ao longo da ribeira, ao longo da costa e/ou ao longo das linhas de água, à exceção do núcleo das Furnas, que se situa num vale no interior da ilha e cuja ocupação foi mais tardia, com um carácter exclusivo, pois este desenvolveu-se a partir de uma propriedade privada, onde os arruamentos tomaram direções irregulares (FERNANDES, 2012).

ii) Nordeste

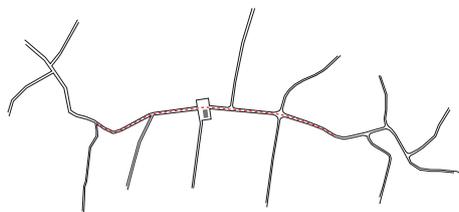
O Nordeste é um concelho situado na costa norte a nascente, local criado desde 1514. Este concelho continua a ser o mais pobre de toda a ilha, devido aos seus grandes problemas de comunicação, acentuados pelo isolamento, que se deve à dificuldade de acessos, agravados pela orografia e pela variedade de ribeiras e grotas (abertura ou cavidade na encosta, morro ou montanha provocada pela passagem das águas pluviais). Assim, o concelho de Nordeste é demarcado pelo seu elevado grau de vegetação e densa paisagem vegetal (RODRIGUES, 2011).

Relativamente à sua ocupação no território, a primitiva fixação deu-se em zona elevada, pois toda a costa é marcada pela sua elevada escarpa. O núcleo de carácter urbano, Vila do Nordeste é pontuado pelo seu porto-urbano, sem espaços urbanos muito desenvolvidos, com um largo central de desenho urbano irregular, consequência das convergências de ruas, atravessado pelo eixo principal de entrada



- Legenda:**
- Via primordial
 - Igreja paroquial
 - Ermida
 - Convento demolido

Figura 04 - Malha urbana da vila de Nordeste (até à atualidade)



- Legenda:**
- Via primordial
 - Igreja paroquial

Figura 05 - Exemplo de malha urbana rural do concelho de Nordeste (Lomba da Fazenda)

e saída da vila e onde se encontram os principais equipamentos, tais como a igreja matriz, a câmara e os correios (FERNANDES, 2011).

Os núcleos de carácter rural Lomba da Pedreira, Santo António Nordestino, São Pedro Nordestino, Algarvia, Achada, Achadinha, Lomba da Fazenda, Salga e Santana, são demarcados por um elevado grau de subdesenvolvimento, por serem zonas muito difíceis de povoar, devido à sua localização e acesso. Desenvolveram-se linearmente e são compostos por grandes áreas e espaços rurais em forma de lombas apontadas ao mar, organizadas de forma linear, a partir de um eixo principal ladeado por edificações baixas em ambos os lados e com a igreja destacada pela sua escala e fachada afirmativa (FERNANDES, 2011).

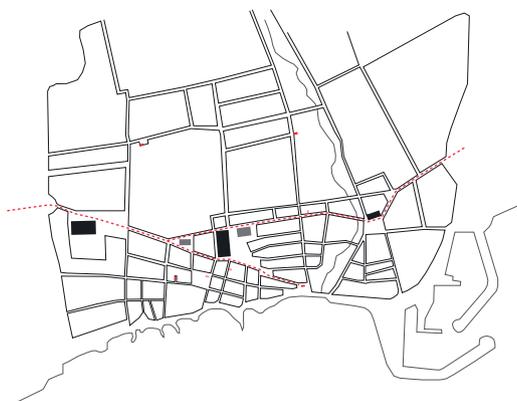
iii) Vila Franca do Campo

O concelho da Vila Franca do Campo, situado na costa sul, numa baía, foi o primeiro lugar da ilha a ser elevado à categoria de vila (cidade) no final do séc. XIV. Aqui residiam os abastados mercadores enriquecidos e nos arredores existiam os paços urbanos, as casas de veraneio, as quintas e os pomares dos nobres. Aquando da terrível catástrofe de 1522 que soterrou a vila por completo, desaparecendo toda a edificação religiosa e civil, Vila Franca do Campo perdeu a sua importância para a vila de Ponta Delgada.

Relativamente à sua ocupação no território, no tempo da primitiva fixação, antes da catástrofe, Vila Franca do Campo já apresentava uma morfologia muito idêntica aquela que chegou aos nossos tempos. Um povoado onde nos seus polos estruturantes implantava-se a igreja matriz, o porto com a ermida e o convento, cada qual com a sua função, religiosa e cívica (PATRÍCIO, 2006). Sendo, os restantes núcleos do concelho de Vila Franca do Campo caracterizados pela sua ruralidade e formação linear.

Como refere Margarida Valla e Manuel C. Teixeira (1999) e como se pode ver na fig.6, o núcleo de carácter urbano de Vila Franca do Campo (formando pelas freguesias de São Pedro e de São Miguel)

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



- Legenda:**
- Via primordial
 - Igreja paroquial
 - Ermida ■ Ermida demolida
 - Convento
 - Ribeira

Figura 06 - Malha urbana da Vila Franca do Campo (até à atualidade)

após tragédia reestruturou-se, a poente, com a construção do convento dos franciscanos, surgindo um eixo principal paralelo à linha da costa, com uma malha urbana regular que ligava a rua direita ao porto, e o núcleo urbano aos restantes núcleos rurais, seguindo o modelo que ocorreu em muitas outras estruturas urbanas. Neste eixo principal surgiram edificações variadas entre elas, habitações, ermidas e igrejas. Após isto nova praça é formada, concentrando em si, a misericórdia, o hospital, a igreja matriz e o edifício da câmara. Esta praça torna-se no centro cívico, assistencial, funcional e religioso da vila. A vila termina num outro largo virado para um convento, onde antes do desastre existia a igreja matriz.

A rua direita é um elemento urbano que está presente em cidades de fundação portuguesa, fora do espaço continental (AMADO, 2012) e em número significativo nas cidades da ilha de S. Miguel. Este elemento urbano impõe hierarquia e estrutura ao tecido urbano.

Os quarteirões a sul desta via em direção à baía eram regulares e orientados perpendicularmente à linha da costa. Os quarteirões a norte desta via, e em direção ao interior, desenvolvem uma nova malha secundária, semelhante à malha anteriormente descrita, mas de formação mais recente, “(...) que se articulou com a divisão das propriedades agrícolas formando quarteirões rectangulares e perpendiculares ao mar” (PATRÍCIO, 2006, p.202).

Os núcleos de carácter rural Água de Alto, Ponta Garça, Ribeira das Tainhas e Ribeira Seca desenvolveram-se linearmente, segundo um arruamento principal, ao longo da linha de costa, ligados entre si por este arruamento.

iv) Ponta Delgada

Ponta Delgada é um concelho situada na costa sul, numa baía calma e na zona mais baixa e plana de toda a ilha. Tornou-se na principal vila da ilha, após catástrofe na Vila Franca do Campo, elevando-se a categoria de cidade em 1546.

Relativamente à sua ocupação no território, a primitiva fixação estendia-se e desenvolvia-se numa faixa estreita junto e ao longo do mar e era delimitada a nascente e a poente por edificações religiosas e atravessada por alguns arruamentos, no sentido norte-sul (SOUSA, 1986). Os restantes núcleos de Ponta Delgada caracterizam-se pela sua ruralidade e semi ruralidade de formação linear simples ou complexa, adaptando-se de forma distinta a cada território, surgindo aglomerados mais ou menos desenvolvidos.

O núcleo de carácter urbano de Ponta Delgada é formado pelas freguesias de São José, de São Sebastião, de São Pedro e de Santa Clara, de formação quatrocentista. Este surgiu de acordo com a topografia, de forma irregular com quarteirões também eles de desenho irregular, que nasceram a partir de pontos fulcrais, pontuados por edifícios religiosos, a nascente e a poente. O núcleo não se expandiu para lá dos limites definidos a nascente e a poente, mas cresceu em direção a norte.

Trindade (2009) e Sampayo et al (2013) comparam, no seu desenho urbano, Ponta Delgada ao Funchal e por conseguinte às cidades medievais. Descrevendo Trindade (2009, p. 214) o núcleo inicial de Ponta Delgada originou-se da seguinte forma: “A mesma constatação é válida para Ponta Delgada: uma rua central, sobreposta ao caminho que corria ao longo da costa, surge ladeada por quarteirões, com o lado maior paralelo ao eixo. Uma vez mais, o desenvolvimento do núcleo acabou por configurar uma segunda via, transformando a Corredoura, limite inicial do povoado, numa rua bordejada de ambos os lados por casario contínuo. Como sempre, o templo não interfere, localizado a uma distância considerável, a Nascente, do aglomerado.”

A praça da cidade de Ponta Delgada encontra-se situada junto à linha de costa e a meio desta possui a câmara, a igreja matriz e o porto, sendo este centro o espaço de troca e de vida da cidade. Com a conclusão da praça surgia a “espinha dorsal” da vila e futura cidade (SOUSA, 1986).

Com o crescimento da cidade novas ruas formam-se paralelas às anteriores, mas terminando nos mesmos limites, formando quarteirões irregulares que se vinham a agregar à antiga rua paralela (TEIXEIRA, 1999). No séc. XVI, a cidade desenvolveu-se para norte, surgindo assim novos arruamentos

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Legenda:

- Via primordial
- Igreja paroquial ■ Igreja paroquial demolida
- Ermida ■ Ermida demolida
- Convento ■ Convento demolido

Figura 07 - Malha urbana da cidade de Ponta Delgada (até à atualidade)

paralelos aos anteriores atravessados por ruas secundárias, formando quarteirões retangulares, terminando na via longitudinal onde se situa o colégio dos jesuítas (ALMEIDA, 2012).

Nos finais do séc. XVII, afastamo-nos desta imagem inicial medieval, expandido o núcleo para norte com quarteirões mais alongados e estreitos, criando-se uma nova via longitudinal, permitindo a ligação entre os vários conventos que se iam instalando nos limites da cidade e que passavam a fazer parte integrante da malha urbana, esta mesma via fazia a ligação com os núcleos rurais que se situavam na periferia, nomeadamente, Arrifes, Fajã de Baixo, São Roque e Livramento (ALMEIDA, 2012) (SOUSA, 1986).

Toda a malha urbana que se vinha a desenvolver seguia as mesmas matrizes quinhentista e seiscentista. Ao longo destes arruamentos, casas térreas, solarengas e ermidas foram surgindo alternadamente, ficando consolidada a malha da cidade (SOUSA, 1986) (TEIXEIRA, 1999).

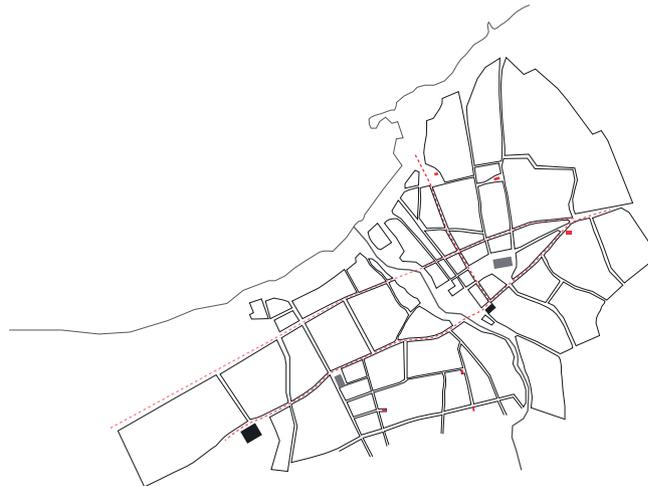
No séc. XX, surge a remodelação moderna, da frente de mar, com a abertura da avenida Infante D. Henrique, perdendo-se muita da história e edificações (SOUSA, 1986).

v) Ribeira Grande

A Ribeira Grande é um concelho situado na costa norte, implanta-se de costas para o mar devido à agressividade dos ventos e dos mares, e desenvolveu-se a partir dos terrenos agrícolas. O seu núcleo primitivo foi elevado a vila em 1507. Como os restantes povoados, a sua primitiva fixação dá-se próximo da costa e na foz da ribeira, desenvolvendo-se ao longo desta para o interior, de modo linear e paralelo, com malha urbana geométrica. Apesar de ter sofrido uma catástrofe, muito da vila da Ribeira Grande manteve-se.

O núcleo de carácter urbano, Ribeira Grande (Conceição e Matriz), que cresceu daquela primitiva fixação, desenvolveu-se para o interior no sentido ocidente, numa via de ligação com Ponta Delgada. Ao longo dos séc. XVII e XVIII construiu-se progressivamente a malha urbana reticulada, criando-se

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



- Legenda:**
- Via primordial
 - Igreja paroquial
 - Ermida
 - Convento
 - Ribeira

Figura 08 - Malha urbana da cidade de Ribeira Grande (até à atualidade)

vários núcleos religiosos e cívicos que delimitavam a vila. Estes núcleos surgiram ao longo da chamada rua direita paralela à linha de costa, atravessada por perpendiculares. Esta rua principal (rua direita) é delimitada pelos principais edifícios de habitação e de comércio da vila. Esta rua atravessava a vila de um extremo ao outro, passando pela principal praça, onde se pode encontrar a câmara, a misericórdia, o hospital e mais acima a igreja matriz.

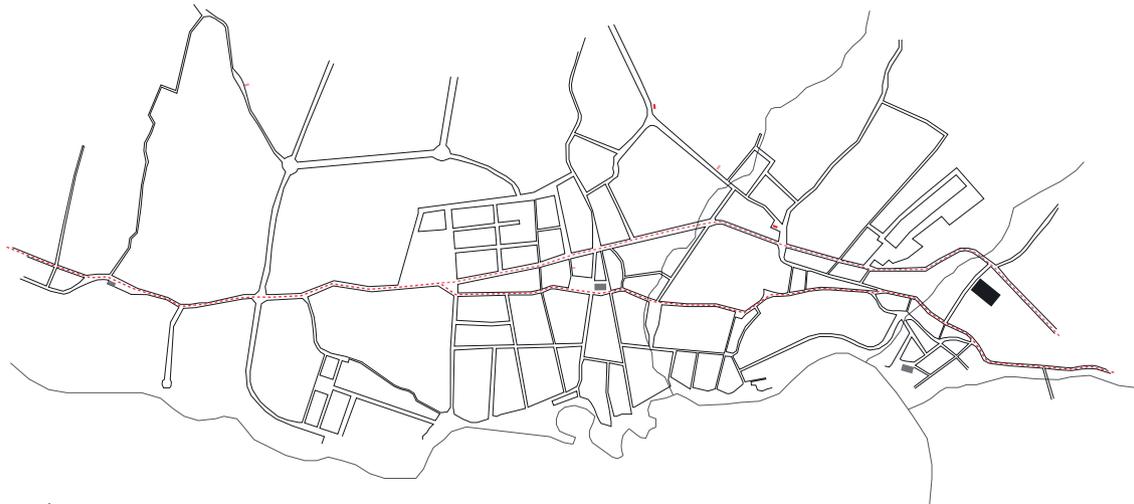
A outra malha urbana da Ribeira Grande a destacar, está compreendida entre a igreja matriz e a praça municipal. Apresenta ruas paralelas entre si, de norte para sul, e é caracterizada pela forte presença dos edifícios seiscentistas e setecentistas, de “estilo micaelense”. No séc. XIX, abre-se uma nova estrutura viária, mais a sul, paralela à rua direita pontuada pelos edifícios do mercado (FERNANDES, 2007) (VASCONCELOS, 1981).

vi) Lagoa

Lagoa é um concelho situado na costa sul, delimitado pelos principais centros urbanos da ilha, Ponta Delgada, Ribeira Grande e Vila Franca do Campo. É implantada num território contrastado pela zona litoral, dedicada à atividade piscatória e industrial, e a zona montanhosa dedicada à atividade agrícola. Foi o segundo lugar da ilha a ser povoado, a seguir à Povoação, pelas suas boas condições, tais como o seu porto natural e seguro, terras férteis, água potável e proximidade de nascentes. Em 1522, a Lagoa (formada pelos lugares de Santa Cruz e do Rosário) é elevada a categoria de vila, após terramoto na Vila Franca do Campo (MELLO,2013).

Relativamente à sua ocupação do território, a primitiva fixação de Lagoa deu-se no lugar de Santa Cruz, em zona de cota baixa, junto à linha costeira, estendendo-se ao lugar do Rosário, também ele caracterizado pela sua atividade costeira. O núcleo de carácter urbano, Lagoa, é formado pelas freguesias de Santa Cruz e de Nossa Senhora do Rosário, ambos lugares com forte influência religiosa na sua toponímica, criados e desenvolvidos em torno da primitiva ermida, atual igreja matriz (MELLO,2013) (MONTEIRO, 2014).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



- Legenda:**
- Via primordial
 - ▬ Igreja paroquial
 - ▬ Ermida ▬ Ermida demolida
 - ▬ Convento
 - Ribeira

Figura 09 - Malha urbana da cidade de Lagoa (até à atualidade)

Deste modo, estes lugares, Santa Cruz e Nossa Senhora do Rosário, desenvolveram-se a partir da sua relação com o mar e com o porto, criando o seu centro económico pontuado pela igreja matriz, paços do concelho e porto. Na segunda metade do séc. XIX a cidade da Lagoa cresceu devido ao aparecimento de várias unidades industriais, tais como o álcool, o sabão e a cerâmica.

Os núcleos de carácter rural de Lagoa, Ribeira Chã e Cabouco, são caracterizados pela sua formação linear, estruturados em função do arruamento principal. Apesar de Água de Pau ser um núcleo de carácter rural, este núcleo passou à categoria de vila nos primórdios do povoamento (em 1515) e foi um dos principais núcleos urbanos da ilha, apresentando uma malha urbana complexa.

3.2 Espaços religiosos

Este capítulo apresenta a definição dos vários tipos de espaços religiosos presentes na ilha de São Miguel, descrevendo-os e exemplificando-os com casos concretos.

Os espaços religiosos no território insular concentram em si grande carga simbólica, pois são a afirmação da fé de um povo a par do poder evangelizador de Portugal, materializando a sua cultura e a sua expressão, sejam estes espaços pontuados pelos edifícios religiosos, de maior ou menor escala, pois o povo insular não existiria nas ilhas, se não fosse obrigado a ir para estes locais. Deste modo, a igreja era assim a “Graça” que o poder alimentava a vontade de imigrar (AAVV, 2000).

Deste modo, é necessário distinguir os vários tipos de espaços religiosos, consoante a sua escala, a sua presença, e a sua importância no território. Assim temos: i) as igrejas paroquiais; ii) as igrejas conventuais; iii) as ermidas autónomas e as ermidas anexadas a outros edifícios; iv) teatros ou impérios do Divino Espírito Santo.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

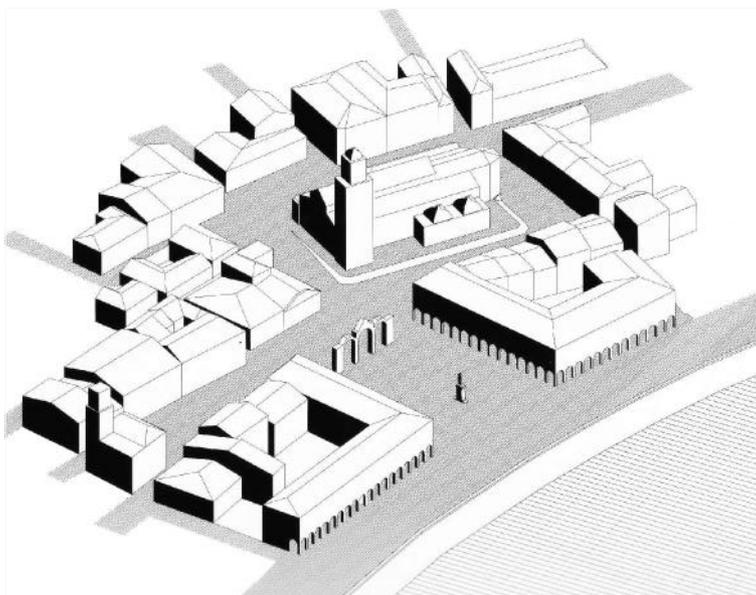


Figura 10 - Igreja associada à praça como geradora de traçado (Matriz de P. D.)

i) Igrejas paroquiais

As igrejas paroquiais em alguns núcleos populacionais são designadas de matrizes, devido ao seu tamanho. De forma geral, todos estes edifícios localizam-se sempre de forma estratégica e são o marco do centro cívico das localidades, geralmente associados a uma praça, largo ou jardim (AAVV,2000) (COELHO e LAMAS et al., 2005).

Para além disso, estes templos implantam-se no território desenhando um adro sobrelevado relativamente ao nível da via pública, acedido por escadório, de dimensões variáveis, situado frequentemente a eixo com o portal principal da igreja ou em alguns casos em redor de todo o adro. Quando possível, devido à topografia, o escadório aproveita o desnível, criando plataformas e assumindo um carácter muito mais imponente, como é o caso da igreja matriz da Ribeira Grande e da igreja do Porto Formoso (Ribeira Grande) (AAVV, 2000).

Outra forma de evidenciar a presença da igreja no núcleo é por meio do seu posicionamento em relação às vias. Assim surgem em enfiamentos a eixo com as ruas principais do povoado, ou em cruzamentos, como é o caso da igreja da Fajã de Baixo, em Ponta Delgada ou a igreja de São Pedro, na Vila Franca do Campo (AAVV, 2000).

ii) Igrejas conventuais

Localizadas nos núcleos urbanos as igrejas conventuais implantam-se no território de igual modo como as igrejas paroquiais, sempre em zonas estratégicas e associadas a uma praça, largo ou jardim, sobrelevadas e acedidas por escadório. No entanto, apesar do seu papel fundamental no favorecimento da expansão da malha, estas implantam-se nas periferias (TEIXEIRA, 2000).

As construções das igrejas conventuais são caracterizadas pelas suas torres gradeadas, pelo seu tamanho e imponência, e por estarem associadas a uma ordem religiosa e convento (AAVV, 2000).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

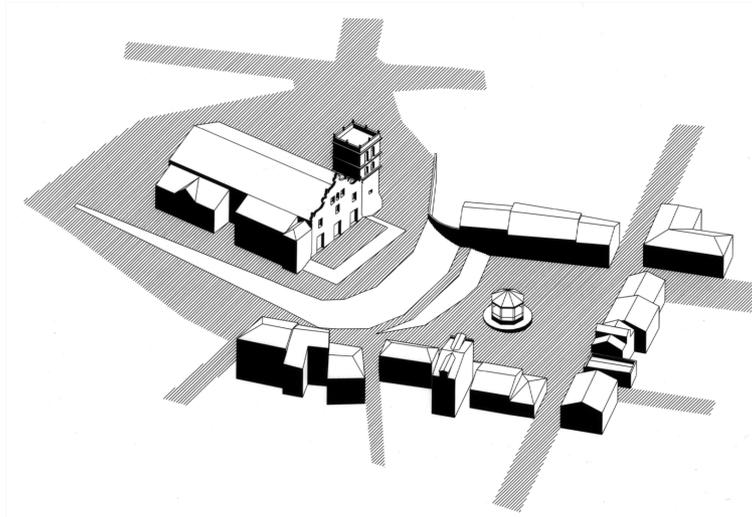


Figura 11 - Igreja matriz acedida por escadório (Matriz de R. G.)

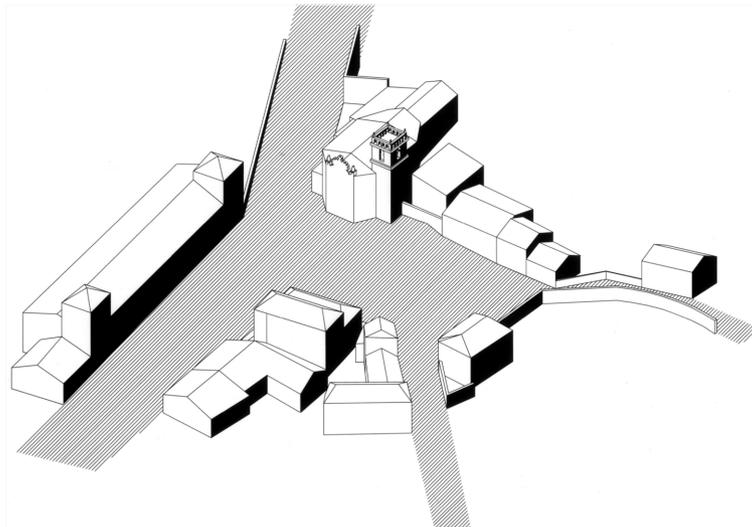
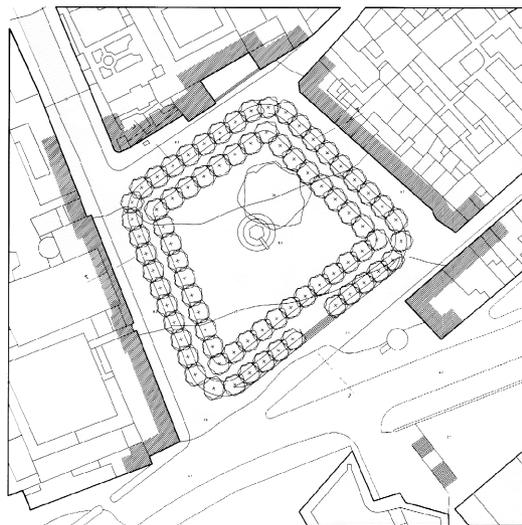
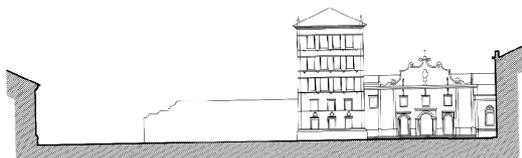


Figura 12 - Igreja paroquial no enfiamento de vias principais (Igreja paroquial de Fajã de Baixo)

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Planta do Campo de S. Francisco



Corte Transversal - igreja conventual feminina e N^o Sr^a da Esperança



Corte Longitudinal - igreja conventual masculina e N^o Sr^a da Conceição

Figura 13 - Relação de fachadas de conventos masculino e feminino com o espaço público (Igreja conventual de N^o Sr^a da Conceição de P.D. e Igreja conventual de N^o Sr^a da Esperança de P.D.)

Os conventos de ordens femininas diferem dos das ordens masculinas, refletindo-se nomeadamente na sua composição e na sua fachada. Os conventos de ordens femininas são compostos por três portais que se encontram perpendiculares à orientação do eixo da igreja e pontuados pela sua imponente torre, enquanto as igrejas conventuais de ordens masculinas são compostas por três portais que dão acesso a uma galilé (ver definição no capítulo 4, no subcapítulo 4.1.1) que se encontra a eixo com a igreja, podendo haver nuances, como é o caso da igreja conventual dos franciscanos na Vila Franca do Campo, de ordem masculina, mas que não contém galilé na sua composição (MELLO, 2010).

iii) Ermidas autónomas e anexadas a outros edifícios

Tabela 1 – Tipologia de ermidas

Tipologia	Autónomas	Anexas
Localização	Urbanas	Rurais
Proprietário	Públicas	Particular

As ermidas correspondem a construções muito típicas que invadiram a paisagem da ilha. Apresentam pequenos espaços de culto com planta retangular, altar e sacristia, com ou sem campanário e localizavam-se nos núcleos urbanos e rurais acabando por atingir diferentes relações de privacidade com a população onde se inseriam. Para além disso, os seus proprietários podiam ser particulares e estariam associadas a casas e quintas solarengas e funcionavam como capela privada e sepulcro para estas famílias. Podiam também ser pertença de ordens religiosas ou da igreja, com culto ao povo e serviam de recolhimento para albergar irmãos, padres e romeiros.

As ermidas autónomas são edifícios integrados ou adjacentes a construções civis ou religiosas, mas, no entanto, são independentes do seu programa interior. Muitas destas ermidas sofreram alterações dos mais diversos tipos “(...) deram lugar a edifícios de maior amplitude, substituídas que foram por igrejas paroquias ou conventuais. Outras, deixadas arruinar, foram profanadas – tendo-se parcial ou

totalmente o frontispício – ou simplistamente as derrubaram, delas não restando mais que a memória de assás lacónicos registos referentes a fundadores ou à sua localização no tecido urbano (...)” (SOUSA, 1986, p.235).

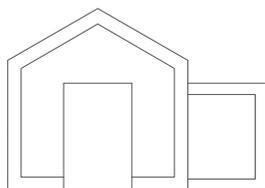
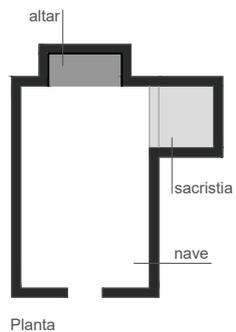
Estas ermidas podiam estar situadas em largos, como é o caso da ermida de Santo André, na Ribeira Grande; à beira da estrada, como é o exemplo da ermida do Senhor da Paciência, na Ribeira Seca; ou nos arruamentos nas periferias dos núcleos populacionais (AAVV, 2000). As ermidas anexadas a outros edifícios podiam ser de particulares e deste modo, estavam associadas a casas ou quintas solarengas. Localizadas relativamente ao conjunto da habitação, adjacente a uma das extremidades, centrada no frontispício, ou equilibrando com torreão paralelo (SOUSA, 1986). Nas quintas solarengas, devido ao seu importante papel no meio rural, estas abriam as suas portas para a população que vivia nos arredores e que trabalhava nas quintas (AAVV, 2000). Dentro do domínio das ermidas anexadas, temos aquelas que estão associadas a recolhimentos e a conventos, que serviam para albergar irmãos.

i) Teatros ou “Impérios” do Divino Espírito Santo

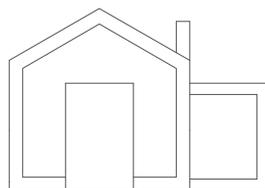
Os teatros ou “impérios” do Divino Espírito Santo dizem respeito ao que é designado, na obra de *“Arquitectura popular dos Açores”* da AAVV, de arquitetura religiosa popular destinada ao culto do Divino Espírito Santo e cuja construção adquire variantes de ilha para ilha e mesmo dentro de cada ilha, pode apresentar tipos de desenho idêntico. Os teatros ou “Impérios” do Divino Espírito Santo dividem-se tipologicamente em quatro grupos:

Na ilha de Santa Maria e de São Miguel temos os teatros do Divino Espírito Santo mais vernáculos, compostos por pequenos alpendres suportados por colunas, remetendo-nos para as ermidas do sul de Portugal continental, que vieram a ser substituídas pela tipologia de teatro da ilha Terceira, com forma menos exuberante.

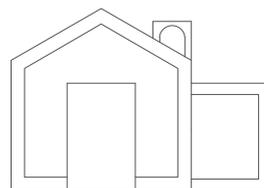
Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



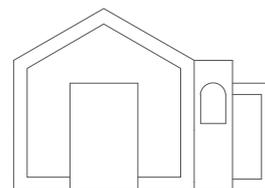
Fachada sem campanário
(ex. Ermida de N^a Sr^a de Fátima,
Ribeira Grande)



Fachada com campanário lateral
(ex. Ermida de S. André,
Ribeira Grande)



Fachada com campanário
(ex. Ermida de Mãe de Deus,
Ribeira Seca da Ribeira Grande)



Fachada com campanário tramo
(ex. Ermida de N^a Sr^a dos Prazeres,
Pico da Pedra)

Figura 14 - Morfologia de uma ermida

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

		Proprietário	Particulares	Públicas
Localização e Tipologia	Urbanas Anexadas			
			Ermita de S. Joaquim, P. D.	Ermita de Santana, P. D.
	Urbanas Autónomas			
				Ermita de Santo André, R. G.
	Rurais Anexadas			
			Ermita de Nª Sª do Vencimento, R. G.	Ermita do Senhor da Paciência, R. G.
	Rurais Autónomas			
			Ermita de Nª Srª dos Prazeres, R.G.	Ermita de Nª Srª do Pranto, N.

Figura 15 - Relação das ermidas autónomas e anexas na malha urbana

Na ilha Terceira salienta-se a presença destas construções singelas, destacando-se pela sua originalidade e exuberância. Os “Impérios” do Divino Espírito Santo são compostos por embasamento, acedido por escadaria, cuja fachada apresenta três vãos, porta e duas janelas, coroada por frontão, arquetada por trabalhosa decoração e variada cor.

Nas ilhas de São Jorge, Faial, Pico e Graciosa, os teatros são tipificados por “impérios-capela”, compostos por frontão e uma única porta na fachada.

Nas ilhas das Flores e Corvo, os teatros são tipificados por “impérios-casa”, muito à semelhança da classificada habitação linear térrea (AAVV, 2000).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

Teatro, Anjos, S.Maria



Santa Maria
São Miguel

Império, Praia da Vitória, Terceira



Terceira

Império, Cedro, Faial



São Jorge
Pico
Faial

Casa-império, Vila Nova do Corvo, Corvo



Flores
Corvo

'ORIGINAIS'

INFLUÊNCIAS

Teatro, Lomba do Botão, S. Miguel



Império, S. João, Pico



Figura 16 - Distribuição tipológica de teatros ou 'impérios' do Divino Espírito Santo no Arquipélago dos Açores

3.2.1 A influência dos espaços religiosos

Como ponto de partida, todas as igrejas de S. Miguel que chegaram aos nossos dias, resultaram de uma edificação singela, chamada de ermida. Estas primitivas ermidas encontravam-se, e ainda se encontram, integradas na malha urbana em lugares estratégicos, “umas vezes sobressaíam elas na alta penedia da montanha, outras, escondiam-se recatadamente alapadas nos murmurosos e pitorescos vales e assim, erguendo-se nos pontos mais culminantes da costa, ou enquadrando-se no fundo verdejante dos viçosos pomares e das frescas fajãs, têm vindo a manter, através dos séculos, a fé na alma popular” (ATAÍDE, 2011[1973]a, p.268).

Estas pequenas construções marcam a imagem do território veja-se, ainda, o que diz Ataíde acerca das ermidas: “a paisagem, no último período da sua fase florestal, começa então a animar-se decorada com as manchas alvejantes desses templos minúsculos que, pela sua ingenuidade, mais pareciam trechos de presépio rústico, brilhando aqui e além em irradiações de santa luminosidade” (ATAÍDE, 2011[1973]a, p.268).

Deste modo, a partir do edifício religioso estrutura-se a malha urbana, podendo condicionar ou gerar traçado. Assim, em alguns casos com a implantação de uma ermida desenvolviam-se pequenos aldeamentos e vilas. Em outros casos, a implantação de edifícios religiosos de maior escala, no interior da cidade, criava importantes centros cívicos, permitindo o crescimento do tecido urbano. Os largos, as praças ou os jardins articulados com as igrejas e com os conventos, tornavam-se com o passar dos tempos, em praças urbanas principais da cidade e importantes elementos estruturadores de espaço urbano (TEIXEIRA, 2000).

A comprovar o processo indicado em cima, temos o exemplo nítido do núcleo urbano de Vila Franca do Campo, primeira vila e principal centro da ilha até 1522, onde numa fase inicial de implantação e crescimento apresentava como centro de desenvolvimento o adro da igreja que constituía funções de praça, da qual irradiava um sistema de arruamentos até à praia e porto. Já no séc. XVI, antes da grande catástrofe, o Padre Gaspar Frutuoso deixou registado, que esta vila estava bem protegida do perigo e dos castigos divinos, pela presença das edificações religiosas, tanto a norte-sul e a nascente-poente (PATRÍCIO, 2016).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Espaço religioso como gerador de espaço público (Igreja de Água de Pau)



Espaço religioso como gerador de malha urbana (Igreja Santa Cruz e Igreja Conventual dos Franciscanos da Lagoa)

Figura 17 - Influência do espaço religioso na malha urbana

Durante o crescimento do núcleo urbano de Vila Franca do Campo, e já numa fase mais avançada e bem consolidada, “(...) os espaços religiosos assumiram sempre um papel essencial, demarcando-se como: polos de difusão da nova urbanização, com os primeiros locais a serem reedificados, dando origem a novos arruamentos ou praças e marcando presença em pontos e confluência das vias. Desta forma, os espaços religiosos evidenciaram-se como uma referência essencial para uma leitura espacial e cronológica de desenho urbano do núcleo populacional de Vila Franca do Campo” (PATRÍCIO, 2016 p.202).

Outra forma de exemplificação da influência do espaço religioso é a classificação toponímica dos lugares, dos arruamentos e dos espaços urbanos da ilha. A classificação toponímica chegou aos nossos tempos a partir das explicações deixadas pelo Padre Gaspar Frutuoso. Deste modo, parte das classificações recai na morfologia do lugar e na devoção de um Santo (por exemplo, Santa Bárbara, São Pedro, Santo António, etc.) (ALMEIDA, 2012) (FRUTUOSO, 2011).

O estudo de Antonieta Leite (2012) relativamente à urbanização do território insular não foca em específico a influência que o espaço religioso tem na malha urbana, mas podemos extrair informações pertinentes desta investigação, nomeadamente a existência de praça-porto e adros de igrejas, na malha urbana. Segundo Leite (2012), estes espaços públicos que delimitam a vila de Ponta Delgada eram catalisadores de equipamentos públicos e funcionavam como âncora para a população, neles se faziam trocas de produtos.

Não cabe aqui analisar com minúcia o processo urbanístico da malha urbana fora do território insular. Todavia, o papel das ordens religiosas em São Miguel nunca atingiu o impacto e a relevância como no Brasil, com a Companhia de Jesus (jesuítas), que criou aldeamentos de indígenas, com a função de sacralização e reestruturação espacial dos mesmos, estes aldeamentos tornaram-se rapidamente em praças urbanas. Os núcleos habitacionais concebidos com traçado segundo princípios racionais geométricos tinham uma grande praça central, circundada pela igreja, pela residência dos padres, pela escola, e pelas oficinas, num dos lados, e no outro lado pelas restantes habitações dos índios. Este desenho da malha urbana será implantado mais tarde no séc. XVII, em outras das cidades e vilas do território português, seguindo os princípios compositivos de urbanização, usando elementos como

praças geométricas com forma quadrada ou retangular, gerando todo o traçado ortogonal. No entanto, toda a justificação deste traçado e simbolismo desaparece, permanecendo apenas as características espaciais (TEIXEIRA, 2000).

Não obstante, é explícita a influência que os espaços religiosos tinham na malha dos núcleos habitacionais, quer fossem rurais ou urbanos, mas é indispensável não esquecer, que na verdade estes edifícios imponentes e de escala megalómana no local, tinham uma função celestial de marcação da fé de um povo insulano, isolado e apavorado com a força da natureza. Por consequência, estes edifícios tinham a função de sacralização do território virgem e de uma natureza incontável às mãos do Homem (ALMEIDA, 2012).

Para se ter uma noção, do quão era importante o espaço religioso na ilha de São Miguel, o Padre Gaspar Frutuoso no séc. XVI deixa registado a existência de “(...) 138 locais de culto e cerca de 35 ermidas e capelas fundadas por particulares, muitas delas construídas ou reconstruídas nas sequências de “dilúvios””, e o historiador Francisco de Chaves e Melo no séc. XVIII deixa registado a existência de “(...) 185 templos, segundo dos quais 33 são paróquias com 10 curatos (zona geográfica eclesiástica da igreja católica, subordinada a uma paróquia, mas autónoma, nas suas atividades religiosas) 16 igrejas conventuais e 125 ermidas” (ALMEIDA, 2012, p.246) (FRUTUOSO, 2011).

Tabela 2 – Registo de edifícios religiosos no Séc. XVI segundo Gaspar Frutuoso

Locais de Culto	Nº de Ermidas	Total
138	35	173

Tabela 3 - Registo de edifícios religiosos no Séc. XVIII segundo Francisco de Chaves e Melo

Nº de Paróquias	Nº de Curatos	Nº de Ermidas	Nº de Conventos	Total
33	10	125	16	185

A partir da leitura dos estudos efetuados por Canto (1896) e Dias (1943), fez-se uma análise dos edifícios religiosos que ainda existem e registou-se na tabela 4 (veja a tabela geral - Tabela Gráfica A) que apresenta todo o edificado religioso da ilha de S. Miguel (existente e demolido).

Tabela 4 – Registo de edifícios religiosos na atualidade, de acordo com tabela geral (Tabela Gráfica A)

Freguesias	Concelhos	Nº de Igrejas	Nº de Ermidas	Nº de Conventos	Total
24	Ponta Delgada	30	53	6	89
14	Ribeira Grande	20	26	4	50
9	Nordeste	10	5	-	15
6	Povoação	11	4	-	15
6	Vila Franca do Campo	5	9	3	17
4	Lagoa	7	14	2	23
					209

Das tabelas anteriores, podemos concluir que o número de edifícios religiosos veio a aumentar ao longo dos anos, à medida que ia aumentando o número de lugares. Para além disso, podemos observar que o número de igrejas paroquiais aumentou à medida que o número de ermidas diminuiu. A justificação deve-se ao facto de muitas das ermidas terem dado lugar às atuais igrejas paroquiais.

3.3 Síntese do capítulo

Apesar do território de S. Miguel ser insular, o modo de fazer cidade é idêntico ao do continente, com os mesmos princípios e preocupações. Deste modo, as malhas urbanas na ilha de São Miguel organizam-se por núcleos de simples complexidade, estruturados de acordo com as condições existentes no território, e com um desenho urbano baseado nas cidades medievais portuguesas do século XIII e XIV. Observam-se dois tipos de povoados em toda a ilha, ambos com malhas urbanas de forma linear, um paralelo ao longo da costa, e outro, mais escasso, em local central e isolado da ilha.

Independentemente da sua localização, os tecidos urbanos na ilha de S. Miguel organizam-se sempre segundo as mesmas conceções, delimitados por arruamentos principais, estruturadores da malha urbana, onde a igreja, partilhando espaço com outras entidades, apresenta-se como elemento de grande importância e estruturadora do tecido. Ela é matriz e geradora de malha, localizada sempre de forma estratégica como marco do centro cívico das localidades, sempre associada a uma praça, largo ou jardim. Pela dimensão dos espaços religiosos na malha urbana do território insular, estes concentram em si grande influência, mas também enorme carga simbólica. Estão destacados do tecido urbano não só pela sua localização, mas também pela sua escala em relação ao restante tecido urbano de menor proporção.

No que diz respeito aos edifícios religiosos, são as igrejas paroquiais que maior destaque e presença têm na ilha. Implantadas no território, por meio de um adro, sobrelevado relativamente ao nível da via pública, acedido por escadório, este muitas vezes de dimensões variáveis, situado frequentemente a eixo com o portal principal da igreja. Estes edifícios religiosos posicionam-se frequentemente a eixo com as vias principais do núcleo urbano ou em cruzamentos e a sua relevância, não está apenas na sua discrepância com a envolvente, mas também por serem bens construídos e mantidos pelos fiéis, como prova da sua devoção.

4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO



4.1 Definição de conceitos

Este subcapítulo esclarece todos os conceitos técnicos da temática desta dissertação e apresenta considerações metodológicas utilizadas na análise gráfica efetuada às fachadas das igrejas paróquias católicas da ilha de São Miguel.

Embora muitos dos conceitos que serão utilizados no decorrer da investigação, façam parte do vocabulário de qualquer arquiteto, muitos destes conceitos contêm em si mais do que uma definição, o que por vezes pode levar a lapsos. A fim de evitar tal situação, iremos aqui resumidamente definir, os conceitos que serão utilizados na leitura e análise gráfica às fachadas que serão posteriormente apresentadas nesta dissertação.

Deste modo, este subcapítulo encontra-se dividido em dois grupos, os conceitos referentes à leitura das plantas das igrejas e os conceitos referentes à leitura das fachadas das igrejas.

Os conceitos referentes à leitura das plantas estão organizados em duas partes:

- i) conceitos relativos às principais partes que compõem os elementos duma igreja;
- ii) conceitos relativos aos tipos de plantas.

Os conceitos referentes à leitura das fachadas, estão organizados segundo uma lógica de leitura da fachada, começando da parte superior para a parte inferior da mesma, e dividimos esta em quatro partes:

- i) conceitos relativos à parte superior da fachada, coroamento;
- ii) conceitos relativos à parte inferior da fachada, corpo;
- iii) conceitos relativos ao corpo adicional da fachada, a torre;
- iv) conceitos relativos aos restantes elementos que compõem a fachada, os vãos.

Para a elaboração deste glossário, recolheu-se conceitos definidos por vários autores analisados, nomeadamente, Maria João Madeira Rodrigues (2002), José Cesar Vasconcelos Quintão (2005) e Lorenzo de la Plaza Escudero (2014).

Na elaboração deste glossário, destaca-se a leitura do exaustivo e coerente trabalho de José César Vasconcelos Quintão (2005), cuja obra concentra em si um capítulo destinado à definição dos componentes que uma fachada pode conter. Deste modo, serão aqui apresentados apenas alguns dos conceitos que estão diretamente relacionados com a nossa investigação e com a nossa metodologia da análise gráfica.

Tabela 5 – Síntese dos conceitos utilizados de acordo com os elementos componentes da fachada segundo Quintão (2005), destacando-se os mais pertinentes para o estudo em causa.

COMPONENTES							
ACTIVOS				PASSIVOS			
ESTRUTURAIIS		ESTRUTURADOS				CIMAFRONTE	IMAFRONTE
AUTÓNOMOS	INTERDEPENDENTES		TECTÓNICOS		NÃO – TECTÓNICOS		
Campanário	PRIMÁRIOS	SECUNDÁRIOS	VAZADOS	REENTRANTES	Aletas	Platibanda	Tramo
	Rampante	Cimalhete	Portal	Nicho	Panóplia	Tímpano	Estrato
	Átrico (dado)	Balaústre	Porta		Escudo	Átrico (Piso)	Mezanino
	Entablamento	Entablamento	Sacada		Cartela	Empena	Aleta (Pano)
	Pilar	Filete ou tistelo	Janela				Pano (Parede)
	Pilastras	Cornija	Postigo Fresta				
	Coluna	Rampante	Óculo				
	Embasamento	Pilarete					
		Pilastras					
		Coluna					
		Banda					

4.1.1 Planta

i) Elementos que compõem uma igreja

Adro - espaço de estar fronteiro à igreja, não coberto, aberto ou delimitado por muros, sobrelevado ou nivelado em relação à via pública (SAMPAIO, 2011), (AAVV, 2000) (RODRIGUES et al., 2002).

Galilé – espaço exterior coberto, de transição para o interior do corpo da igreja, muito comum nas igrejas conventuais de ordens masculinas, normalmente composta por arcadas (RODRIGUES et al., 2002) (MELLO, 2010).

Nave – espaço longitudinal de uma igreja, delimitado entre a entrada e a cabeceira (RODRIGUES et al., 2002) (ESCUDEIRO, 2014).

Deambulatório – galeria que permite a circulação entre as várias capelas laterais ou na capela-mor. Espaço de prolongamento das naves laterais (RODRIGUES et al., 2002) (ESCUDEIRO, 2014).

Transepto – espaço de uma igreja que surge como prolongamento das naves laterais, formando com estas uma cruz (RODRIGUES et al., 2002) (ESCUDEIRO, 2014).

Abside – geralmente apresenta planta semicircular, localizada à volta do altar-mor, na extremidade oposta à entrada, no enfiamento da nave central (RODRIGUES et al., 2002) (ESCUDEIRO, 2014).

Cabeceira – localizada no extremo da igreja, corresponde ao prolongamento da nave ou do transepto, no lado oposto à entrada. Composta geralmente, e quando existe, pela capela-mor, abside e deambulatório (RODRIGUES et al., 2002) (ESCUDEIRO, 2014).

Coro – espaço destinado ao cântico litúrgico, podendo-se localizar atrás do altar-mor e ser designando de coro-baixo. Pode-se também localizar entre a nave e a abside e ser designando de coro-médio ou em alguns casos sobre o portal principal, designando-se de coro-alto (RODRIGUES et al., 2002).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

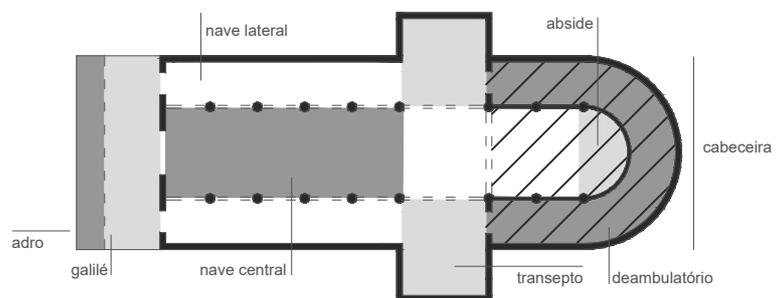


Figura 18 - Elementos que compõem uma planta de igreja

Capela-mor – capela principal de uma igreja composta pelo altar-mor, localizada na cabeceira (RODRIGUES et al., 2002).

Altar-mor – plataforma elevada em relação ao corpo da nave, a eixo com a porta principal, onde se celebra a eucaristia (RODRIGUES et al., 2002).

Capela lateral – capela secundária de uma igreja, localizada na nave lateral (RODRIGUES et al., 2002).

Altar-lateral – altar secundário que surge normalmente nas naves laterais (RODRIGUES et al., 2002).

Sacristia - espaço onde se guardam os paramentos e adornos da igreja e dos sacerdotes, encontrando-se geralmente separado do corpo da igreja (RODRIGUES et al., 2002).

Batistério – espaço onde se encontra a pia batismal e se celebra o sacramento do batismo. Este espaço pode estar incorporado ou separado do corpo da igreja, geralmente na zona da fachada principal (RODRIGUES et al., 2002).

i) Tipologias de plantas

Capela - pequeno espaço de culto geralmente de planta retangular, habitualmente com um altar. Em alguns casos, pode existir sacristia e campanário (SOUSA, 1986) (RODRIGUES et al., 2002).

Igreja de uma nave – igreja composta por apenas uma única nave, contendo em si apenas um espaço único (ESCUADERO, 2014).

Igreja de três naves – igreja composta por três naves separadas por pilares ou colunas, cujas abóbadas têm alturas distintas, sendo a nave central geralmente mais larga e mais alta. Esta tipologia de igrejas advém da tipologia de igreja de tipo mendicante, desenvolvida nos conventos franciscanos e dominicanos do continente a partir de finais do séc. XIII (CALDAS, 2011).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

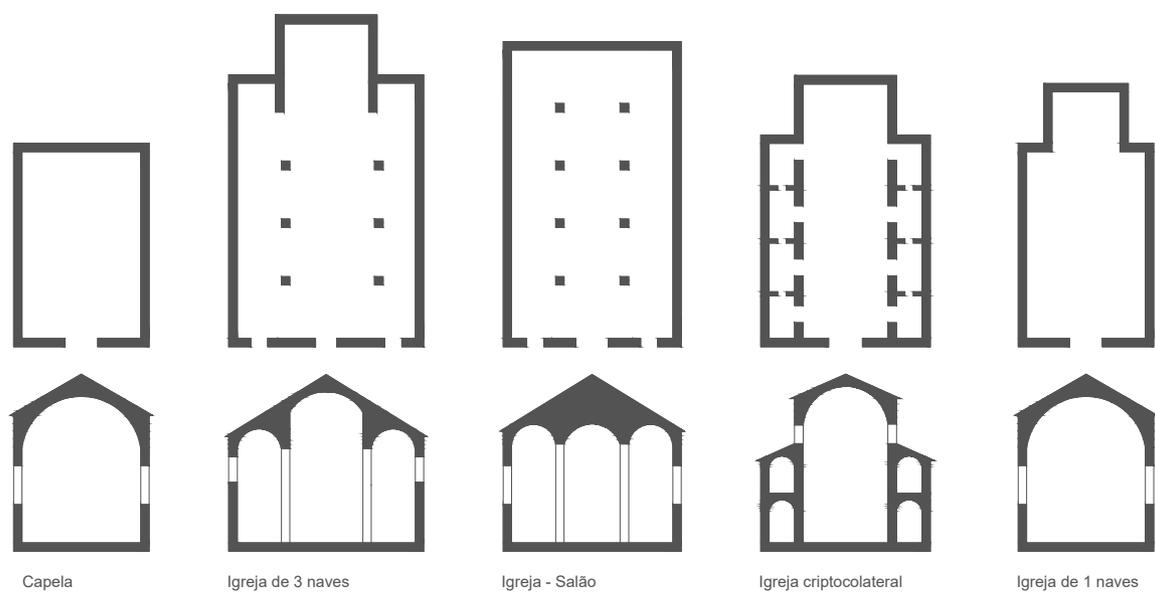


Figura 19 - Tipologia de plantas de igreja

Igreja-salão - igreja de pilares com abóbadas à mesma altura, salienta-se que a igreja-salão não é um espaço único, mas pelo contrário tem os seus transeptos e naves (central e laterais), (KUBLER, 1988) (CORREIA, 2002).

Igreja criptocolateral – igreja de nave única e ampla ladeada por capelas intercomunicantes, apresentando um espaço unificado à luz da ideologia tridentina, profundamente difundida pela Companhia de Jesus (KUBLER, 1988) (CALDAS, 2011).

4.1.2 Fachada

i) Parte Superior da Fachada – Coroamento

Cimalha – coroamento (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Coroamento - é o elemento mais importante na leitura das fachadas e corresponde ao remate das duas águas do telhado e, simbolicamente, faz a transição entre a terra e o céu, através da sua morfologia. A sua morfologia pode conter figuras geométricas fragmentadas ou a simples duplicação da forma das águas do telhado. Nem todo o coroamento é designado de frontão, conforme a sua caracterização é designado por cimafrente ou empena (QUINTÃO, 2005).

Frontão – diz respeito ao coroamento da fachada, contendo características específicas. Genericamente triangular, é composto por dois entablamentos oblíquos que assentam diretamente num entablamento horizontal, todos com a mesma expressão. Como refere Quintão (2005) o frontão corresponde a um plano independente, isolado do resto do corpo, quando não contém os três entablamentos (oblíquos e horizontal) terá designações distintas, deste modo, pode classificar-se de verdadeiro ou falso frontão.

Empena – é correntemente caracterizada por ser uma parede lateral cega de um edifício, é composta por duas arestas oblíquas que formam um vértice na extremidade superior. O termo de empena é designado equivocadamente de frontão (QUINTÃO, 2005).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

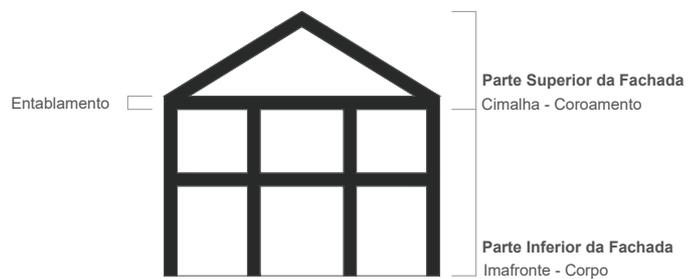


Figura 20 - Partes da fachada da igreja

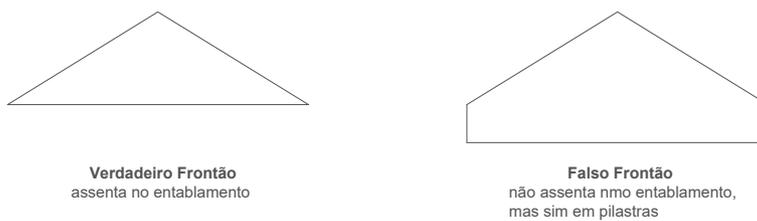


Figura 21 - Classificação de frontão

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

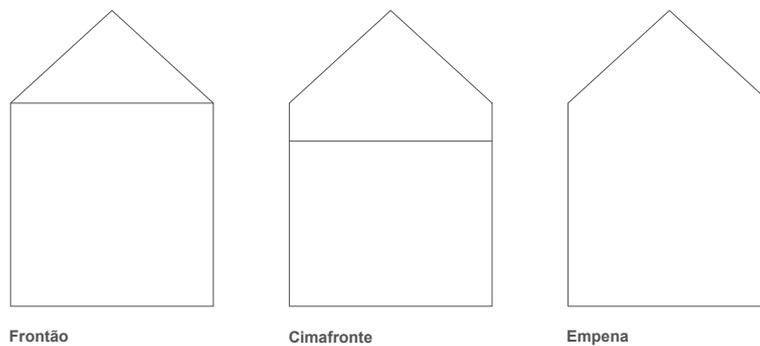


Figura 22 - Tipos de frontão

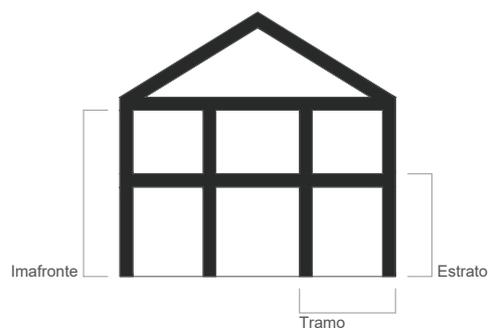


Figura 23 - Elementos primordiais da fachada da igreja

Cimafronte – é uma espécie de coroaamento de fachada, classificada de falso frontão, pois apesar de conter os três entablamentos, os entablamentos oblíquos não assentam diretamente no entablamento horizontal (QUINTÃO, 2005).

ii) **Parte Inferior da Fachada – Corpo**

Imafronte – é a parte baixa da fachada, compreendida entre o corpo e o coroaamento, ou seja, diz respeito ao corpo da fachada, composto por tramos e estratos (QUINTÃO, 2005).

Tramo – é uma parte estruturante que corresponde à superfície de enchimento entre os elementos de suporte e expressa-se como um pano de parede. Encontra-se sempre em número ímpar, tendo o tramo central destaque pelo seu carácter de importância, pois a sua largura é maior do que a dos restantes tramos laterais (extremos ou meeiros). Os tramos laterais extremos são aqueles que delimitam verticalmente as fachadas e os tramos meeiros situam-se entre o tramo central e os tramos extremos (QUINTÃO, 2005).

Estrato – é a parte inestruturada compreendida entre dois elementos horizontais, ou da sobreposição de pórticos. Morfologicamente, o estrato corresponde a um piso, mas não é assim tão linear, pois uma fachada pode conter mais pisos e representar apenas um número menor de estratos (QUINTÃO, 2005).

iii) **Corpo adicional à fachada – Torre**

Torre - é vista como um elemento independente e adicional à fachada. Integrada ou justaposta, a composição da torre apresenta poucas aberturas, pois o seu intuito é ser de defesa, e é ainda rematada superiormente pelo campanário. Em muitos casos a torre pode ter um papel de competição com a própria fachada. As torres podem surgir em número um ou dois, sendo o mais comum, a composição da fachada com apenas uma torre, pois a torre tem a função de transmitir uma mensagem. No caso

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

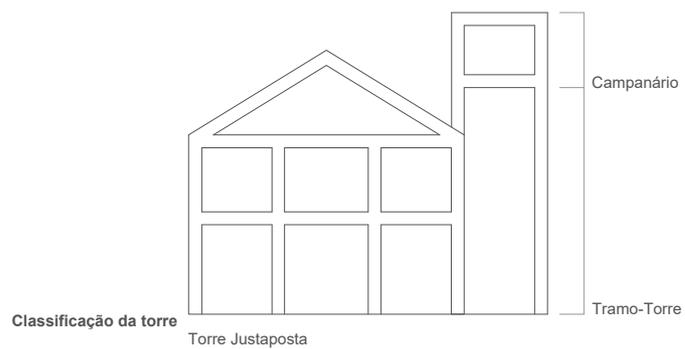
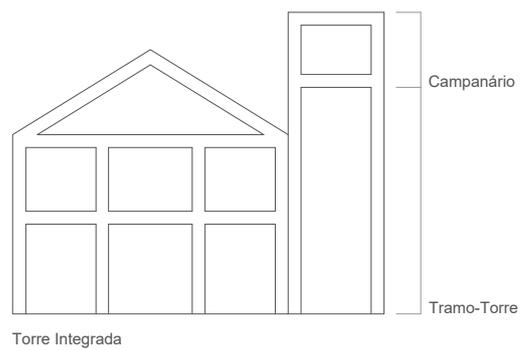
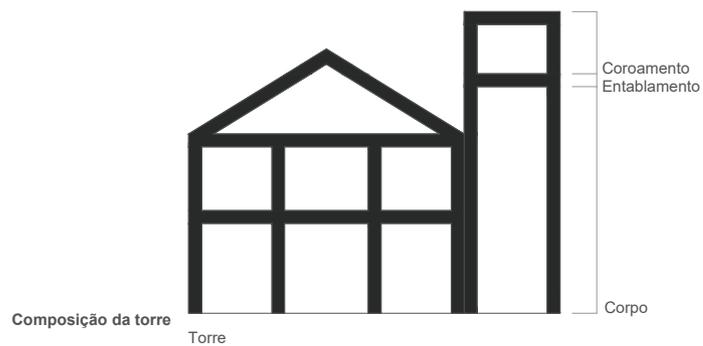


Figura 24 - Composição e classificação da torre

de haver duas torres, a segunda surge apenas por uma questão de estética e de equilíbrio da composição da fachada (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Campanário – diz respeito ao rasgo que suporta os sinos, podendo localizar-se em cima do remate superior da fachada, ou lateralmente à fachada da igreja, rematado por uma cobertura em cúpula ou por balaustrada (QUINTÃO, 2005).

Tramo-Torre – é um elemento que funciona com características semelhantes ao tramo da fachada (QUINTÃO, 2005).

iv) Elementos da fachada – Vãos entre outros

Sistema Trilítico – é um sistema construtivo composto por três peças, nomeadamente um entablamento horizontal e dois elementos verticais (Colunas/Pilares/Pilastras). Este sistema acompanhou toda a arquitetura e está representado nas 5 ordens: toscana, dórica, jónica, coríntia e compósita e pode apresentar ainda algumas variantes de difícil classificação (QUINTÃO, 2005).

Entablamento – é o terceiro elemento que constrói o pórtico/ trilítico. Entendido como elemento horizontal, o entablamento faz a separação dos restantes componentes da fachada. O entablamento é composto por arquitrave, friso e cornija, variando de acordo com a ordem a que pertence (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Pilastra – é um elemento vertical adossado a um pano de parede e é também o elemento mais significativo nas fachadas das igrejas portuguesas (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Embasamento – corresponde a uma saliência na fachada que sustenta o edifício e pode ter diversos tamanhos, mais ou menos exuberantes. O embasamento pode ser pintado ou não (material ao natural) e pode atingir a altura de um estrato (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

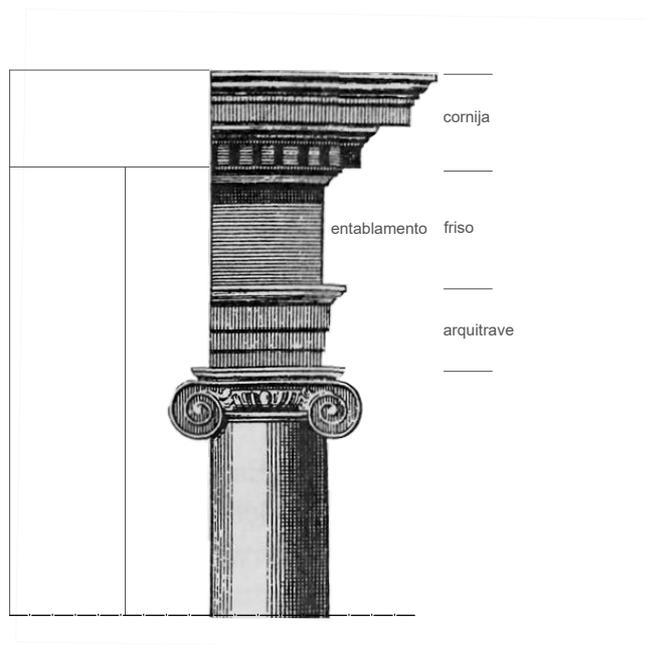


Figura 25 - Sistema Construtivo - Sistema Trilítico

Balaústre – é uma pequena coluna usada na balaustrada (conjunto de balaústres que formam uma grade) (RODRIGUES et al., 2002).

Cornija – é um ornamento que constitui e remata o entablamento (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Portal – é uma porta principal, às vezes sobredimensionada em relação aos outros vãos. O portal pode dar ou não para uma galilé, e é o elemento principal no entendimento da hierarquia na fachada. O seu número de portas está associado ao fluxo de fiéis (QUINTÃO, 2005) (ESCUADERO, 2014).

Janela – é uma abertura preferencialmente de forma retangular, de dimensões diferentes das portas. No séc. XVIII estas vieram a perder a sua forma geométrica regular para darem origem a um recorte mais complexo com interseções de figuras diferenciadas (QUINTÃO, 2005) (ESCUADERO, 2014).

Fresta – é uma pequena abertura, normalmente, retangular cujo comprimento é maior do que a sua largura e aparece colocada na vertical. Serve normalmente para ventilação (QUINTÃO, 2005).

Óculo – é uma abertura circular, elíptica ou oval, quando isolado normalmente surge em lugar de destaque na fachada, e o seu local privilegiado é no eixo axial acima da porta (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Nicho – é uma falsa janela, uma concavidade aberta, destinada a albergar uma imagem (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Cartela – é um ornamento em forma de folha de pergaminho, com papel de destaque na fachada (RODRIGUES et al., 2002) (QUINTÃO, 2005).

Voluta – é um ornamento em forma de espiral (QUINTÃO, 2005).

Aletas – é um pano de parede que atenua a rigidez dos ângulos, fazendo a transição de um elemento vertical para um horizontal, quando o número de tramos é desigual entre estratos (QUINTÃO, 2005).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

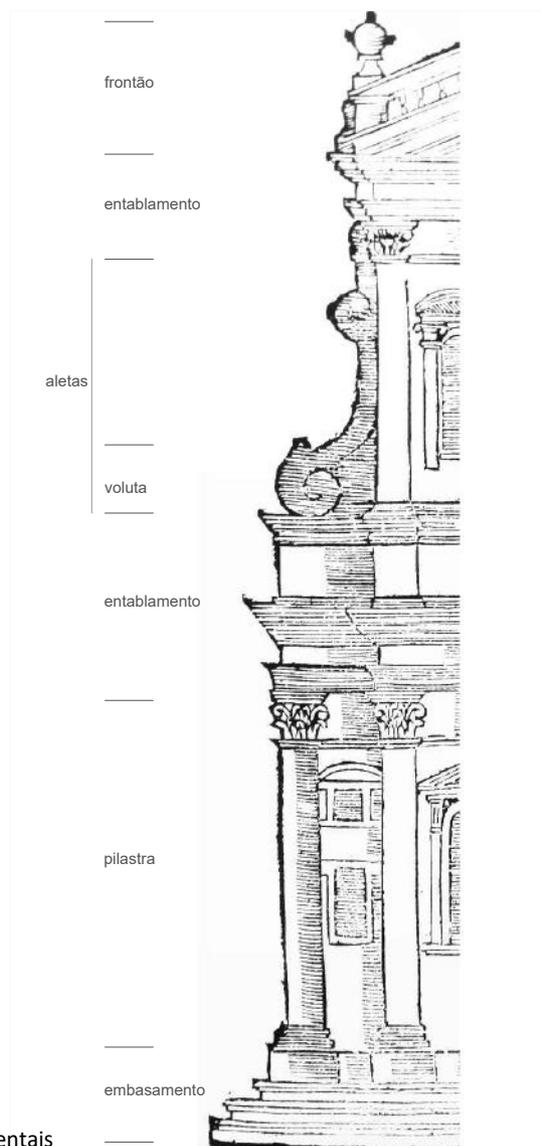


Figura 26 - Elementos ornamentais

4.2 Investigação teórica

Neste subcapítulo damos início à apresentação da investigação sobre a temática em estudo – as fachadas das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel. Importa referir que a partir da literatura analisada para esta dissertação, verificamos uma escassez ou inexistência de estudos que mensuram a análise das fachadas das igrejas paroquiais em território micaelense. A maioria dos estudos preocupa-se, principalmente, com a contextualização histórica dos edifícios e com a inventariação dos mesmos (exterior e interior), descurando a configuração, a dimensão e a razão de ser das fachadas das igrejas.

Sendo fundamental o estudo da morfologia das fachadas das igrejas, recorreu-se à análise dos poucos estudos realizados, focando o nosso olhar na etnografia, no material construtivo usado, no desenho da fachada e na configuração da planta das igrejas.

4.2.1 Etnografia

“(…) A imagem da ilha ficou, desde o início, marcada por uma quantidade enorme de igrejas, ermidas, capelas, mosteiros e conventos, que, dos aglomerados aos prados, se espalharam ao longo dos séculos (…)”

(ALMEIDA, 2012, pag.335)

A arquitetura religiosa em S. Miguel encontra-se implantada nos mais diversos sítios, desde os espaços mais abertos aos mais afastados e escondidos, destacando-se as construções próximo da costa, que foram construídas para serem avistadas do mar por terceiros, de modo a identificarem a ilha como terras pertentes a Deus (ALMEIDA, 2012).

A primeira tipologia de espaço religioso que surge na ilha são as ermidas. Estas ermidas eram usadas como objetos para santificar os espaços de implantação do povoado e serviam para separar o espaço profano do divino. Nos momentos de dificuldades e de fenómenos estranhos a única certeza do

homem micaelense era a libertação espiritual e a fé em Deus, daí muitas ermidas serem feitas para apaziguar a ira de Deus (ALMEIDA, 2012).

Na sua tese, José Francisco Correia Pacheco (1997) afirma que as três determinantes da religiosidade micaelense são o povoamento insular, a atividade sísmica e a influência franciscana, concluindo que a grande quantidade de edifícios religiosos determina a imagem de qualquer povoado e que o isolamento permitiu uma “cristalização” de certas devoções trazidas de Portugal continental (ALMEIDA, 2012) (COSTA, 2012).

Deste modo, verificamos com base na tabela gráfica A que com a presença das ermidas e mais tarde das igrejas, regista-se uma aparência muito singular na paisagem. Esta fica marcada pela quantidade de ermidas que se construíram no território, pois são marcos de fé do homem micaelense.

De acordo com o texto *“Arquitectura popular dos Açores”*(2000), a construção vernácula mais característica e especificamente açoriana, para além da arquitetura de produção e da arquitetura doméstica, é a arquitetura religiosa dos teatros ou “impérios” do Divino Espírito Santo, classificada como arquitetura religiosa popular. No entanto, ao confrontar os estudos realizados por Ataíde (2011 [1973]), Caldas (2012), Canto (2000), Costa (1956) e Dias (1949-1950) verificou-se que os arquitetos autores da maioria destas igrejas não são mencionados nem há referência dos mesmos. Deste modo, perante a escassez de fontes (desenhos de autor), concluímos que estes edifícios não terão sido obra de arquiteto, mas são antes construções populares. Concluímos, também, que as igrejas disseminadas pela ilha partiram todas de um único modelo, estabelecido no séc. XVIII. Esta opção de replicação de um modelo pode justificar-se, porventura, na falta de técnicos na ilha, veja-se o caso da igreja do Rosário da Povoação, também ela produto de um construtor local.

Caldas defende que a igreja do Rosário da Povoação não pertence às igrejas de fachada barroca micaelense, por ser resultado de condicionantes da pré-existência, acrescentando que através dos elementos compositivos da fachada, pode-se entender que a reconstrução da mesma foi feita por um construtor local, adaptando uma estrutura compositiva vista noutra local de outra edificação religiosa (CALDAS, 2012).

Uma tipologia de fachada na igreja micalense (1728 - 1882)



Figura 27 - A fé do homem micalense, procissão no Porto Formoso em 1965

4.2.2 Material

O material endógeno da ilha (a pedra de basalto) é caracterizado pela cor escura e pela porosidade. Não permite ser trabalhado da mesma forma como o material existente em primazia no continente (pedra lioz) caracterizado pela sua densidade uniforme. Prova disso são os portais manuelinos da igreja matriz de Ponta Delgada, que apesar de esculpidos pelos mestres que fizeram obra no continente, confirmam a dificuldade que estes tiveram em esculpir a pedra da ilha (ATAÍDE, 2011[1973]a).

“Se observarmos o material indígena veremos que como é duro, arestoso, estaladiço e excessivamente escuro nunca se lhe poderia dar a plasticidade, nem filigrana-lo, nem maleá-lo, nem colori-lo da delicada lavra de buril da técnica e das exigências do manuelino que reclamava pedra clara e compacta onde nitidamente se valorizavam os relevos complicados e donde vigorosamente sobressaíam os contrastes de claro-escuro.”

(ATAÍDE, 2011[1973]a, p.138)

Ao observarmos o edificado mais remoto da ilha, verificamos que todo ele imprime a mesma imagem de austeridade, onde a pedra que faz os beirais, as molduras e as cantarias, encontra-se na sua cor natural acompanhada pelos panos de fundo de parede caiados de branco, porque só assim era posto em relevo a cor escura da pedra (ATAÍDE, 2011[1973]a).

Pois só assim, se conseguia o equilíbrio presente nas fachadas do negro da lavoura com o branco da guarnição, “as lavouras foram sempre respeitadas, o trabalho dos canteiros compreendido, o claro-escuro dos seus planos devidamente apreciado. Os tons quentes do basalto sobressaíam com vigor do fundo branco da guarnição. Nessa fase de equilíbrio, a cal branca cobria apenas os fundos sem conspurcar o brilho das lavras” (ATAÍDE, 2011[1973]a, p.267).

A escolha dos materiais transmite uma imagem muito impactante e de fácil memorização, reforçando a imponência da igreja. Deste modo, o material usado, influenciou o sistema construtivo trilítico, não permitindo a construção de grandes vãos, constatado na análise do Anexo J, presente no capítulo 5, subcapítulo 5.3.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Igreja de Água de Pau no séc. XIX e no séc. XXI



Igreja da Várzea no séc. XIX e no séc. XXI



Figura 28 - Comparação de fachadas rebocadas no séc. XIX e no séc. XXI (branco/preto e a cores)

4.2.3 Fachada

A fachada das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel é composta por três corpos: o corpo (que diz respeito ao espaço interior da igreja), a torre e o batistério. Geralmente a fachada das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel, apresenta esta composição, com torre à esquerda e batistério à direita, adaptando-se o local de implantação. Esta fachada segue sempre a mesma matriz compositiva, de referente clássica, existindo pontualmente variantes no que diz respeito ao número de estratos, de portas e de janelas.

Há que mencionar, que apesar de se ler a fachada num todo, estes três corpos (corpo, torre e batistério) funcionam em separado, uma vez que o corpo da torre e do batistério são vistos como volumes corpos independentes. Os corpos da torre e do batistério na maioria das igrejas não seguem a métrica do corpo da fachada, apresentam sobreposição dos cunhais, diferença de alinhamento do entablamento, dimensão e posição de vãos e desalinhamento dos corpos da torre e do batistério em relação ao volume do corpo (CALDAS, 2012).

Este modelo de fachada que aqui estudamos é desenvolvido a partir da igreja matriz da Ribeira Grande, em 1728, e depois na igreja matriz de Ponta Delgada, em 1733. Estas igrejas foram as igrejas-mãe que serviram de exemplo e de modelo para todas as restantes que foram construídas na ilha (ATAÍDE, 2011[1973]a) (CALDAS, 2012).

Como vimos, Caldas (2012) defende a tese de Ataíde (2011 [1973]) no que diz respeito à origem e originalidade da fachada da igreja micaelense, todavia, se recuarmos no tempo, podemos verificar que no séc. XVII, a igreja do Convento de Franciscanos na Ribeira Grande, construída em 1622, já detinha a mesma matriz compositiva e ornamento, embora de estilo chão com galilé e torre recuada e acoplada à fachada. Independentemente das notáveis diferenças, podemos depreender que as fachadas das matrizes são reminiscências da fachada da igreja conventual.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

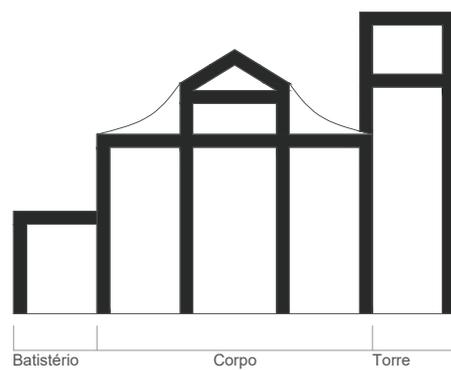


Figura 29 - Corpos que compõem a fachada da igreja micaelense

A construção deste modelo de fachada paroquial é balizada por Caldas (2012) entre o segundo terço do séc. XVIII e a segunda metade do séc. XIX. Todavia, verificamos aquela baliza temporal, conforme podemos ver na tabela da cronologia das fachadas, referente a igrejas da ilha de São Miguel, (Anexo C) e concluímos não estar correta, pois a primeira igreja que obedece a este modelo é de 1728 (igreja matriz da Ribeira Grande) e a última de 1882 (igreja N. S.^a do Rosário, Achadinha).

No seu breve ensaio, integrado na obra *“Inventário do património da Povoação”*, Caldas (2012) caracteriza e designa a fachada das igrejas da ilha de São Miguel de fachada barroca micaelense, esclarecendo que a designação de micaelense não se deve ao conceito desenvolvido por Ataíde (1950), referente a “estilo micaelense”, mas sim por esta fachada integrar-se numa extensa tipologia de frontarias de igrejas, confinadas à ilha de São Miguel (CALDAS, 2012). Deste modo, o próprio autor estabelece uma síntese da composição da típica fachada barroca micaelense:

“O modelo de frontispício que parece ter dado origem às inúmeras variantes que se espalham por São Miguel pode sintetizar-se do seguinte modo: é uma frente de três pisos delimitada por cunhais e subdividida verticalmente em três secções por meio de pilastras. Cunhais e pilastras são encimados por pináculos. Cada secção corresponde à largura de uma nave, sendo portanto a secção central mais larga. No piso térreo abrem-se geralmente três portas e no piso seguinte, ao nível do coro alto, três janelas, sempre uma em cada secção, cujos lintéis encostam a uma cornija que atravessa toda a fachada rematando os dois pisos inferiores. Só a secção central se estende ao 3º piso, onde se abre mais uma janela igualmente encostada a uma segunda cornija, confinada à largura da nave, sobre a qual assenta um frontão contracurvado delimitado por duas volutas. As secções laterais são encimadas por aletas, igualmente delimitadas por volutas, que parecem amparar o terceiro piso da secção central. Em conjunto, aletas, terceiro piso e respetivo frontão, podem ser vistas como um grande frontão contracurvado que engloba o mais pequeno e remata todo o corpo da igreja assentando na cornija principal. À direita deste corpo principal, junto à fachada, encosta geralmente uma torre e, à esquerda, encosta o pequeno corpo do batistério ou um corpo anexo que inclui o batistério.”

(CALDAS, 2012, p.42)

Para além disso, Caldas (2012) acrescenta uma outra tese, de que estas igrejas apresentam e seguem o mesmo desenho inspirado na fachada do Gesú, de Roma (1575-1577), igreja-mãe da nova reforma do espaço interior da doutrina tridentina.

Esta igreja, desenhada pelo arquiteto Giacomo Vignola (1507-1573), e fundada por Santo Inácio de Loyola (1491-1556) fundador da ordem da companhia de Jesus, serviu de modelo às igrejas Jesuítas até ao séc. XX, por ocasião do Concílio Vaticano II (1961-1965). Os Jesuítas surgem por altura da Reforma de Lutero e são eles que lideram a Contrarreforma. São muito importantes na “evangelização” tal como na escolarização e divulgação das artes em todo o mundo (JANSON, 1977).

No caso de Gesú, a fachada é composta por um tramo central, correspondendo no interior a um espaço único de dois andares, e onde se encontram todos os vãos e nichos. É bastante mais larga que os tramos laterais extremos, e coroada por um frontão triangular. Os tramos laterais dizem respeito às capelas intercomunicantes e estão limitados ao piso térreo, sendo as aletas sobre os tramos laterais extremos de apoio e ligação ao tramo central superior (CALDAS, 2011).

Relativamente ao caso micaelense, a fachada está dividida em três tramos que refletem a composição interior do corpo da igreja (três naves), com dimensões bastante distintas do caso anterior, pois neste caso, o tramo central é mais largo que os laterais, só que a central é mais estreita do que o tramo central de uma nave-única. Para além disso, a leitura do frontão é diferenciada, porque enquanto no outro caso a leitura se faz só no tramo central, no caso da igreja micaelense, o frontão diz respeito a todo o piso superior (tramo central com frontão e aletas laterais) (CALDAS, 2011).

Contudo, a igreja de Gesú na sua fachada não contempla o corpo da torre, contrariamente ao que acontece no caso micaelense, pois o corpo da fachada da igreja micaelense está entalado pelos volumes independentes da torre e do batistério. Deste modo, o modelo original da fachada da igreja micaelense estaria completo sem os volumes da torre e do batistério, uma vez que os três volumes apresentam composições distintas (CALDAS, 2011).

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

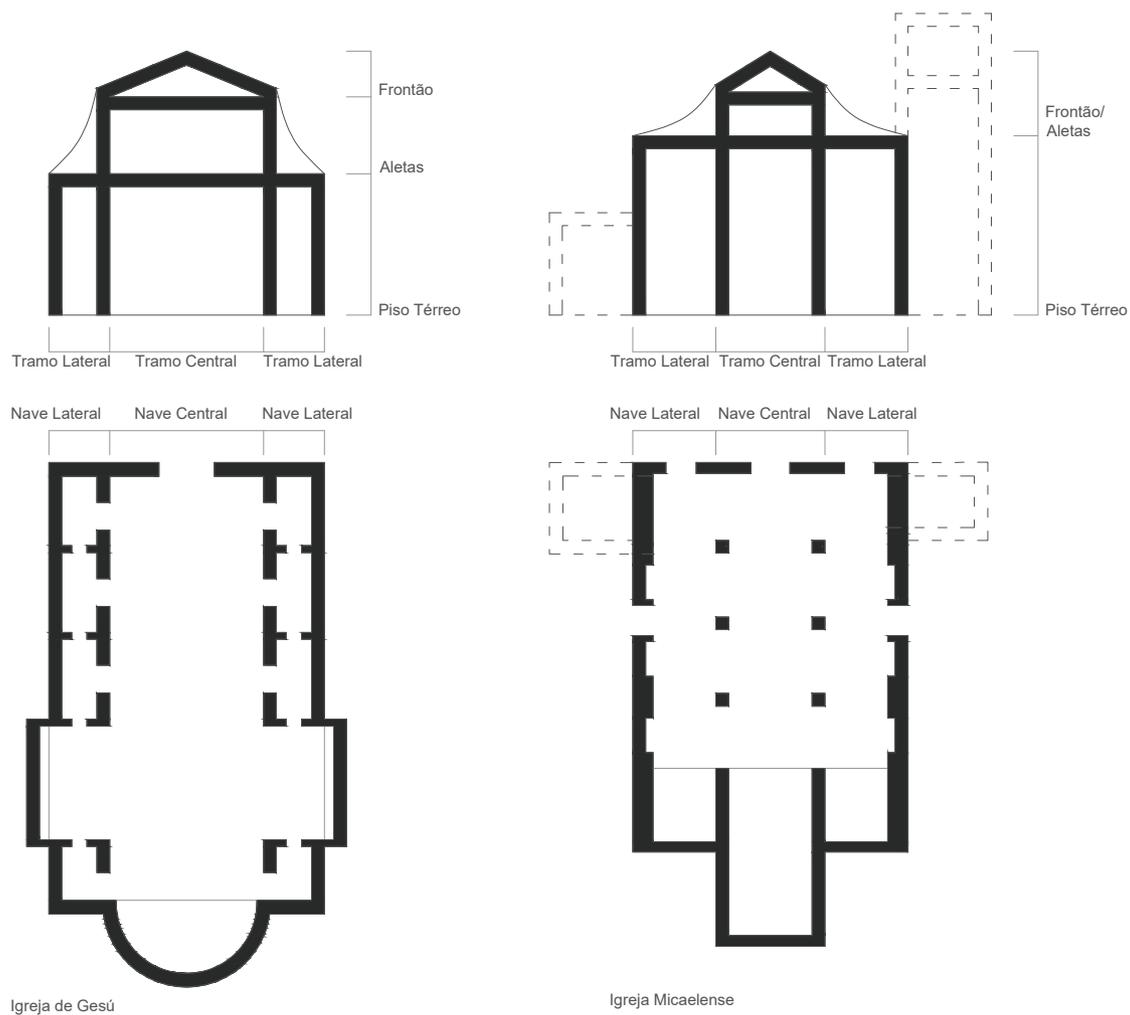


Figura 30 - Comparação da fachada da igreja de Gesù e de uma igreja Micaelense

É evidente, que em ambos os casos os elementos decorativos apesar de serem os mesmos não apresentam a mesma expressão. Na igreja micaelense os elementos clássicos são reduzidos a uma expressão mais simples, onde as pilastras apresentam desenho liso, atravessando o edifício em toda a sua altura, fazendo ressaltos apenas no encontro com os entablamentos horizontais, onde sugerem capitéis toscanos, contrariamente ao que acontece na igreja de Gesú, onde as pilastras estão individualizadas por pisos com ordens sobrepostas coríntia e compósita (CALDAS, 2011).

Em suma, podemos concluir que as fachadas das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel não são o reflexo íntegro da igreja-mãe (igreja de Gesú), uma vez que adaptam o programa interior desta, mas são uma reminiscência no que diz respeito à sua matriz compositiva.

4.2.4 Planta

Refletida na fachada da igreja micaelense, a planta é composta por três naves, cada uma suportando uma abóbada e a nave central é mais larga e alta que as laterais. Nesta planta a eixo com a porta principal, fica o altar-mor, de longa profundidade, numa plataforma mais elevada comparativamente ao restante espaço da igreja, destacado através de degraus. De cada lado do altar-mor, mais dois altares surgem, de menor profundidade e ao longo do corpo da igreja mais altares vão surgindo em número variado, em forma de nicho, mas sempre acompanhando o alinhamento dos vãos dos arcos das naves. Deste modo, a planta das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel não segue os princípios do Concílio de Trento (1545-1563), no que se refere a um espaço interior único (CALDAS, 2011), conforme podemos constatar através da comparação das tabelas cronológicas das igrejas do continente e da ilha de São Miguel (Tabela Gráfica B e C).

Segundo Caldas (2012), a construção de igrejas com três naves, depois do Concílio de Trento, era arcaica e absurda, pois neste concílio criou-se um novo conceito de espaço interior, devido a novas exigências no que dizia respeito às cerimónias religiosas, criando-se igrejas de corpo único. Deste modo, as igrejas que mais se aproximam deste modelo, são as igrejas mendicantes conventuais continentais que se vão construindo até final do séc. XVI.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

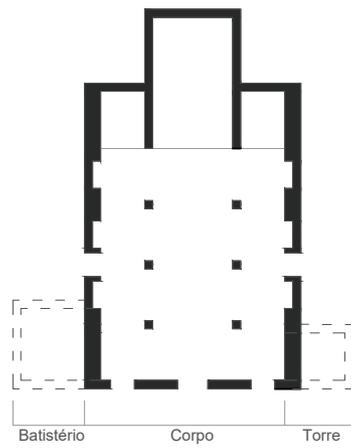


Figura 31 - Corpos que compõem a planta da igreja micaelense

No continente, a partir do Concílio de Trento e mesmo já antes, construíram-se igrejas-salão ou igrejas de nave única, ladeadas por capelas intercomunicantes, obedecendo às novas ideologias tridentinas e litúrgicas (CALDAS, 2012).

Em suma, as igrejas micaelenses seguem a filiação do modelo da fachada da Igreja de Gesú, e indiretamente o modelo de planta das velhas igrejas do modelo mendicante (CALDAS, 2011).

4.2.5 Arquitetos

Segundo a bibliografia analisada, Ataíde, foi quem elaborou a mais antiga listagem onde identifica alguns nomes de arquitetos, de mestres de obras e de pedreiros de antigas igrejas e ermidas da ilha de São Miguel (ATAIDE, (2011 [1973]) vol. II). Deste modo, foi elaborada uma tabela que cruza a informação de Ataíde com a informação mais atualizada retirada de outras bibliografias. No entanto, ainda muitos nomes estão por relevar, o que dificulta a investigação, na medida em que não conseguimos justificar a relação da semelhança entre as igrejas através dos seus autores.

Tabela 6 - Nomes de Arquitetos, Mestres de Obras e Construtores

Data	Nome	Função/Cargo	Obra
Séc. XVI			
1507	João de La Penha	Mestre de obras	Igreja Matriz da R.G.
1531-1545	Lúpedo	Projeto de risco	Igreja Matriz de P.D.
	Afonso Fernandes	Mestre de obras	Igreja Matriz de P.D.
	Nicolau Fernandes	Pedreiro dos portais	Igreja Matriz de P.D.
	André Fernandes	Pedreiro dos portais	Igreja Matriz de P.D.
	Brás da Ponte	Pedreiro - Continental	Igreja Matriz de P.D.
	Estevão da Ponte	Pedreiro - Continental	Igreja Matriz de P.D.
	Afonso Machado	Pedreiro de alvenaria - Micaelense	Igreja Matriz de P.D.
	1545	Nicolau Fernandes	

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 -1882)

Data	Nome	Função/Cargo	Obra
1545	Pedro Machado		Convento de Jesus da R.G.
1577	Pero de Maeda	Projeto de risco e Mestre de Obras	Igreja da Misericórdia de P.D.
1577	Manuel Tavares	Mestre arquiteto	Igreja da Misericórdia de P.D.
Séc. XVII			
1604	Roque de Gonçalves Barriga		Igreja de Misericórdia de P.D.
1612-1626	Agostinho Ferreira	Mestre de obras	Igreja do Convento dos Franciscanos da R.G.
1637-1666	Agostinho Ferreira	Mestre de obras	Igreja do Colégio de P.D.
1664-1671	Agostinho Ferreira	Mestre de obras	Ermida de N ^o Sr ^a da Conceição de P.D.
1674	Agostinho Ferreira	Mestre de obras	Igreja do Convento de S. João de P.D.
1685	Carlos de Castro	Mestre de alvenaria	Igreja da Misericórdia de V.F.C.
1685	Gaspar Jorge	Mestres dos portais	Igreja da Misericórdia de V.F.C.
1685	Manuel Teixeira	Mestres dos portais	Igreja da Misericórdia de V.F.C.
1688	Manuel Rois	Pedreiro dos portais	Igreja do Convento de Santo André da V.F.C
1688	Josephe de Paiva	Pedreiro dos portais	Igreja do Convento de Santo André da V.F.C
Séc. XVIII			
1730	António da Costa	Pedreiros	Igreja da Conceição da R.G.
1733-1748	André de Fontes	Pedreiro	Igreja Matriz de P.D.
1725	Francisco Alves da Costa	Pedreiros	Igreja da Conceição da R.G.
1726-1728	João de Sousa Freire	Projeto de risco	Igreja Matriz de R.G.
Séc. XIX			
1849-1852	Manuel Lamberto Monteiro	Projeto	Igreja das Sete Cidades

Data	Nome	Função/Cargo	Obra
1856-1870	António Luís Duarte	Projeto	Igreja da Fajã de Cima
	Eng. Ricardo Júlio Ferraz	Projeto	Igreja da Fajã de Cima
1869-1870	José Fidalgo	Mestre	Igreja da Lomba da Maia
1874	Frederico Augusto Serpa	Projeto	Igreja de São Brás
1876	João de Oliveira Moniz	Mestre de obras	Igreja da Covoada
Séc. XX			
1901-1960	João Filipe Vaz Martins	Arquiteto	Igreja Nova das Furnas
1924-1930	Dr. António Alcântara de Mendonça	Projeto	Ermida de N ^o Sr ^o do Monte, Povoação
1928-1931	Eng. Floriano Victor Borges	Projeto	Ermida de N ^o Sr ^o do Monte, Água de Pau
1964-1967	Eduardo Read Teixeira	Arquiteto	Igreja da Ribeira Chã
1967-1969	Domingos José de Miranda	Arquiteto	Igreja das Laranjeiras
	José Baptista Ferreira	Risco do frontispício	Igreja das Laranjeiras
1956-1959	João Rebelo	Arquiteto	Igreja de Santa Barbara
1966	Korrodi	Arquiteto	Igreja da Lomba do Botão
Séc. XX			
2009	Luís Gomes de Meneses	Arquiteto	Igreja de Nossa Senhora de Fátima

Após elaboração da tabela, confrontamos os resultados com o livro de Viberto e de Pedreirinho, obtendo-se apenas correspondência com o nome do arquiteto militar e mestre de obras de El-Rei, Pero de Maeda, que não refere a obra da igreja da misericórdia de Ponta Delgada, mas sim a obra do forte de São Brás, “um dos primeiros engenheiros que assistiram à construção do Castelo (...)” em paralelo com este nome, surge o nome de Manoel Machado referido na obra do forte de São Brás, mas também “escudeiro da casa real; mestre das obras das capellas das ilhas dos Açores (...)”, no

entanto deste segundo nome não se obteve qualquer correspondência com a tabela (Viberto, 1922, p.111 e 119, vol.2).

Para além deste nome, destacam-se ainda dois outros nomes, Agostinho Ferreira pela grande quantidade de obras realizadas na ilha, nomeadamente em conventos, sublinhando a obra do convento dos franciscanos da Ribeira Grande e João Sousa Freire pelo projeto de risco de 1726-1728 da atual igreja Matriz da Ribeira Grande, uma das igrejas-mãe desta tipologia de fachada.

Deste modo, a partir desta informação, nada podemos afirmar a não ser que existe uma falta de informação no que diz respeito a esse assunto, admitindo que as restantes construções (que não foram identificadas) e segundo a tese defendida por Caldas, foram feitas por construtores locais adaptando uma estrutura compositiva, vista noutro local de outra edificação religiosa (CALDAS, 2012).

4.3 Fachada (Modelo)

“(…) também visitámos as várias igrejas, mas, nestas ilhas, basta ver uma igreja católica para ter visto as outras, a única diferença parece estar nos quadros, nos dourados (...)”

(RODRIGUES, 1997, p.85)

Esta citação foi crucial no início da nossa investigação, comprovando a existência de uma imagem semelhante entre os vários exemplares de arquitetura religiosa católica no arquipélago dos Açores. No entanto, esta afirmação não é totalmente assertiva, recordando Caldas, que nos diz que esta imagem de fachada se restringe apenas à ilha de São Miguel (CALDAS, 2012).

Partindo da investigação de Ataíde (2011[1973]) e de Caldas (2011, 2012) analisada no subcapítulo anterior 4.2 designado de “Investigação teórica”, pretendemos clarificar e determinar uma designação específica para estas fachadas, que já foram reconhecidas e descritas, no entanto sem uma designação concreta.

A fim de se estabelecer uma designação para estas fachadas, que contribuem para a identidade do território da ilha de São Miguel, recorreu-se ao desenho gráfico e ao método de análise desenvolvido por Quintão (2005) para a leitura de fachadas, como forma de determinar quais as fachadas de igrejas paroquiais que fazem parte das fachadas reconhecidas por Caldas (2011, 2012).

A partir das designações dadas por Caldas (2012), de fachada barroca micaelense e de fachada tipo micaelense, surge-nos o conceito de “fachada modelo”, que se aplica a qualquer fachada de ornamentação barroca micaelense (SOUSA, 1986), cuja matriz compositiva é de referente clássica (QUINTÃO, 2005) e que transmite a noção de imagem análoga, que é consequência do seu material (pedra basáltica ao natural em fundo branco) e do seu sistema construtivo (adaptado ao material endógeno da ilha).

A designação estabelecida por nós de “fachada (modelo)” deve-se à classificação de Rossi (1998) onde define e defende que a designação de “modelo” refere-se a um objeto (arquitetónico) preciso e que pode ser repetido e copiado tal como é, contrariamente a “tipo” que representa a imagem de um objeto, ou seja a formulação concreta de um modelo que não pode ser copiado.

No entanto, esta imagem análoga, não se restringe apenas às igrejas de fachada modelo, mas sim também à herança e património de outras fachadas, surgindo diversas tipologias de fachada. Esta imagem é aqui verificada pela observação direta e no confronto entre as diversas fotografias realizadas na investigação. Todavia, embora haja uma imagem comum que se estende por todas as igrejas existentes na ilha, devido ao material usado, encontramos características diferentes, o que nos leva a aplicar designações distintas.

Deste modo, verificamos a existência de igrejas cuja fachada transmite uma imagem de “família”, por possuírem uma das classificações anteriormente mencionadas (ornamentação barroca ou matriz compositiva de referente clássica).

Todavia existem igrejas onde se verifica a inexistência das duas classificações enumeradas acima, permanecendo apenas o material – pedra de basalto, sobre o fundo branco. Estas igrejas foram-se alterando e adaptando-se à época da sua construção, verificando-se que o sistema construtivo deixa

de ser em alvenaria de pedra e passa a ser em alvenaria de betão armado, passando a pedra basáltica a ser usada apenas para revestimento. Assim, em nosso entender, estas fachadas adquirem a designação “não padrão”.

A fachada modelo, descrita por Caldas, é por nós composta por dois elementos, a matriz compositiva que se refere aos elementos estruturais primordiais de “referente clássica” e a ornamentação que se refere à volumétrica e decoração barrocas.

Para Quintão (2005) a matriz compositiva das igrejas portuguesas é de referente clássica, uma vez que o conceito de clássico é visto como expoente máximo de um estilo, criado segundo regras e definido pelo sistema trilítico (elemento primordial da construção), no entanto no caso português estas não foram seguidas, pois “Portugal, aportuguesou o latim arquitetónico” deste modo, a expressão “referente clássica” é a mais correta, pois alarga o campo de amostragem, abrangendo mais e de forma menos rigorosa (QUINTÃO, 2005, p. 38),

Para Sousa (2012), a arquitetura religiosa da ilha de São Miguel é gerada por um modelo de tendência barroca local, quer na sua planta quer na sua animação volumétrica e decoração.

Deste modo, os critérios usados para distinguir as diferenças entre fachada modelo, família e não padrão foram:

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

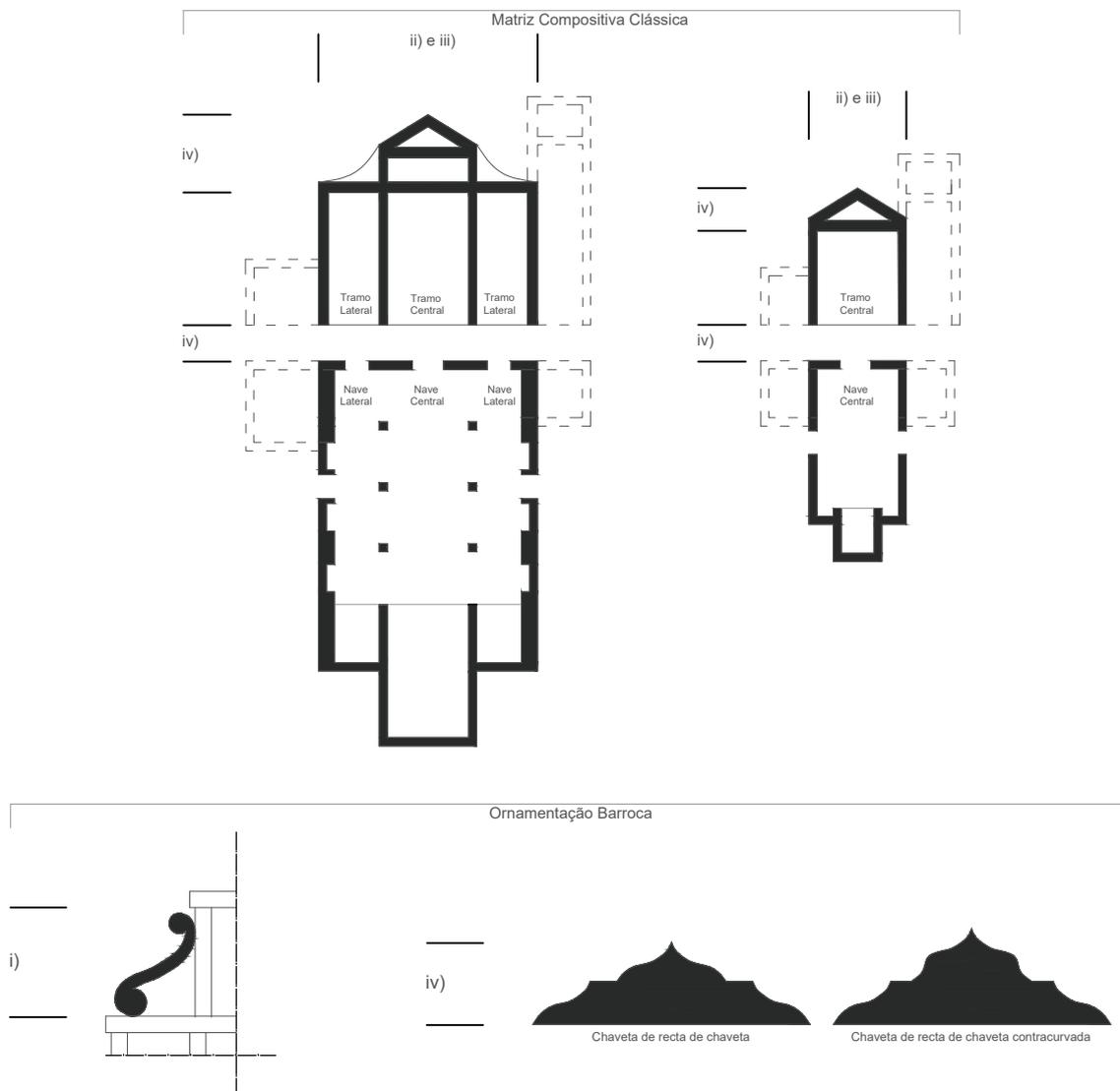


Figura 32 - Critério (Ornamentação barroca e Matriz compositiva de referente clássica).

Ornamentação barroca:

- i) Frontão composto por volutas
- ii) Cimalha contracurvada
(segundo Quintão (2005) é uma cimalha composta por figuras truncadas compostas: de chaveta de recta de chaveta ou chaveta de recta de chaveta contracurvada ou chaveta de recta de chaveta reversa)
- iii) Fachada plana

Matriz compositiva de referente clássica:

- i) A fachada tem de refletir a planta
- ii) Estrutura trilítica (tramo, estrato e entablamento)
- iii) Os elementos que formam a estrutura trilítica têm de ter a mesma expressão
- iv) Duplo frontão (frontão maior encimado pelo frontão menor)

Informação recolhida através da tabela caracterização do corpo central (Tabela Gráfica E).

4.4 Síntese do Capítulo

Neste estudo, houve necessidade de esclarecer alguns dos conceitos técnicos da temática e das considerações metodológicas utilizadas na análise gráfica efetuada às fachadas e suas plantas.

Destacamos neste capítulo, alguns conceitos de elevada pertinência para a leitura e análise das fachadas, como é o caso do tramo, do estrato e do entablamento, que delimitam a fachada e são estrutura da mesma, sendo estes os seus componentes primordiais (QUINTÃO, 2005).

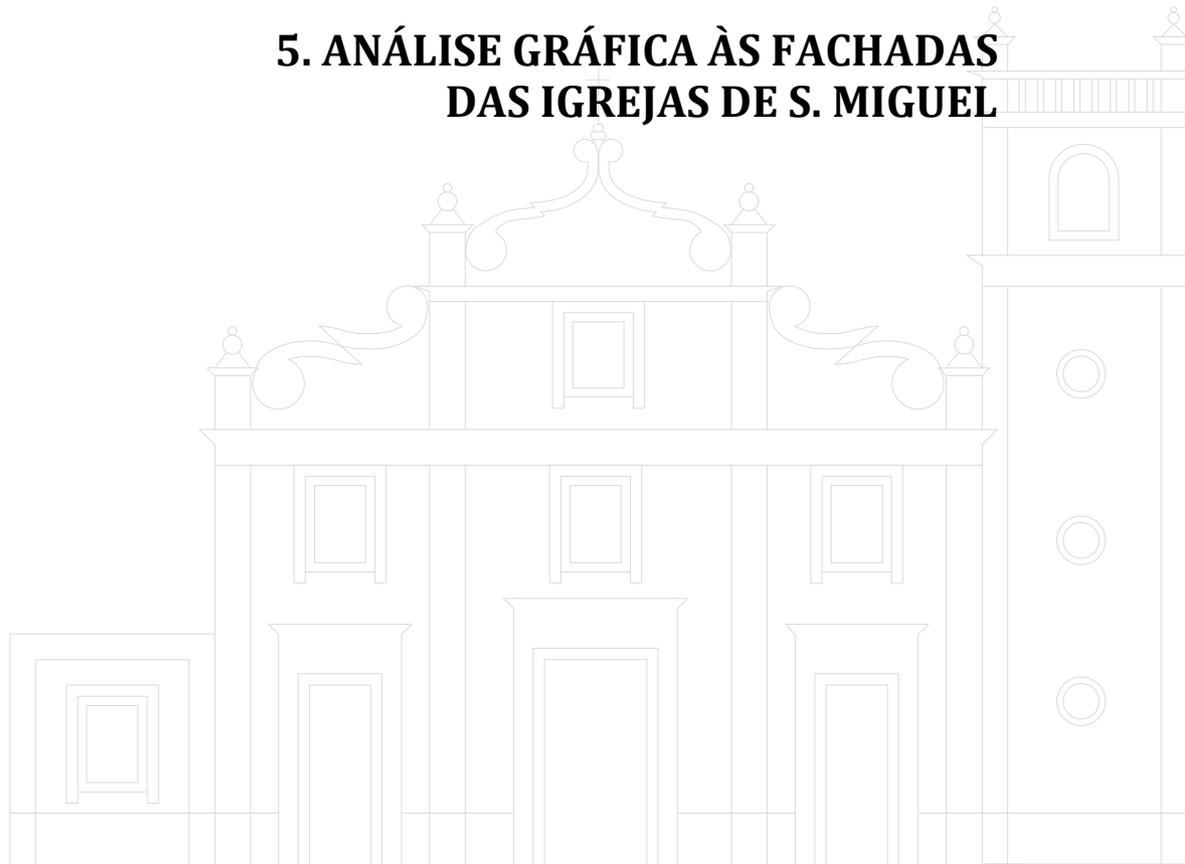
No que diz respeito às teorias já apresentadas relativamente às fachadas da ilha de São Miguel, é necessário reter quatro pontos importantes: i) a etnografia, que determina a imagem de qualquer povoado, no caso concreto, a importância que teve o isolamento na “cristalização” de certas devoções trazidas de Portugal continental; ii) o material, pedra de basalto, endógeno da ilha é caracterizado pela sua cor escura e pela porosidade, que em contraste com os panos de parede brancos das fachadas, realça a sua cor negra, aumentando o seu contraste de luz-sombra, transmitindo uma imagem muito impactante e de fácil memorização, reforçando a imponência da igreja; iii) a fachada é composta por três corpos independentes, o corpo, a torre e o batistério, que se leem num conjunto; e iv) a planta refletida na fachada, é composta por três naves, cuja nave central é mais larga e alta do que as laterais. Estas construções são arcaicas para a sua época de construção.

Esta análise justifica a metodologia utilizada para fundamentar a existência de uma “fachada modelo”, que se deve à semelhança verificada entre fachadas, e que exprime uma noção de imagem que serve de referência, exclusiva ao território da ilha de São Miguel.

A partir de conceitos já definidos pelos autores analisados, fachada barroca micaelense, fachada tipo micaelense (CALDAS, 2012) e fachada de ornamentação barroca micaelense (SOUSA, 1986), estruturamos o conceito de fachada modelo, que se aplica a qualquer fachada de ornamentação barroca micaelense, cuja matriz compositiva é de referente clássica e que transmite a noção de imagem análoga, que é consequência do seu sistema construtivo.

No entanto, esta permanência de imagem não se restringe apenas às igrejas de fachada modelo, mas é também herança e património de outras fachadas como podemos verificar pela observação direta e no confronto entre as diversas fotografias obtidas nesta investigação, surgindo outras duas designações, “família” e “não padrão”.

5. ANÁLISE GRÁFICA ÀS FACHADAS DAS IGREJAS DE S. MIGUEL



5.1 Sistematização do trabalho

Pretende-se conciliar os conceitos já desenvolvidos, com as ferramentas de desenho e de fotografia, para a leitura das fachadas das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel, desenvolvendo uma investigação teórica apoiada na leitura de desenhos de síntese.

Esta investigação expõe minuciosamente um método de análise de leitura das fachadas das igrejas paroquiais da ilha de São Miguel, primeiramente, de forma mais geral, incluindo todo o tipo de edificado religioso, a fim de se compreender qual o verdadeiro número de igrejas paroquias da ilha. Posteriormente, de forma a complementar o estudo, também, serão analisadas as igrejas continentais, extraídas a partir das obras analisadas, para uma observação comparativa das construções nos dois territórios portugueses.

Para aferir o método procedemos ao estudo das fachadas e das plantas, de modo a compreender se existe uma relação direta ou não entre estes dois elementos e como se foram desenvolvendo em paralelo ao longo das épocas.

A investigação tem como base uma análise comparativa de oitenta e três igrejas paroquias da ilha de São Miguel, de um total de trezentos e setenta e seis edifícios religiosos da ilha, que surgiram ao longo da história.

O método de análise de leitura das formas e do levantamento métrico das fachadas das igrejas utilizado, foi o registo fotográfico através de análise comparativa. A comparação destas fachadas das igrejas foi elaborada e organizada a partir de tabelas e de desenhos síntese.

5.2 A representação gráfica dos desenhos

Aqui reunimos as tabelas e os desenhos referentes às diversas análises realizadas para o estudo das fachadas das igrejas paroquiais selecionadas. Deste modo, ao longo do presente subcapítulo, serão concebidas tabelas comparativas com recurso ao levantamento fotográfico, acompanhadas de notas sobre a representação gráfica.

Os desenhos estão agrupados de acordo com as seguintes temáticas:

- 1- Contextualização geral da ilha relativamente à arquitetura religiosa
- 2- Contextualização cronológica e comparativa da arquitetura religiosa de São Miguel com a arquitetura religiosa nacional
- 3- Análise da matriz compositiva das fachadas das igrejas paroquiais de São Miguel
- 4- Síntese e evolução das igrejas

5.2.1 Contextualização geral da ilha relativamente à arquitetura religiosa

A contextualização geral da ilha relativamente à arquitetura religiosa está materializada numa “Tabela geral do espaço religioso da ilha de São Miguel (Tabela Gráfica A), que representa uma atualização do inventário imóvel de arquitetura religiosa de acordo com a informação bibliografia analisada. A tabela gráfica A diz respeito a todas as edificações religiosas, igrejas paroquiais e conventuais e ermidas públicas e privadas, que existiram e continuam a existir na ilha, desde o início de povoamento até à atualidade, contemplando informações meramente suplementares.

Para além disso, a tabela gráfica A está ordenada por concelhos (local de implantação dos espaços religiosos), iniciando-se por Ponta Delgada, Ribeira Grande, Nordeste, Povoação, Vila Franca do Campo e Lagoa. Importa dizer que esta tabela vem na sequência dos trabalhos realizados por Canto (2000 [1896]), Dias (1942) e Costa (1956) relativos à temática apresentada no nosso estado da arte intitulado de “História sobre as igrejas e ermidas dos Açores”.

5.2.2 Contextualização cronológica e comparativa da arquitetura religiosa de São Miguel com a arquitetura religiosa nacional

Através da leitura da fachada e da planta, iremos estabelecer a comparação em termos cronológicos e formais relativamente à arquitetura religiosa desenvolvida em Portugal continental e na ilha de São Miguel.

Para além disso, com esta análise consegue-se estabelecer a relação que existe entre a fachada e a planta, entendendo-se de que forma uma é o reflexo da outra e qual a sua influência na composição e matriz compositiva.

A tabela “Cronologia das fachadas referente a igrejas de Portugal continental” (Tabela Gráfica B) diz respeito, exclusivamente, à arquitetura religiosa de Portugal continental, abarcando apenas um ínfimo número de casos de estudo de igrejas paroquiais e conventuais, que marcaram a arquitetura portuguesa secular. Deste modo a seleção das igrejas foi realizada com base nas obras de Kubler (1988), de Correia (2002) e de Pinto (2007), nos seus estudos de grande referência nesta matéria. A tabela gráfica B está organizada cronologicamente, de acordo com a última fachada que a construção adquiriu. Na leitura horizontal da tabela aparecem as igrejas apresentadas através da fachada e da planta respetiva.

As tabelas “Cronologias das fachadas referentes a igrejas da ilha de São Miguel” (Tabelas Gráficas C e D) dizem respeito à arquitetura religiosa da ilha de São Miguel, abrangendo todas as igrejas paroquiais e conventuais que existiram e existem na ilha ao longo do seu povoamento. Importa destacar que apenas são contempladas as igrejas que ficaram registadas por fotografias, desenho ou gravura, que embora desaparecidas existem na memória. As tabelas gráficas C e D estão organizadas cronologicamente de acordo com a última fachada que a construção adquiriu com base na tabela geral (Tabela Gráfica A). A tabela gráfica C está organizada de igual modo como a tabela anteriormente mencionada (Tabela Gráfica B), ou seja, na leitura horizontal da tabela aparecem as igrejas apresentadas através da fachada e planta. Relativamente à tabela gráfica C cada fachada de igreja é representada através de esquemas sintéticos da lógica compositiva (matriz e composição), deste modo, a representação de cada fachada teve por base a tabela gráfica E e o subcapítulo 4.3 que destaca

seis grupos de igrejas: i) igrejas demolidas; ii) igrejas conventuais; iii) igrejas modelo; iv) igrejas família de acordo com a matriz; v) igrejas família de acordo com a ornamentação; vi) igrejas não padrão.

5.2.3 Análise da matriz compositiva das fachadas das igrejas paroquiais

Neste subcapítulo da análise à matriz compositiva das fachadas das igrejas paroquiais (Tabelas Gráficas E,F,G,H, I, J) cingimos a apreciação apenas às igrejas paroquiais da ilha, estabelecendo classificações às respetivas fachadas, agrupando e delimitando as fachadas que contemplam a fachada em análise, a fachada modelo. Aqui analisamos as fachadas modelo isolando-as daquelas que apresentam uma outra tipologia compositiva. Para além disso, nesta análise iremos interpretar as fachadas quer no conjunto de corpos que constituem a igreja, quer separadamente, de modo a compreender as variantes que a fachada modelo pode adquirir.

A tabela “Caraterização do corpo central” (Tabela Gráfica E) centra-se apenas no corpo central da fachada das igrejas paroquiais, uma vez que o corpo da torre e do batistério são vistos como corpos independentes, que na sua maioria não seguem a métrica do corpo da fachada, como constatamos no capítulo anterior 4.2 e no subcapítulo 4.2.2 designado de “fachada”. Atendendo à complexidade desta tabela, e ao facto de ter sido o mote de arranque para a análise das fachadas das igrejas micaelenses, houve necessidade de recorrer a esquemas sintéticos da lógica compositiva e métrica da matriz de cada fachada para a organização da tabela (igrejas de três naves e uma nave), para a identificação das tipologias de fachada (fachadas modelo, família e não padrão) e para a clarificação da lógica compositiva dos vãos (quantidade, formato e localização). Esta tabela está dividida em três grandes grupos, as fachadas que seguem a composição em estudo, designadas de fachada modelo; as que não seguem a lógica compositiva das anteriores e são designadas de fachada família, por conterem alguns elementos que remetem às igrejas modelo, apesar de não corresponderem em tudo a estas; e a fachada não padrão, que não seguem a lógica compositiva dos casos anteriores, ou seja, a tabela “Caraterização do corpo central” (Tabela Gráfica E) resulta da interpretação registada no capítulo anterior 4.3.

Dentro da classificação de fachada modelo, podemos encontrar três subgrupos de fachadas, organizados de acordo com o seu número de tramos, níveis e entablamentos. Em cada subgrupo o número de fachadas de igreja analisadas está organizado e classificado, de acordo com o seu tipo e número de vãos (portas, janelas e nichos), com a configuração da verga dos vãos (retas ou curvas) e com a localização dos vãos ao longo dos tramos e estratos.

Dentro da classificação de fachada família, podemos encontrar dois subgrupos de acordo com o número de naves que compõem a igreja. Estes subgrupos subdividem-se e organizam-se de acordo com dois critérios: i) a ornamentação barroca micaelense e ii) a matriz compositiva de tramos, estratos e entablamentos (se contém ou não estes componentes) (Caldas, 2012) (Quintão, 2005).

Dentro da classificação de fachada não padrão, podemos encontrar uma organização idêntica à da classificação anterior, composta por dois subgrupos de acordo com o número de naves que compõem a igreja, organizando-se a fachada de acordo com a ausência dos critérios (a ornamentação barroca micaelense e matriz compositiva de referente clássica).

Depois de analisadas as várias tipologias e classificações de fachadas (Tabela Gráfica E), e estabelecida e delimitada a tipologia de igrejas de fachada modelo, as restantes tabelas, destinam-se apenas à leitura detalhada destas fachadas.

As tabelas “Caraterização da torre” e “Caraterização do batistério” (Tabelas Gráficas F e G) centram-se apenas no estudo da torre e do batistério, uma vez que estes elementos são vistos como corpos independentes, sendo construções posteriores à restante construção da igreja, tal como vimos no capítulo anterior 4.2 e no subcapítulo 4.2.2 designado de “fachada”.

A tabela “Caraterização da torre” (Tabela Gráfica F) especifica o estudo da morfologia da torre, apenas das igrejas de fachada modelo, e está organizada de acordo com a localização do objeto em estudo, permitido observar o tipo e número de vãos.

A tabela “Caraterização do batistério” (Tabela Gráfica G) descreve o estudo da morfologia do batistério, apenas das igrejas de fachada modelo, e está organizada de acordo com a localização do

objeto de estudo, permitindo observar os tipos de vãos e a quantidade de níveis que o batistério pode conter.

As tabelas “Estudos da torre e do batistério” e “Estudo dos 3 corpos” (Tabelas Gráficas H e I) pretendem, contrariamente às tabelas anteriores, analisar a fachada da igreja no seu todo e na relação entre os vários corpos, que apesar de funções e configurações distintas fazem parte da fachada, transmitindo a ideia de um único volume.

A tabela “Medição das fachadas” (Tabela Gráfica J) diz respeito à dimensão da fachada da igreja, quer no seu todo, quer dividida pelos seus diversos corpos (corpo, torre e batistério), de forma a mostrar que a semelhança entre estas diversas fachadas modelo não é só visual, mas também deve ser observada no que diz respeito às suas geometrias e medidas.

5.2.4 Síntese e evolução

As tabelas apresentadas neste capítulo (Tabelas Gráficas K, L e M) surgem como exercício de síntese e resumo das observações realizadas e desenvolvidas anteriormente.

A tabela “Tipologia das principais plantas de igrejas portuguesas” (Tabela Gráfica K) desenvolve o estudo de Kubler (1988) e diz respeito à realidade nacional e da ilha de S. Miguel, demonstrando a evolução das tipologias das principais igrejas portuguesas (em planta e corte), de acordo com os princípios e as ideologias de cada época. Pretende-se com esta tabela fazer uma comparação da evolução tipológica das igrejas nacionais e da ilha de S. Miguel.

A tabela “Sistematização das fachadas das igrejas da ilha de São Miguel através duma distribuição tipológica” (Tabela Gráfica L) corresponde à distribuição tipológica das fachadas das igrejas existentes e demolidas na ilha de S. Miguel, e está organizada a partir da sua classificação (analisada na tabela - Tabela Gráfica E). Deste modo, cada fachada de igreja é reproduzida num desenho síntese, onde se representa a matriz compositiva (tramos, estratos e entablamentos) e os seus ornamentos principais (frontão barroco ou triangular). Por consequência, os desenhos síntese das fachadas das igrejas estão

divididos em seis distintas representações: i) igrejas com fachada modelo; ii) igrejas com fachada família (igrejas com ornamentação, mas sem matriz); iii) igrejas com fachada família (igrejas sem ornamentação, mas com matriz); iv) igrejas com fachada não-padrão; v) igrejas conventuais; e vi) igrejas demolidas.

A última representação das fachadas apresentada na tabela “Sistematização da fachada modelo” (Tabela Gráfica M) consiste no resumo prático de toda a investigação realizada, estabelecendo aquilo que é a fachada modelo da ilha de São Miguel. Esta tabela resulta das leituras realizadas anteriormente, nomeadamente, das interpretações realizadas no subcapítulo designado de enquadramento teórico.

5.3 Análise comparativa dos desenhos

O objetivo deste subcapítulo é realizar um estudo comparativo, utilizando as tabelas e os desenhos realizados e analisados no subcapítulo anterior, procurando responder aos objetivos propostos nesta dissertação, ou seja, realizar a análise às fachadas das igrejas paroquiais católicas, em específico às fachadas modelo da ilha de S. Miguel do séc. XVIII a XIX. Para tal, procurando entender a origem das igrejas micaelenses, observamos diversas fachadas de igrejas nacionais e de igrejas de São Miguel.

5.3.1 Contextualização cronológica e comparativa da arquitetura religiosa de São Miguel com a arquitetura religiosa nacional

A tabela “Cronologia das fachadas referente a igrejas de Portugal continental” (Tabela Gráfica B) permite compreender que a arquitetura religiosa que surgiu no território nacional acompanhou as ideologias de espaço e os estilos praticados na restante Europa. A partir desta tabela (Anexo B) observa-se que mesmo antes de meados do séc. XVI, já se começava a construir igrejas de espaço unificado, que apesar da presença das colunas ou pilares, o seu pé-direito era uniforme. As igrejas mudaram a sua tipologia depois do Concílio de Trento, surgindo igrejas sem colunas e pilares, adotando os preceitos da época. Nesta tabela “Cronologia das fachadas referente a igrejas de Portugal continental” (Tabela Gráfica B) também se observa que as fachadas, apesar de muito distintas e com uma grande variedade compositiva, apresentam sempre uma matriz compositiva clássica, que não reflete diretamente o seu interior, contrariamente ao que acontece nas igrejas micaelenses.

De acordo com a tabela “Cronologia das fachadas referente a igrejas da ilha de São Miguel” (Tabela Gráfica C) podemos observar que as fachadas das igrejas paroquiais micaelenses, na sua maioria, refletem o interior da sua planta, onde as igrejas de três tramos correspondem a três naves e as igrejas de um tramo correspondem a uma nave. Todavia, exceções ocorrer, assim podemos afirmar que as igrejas que não seguem tal matriz não possuem a designada fachada modelo. Exemplo disso é o caso da igreja matriz de Vila Franca do Campo (1747) e da igreja dos Mosteiros (1837). No primeiro caso

temos uma igreja de estilo tardo-gótico, com modelo idêntico ao que se praticava no continente em pleno gótico, cuja fachada apresenta apenas um portal encimado por uma rosácea, e o seu interior tem três naves. No segundo caso temos uma igreja composta por apenas uma nave de catorze metros de largura (Tabela Gráfica J), dimensão idêntica a algumas das igrejas de fachadas modelo. Todavia, a igreja dos Mosteiros apresenta uma fachada dividida em três partes, mas estas não são demarcadas por pilastras de grande expressão, contrariamente ao que era usual nas fachadas modelo. Perante tal facto, podemos afirmar que havendo tecnologia e métodos construtivos para se construir igrejas passíveis de vencer catorze e quinze metros (com base na Tabela Gráfica J), com apenas um vão, é estranho continuar-se a construir igrejas sempre com três naves na ilha de S. Miguel até 1918.

Outra observação, é a presença de igrejas que seguem a nova tipologia de espaço litúrgico (igrejas de nave única) mas que o seu altar-mor e capela-mor estão divididos em três partes há semelhança das igrejas de três naves, constatando-se a reminiscência do espaço litúrgico predominante na ilha, como é o caso da igreja das Feteiras.

Há que ter em consideração que a partir do Séc. XX, a planta da igreja micaelense altera-se para plantas de igreja salão, o que de certa forma também influenciou no desenho das igrejas (desenho da fachada), facto comprovado pelo Concílio Vaticano II, que permitiu uma maior liberdade, e aproximação do altar com o centro da igreja-comunidade.

Através da tabela “Cronologia das fachadas referente a igrejas da ilha de São Miguel” (Tabela Gráfica D), podemos observar que a tipologia de igreja designada por Caldas (2011) de fachada barroca micaelense, insere-se no séc. XVIII e XIX, com sua primeira construção em 1728 e a sua última construção em 1882.

Tabela 7 – Tipologia de fachada de igreja por época de construção (Igrejas da ilha de S. Miguel)

Século	Modelo (3 tramos, 3 níveis)	Modelo (3 tramos, 2 níveis)	Modelo (1 tramo, 1 nível)	Família / Não Padrão	Igrejas Conventuais
XVII	-	-	-	-	5
XVIII	11	3	4	9	8
XIX	11	3	9	12	1
XX	-	-	-	15	2
XXI	-	-	-	2	-

Na tabela 6, síntese das tabelas gráficas C e E, também podemos verificar que a primeira igreja que surge com a tipologia de fachada barroca micaelense (a igreja conventual de N. S.^a da Conceição) é do início do séc. XVII e trata-se de uma igreja conventual dos franciscanos localizada na Ribeira Grande, designada de igreja de estilo “barroco chão” no vídeo titulado “*Ribeira Grande, a Vila-Cidade: da Sua História e Arquitectura*” (VASCONCELOS, 2018). Registam-se também outros dois casos conventuais em Ponta Delgada, a igreja da Graça e a igreja de São João, com a mesma estrutura de composição de fachada e ornamentação de referente barroco. No entanto, apesar de apresentarem uma fachada segundo a tipologia de três tramos, três níveis e dois entablamentos, estas igrejas não refletem o interior da planta contrariamente ao que acontece nas igrejas paroquias, cuja planta apresenta três naves para as igrejas de três tramos e uma nave para as igrejas de um tramo.

Há necessidade de reforçar a ideia de que ao longo dos tempos, sempre existiram construções que não se encerram na tipologia das igrejas com fachada modelo, sendo que no séc. XIX, com as novas tecnologias, verifica-se esta rotura. No entanto, a partir do séc. XIX apesar de não se aplicar a decoração barroca nas igrejas, permanece a matriz compositiva de referente clássica (três tramos, três níveis), como é o caso das igrejas de Santo António Nordestino e da Lomba da Fazenda.

Na primeira metade séc. XX há a tentativa de continuar a utilizar a matriz compositiva de referente clássica, no entanto, ao longo deste século, mais concretamente na sua segunda metade, a matriz compositora, a ornamentação barroca e a configuração interior da planta alteraram-se.

5.3.2 Análise comparativa das fachadas da Igrejas Paroquiais

A tabela “Caraterização do corpo central” (Tabela Gráfica E) permite-nos delimitar dentro do vasto leque de igrejas paroquiais católicas da ilha de São Miguel, aquelas que fazem parte da designada fachada modelo, daquelas que não se enquadram neste conjunto ou que apresentam algumas reminiscências da fachada modelo. Através da tabela gráfica E, observa-se que apesar da existência de uma fachada modelo bem definida por três tramos, três níveis e dois entablamentos, composta por três portas, três janelas no segundo nível e uma janela no terceiro nível, ocorrem variantes, no que diz respeito ao número de tramos, níveis, entablamento e vãos. Deste modo, dentro da fachada modelo as igrejas apresentam pequenos detalhes que as distinguem, isto pela existência de elementos da estrutura da antiga igreja que se mantiveram na sua nova feição ou então pela inserção da verga curva, nas portas e nas janelas.

Constata-se, que contrariamente à tese de Caldas (2011), que define a igreja de fachada barroca micaelense composta por três tramos, três níveis e dois entablamentos, nomeadamente três portas, três janelas no segundo nível e uma janela no terceiro nível, existem mais variantes que obedecem à lógica compositiva da fachada modelo.

Através da tabela “Caraterização do corpo central” (Tabela Gráfica E) podemos ver que o modelo de fachada em análise, acompanha as várias escalas de construção que ocorrem na ilha, desde as igrejas matrizes de três naves às igrejas mais humildes e pequenas de apenas uma nave. Deste modo, a fachada modelo é aquela que apresenta sempre: i) a matriz compositiva de três tramos, três níveis e dois entablamentos, para igrejas de três naves; ii) a de matriz compositiva de três tramos, dois níveis e dois entablamentos, para igrejas de três naves; e iii) a de matriz compositiva de um tramos, um nível e um entablamentos, para igrejas de uma nave.

Excluindo o que não pertence à classificação de fachada modelo, ocorrem outras duas variantes, designadas por nós de fachada família e fachada não padrão. Dentro da chamada fachada família, incluem-se as igrejas que contêm apenas um dos componentes que formam a fachada da igreja modelo, a ornamentação de referente barroca ou a matriz compositiva. Na análise a todas as igrejas

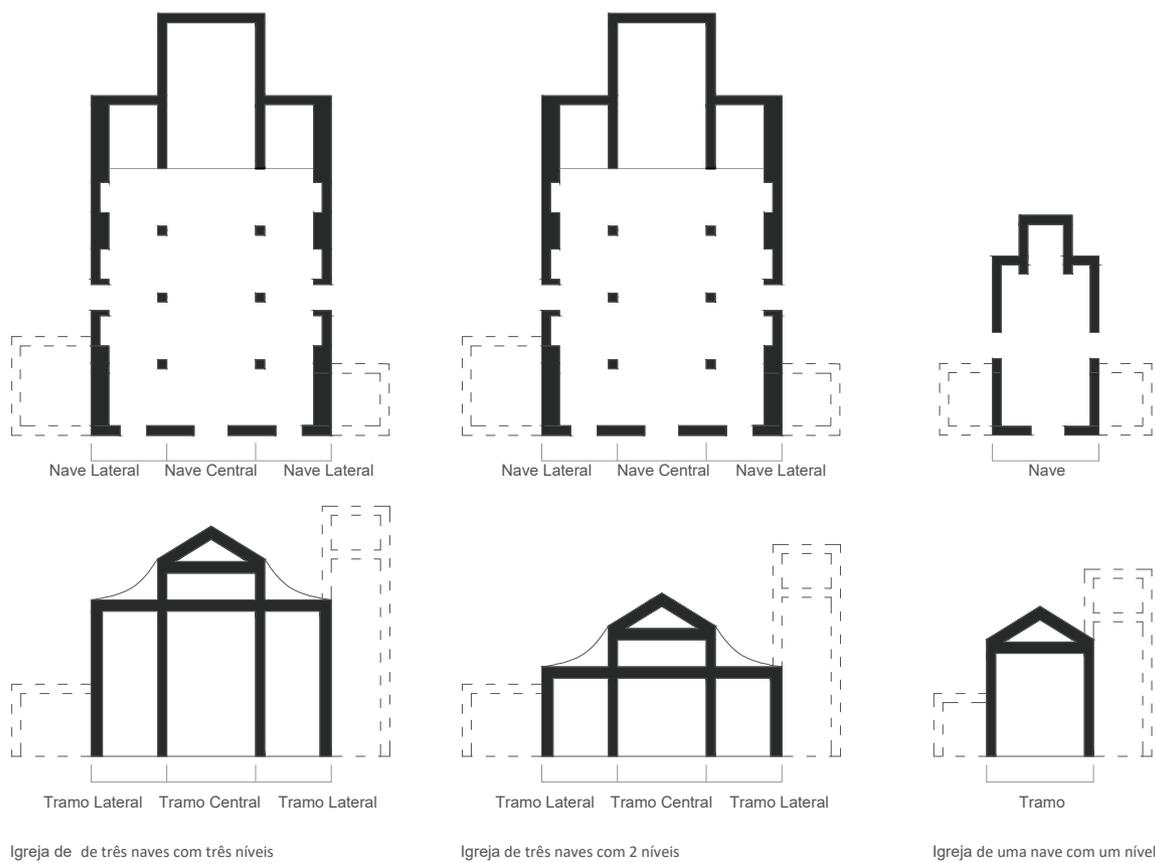


Figura 33 - Tipologia de igrejas micaelenses com fachada modelo

da ilha identificámos dezanove casos, onde sete apresentam a matriz compositiva sem ornamentação e doze apresentam a ornamentação barroca sem a matriz compositiva (Tabela Gráfica E).

Com base na observação direta às fachadas das igrejas da ilha de S. Miguel, podemos afirmar que as igrejas de Mosteiros e de São Roque, apesar da sua métrica de três tramos, os seus frontões não correspondem aos das igrejas modelo, pois têm apenas um entablamento, ou seja, o seu frontão em vez de ser composto por dois entablamentos, demarcando dois frontões é formado por apenas um entablamento. Não ocorre assim o critério de frontão duplo.

Noutros casos, as igrejas de Santo António Nordestino e da Lomba da Fazenda apresentam-se com a matriz compositiva de referente clássica, no entanto, a sua ornamentação é neogótica, o que permite perceber uma reminiscência da ideia das igrejas de fachada modelo, que permaneceu por algum tempo na forma de construir as igrejas na ilha.

A igreja de Água de Pau apesar da sua ornamentação barroca e matriz compositiva corresponder aproximadamente à fachada modelo, apresenta uma estrutura trilítica que não corresponde à totalidade, visto que os seus entablamentos se encontram mal posicionados.

A igreja de São Pedro, de Ponta Delgada, e a igreja de N^a Sr.^a dos Anjos, na Fajã de Baixo, com fachadas quebradas, não correspondem diretamente à classificação modelo, devido à sua volumetria. No entanto, se recorrermos ao exercício de planificação da fachada, convertendo-as em fachadas planas, temos fachadas “próximo” da fachada modelo.

Não podemos esquecer de mencionar a igreja com frontão triangular, como é o caso da Igreja de N^a Sr.^a da Conceição, na Ribeira Grande, que não contém ornamento barroco, mas sim desenho de matriz compositiva de referente clássica.

De seguida, observamos as singularidades da tabela “Caraterização da torre” (Tabela Gráfica F) relativa à torre e sua composição, especificando o estudo apenas nas igrejas modelo. Num conjunto de vinte e oito igrejas de três tramos, seis destas igrejas têm torre à direita, e vinte e duas apresentam torre à esquerda. Nestas vinte e duas igrejas, apenas duas das suas torres no seu remate superior culminam

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

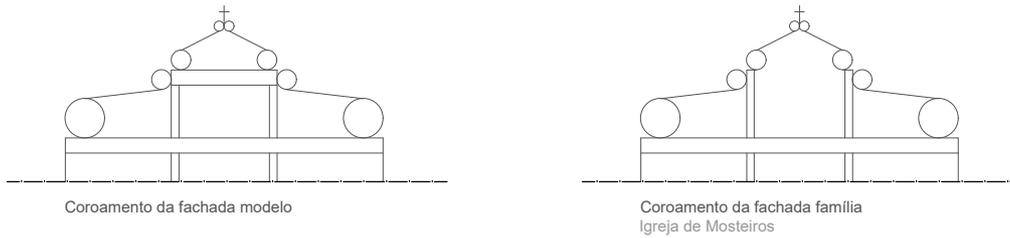


Figura 34 - Comparação de coroamento da fachada modelo com a fachada família

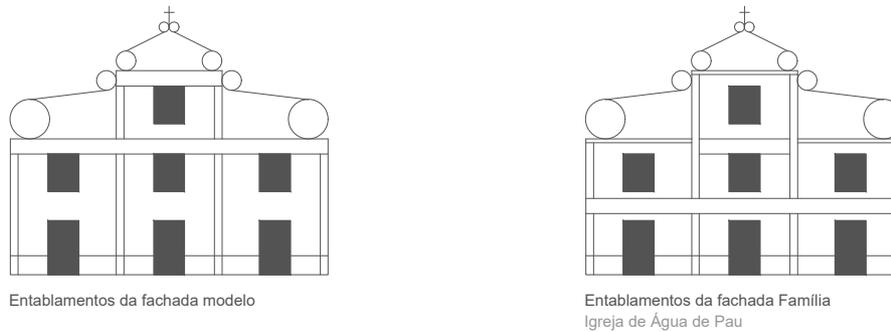


Figura 35 - Comparação de entablamento da fachada modelo com a fachada família

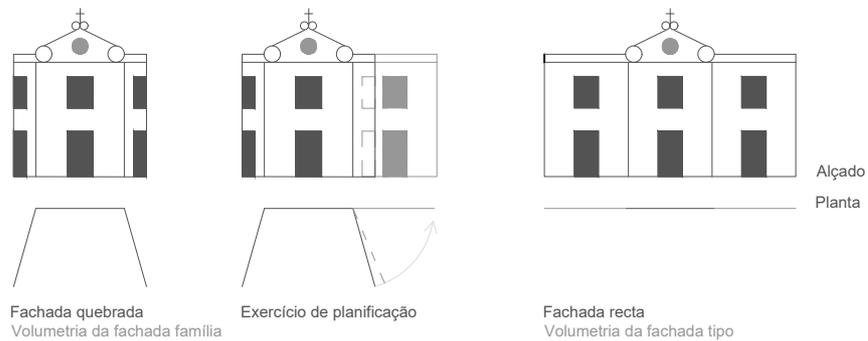


Figura 36 - Comparação da volumetria da fachada modelo com a fachada família

em cobertura, criando uma exceção, pois o remate comum da torre é feito pela simples balaustrada. No que diz respeito, às treze igrejas de um tramo, seis igrejas têm torre à direita e as restantes sete apresentam torre à esquerda.

Desta forma, a localização da torre em geral é preferencialmente à esquerda, mas quando não é possível, excepcionalmente, devido à falta de espaço de implantação, a construção da torre é feita à direita. É necessário não esquecer que a construção da torre em muitos casos ocorre posteriormente à construção do corpo da igreja.

Constatando-se que em alguns casos, nomeadamente na igreja da Água Retorta, a torre ainda é da antiga construção, e a fachada não apresenta batistério, pela falta de área à esquerda da igreja.

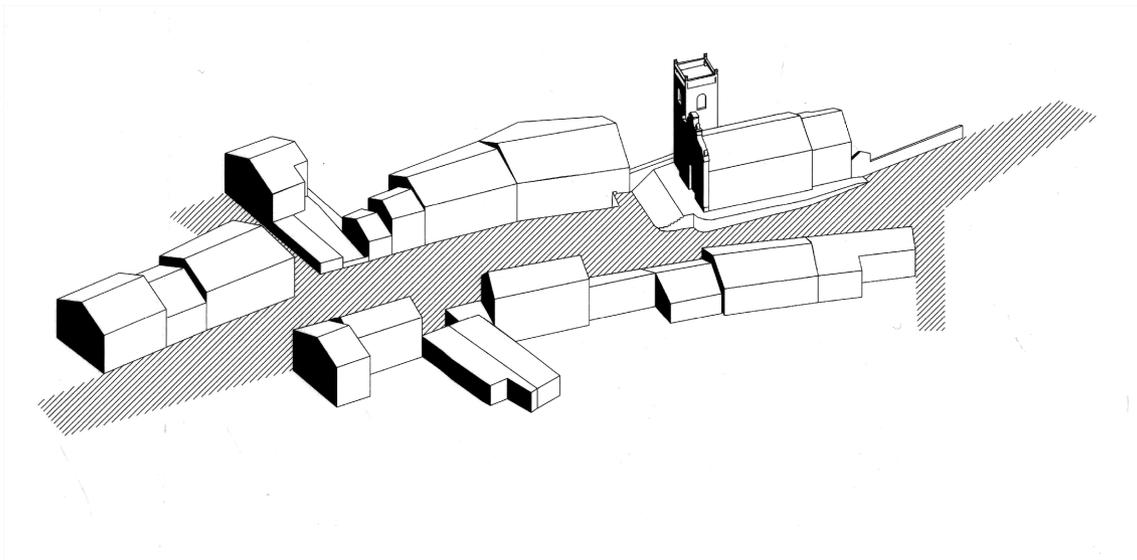
Em outros casos, como na igreja do Faial da Terra, na igreja do Rosário da Lagoa, na igreja dos Remédios da Bretanha, na igreja de Santa Clara e na igreja da Atalhada da Lagoa, a torre foi localizada à direita pela falta de área suficiente para a implantação à esquerda da fachada, devido à presença de um arruamento. No caso da igreja do Faial da Terra pode-se ainda observar que a pedra usada na lavra da torre é de tipo diferente da pedra usada na lavra do corpo da fachada (de tons mais acastanhados) ao que tudo indica trata-se de uma construção com intervenção de épocas diferentes na fachada.

A igreja de Santana das Furnas e a igreja dos Milagres nos Arrifes, têm a torre à direita, devido à presença de uma construção no lado esquerdo recuado, que parece ser uma construção mais antiga.

Em casos singulares como é o caso da igreja de Santa Cruz da Lagoa não existe batistério à esquerda, pois a implantação desta igreja fez-se rasante à costa. Assim por uma questão de segurança, a torre foi colocada à direita para evitar acidentes e destruições, tal como na igreja do Porto Formoso, em que a torre está implantada à esquerda devido a uma questão de firmeza, uma vez que existe um muro de contenção à esquerda que suporta todo o adro da igreja.

No caso da igreja da Saúde dos Arrifes, a sua torre demonstra bem a sua autonomia em relação à restante fachada, não só em termos da sua composição distinta, mas também pela subtração do cunhal e pináculo direito.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Os arruamentos (Igreja da Atalhada)



As pré-existências (Igreja velha das Furnas)



O local (Igreja de São Roque)

Figura 37 - Implantação da torre de acordo com:

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)



Igreja Matriz da Ribeira Grande no séc. XIX



Igreja Matriz da Ribeira Grande no séc. XXI

Figura 38 - Relação da torre com o corpo da fachada

Relativamente às torres localizadas à esquerda, há que destacar a torre da igreja matriz da Ribeira Grande e a torre da igreja matriz de Ponta Delgada. No que concerne, à torre da igreja matriz da Ribeira Grande estamos perante uma exceção pela sua larga dimensão, esta possui dois pares de arcos em dois níveis, e apresenta-se sem reboco. Em tempos idos esta torre era rebocada e dava a ilusão de estar mais integrada na fachada. Atualmente, a torre apresenta-se com um carácter de “forte” devido ao seu embasamento. Em relação à torre da igreja matriz de Ponta Delgada, esta apresenta apenas um par de arcos, mas de menor largura que a da igreja matriz da Ribeira Grande, é coroada por uma cobertura, à semelhança da igreja das Capelas.

Os restantes casos de estudo apresentam o campanário composto por apenas um arco, coroado por balaustrada.

As torres, quando compostas por óculos ou sem qualquer tipo de vão, e quando não mantêm relação com a lógica compositiva do corpo da fachada e não fazem ligação entre os dois volumes, por meio do seu entablamento, correspondem exclusivamente à sua função primordial (ou seja, funcionam como um meio de comunicação e de fortaleza, sendo possuidoras de pequenos rasgos que iluminam as escadas que dão acesso ao campanário).

O modelo de torres descrito em cima existe em maioria na ilha, sendo a torre composta por três óculos o modelo que se verifica em maior número. Com estas características identificámos cinco casos de estudo. Em contrapartida, as torres compostas por janelas de verga reta, como as da igreja da Maia, da igreja matriz dos Fenais da Ajuda e da igreja de Santa Cruz da Lagoa, surgem numa relação com a fachada, podendo no desenho, morfologia e ornamentação estarem ou não alinhadas com os lintéis das portas e janelas do corpo.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

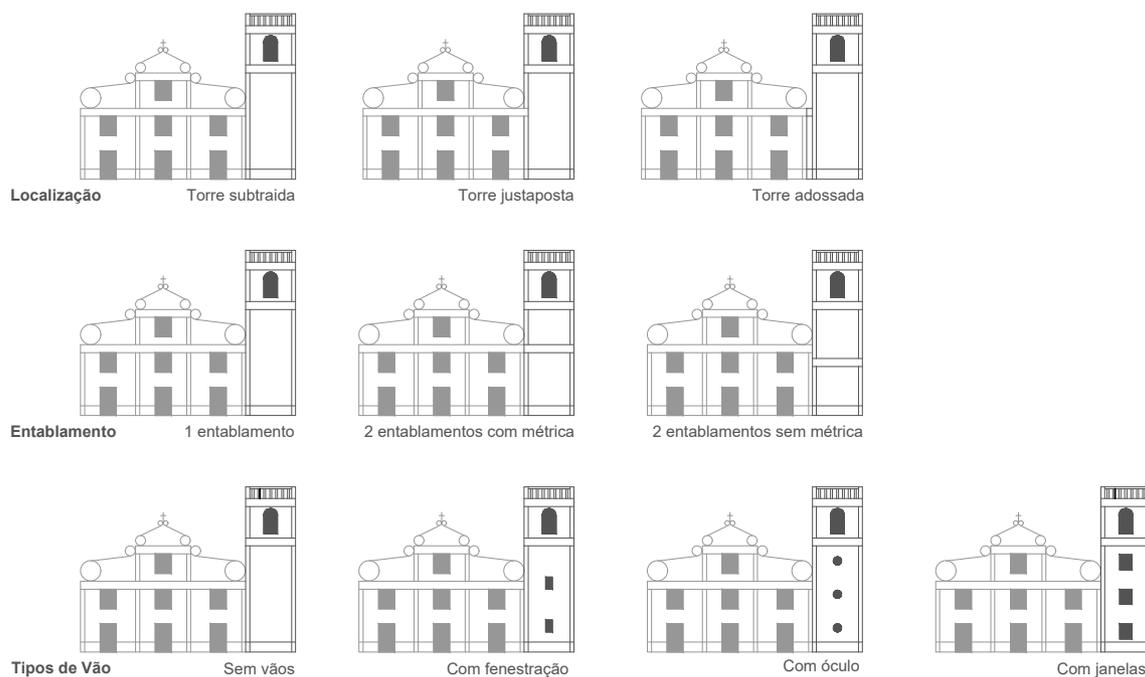


Figura 39 - Análise morfológica do corpo da torre

Das torres analisadas as que fazem a ligação com o corpo da fachada são a da igreja de Rabo de Peixe e a da igreja matriz da vila da Povoação, onde o entablamento do corpo da igreja entre o segundo e o terceiro nível prolonga-se pela torre, numa procura de ligação entre os dois volumes.

Observando o desenho (Tabela Gráfica F) evidencia-se a predominância da torre à esquerda, adossada ao corpo da fachada. Esta torre é composta por três óculos e por um entablamento entre os vãos (corpo) e a balaustrada (coroamento), embora esta seja uma tipologia que em nada se enquadra na restante fachada.

De seguida, verificam-se as singularidades na observação da tabela “Caraterização do batistério” (Tabela Gráfica G) relativa ao batistério e sua composição. Especificamos o estudo apenas das igrejas de fachada modelo, num conjunto de vinte e oito igrejas de três tramos, das quais nove não têm batistério, duas apresentam batistério à esquerda, e as restantes dezassete igrejas têm batistério à direita.

Importa ainda dizer no que diz respeito às treze igrejas de um tramo, que nove não têm batistério e as restantes quatro apresentam batistério à direita, não havendo nenhum caso com batistério à esquerda.

Constata-se em alguns casos e de forma particular, como no caso da igreja do Faial da Terra, que o batistério está ligeiramente recuado em relação ao plano da restante fachada, devido à falta de área de implantação e que a sua janela é de verga reta em oposição às janelas de verga curva do corpo da fachada, o que indica ser uma construção mais recente. Assim, comprovamos a teoria de Caldas (2011) quando este afirma que estes apêndices das igrejas são construções independentes e de épocas mais recentes.

O facto de a igreja da Saúde dos Arrifes não ter batistério, bem como as restantes igrejas que não têm batistério, deve-se geralmente à falta de área de implantação no seu adro, quer à esquerda quer à direita, uma vez que a torre já ocupa o lado direito do adro.

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

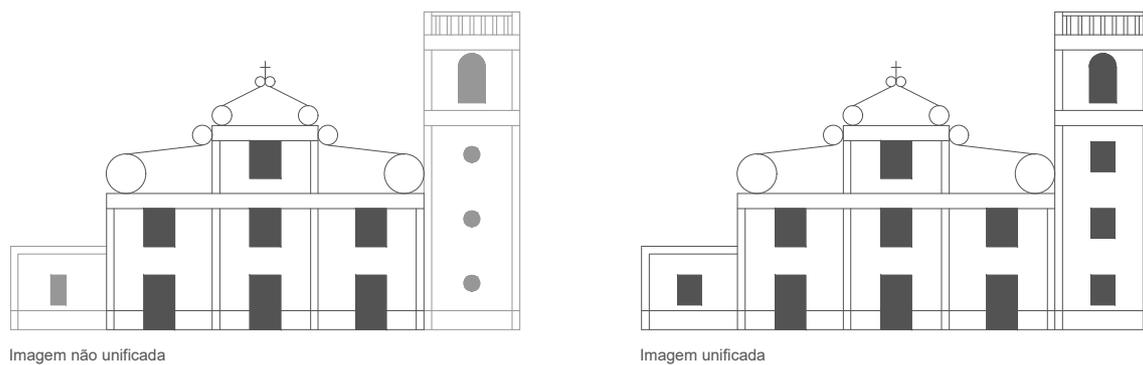


Figura 40 - Comparação da composição da fachada modelo

Deste modo, a maioria das igrejas apresenta batistério, ligeiramente recuado ou não, adossado, justaposto ou separado, sendo o mais comum, o batistério localizado à direita, com apenas uma janela, que tenta seguir e relacionar-se com a fachada do corpo a partir do seu alinhamento ou decoração da moldura.

Nas tabelas “Estudos da torre e do batistério” e “Estudo dos 3 corpos” (Tabelas Gráficas H e I) podemos observar as relações dos três corpos (corpo, torre e batistério) que compõem as igrejas da ilha de S. Miguel, e ainda podemos relacionar estes corpos independentes numa leitura global da fachada.

Na tabela “Estudos da torre e do batistério” (Tabela Gráfica H) verifica-se um maior número de variantes de acordo com as suas especificações de classificação. Registamos mais casos de estudo com torres compostas por três óculos e batistérios compostos por um vão de verga reta simples. Nestes casos observa-se assim fachadas não unificadas. Para além disso, relativamente à sua localização, podemos concluir que de facto o batistério ocupa lugar principal logo a seguir ao centro (corpo central) e a torre sineira só ocupa esse lugar na ausência do batistério.

Na tabela “Estudo dos 3 corpos” (Tabela Gráfica I) destacam-se três casos onde os vãos do batistério e das torres são idênticos, aproximando-se da métrica da fachada do corpo da igreja. Deste modo, a igreja dos Fenais da Ajuda, a Igreja da Maia e a Igreja do Rosário da Lagoa são as únicas que no seu conjunto apresentam uma imagem unificadora.

A tabela “Medição das fachadas” (Tabela Gráfica J) diz respeito ao dimensionamento da fachada da igreja (corpo, torre e batistério) e nela pode-se observar que as medidas oscilam de acordo com a escala da igreja, ou seja, se corresponde a três ou uma nave.

Tabela 8 – Medidas das Fachadas

Nome: Igreja/ Freguesia	Data	Medida total da fachada	Medida (m) corpo	Medida (m) torre	Medida (m) batistério
Igreja de Santa Clara Freguesia de Santa Clara (P.D.)	1728	11	8	3	x

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 -1882)

Nome: Igreja/ Freguesia	Data	Medida total da fachada	Medida (m) corpo	Medida (m) torre	Medida (m) batistério
Igreja Matriz de N. S.ª da Estrela Freguesia Matriz (R.G.)	1728-1736	30	18	7	5
Igreja Matriz de S. Sebastião Freguesia S. Sebastião (P.D.)	1733-1748	31	21	6	4
Igreja de Santo António Freguesia Santo António (P.D.)	1734	21	15	3	3
Igreja de N. S.ª da Saúde Freguesia Arrifes (P.D.)	2ª Metade do séc. XVIII	17	14	3	x
Igreja de N. S.ª do Rosário Freguesia vila da Povoação (P.)	2ª Metade do séc. XVIII	17	12	5	x
Igreja de Fenais da Luz Freguesia dos Fenais da Luz (P.D.)	1756	24	15	4	5
Igreja de São Pedro Freguesia de São Pedro (V.F.C.)	1758	10	10	x	x
Igreja de N. S.ª do Rosário Freguesia do Rosário (L.)	1764-1773	21	17	4	x
Igreja de N. S.ª da Ajuda Freguesia da Ajuda da Bretanha (P.D.)	1771	24	17	3	4
Igreja de São Vicente Ferreira Freguesia de São Vicente Ferreira (P.D.)	1780	17	10	3	4
Igreja de N. S.ª da Anunciação Freguesia da Achada (N.)	1788	20	14	3	3
Igreja de Santana Freguesia das Furnas (P.)	1791	14	11	3	x
Igreja de São Jorge Freguesia vila de Nordeste (N.)	1796	25	17	4	4
Igreja do Espírito Santo Freguesia da Maia (R.G.)	1796	25	17	3	4
Igreja de N. S.ª da Apresentação Freguesia de Capelas (P.D.)	séc. XVIII	21	17	4	x
Igreja do Menino Jesus Freguesia de Rabo de Peixe (R.G.)	séc. XVIII	23	15	4	4

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 -1882)

Nome: Igreja/ Freguesia	Data	Medida total da fachada	Medida (m) corpo	Medida (m) torre	Medida (m) batistério
Igreja de N. S. ^a da Graça Freguesia de Porto Formoso (R.G.)	séc. XVIII	23	15	3	5
Igreja de N. S. ^a dos Prazeres Freguesia do Pico da Pedra (R.G.)	1802-1807	18	15	3	x
Igreja de São Sebastião Freguesia de Ginetes (P.D.)	1811	14	8	4	2
Igreja de N. S. ^a das Candeias Freguesia de Candelária (P.D.)	1881-1826	14	8	3	3
Igreja de N. S. ^a dos Milagres Freguesia de Arrifes (P.D.)	1816-1831	12	8	4	x
Igreja de São Salvador do Mundo Freguesia de Ribeirinha (R.G.)	1826-1861	24	15	5	4
Igreja de N. S. ^a das Necessidades Freguesia de Rosário (L.)	1828	10	7	3	x
Igreja de São Pedro Freguesia de Ribeira Seca (R.G.)	1830	24	15	4	5
Igreja de São Pedro Freguesia da Lomba de São Pedro (R.G.)	1830	9	7	2	x
Igreja do Bom Jesus Freguesia de Ribeira das Taínhas (V.F.C.)	1833	11	8	3	x
Igreja dos Santos Reis Magos Freguesia de Fenais da Ajuda (R.G.)	1843	21	14	4	3
Igreja de Santa Cruz Freguesia de Santa Luz (L.)	1844	20	16	4	x
Igreja de N. S. ^a da Piedade Freguesia de Ponta Garça (V.F.C.)	1846-1869	22	14	4	4
Igreja de N. S. ^a da Misericórdia Freguesia de Cabouco (L.)	1847	17	14	3	x
Igreja de N. S. ^a da Graça Freguesia de Faial da Terra (P.)	1848	17	14	3	x
Igreja de N. S. ^a Mãe de Deus Freguesia de vila da Povoação (P.)	1848-1856	26	18	4	4

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 -1882)

Nome: Igreja/ Freguesia	Data	Medida total da fachada	Medida (m) corpo	Medida (m) torre	Medida (m) batistério
Igreja de N. S. ^a dos Remédios Freguesia de Remédios da Bretanha (P.D.)	1856	12	9	3	x
Igreja de N. S. ^a do Pilar Freguesia de Pilar da Bretanha (P.D.)	1862	11	8	3	x
Igreja de N. S. ^a do Amparo Freguesia de Algarvia (N.)	1865	16	9	3	4
Igreja de N. S. ^a do Rosário Freguesia da Lomba da Maia (R.G.)	1868-1870	25	16	6	3
Igreja de Santana Freguesia de Santana (N.)	1869	18	12	3	3
Igreja de N. S. ^a Penha de França Freguesia de Água Retorta (P.)	1871	17	14	3	x
Igreja de N. S. ^a da Luz Freguesia da Lomba da Pedreira (N.)	1872	17	13	4	x
Igreja de N. S. ^a do Rosário Freguesia da Achadinha (N.)	1882	20	14	3	3

De modo geral, no que diz respeito ao batistério, ambas as escalas apresentam uma dimensão (de frente) de dois a cinco metros ou tem sete metros, sendo a dimensão de quatro metros a mais comum nos dois tipos de igrejas (planta de três naves e planta de uma nave).

No que diz respeito à torre o mesmo acontece na dimensão da sua frente, existindo igrejas em que a torre varia entre os dois a cinco metros ou tem seis metros, sendo o caso mais comum a torre com três e quatro metros de largura de frente em ambos os tipos de igrejas.

Em relação à dimensão do corpo da fachada, observa-se que esta varia entre os sete a dezoito metros ou tem vinte e um metros, sendo que as igrejas do tipo de três naves, geralmente, apresentam catorze e quinze metros de largura e as igrejas de uma nave, geralmente, apresentam fachadas de oito metros de largura.

Tabela 9 – Relação de medidas dos diversos corpos da fachada

Metros	Corpo	Quantidade (unidades)	
		Torre	Batistério
2	-	1	1
3	-	18	7
4	-	13	10
5	-	3	2
6	-	2	-
7	2	-	1
8	6	-	-
9	2	-	-
10	2	-	-
11	1	-	-
12	2	-	-
13	2	-	-
14	7	-	-
15	7	-	-
16	2	-	-
17	5	-	-
18	2	-	-
21	1	-	-

5.3.3 Síntese e evolução

Perante a tabela “Tipologia das principais plantas de igrejas portuguesas” (Tabela Gráfica K) analisada neste capítulo, entende-se que o espaço da igreja no continente seguiu a nova ideologia implementada no Concílio de Trento em meados do séc. XVI, onde não consta a igreja de três naves, com nave central mais larga e alta do que as restantes laterais, muito típico das igrejas góticas (séc. XIV).

Mesmo antes do Concílio, registam-se casos de igrejas-salão, de planta quadrada e retangular, onde apesar de existir a presença de colunas ou pilares, as igrejas apresentam a mesma largura, o que permite o entendimento do espaço na globalidade.

A partir do séc. XVI surgem novos modelos de igreja, como: i) as igrejas cripto colaterais; ii) as igrejas em forma de caixa; e iii) as igrejas de nave-sala. No entanto, estes modelos não se registam em São Miguel. Nesta ilha estão profundamente implantadas as igrejas de três naves, numa maior escala, e as

igrejas de uma nave, numa menor escala. Só no séc. XX é que foi amplamente difundido em São Miguel as igrejas de nave-sala.

Constata-se que ao longo dos séculos, no continente, novas técnicas construtivas surgiram o que permitiu vencer vãos de grande dimensão sem perder o caráter de monumentalidade das igrejas, contrariamente ao que acontecia na ilha de São Miguel, uma vez que o material autóctone não permitia tais construções. Veja-se o registo da demolida igreja da Misericórdia de Ponta Delgada, que é recordada como a pioneira na introdução da planta de igreja-salão. Esta distingue-se, segundo Albergaria (2009), das do ciclo manuelino pela existência de fachada axial, capela única na cabeceira e altares pouco profundos no corpo do templo, mas o seu processo de obras foi muito longo e a igreja sofreu vários entraves a nível técnico da obra, registando-se um problema crónico da abóbada.

Na tabela “Sistematização das fachadas das igrejas da ilha de São Miguel através duma distribuição tipológica” (Tabela Gráfica L) podemos inferir que a igreja de fachada modelo não tem presença nos grandes centros urbanos, como podemos verificar na cidade de Ponta Delgada, onde estão presentes as igrejas conventuais. A igreja de fachada modelo é característica dos pequenos centros urbanos e rurais, freguesias de muita história, cuja presença da vida popular ainda é muito vincada.

Na “Sistematização da fachada modelo” (Tabela Gráfica M) definimos o desenho síntese da representação da igreja de fachada modelo, de acordo com os critérios mencionados no subcapítulo 4.3, intitulado fachada (modelo) e cruzamos a análise com as representações gráficas desenvolvidas ao longo do subcapítulo 5.2.

Deste modo, a fachada modelo é definida pelo sistema trilítico, presente na fachada por entablamentos verticais e horizontais que delimitam panos de parede, designados de tramos e estratos, onde todos os elementos apresentam a mesma expressão. Esta fachada é reflexo da sua planta, uma vez que as pilastras correspondem aos pilares ou colunas da planta.

O número de tramos e níveis da fachada modelo vai variando e adaptando-se à escala da igreja, uma vez que esta obedece aos critérios estabelecidos no subcapítulo 4.3 relativo à fachada modelo,

Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 - 1882)

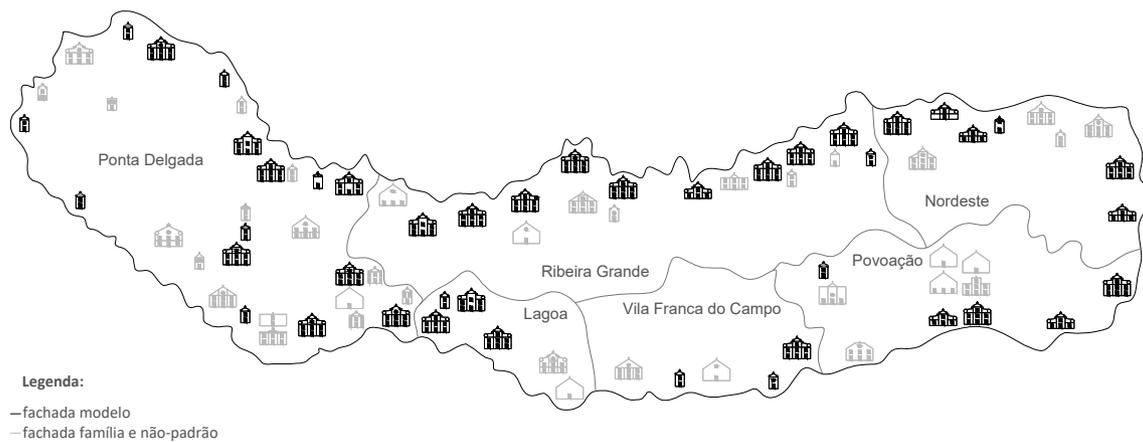
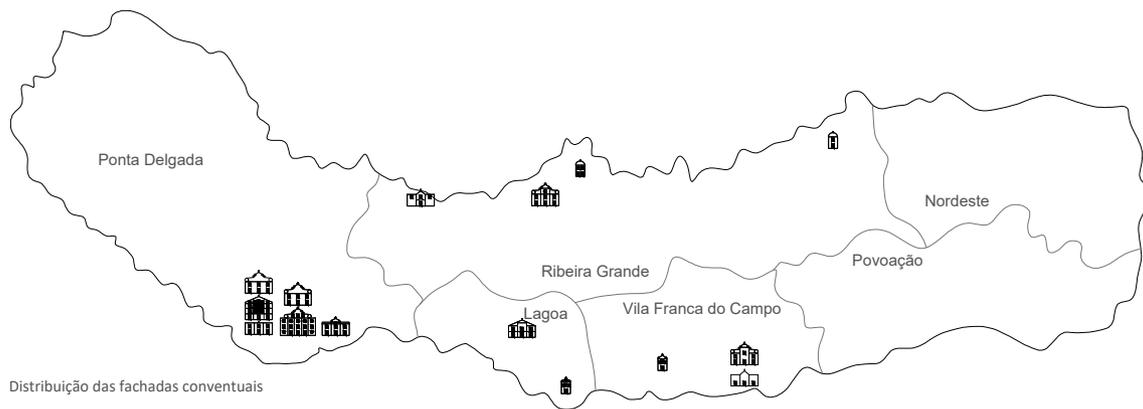


Figura 41 - Distribuição tipológica das fachadas das igrejas da ilha de São Miguel

contrariamente ao que defende Caldas (2011) quando este afirma que apenas a igreja de fachada barroca micaelense é composta por três naves e três níveis.

Deste modo, a igreja de fachada modelo diz respeito a um grupo de fachadas que se organizam através duma matriz compositiva segundo princípios clássicos e cuja ornamentação barroca simplificada está presente nas suas exuberantes volutas e altos embasamentos contínuos. Para o entendimento da organização, formato e quantidade de vãos, usamos a informação obtida através do número de casos que mais se repetem nas tabelas do corpo, da torre e do batistério (Tabelas Gráficas E, F, G, H e I).

Deste modo, foram criados três desenhos de fachada modelo de acordo com a escala do edificado. Relativamente à informação sobre o corpo central da fachada, analisou-se a tabela gráfica E onde constatou-se que as igrejas apresentam molduras nos portais e nas janelas sempre com a mesma linguagem ornamental, destacando-se a moldura superior dos portais (lintel) que apresenta maior expressão encimada pelos aventais das janelas.

Foram criados três desenhos de corpo central modelo de acordo com a escala do edificado: i) nas igrejas de três tramos, três níveis e dois entablamentos ocorrem quatro casos que apresentam três portas encimadas por três janelas coroadas por um óculo; treze casos que apresentam três portas encimadas por três janelas coroadas por uma janela de menor dimensão; e apenas um caso que apresenta uma subtração da janela que encima a porta ladeada por janelas; ii) nas igrejas de três tramos, dois níveis e dois entablamentos ocorrem três casos que apresentam três portais encimados por três janelas, cuja janela central de maior dimensão encontra-se desalinhada em relação às laterais; cinco casos que apresentam uma porta ladeada por janelas, cuja porta é encimada por uma janela; e um caso que apresenta uma porta encimada por uma janela cujos tramos laterais são cegos; iii) nas igrejas de um tramo, um nível e um entablamento ocorrem três casos que apresentam uma porta encimada por um óculo; quatro casos que apresentam uma porta encimada por uma janela; outros quatro casos que apresentam uma porta encimada por uma janela coroada por um óculo; um caso que apresenta uma porta coroada por uma janela; e um caso que apresenta uma porta coroada por uma janela.

Relativamente à informação sobre a torre, analisou-se a tabela gráfica F onde constatou-se que este corpo ocorre maioritariamente à esquerda com composição métrica distinta dos restantes outros dois corpos (corpo central e batistério), composta por um campanário coroadado por balaustrada.

Foram criados três desenhos de torre modelo de acordo com a escala do edificado: i) nas igrejas de três tramos, três níveis e dois entablamentos ocorrem um caso sem vãos e outro com apenas uma fresta; dois casos coroadas por cobertura; nove casos com óculos distribuídos pelo corpo da torre variando o seu número em 2, 3 e 4, sendo mais recorrente a torre com três óculos; e dois casos com três janelas distribuídas pelo corpo da torre cuja moldura das janelas recorre à mesma composição morfológica das restantes janelas presentes no corpo central; ii) nas igrejas de três tramos, dois níveis e dois entablamentos ocorrem um caso sem vãos; um caso com apenas uma fresta e duas frestas; um caso com dois óculos distribuídos pelo corpo da torre; e três casos com três óculos distribuídos pelo corpo da torre; iii) nas igrejas de um tramo, um nível e um entablamento ocorrem dois casos sem vãos; um caso com apenas uma fresta; dois casos com apenas um óculo; um caso com dois óculos distribuídos pelo corpo da torre; e um caso com três óculos distribuídos pelo corpo da torre.

Relativamente à informação sobre o batistério, analisou-se a tabela gráfica G onde constatou-se que este corpo ocorre maioritariamente à direita com composição métrica distinta dos restantes outros dois corpos (corpo central e torre), composta por uma janela e com apenas um nível.

Foram criados três desenhos de batistério modelo de acordo com a escala do edificado: i) nas igrejas de três tramos, três níveis e dois entablamentos ocorrem um caso sem vãos; cinco casos com um vão de moldura simples e de menor dimensão em relação aos restantes vãos do corpo central; e seis casos com um vão de menor dimensão e de moldura com a mesma lógica compositiva dos restantes vãos do corpo central; ii) nas igrejas de três tramos, dois níveis e dois entablamentos ocorre apenas um caso com batistério à direita cuja composição apresenta apenas um vão de menor dimensão e de moldura com a mesma lógica compositiva dos restantes vãos do corpo central; iii) nas igrejas de um tramo, um nível e um entablamento ocorrem apenas quatro casos com batistério à direita cuja composição apresenta apenas um vão com moldura simples.

Cruzando as informações presentes no capítulo 4. e 5., obtemos três tipos de fachada (modelo):

i) fachada de igreja de três naves composta por três tramos, três níveis e dois entablamentos que corresponde a três portas no nível inferior (cada uma no seu tramo), três janelas no nível intermédio (cada uma no seu tramo) e uma janela no nível superior e no tramo central. Este modelo existe contrariamente ao que acontecia no nível superior e no tramo central das então igrejas-mãe compostas por um nicho ladeado por um par de janelas;

ii) fachada de igreja de três naves compostas por três tramos, dois níveis e dois entablamentos que corresponde a uma porta ladeada por duas janelas no nível inferior (cada uma no seu tramo), três janelas no nível intermédio (cada uma no seu tramo) e uma janela no nível superior e no tramo central;

iii) fachada de igreja de uma nave composta por um tramo, um nível e um entablamento que corresponde a uma porta central, encimada por uma janela.

Estas igrejas em análise são acompanhadas sempre pela torre à esquerda composta por um entablamento que divide o corpo da torre do coroamento que tende a seguir o alinhamento do entablamento do corpo da fachada.

Nas igrejas acima descritas, observamos que o corpo da torre é organizado por três óculos, no caso das igrejas de três níveis e sem fenestração nos casos das igrejas de dois e um nível.

Relativamente, ao batistério, em ambos os casos, este encontra-se à direita, é de um piso, e é composto por uma singela janela.

Contudo, todas as restantes variantes que ocorrem nas igrejas analisadas, não deixam de fazer parte do que é designado por igreja de fachada modelo, uma vez que respeitam os componentes principais, a matriz compositiva de referente clássica e a decoração/ornamentação barroca.

5.4 Síntese do capítulo

A partir das tabelas desenvolvidas neste capítulo conseguiu-se delimitar, dentro do vasto leque de igrejas paroquiais católicas da ilha de São Miguel, aquelas que fazem parte da designada fachada modelo, daquelas que não se enquadram neste conjunto ou que apresentam algumas reminiscências da fachada modelo, desenvolvendo-se os conceitos de fachada família e fachada não padrão.

Este perfil de paisagem transmitido pelas várias igrejas com fachadas idênticas, permite falar numa igreja de fachada modelo micalense, devido à sua matriz compositiva que possui referente clássica, composta por tramo, estrato e entablamento, embelezados com ornamentos barrocos, demarcados pela pedra negra de basalto, sobre o branco da cal da parede.

Para além disso, a fachada modelo está presente nos pequenos centros urbanos e rurais e não nos grandes centros urbanos, como é o caso de Ponta Delgada e da Vila Franca do Campo, permitindo concluir tratar-se de edificações feitas pelos populares e para os populares, materializando a fé e a cultura popular muito vincada nestes territórios periféricos.

Há que referir, que esta fachada modelo encontra-se balizada entre o séc. XVIII e o XIX, seguindo o modelo das igrejas mãe da matriz da Ribeira Grande e da matriz de Ponta Delgada, com reminiscências da anterior igreja conventual franciscana da Ribeira Grande.

As tabelas analisadas neste capítulo, mostram que as igrejas paroquiais na ilha de São Miguel apresentam uma matriz compositiva de referente clássica à semelhança das do continente, no entanto, este modelo é adaptado à planta de três naves, sendo esta planta arcaica para a sua época de construção, séc. XVIII e XIX, o que comprova a tese defendida por Caldas (2011).

Ainda é possível concluir que a existência de características idênticas entre as fachadas micalenses verifica-se nas várias escalas de igrejas, uma vez que a matriz compositiva de referente clássica e a ornamentação de referente barroca são idênticas e são adaptadas aos diversos tamanhos de edifícios, contrariamente ao que Caldas (2011) defende, dizendo que a igreja de fachada barroca micalense só

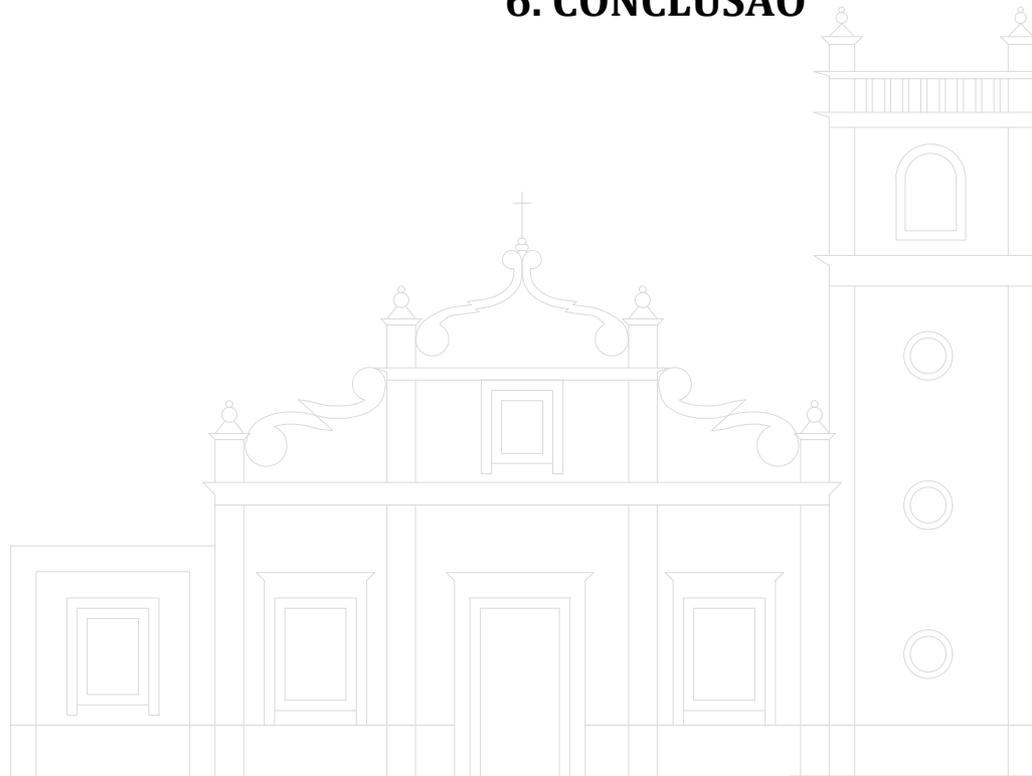
se restringe às igrejas de fachada compostas por três tramos, três níveis e dois entablamentos cuja planta é composta por três naves.

A fachada modelo é composta por três volumes (corpo, torre e batistério) (CALDAS, 2011), que apesar de estar completa apenas com o volume do corpo, não se lê isoladamente, mas sim no conjunto dos três volumes, independentemente de seguirem ou não os três volumes a mesma lógica compositiva.

Ao longo do estudo verificamos a existência de três igrejas que unificaram a lógica compositiva dos três corpos (corpo, torre e batistério) através de um único desenho de vãos em termos morfológicos (forma e tipo de moldura dos vãos). A igreja dos Fenais da Ajuda, a igreja da Maia e a igreja do Rosário da Lagoa, em nosso entender, apresentam uma imagem de fachada forçada, na medida em que se observa apenas o cuidado do desenho, descurando o espaço interior em prol da aparência da fachada.

Por fim, este capítulo apresenta uma metodologia, assente na observação dos edifícios religiosos com base em ferramentas de desenhos analíticos e sintéticos para a leitura e análise das igrejas de fachada modelo.

6. CONCLUSÃO



De acordo com a informação recolhida e apresentada no início deste trabalho de pesquisa, foi possível analisar e sintetizar uma tipologia de fachada entre as várias igrejas paroquiais da ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores, e simultaneamente mapear e estabelecer um modelo de fachada micaelense, conforme os princípios de composição presentes nas fachadas analisadas. A análise da matriz compositiva das fachadas das igrejas paroquiais de São Miguel, permitiu delimitar dentro do vasto leque de igrejas paroquiais católicas da ilha de São Miguel, aquelas que fazem parte da designada fachada modelo daquelas que não se enquadram neste conjunto ou que apresentam algumas reminiscências da fachada modelo.

A partir da investigação realizada no estado da arte do objeto de estudo desta dissertação, percebemos a existência de lacunas. Detetámos carência de estudos científicos sobre o tema de pesquisa e não foram encontrados os registos gráficos (plantas, alçados e outros) das igrejas. Desta forma, acrescentamos aos estudos já publicados um contributo de fundamento urbanístico e arquitetónico que se baseia em análises trabalhadas fundamentalmente a partir de fotografia antiga e atual e do desenho assistido por computador.

Através dos estudos realizados por Canto (2000), Costa (1956) e Dias (1949-1950) foi possível desenvolver uma tabela síntese de todo o edificado religioso da ilha de S. Miguel. Cruzámos esta informação com as tabelas gráficas D e E e concluímos que as igrejas com fachada modelo estão balizadas entre 1728 e 1882. Registámos, também, que esta tipologia de fachada é desenvolvida a partir da igreja matriz da Ribeira Grande, de 1728, e da igreja matriz de Ponta Delgada, de 1733, com reminiscências da igreja conventual franciscana da Ribeira Grande, de 1622, igrejas consideradas por Ataíde (2011 [1973]a) e Caldas (2012) de igrejas-mãe que serviram de exemplo e de modelo para todas as restantes igrejas que foram construídas na ilha.

Com base nesta informação, concluímos que embora o Concílio de Trento (1545-63) pretendesse que as igrejas católicas obedecessem a determinados princípios, que visavam a uniformidade da imagem da igreja e a criação de um espaço único, como é o caso da igreja-mãe de Gesú, apuramos que na ilha de São Miguel tal não se verificou, pois as igrejas de fachada modelo de maior escala apresentam planta de três naves.

Tal ausência de construção, pode ser consequência do material autóctone que não permitia que as igrejas na ilha fossem construídas segundo os princípios definidos por este Concílio. Veja-se o registo da demolida igreja da Misericórdia de Ponta Delgada (1577), do arquiteto militar Pero de Maeda, que é recordada como a pioneira na introdução da planta de igreja-salão, mas cujo processo de edificação foi muito longo, a nível técnico da obra, registando-se um problema crónico na abóbada. No entanto, apesar de não obedecer ao princípio de unidade espacial, seguiu as normas essenciais do Concílio de Trento, na procura de uma igreja com uma imagem unificadora.

Todavia, a quebra da fachada modelo e a alteração da imagem da igreja micaelense dá-se nos séculos XX e XXI e deve-se aos novos princípios do Concílio Vaticano II (1961-65) com a necessidade da igreja se dirigir e de se aproximar a todos os homens e não apenas aos filhos da igreja, modificando mais uma vez o desenho da igreja, numa atitude de maior liberdade e de aproximação do altar para o centro da igreja-comunidade.

No desenvolvimento do estudo sobre as igrejas de S. Miguel, sentimos a necessidade de contextualizar o objeto de estudo urbanisticamente de forma a compreender a importância destes espaços religiosos no desenho da cidade e percebermos a sua influência no crescimento desta. Focando o estudo no território insular, mais concretamente em S. Miguel, é possível constatar-se que os espaços religiosos adquirem maior grandeza e simbologia na malha urbana, não só pela sua localização de destaque, mas também pela grandeza do seu edificado face aos restantes edifícios que compõem a malha urbana da ilha.

No urbanismo insular da ilha de São Miguel, os primitivos povoados organizavam-se por núcleos urbanos e rurais de simples complexidade, estruturados de acordo com as condições existentes no território, e com um desenho urbano baseado nas cidades medievais portuguesas do séc. XIII e XIV. Independentemente da sua localização litoral ou interior, os tecidos urbanos na ilha de S. Miguel organizam-se sempre segundo as mesmas conceções, delimitados por arruamentos principais, estruturadores da malha urbana, onde a igreja, partilhando espaço com outras entidades, apresenta-se como um elemento de grande importância e é estruturadora do tecido, não só pelo seu papel urbano, mas também territorial, demarcada pela sua grande escala em relação à restante envolvente.

No que diz respeito aos edifícios religiosos são as igrejas paroquiais que maior destaque e presença têm na ilha, implantadas no território, por meio de um adro, sobrelevado relativamente ao nível da via pública, acedido por escadório, este muitas vezes de dimensões variáveis, situado frequentemente a eixo com o portal principal da igreja. A igreja paroquial nos pequenos e grandes centros urbanos e rurais é geradora de malha urbana e é localizada sempre de forma estratégica como marco do centro cívico das localidades, sempre associada a uma praça, largo ou jardim. Pela dimensão dos espaços religiosos na malha urbana do território insular, estes concentram em si grande influência e enorme carga simbólica, pois são representações de fé, mantidas pelos fiéis, como prova da sua devoção.

A análise à evolução das igrejas, permitiu compreender que a igreja de fachada modelo não tem presença nos grandes centros urbanos, como podemos verificar na cidade de Ponta Delgada, onde estão presentes as igrejas conventuais, sendo a igreja de fachada modelo característica dos pequenos centros urbanos e rurais, freguesias de muita história, cuja presença da vida popular ainda é muito vincada.

No decorrer do desenvolvimento desta dissertação, foi possível sintetizar alguns conceitos de elevada pertinência para a leitura e análise das fachadas, como os conceitos de tramo, de estrato e de entablamento, componentes primordiais da estrutura da fachada (QUINTÃO, 2005), e que são reflexo na planta. Também vimos que as igrejas micaelenses se estruturam a partir de quatro elementos, a etnografia, a fachada, a planta, e o material, sendo que este último condiciona diretamente a fachada e a planta.

Deste modo, a etnografia determina a imagem de qualquer povoado, no caso concreto, a importância que teve o isolamento na “cristalização” de certas devoções trazidas de Portugal continental. O material, pedra de basalto, endógeno da ilha é caracterizado pela sua cor escura e pela porosidade, que em contraste com os panos de parede brancos das fachadas, realça a sua cor negra, aumentando o contraste de luz-sombra na fachada, transmitindo uma imagem muito impactante e de fácil memorização, reforçando a imponência da igreja. A fachada composta por três corpos independentes, o corpo, a torre e o batistério, que se leem num conjunto, mas com funções e linguagem independentes. A fachada que é um reflexo da planta, quer em igrejas de maior ou menor escala, isto

é, em igrejas de três tramos ocorre planta de três naves, cuja nave central é mais larga e alta do que as laterais, e em igrejas de um tramo ocorre planta de nave única.

Do estado da arte destacamos os estudos de Ataíde (2011[1973]) e de Caldas (2011 e 2012) que contribuem para a definição de fachada modelo numa identidade do território da ilha de São Miguel. Esta imagem de fachada é aqui verificada pela observação direta e no confronto entre as diversas fotografias obtidas na investigação.

Sousa (1986) e Caldas (2011) identificaram uma igreja de fachada barroca micaelense, intitulada por nós de fachada modelo, cuja imagem se repete. Esta fachada é composta por três corpos (corpo, torre e batistério) que apesar de estar completa apenas com o volume do corpo, não se lê isoladamente, mas sim no conjunto dos três volumes, independentemente de seguirem ou não a mesma lógica compositiva. Todavia, embora, haja uma imagem comum que se estende por todas as igrejas existentes na ilha, devido ao material usado, encontramos características diferentes, o que nos leva a aplicar designações distintas. Deste modo, verificamos a existência de igrejas cuja fachada transmite uma imagem de “família”, por conterem uma das classificações, ornamentação barroca ou matriz compositiva de referente clássica e uma imagem “não padrão” por não conter ambas as classificações.

No decorrer do desenvolvimento desta dissertação, recorreu-se ao desenho gráfico e analítico para a interpretação das fachadas das igrejas paroquias da ilha de São Miguel, criando-se tabelas gráficas concebidas com recurso ao levantamento fotográfico acompanhadas com notas e esquemas síntese. Deste modo, as tabelas estão associadas às seguintes temáticas: i) Contextualização geral da ilha relativamente à arquitetura religiosa, que permitiu compreender a evolução da arquitetura religiosa na ilha desde o início do povoamento até aos nossos dias, com base nas obras de Canto (2000), de Costa (1956) e de Dias (1949-1950); ii) Contextualização cronológica e comparativa da arquitetura religiosa de São Miguel com a arquitetura religiosa nacional, que permitiu compreender a discrepância de arquitetura que se fazia em território insular e nacional, através da leitura das plantas e das fachadas.

Também se observa que as fachadas das igrejas nacionais, apesar de muito distintas e com uma grande variedade compositiva, apresentam sempre uma matriz compositiva clássica que não reflete diretamente o seu interior, contrariamente ao que acontece nas igrejas micaelenses que apresentam uma matriz compositiva de referente clássica à semelhança das igrejas do continente, no entanto, são adaptadas à planta de três naves e de uma nave. Constatamos ainda a existência de uma tipologia de fachada que se estende às várias escalas de igrejas, uma vez que a matriz compositiva de referente clássica e a ornamentação de referente barroca são idênticas e adaptadas aos diversos tamanhos dos edifícios.

Todavia, exceções ocorreram, assim podemos afirmar que as igrejas que não seguem tal matriz não possuem a designada fachada modelo. Exemplo disso é o caso da igreja matriz de Vila Franca do Campo (1747) que apresenta fachada de um tramo, mas planta de três naves, e a igreja dos Mosteiros (1837) que apresenta fachada dividida em três partes, mas planta de apenas uma nave. Outra observação, é a presença de igrejas que seguem a nova tipologia de espaço litúrgico (igrejas de nave única) mas que o seu altar-mor e capela-mor estão divididos em três partes há semelhança das igrejas de três naves, constatando-se a reminiscência do espaço litúrgico predominante na ilha, como é o caso da igreja das Feteiras (1833).

Perante tal facto, podemos afirmar que a partir de 1837, havia tecnologia e métodos construtivos para se construir igrejas passíveis de vencer grandes vãos com apenas uma nave (catorze e quinze metros com base na Tabela Gráfica J), tornando-se estranho o facto de se continuar a construir igrejas sempre com três naves na ilha de S. Miguel até 1882.

Após análise das regras que compõem as fachadas das igrejas de S. Miguel evidenciam-se tendências de desenho. A maioria das igrejas apresenta batistério localizado à direita, com apenas uma janela, que normalmente segue e relaciona-se com a fachada do corpo a partir do seu alinhamento ou decoração da moldura. No que diz respeito à torre, localizada primordialmente à esquerda, observou-se que ocorrem duas situações distintas, a torre composta por três janelas que se relaciona com a fachada corpo a partir do seu alinhamento ou decoração da moldura e a torre composta por três óculos que em nada se relaciona com a fachada do corpo.

Relativamente às dimensões destes corpos, realçam-se as medidas que mais vezes se repetem nas igrejas de três tramos e de um tramo. O corpo central da fachada apresenta nos casos das igrejas de três tramos catorze e quinze metros de largura e nas igrejas de um tramo oito metros de largura. O corpo da torre apresenta três e quatro metros de largura em ambos os tipos de igrejas (igrejas de três tramos e de um tramo) e o corpo do batistério em ambos os tipos de igreja apresenta quatro metros de largura.

Esta investigação permite-nos afirmar que perante a escassez de fontes e de desenhos técnicos, relativos às igrejas de S. Miguel, como plantas, cortes e alçados, quer originais quer de reproduções do site SIPA e da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, a maioria destes edifícios não terá sido obra de arquiteto, e cruzando esta escassa informação com a falta de nomes de arquitetos, engenheiros, mestres de obras e construtores, tratam-se de construções populares feitas pela população para a população (construtores locais).

Perante tal cenário, foi-nos difícil saber a sua origem, mas sabendo que estas igrejas são construções vernaculares, o mais provável é terem partido todas do mesmo modelo, estabelecido no séc. XVIII, possivelmente devido à falta de técnicos na ilha e às condicionantes do material.

Por fim, importa lembrar que a metodologia utilizada nesta investigação para a análise das fachadas micaelenses, realizada com recurso a desenhos técnicos, permitiu apurar um aspeto fundamental de classificação das fachadas da ilha de São Miguel, que mostra que estas fachadas têm os mesmos princípios compositivos, permitido estabelecer a fachada modelo micaelense.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS



7.1 Bibliografia geral

A

AAVV - **Arquitectura popular dos Açores**. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2000.

AAVV - **São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007.

AAVV – Teoria da Arquitectura: do renascimento aos nossos dias. Edição TASCHEN, 2005.

AAVV - **São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011.

AAVV - **São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012.

AAVV - **Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direcção Regional da Cultura, 2012.

ABRANCHES, Joaquim Cândido - **Álbum micaelense**. Ponta Delgada (Açores): Tipografia de Manoel Correa Botelho, 1869.

ALBERGARIA, Isabel Soares de - A igreja da Misericórdia de Ponta Delgada: considerações em torno de um monumento perdido. **In Arquipélago-História**. Ponta Delgada (Açores): Universidade dos Açores, vol. XIII, 2009, pag.21-48.

Almanaque Açoriano: **dos Fenómenos da Terra, do Céu e do Mar. Guia Prático da Ruralidade Açoriana** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.almanaqueacorario.com/index.php/freguesias/>>

ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de - **Território e paisagem na ilha de São Miguel: século XV a XVIII.** Angra do Heroísmo (Açores): Direção Regional da Cultura, 2012.

AMARO, Adélio - **Igreja e Clero da Algarvia.** Nordeste (Açores), 2018.

AMADO, Ana Elisabete Martinho – **A “rua direita” nas cidades portuguesas. Leitura tipomorfológica do elemento urbano.** Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Tecnica de Lisboa, 2012. Tese de Doutoramento.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de – **Architectura regional: S. Miguel Açores.** Ponta Delgada (Açores): Oficina de Artes Gráficas, 1920.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Ermidas micaelenses.** Ponta Delgada (Açores): Diário dos Açores, 1943.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - A Matriz de S. Sebastião de Ponta Delgada. **In Revista Insulana.** Açores, vol. III, 1947, pag.15-64.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de – Ribeira Grande, sua arquitetura antiga. **In Revista Insulana.** Ponta Delgada (Açores), vol. VI, 1950, p.33-68.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores.** Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. I, 2011 (1973)a.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores.** Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. II 2011 (1973)b.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores.** Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. III, 2011 (1973)c.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores.** Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. IV, 2011 (1973)d.

C

CALDAS, João Vieira – O “estilo micaelense”. In **São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007, pag.27-32.

CALDAS, João Vieira – Pequeno ensaio sobre as igrejas de três naves do Nordeste. In **São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pag. 25 -35.

CALDAS, João Vieira – A matriz velha da Povoação e a sua fachada “micaelense”. In **São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012, pag.39-46

CANTO, Ernesto do – Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da ilha de S. Miguel. In **Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. LVI, 2000, pag.133-250.

CHUECA GOITIA, Fernando – **Invariantes da Arquitetura Española. Manifesto da Alhambra**. Editorial Dossat, S.A. (Madrid), 3ªedição, 1981.

COELHO, Carlos Dias e LAMAS, José (coord) - A Praça em Portugal - Açores: Inventário de Espaço Público. Ed. Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005.

CORREIA, José Horta – **Arquitetura portuguesa – Renascimento, maneirismo, estilo chão**. Lisboa: Editorial Presença, 2002 (2ª Edição).

COSTA, Francisco Carreiro da - **Igrejas e ermidas dos Açores “Um perfil da sua história e da sua paisagem”**. In Açores – Madeira, Das ilhas de S. Miguel e Santa Maria, Funchal: Tip. Eco do Funchal, 1955.

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Locais de Interesse Cultural** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/857>>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Academia das Artes** [Em linha]. Disponível WWW: <em http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2627>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Solar de Santa Catarina** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/frontoffice/pages/872?poi_id=2552>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Capela da Nossa Senhora do Amparo** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2550>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida da Mãe de Deus** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2544>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida da Nossa Senhora do Desterro** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2555>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida de Sant' Ana** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2556>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida São Gonçalo** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2554>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Ajuda da Covoada** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2701>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Conceição** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2519>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Luz** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2705>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Piedade** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2697>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Saúde** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2695>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora de Fátima** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2624>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora do Livramento** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2709>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora dos Anjos** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2703>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora dos Milagres** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2696>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Santa Clara** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2694>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Santa Luzia** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2706>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São José** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2621>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São Nicolau** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2622>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São Sebastião dos Ginetes** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2707>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São Vicente Ferreira** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2716>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Todos-os-Santos ou antigo Colégio dos Jesuítas** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=25>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja do Pilar da Bretanha** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2699>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Matriz de São Sebastião** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2521>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Ajuda da Bretanha** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2698>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Candelária** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2700>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Fajã de Cima** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2704>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Relva** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2711>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial das Capelas** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2702>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2710>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de Santa Bárbara** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2714>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de Santo António** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2713>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de São Roque** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2715>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial dos Remédios** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2712>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Nossa Senhora da Esperança** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2520>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Nossa Senhora da Graça** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2558>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Solar de Nossa Senhora do Parto** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2551>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Solar de Santo António** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2563>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Monumentos da Ribeira Grande** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1689&Itemid=243>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Calhetas** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/calhetas/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora da Boa Viagem** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-da-boa-viagem/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora da Conceição** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-da-conceicao/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Museu Vivo dos Franciscanos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/museu-vivo-do-franciscanismo/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja dos Santos Reis Magos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-dos-santos-reis-magos/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja de Nossa Senhora da Ajuda** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-de-nossa-senhora-da-ajuda/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Lomba da Maia** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/lomba-da-maia/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Ermida de Nossa Senhora do Rosário** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-do-rosario/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora da Aflição** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-da-aflicao/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja de São Pedro** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-de-sao-pedro2/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Maia** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/maia/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Museu Municipal da Ribeira Grande** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/museu-municipal-da-ribeira-grande/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora dos Prazeres** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-dos-prazeres/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Porto Formoso** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/porto-formoso/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Rabo de Peixe** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/rabo-de-peixe/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo** [Em linha]. Disponível em WWW. <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-do-santissimo-salvador-do-mundo/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Santa Bárbara** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/santa-barbara/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **São Brás** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/sao-bras/>>

Câmara Municipal de Vila Franca do Campo: **Monumentos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.cmvfc.pt/conhecer/monumentos/>>

COSTA, Francisco Carreiro da - **História das igrejas e ermidas dos Açores**. Ponta Delgada (Açores): jornal "Açores", 17 abr 1955 - 17 out 1956.

COSTA, Susana Goulart - Religiosidade, crenças e festas populares. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012, pag. 231-241.

D

DIAS, José M. Teixeira - Itinerário jesuíta. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012, pag. 197-205.

DIAS, Urbano de Mendonça - **História dos Açores**. Agência de Obras Literárias de António Silvério de Medeiros, 1924.

DIAS, Urbano de Mendonça – **História das igrejas, conventos e ermidas micaelenses**. Vila Franca do Campo (Açores): Tipografia A Crença, 1949-1950.

E

ESCUADERO, Lorenzo de la Plaza – **Dicionário visual de arquitetura**. Lisboa: Quimera Editores, 2014.

F

Fenais da Luz: **Igreja Nossa Senhora da Luz** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://fenaisdaluz.blogs.sapo.pt/1647.html>>

FERNANDES, José Manuel – **A arquitectura, sínteses da cultura Portuguesa, Comissariado para a Europália 91**. Imprensa Nacional (Lisboa): Casa da Moeda, 1991.

FERNANDES, José Manuel – Ribeira Grande: aspectos da sua evolução e história urbana. **In São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007, pag.19-26.

FERNANDES, José Manuel – Nordeste, enquadramento na ilha de São Miguel, e aspectos do seu território, urbanismo e arquitetura. **In São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pag.15-23.

FERNANDES, José Manuel – Aspectos de história do urbanismo e da arquitetura do concelho da Povoação. **In São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012a, pag.27-37.

FERNANDES, José Manuel - A arquitetura tradicional e civil. **In Roteiro cultural dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direcção Regional da Cultura, 2012b, pag.171-181.

FRUTUOSO, Gaspar – Saudades da terra. Instituto de Ponta Delgado (Açores): Paperback, vol. IV 2011.

G

GIL, Júlio - Aspectos das Architecturas Religiosa e Civil nas ilhas de São Miguel e de Santa Maria. **In Panorama, N.º24, 2ª Série** – Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1967.

GREGÓRIO, Rute Dias – O concelho da Povoação: Esboço Histórico. **In São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012a, pag.11-18.

GREGÓRIO, Rute Dias - Ocupação e povoamento. In **Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012b, pag.44-53.

Geocaching: **Igreja Nossa Senhora da Ajuda** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.geocaching.com/geocache/GC5M1VY_igreja-nossa-sr-dajuda?guid=ca87eecf-cfa1-44fc-aded-19e860528c98>

Geocaching: **Ermida do Loreto** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.geocaching.com/geocache/GC7NCM1_ermida-do-loreto>

Governo dos Açores: AZORES.GOV.PT – **Água Retorta** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/%C3%81gua+Retorta.htm>>

Governo dos AçoresAZORES.GOV.PT – **Faial da Terra** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/CE2552B4-B45C-4F57-84E2-6FD257FFEE2A.htm>>

Governo dos AçoresAZORES.GOV.PT – **Furnas** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6C09D463-E09A-40EC-A886-7357C032346F.htm>>

Governo dos AçoresAZORES.GOV.PT – **Povoação** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Povoa%C3%A7%C3%A3o.htm>>

Governo dos AçoresAZORES.GOV.PT – **Nossa Senhora dos Remédios** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Nossa+Senhora+dos+Rem%C3%A9dios.htm>>

Governo dos AçoresAZORES.GOV.PT – **Ribeira Quente** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/C54E2003-D72F-4FFF-9B65-AD49BBC4AC98.htm>>

Governo dos AçoresAZORES.GOV.PT – **Achada** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Achada.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Achadinha** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/38641346-C802-43EE-A89B-B05610491644.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Algarvia** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/E30815D3-D3FB-4526-BC52-E543E297E60F.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Lomba da Fazenda** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6B7D4239-13BD-4037-81EE-0A6BC8A71A65.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Nordeste** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/928FB64A-64C2-4E1D-BBDD-C11351A63D12.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Salga** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/D3BC3928-14D1-47BD-BF08-C108BE899220.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Santana** [Em linha]. Disponível em WWW: <
<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Santana.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Santo António Nordestinho** [Em linha]. Disponível em
WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Santo+Ant%C3%B3nio+Nordestinho.htm>>

Governo dos Açores: AZORES.GOV.PT – **São Pedro Nordestinho** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/S%C3%A3o+Pedro+de+Nordestinho.htm>>

H

História das igrejas e ermidas dos Açores. Ponta Delgada (Açores): jornal "Açores", 1953.

I

ia - Igrejas dos Açores: **Paróquia da Covoada celebra padroeira no ano em que comemora 40 anos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/parouquia-da-covoada-celebra-padroeira-no-ano-em-que-comemora-40-anos/>>

ia -Igrejas dos Açores: **Igreja Paroquial de Santo António reabre dez meses depois** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/igreja-paroquial-de-santo-antonio-reabre-dez-meses-depois/>>

ia -Igrejas dos Açores: **Igreja de Nossa Senhora do Carmo reabre portas no dia 16 de julho** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/igreja-de-nossa-senhora-do-carmo-reabre-portas-no-dia-16-de-julho/>>

ia -Igrejas dos Açores: **Igreja Paroquial de Santo António reabre dez meses depois** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/igreja-paroquial-de-santo-antonio-reabre-dez-meses-depois/>>

Igreja do Coração de Maria [Em linha]. Disponível em WWW: https://www.fatima.pt/files/upload/2009I/_1_4b2760534e115.pdf

J

JANSON, Helge Donatus - **História da Arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição, 1977.

Junta de Freguesia da Candelária: **Patrimónios Religiosos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://freguesiacandelaria.net/patrimonio-religiao/>>

Junta de Freguesia de Arrifes: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.arrifes.pt/patrimonio/patrimonio-igrejas-e-monumentos>>

Junta de Freguesia das Capelas: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jfcapelas.pt/a-vila/a-visitar/patrimonio-religioso-e-outro>>

Junta de Freguesia da Fajã de Cima: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jffajadecima.ifreg.pt/index.php/freguesia/festividades--povo-de-fe>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Igreja Nossa Senhora do Livramento** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/historia-da-paroquia/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Frontispício da Capela** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/capela-de-nossa-senhora-da-penha-de-franca/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/jesus-maria-e-jose/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Frontispício da Ermida** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-das-necessidades/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-do-carmo/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-da-gloria/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-do-populo/>>

Junta de Freguesia do Pilar da Bretanha: **Locais de interesse** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.freguesiapilardabretanha.com/index.php/freguesia/locais-de-interesse>>

Junta de Freguesia da Relva: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfrelva.com/index-3.html>>

Junta de Freguesia Matriz Ribeira Grande: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jf-matriz.pt/index.php?option=historia>>

Junta de Freguesia da Ribeira das Taínhas: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jf-feteiras.pt/historia/>>

Junta de Freguesia da Ribeira das Taínhas: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfribeiradastainhas.com/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Junta de Freguesia da Ribeira Seca: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfribeiraseca.com/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Junta de Freguesia de São Miguel: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.jfsaomiguel.pt/patrimonio/>>

Junta de Freguesia de São Pedro: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jfsaopedro.net/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Junta de Freguesia de Ponta Garça: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jfpontagarca.ifreg.pt>>

Junta de Freguesia de Água d'Alto: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfaguadalto.com/index.php?pagina=patrimonio.html>>

K

KUBLER, George - **Arquitectura portuguesa Chã: entre as especiarias e os diamantes 1521-1706**. Lisboa: Vegas, 1988.

L

LAMAS, José Ressano Garcia Lamas – Igreja e Centro Paroquial. In Revista Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, construção, equipamento. Lisboa: Casa Viva, LDA, nº 145, fev de 1982, p.66.

LA SANTA SEDE: **GAUDIUM ET SPES** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>

LEITE, Antonieta Reis – **Açores, cidade e território – Quatro vilas estruturantes**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2012. Tese de Doutoramento.

M

MATOS, António – **Lagoa - Nossa Senhora do Rosário: história, identidade e património cultural: subsídios para a história da sua freguesia**. Lagoa (Açores): Junta de Freguesia de Lagoa, 2007.

MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de - **Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Lomba do Botão - Povoação): subsídios para a sua história**. Povoação (Açores): Câmara Municipal da Povoação, 1991.

MELLO, José de Almeida - **Monografia da Relva: subsídios para a sua história**. - Relva (Açores) : Junta de Freguesia de Relva, 2005.

MELLO, José de Almeida - **Ponta Delgada: 7 maravilhas = 7 wonders**. Ponta Delgada (Açores): Publiçor, 2010 (2ª Edição).

MELLO, José de Almeida - **Santa Cruz, Lagoa: memórias da terra e do homem**. Lagoa (Açores): Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2013.

Memória Portuguesa: **Portugal em Pormenor! - Relva. Memória Portuguesa** - Portugal em Pormenor! - Ginetes [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.memoriaportuguesa.pt/igrejas-e-ermidas-da-relva>>

Memória Portuguesa: **Portugal em Pormenor! - Ginetes** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.memoriaportuguesa.pt/ginetes>>

MONTEIRO, Sandra - **Gentes e memórias do concelho da Lagoa (1910-1933)**. Lagoa (Açores): Santa Casa da Misericórdia de Santo António da Lagoa, 2014.

MOURA, Laura Filipa - **Ribeira Chã: história, etnografia e património cultural: subsídios para a história da Ribeira Chã**. Ribeira Chã (Açores): Junta de Freguesia: Associação Cultural Festa Redonda, 1ª Edição, 2009.

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora dos Anjos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=889&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de Nossa Senhora do Monte Santo** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=879&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de São Pedro** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=881&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de São Tiago** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=882&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Convento da Caloura** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=876&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de São José - IGREJA PAROQUIAL DA RIBEIRA CHÃ** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=890&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora das Necessidades** [Em linha]. Disponível em WWW. <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=929&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora do Rosário** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=888&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja Matriz de Santa Cruz** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=891&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=887&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de Nossa Senhora do Cabo** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=878&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de Nossa Senhora dos Remédios** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=880&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Convento dos Franciscanos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=875&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Casa e Ermida de Nossa Senhora do Pópulo** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=Article/Article&id=900>>

O

O guia: **Convento e Igreja de Santo André** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-convento-e-igreja-de-santo-andre-22237>>

P

Paróquia de Fajã de Baixo Ponta Delgada: **S. Miguel Açores - História da Paróquia** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://paroquiafajadebaixo.com/historia-da-paroquia>>

PATRÍCIO, Carla - Vila Franca do Campo: a influência dos espaços religiosos no desenho urbano. **In Atlântida**. Angra do Heroísmo (Açores): IAC - Instituto Açoriano de Cultura, vol. LI, 2006, pag.193-204.

PEDREIRINHO, José Manuel – Dicionário dos arquitetos activos em Portugal do século I à actualidade, Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PEREIRA, Ventura Rodrigues - **A Ribeira Grande**. Lisboa: Oficinas da Editorial Minerva, 3ª Edição, 1984.

PINTO, Jorge Cruz – **Arquitetura portuguesa: A imagem de caixa**. Lisboa: ACD Editores, 2007.

Q

QUINTÃO, José Cesar Vasconcelos - **Fachadas de igrejas portuguesas de referente clássico**. FAUP Publicações, 2005.

R

RODRIGUES, Henrique de Aguiar Oliveira – O povo açoriano a sua história e o seu projecto. **In Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. 40, junho de 1986, pag.45-70.

RODRIGUES, Henrique de Aguiar Oliveira – Diário de Caroline Pomery. **In Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. 53, junho de 1997, pag.77-130.

RODRIGUES, Maria João Madeira – **Vocabulário técnico e crítico de arquitetura**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda, 3ª Edição, 2002.

RODRIGUES, José Damião – Ribeira Grande: de nobre vila a nova cidade marcos na história de um concelho. In **São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007, pag.11-18.

RODRIGUES, José Damião – Nordeste: notas para uma história por fazer. In **São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pag.11-14.

RODRIGUES, José Damião - Os capitães. In **Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direcção Regional da Cultura, 2012, pag.269-273.

ROSSI, Aldo – **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

S

SAMPAIO, Mafalda G. Teixeira de. - **O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas (séc. VIII-XIII)**. Lisboa: ISCTE, 2001. Dissertação de Mestrado.

SAMPAIO, Mafalda G. Teixeira de – **Forma urbana da parte baixa da Lisboa destruída: Análise e avaliação da cartografia (1756-1786)**. Lisboa: ISCTE, 2011. Tese de Doutoramento.

SAMPAIO, Mafalda Teixeira de; OCHOA, Rita e MARTINS, Ana Maria Tavares - **O crescimento das cidades com frentes de água: Setúbal do século XIII ao XVIII**. In Actas da International Conference on Engineering. Covilhã: UBI, 2013.

Santuário de Fátima: **Ermida Nossa Senhora de Fátima** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.fatima.pt/pl/locations/ermida-n-s-fatima-lomba-bettencourt>>

Santuário de Fátima: **Igreja Nossa Senhora de Fátima** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.fatima.pt/pt/locations/igreja-nossa-senhora-fatima-ponta-delgada>>

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – **História de Portugal. Volume V. A Restauração e a Monarquia Absoluta.** (1640- 1750). Lisboa: Editorial Verbo, 1980.

SILVA, Jorge Pais da, **Em torno da arquitetura setecentista portuguesa, Páginas de História da Arte**”. Editorial Estampa (Lisboa), vol. II, 1996.

SIPA: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico – **Inventário do património arquitetónico** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.monumentos.gov.pt>>

SOUSA, Nestor de - **A arquitectura religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII.** Ponta Delgada (Açores): Universidade dos Açores, 1986.

SOUSA, Nestor de - Sinais de Arquitetura Religiosa nos Açores. **In Roteiro cultural dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012, pag.183-195.

T

TAVARES, João Carlos - **Fajã de Cima: memórias da terra e da sua gente.** Providence: Casa dos Açores da Nova Inglaterra (Açores). 1ªEdição, 2009.

TEIXEIRA, Manuel C. e VALLA, Margarida – **O urbanismo português dos séculos XIII – XVIII.** Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

TEIXEIRA, Manuel C. - **As formas urbanas das cidades de origem portuguesa** [DVD]. Centro de estudos de Urbanismo e Arquitetura, Instituto Superior de Ciências e tecnologia. Lisboa, 2000.

TRINDADE, Luisa – **Urbanismo na composição de Portugal**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009. Tese de Doutoramento.

V

VIBERTO, F. M. de Sousa – Dicionário histórico documental dos arquitetos, engenheiros e construtores portugueses, Lisboa: vol. I, vol. II, vol. III, 1922.

VASCONCELOS, Jorge Gamboa de - **Ribeira Grande, a vila-cidade: da sua história e arquitectura** (1981/07 /07, Episódio 1) RTP 1. [Em linha]. [Consult. Em 5 de Novembro de 2018]. Disponível em WWW: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/ribeira-grande-a-vila-cidade-da-sua-historia-e-arquitectura/?fbclid=IwAR1fOvi-rbAv8C8TyvLaJZv-HZzrK3ILWhSG3rOCWfU2EPq2u6ag23P8cOE>>

VASCONCELOS, Jorge Gamboa de – A ermida de S. Brás, terá sido sempre assim a sua actual fachada? **In Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. 40, junho de 1986, pag.5-23.

W

Wikipédia: **Lista de edificações de carácter religioso dos Açores** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_edifica%C3%A7%C3%B5es_de_car%C3%A1ter_religioso_dos_A%C3%A7ores>

Wikiloc: **Ribeira Grande** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/2014-05-28-smi-lombadas-pr29-salto-cabrilo-ribeira-grande-7042622/photo-3986733>>

7.2 Bibliografia temática

Listagem das igrejas da ilha de São Miguel

CANTO, Ernesto do – Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da ilha de S. Miguel. **In Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. LVI, 2000, pag.133-250.

COSTA, Francisco Carreiro da - **História das igrejas e ermidas dos Açores**. Ponta Delgada (Açores): jornal "Açores", 17 abr 1955 - 17 out 1956.

DIAS, Urbano de Mendonça – **História das igrejas, conventos e ermidas micaelenses**. Vila Franca do Campo (Açores): Tipografia de “A Crença”, 1949-1950.

História das igrejas e ermidas dos Açores. Ponta Delgada (Açores): jornal "Açores", 1953.

MELLO, José de Almeida - **Ponta Delgada: 7 maravilhas = 7 Wonders**. Ponta Delgada (Açores): Publiçor, 2010 (2ª Edição).

PEREIRA, Ventura Rodrigues - **A Ribeira Grande**. Lisboa: Oficinas da Editorial Minerva, 3ª Edição, 1984.

Descrição das igrejas da ilha de São Miguel (livros)

AAVV - **São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007.

AAVV - **São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011.

AAVV - **São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012.

ABRANCHES, Joaquim Cândido - **Álbum michealense.** Ponta Delgada (Açores): Tipografia de Manoel Correa Botelho, 1869.

ALBERGARIA, Isabel Soares de - A igreja da Misericórdia de Ponta Delgada: considerações em torno de um monumento perdido. **In Arquipélago-História.** Ponta Delgada (Açores): Universidade dos Açores, vol. XIII, 2009, pag.21-48.

AMARO, Adélio - **Igreja e Clero da Algarvia.** Nordeste (Açores), 2018.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Ermidas micaelenses.** Ponta Delgada (Açores): Diário dos Açores, 1943.

ATAIDE, Luís Bernardo Leite de - A Matriz de S. Sebastião de Ponta Delgada. **In Revista Insulana.** Açores, vol. III,1947, pag.15-64.

CALDAS, João Vieira – O “estilo micaelense”. **In São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007, pag.27-32.

CALDAS, João Vieira – Pequeno ensaio sobre as igrejas de três naves do Nordeste. **In São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pag. 25 -35.

CALDAS, João Vieira – A matriz velha da Povoação e a sua fachada “micaelense”. **In São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012, pag.39-46.

COSTA, Francisco Carreiro da - **Igrejas e ermidas dos Açores “Um perfil da sua história e da sua paisagem”**. In Açores – Madeira, Das ilhas de S. Miguel e Santa Maria, Funchal: Tip. Eco do Funchal, 1955.

DIAS, José M. Teixeira - Itinerário jesuíta. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012, pag. 197-205.

LAMAS, José Ressano Garcia Lamas – Igreja e Centro Paroquial. In Revista Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, construção, equipamento. Lisboa: Casa Viva, LDA, nº 145, fev de 1982, p.66.

GIL, Júlio - Aspectos das Arquitecturas Religiosa e Civil nas ilhas de São Miguel e de Santa Maria. **In Panorama**, Nº24, 2ª Série – Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1967.

MATOS, António – **Lagoa - Nossa Senhora do Rosário: história, identidade e património cultural: subsídios para a história da sua freguesia**. Lagoa (Açores): Junta de Freguesia de Lagoa, 2007.

MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro de - **Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Lomba do Botão - Povoação): subsídios para a sua história**. Povoação (Açores): Câmara Municipal da Povoação, 1991.

MELLO, José de Almeida - **Monografia da Relva: subsídios para a sua história**. - Relva (Açores) : Junta de Freguesia de Relva, 2005.

MOURA, Laura Filipa - **Ribeira Chã: história, etnografia e património cultural: subsídios para a história da Ribeira Chã**. Ribeira Chã (Açores): Junta de Freguesia: Associação Cultural Festa Redonda, 1ªEdição, 2009.

RODRIGUES, Henrique de Aguiar Oliveira – O povo açoriano a sua história e o seu projecto. **In Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. 40, junho de 1986, pag.45-70.

SOUSA, Nestor de - **A arquitectura religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII**. Ponta Delgada (Açores): Universidade dos Açores, 1986.

SIPA: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – **Inventário do património arquitectónico** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.monumentos.gov.pt>>

SOUSA, Nestor de - Sinais de Arquitectura Religiosa nos Açores. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012, pag.183-195.

TAVARES, João Carlos - **Fajã de Cima: memórias da terra e da sua gente**. Providence: Casa dos Açores da Nova Inglaterra (Açores). 1ªEdição, 2009.

VASCONCELOS, Jorge Gamboa de - **Ribeira Grande, a vila-cidade: da sua história e arquitectura** (1981/07 /07, Episódio 1) RTP 1. [Em linha]. [Consult. Em 5 de Novembro de 2018]. Disponível em WWW: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/ribeira-grande-a-vila-cidade-da-sua-historia-e-arquitectura/?fbclid=IwAR1fOvi-rbAv8C8TyvLaJZv-HZzrK3ILWhSG3rOCWfU2EPq2u6ag23P8cOE>>

VASCONCELOS, Jorge Gamboa de – A ermida de S. Brás, terá sido sempre assim a sua actual fachada? **In Revista insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. 40, junho de 1986, pag.5-23.

Descrição das igrejas da ilha de São Miguel (Webgraficas)

Almanaque Açoriano: **dos Fenómenos da Terra, do Céu e do Mar. Guia Prático da Ruralidade Açoriana** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.almanaqueacorario.com/index.php/freguesias/>>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Locais de Interesse Cultural** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/857>>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Academia das Artes** [Em linha]. Disponível WWW: <em http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2627>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Solar de Santa Catarina** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/frontoffice/pages/872?poi_id=2552>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Capela da Nossa Senhora do Amparo** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2550>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida da Mãe de Deus** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2544>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida da Nossa Senhora do Desterro** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2555>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida de Sant' Ana** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2556>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Ermida São Gonçalo** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2554>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Ajuda da Covoada** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2701>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Conceição** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2519>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Luz** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2705>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Piedade** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2697>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora da Saúde** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2695>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora de Fátima** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2624>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora do Livramento** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2709>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora dos Anjos** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2703>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Nossa Senhora dos Milagres** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2696>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Santa Clara** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2694>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Santa Luzia** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2706>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São José** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2621>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São Nicolau** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2622>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São Sebastião dos Ginetes** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2707>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de São Vicente Ferreira** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2716>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja de Todos-os-Santos ou antigo Colégio dos Jesuítas** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2528>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja do Pilar da Bretanha** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2699>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Matriz de São Sebastião** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2521>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Ajuda da Bretanha** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2698>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Candelária** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2700>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Fajã de Cima** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2704>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial da Relva** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2711>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial das Capelas** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2702>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2710>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de Santa Bárbara** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2714>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de Santo António** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2713>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial de São Roque** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2715>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Igreja Paroquial dos Remédios** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2712>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Nossa Senhora da Esperança** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2520>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Nossa Senhora da Graça** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2558>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Solar de Nossa Senhora do Parto** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2551>

Câmara Municipal de Ponta Delgada: **Solar de Santo António** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-pontadelgada.pt/pages/872?poi_id=2563>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Monumentos da Ribeira Grande** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1689&Itemid=243>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Calhetas** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/calhetas/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora da Boa Viagem** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-da-boa-viagem/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora da Conceição** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-da-conceicao/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Museu Vivo dos Franciscanos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/museu-vivo-do-franciscanismo/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja dos Santos Reis Magos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-dos-santos-reis-magos/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja de Nossa Senhora da Ajuda** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-de-nossa-senhora-da-ajuda/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Lomba da Maia** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/lomba-da-maia/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Ermida de Nossa Senhora do Rosário** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-do-rosario/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora da Aflição** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-da-aflicao/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja de São Pedro** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-de-sao-pedro2/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Maia** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/maia/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Museu Municipal da Ribeira Grande** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/museu-municipal-da-ribeira-grande/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja da Nossa Senhora dos Prazeres** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-da-nossa-senhora-dos-prazeres/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Porto Formoso** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/porto-formoso/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Rabo de Peixe** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/rabo-de-peixe/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo** [Em linha]. Disponível em WWW. <<http://www.ribeiragrande.pt/geo/igreja-do-santissimo-salvador-do-mundo/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **Santa Bárbara** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/santa-barbara/>>

Câmara Municipal da Ribeira Grande: **São Brás** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.ribeiragrande.pt/sao-bras/>>

Câmara Municipal de Vila Franca do Campo: **Monumentos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.cmvfc.pt/conhecer/monumentos/>>

Fenais da Luz: **Igreja Nossa Senhora da Luz** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://fenaisdaluz.blogs.sapo.pt/1647.html>>

Geocaching: **Igreja Nossa Senhora da Ajuda** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.geocaching.com/geocache/GC5M1VY_igreja-nossa-sr-dajuda?guid=ca87eecf-cfa1-44fc-aded-19e860528c98>

Geocaching: **Ermida do Loreto** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.geocaching.com/geocache/GC7NCM1_ermida-do-loreto>

Governo dos Açores: AZORES.GOV.PT – **Água Retorta** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/%C3%81gua+Retorta.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Faial da Terra** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/CE2552B4-B45C-4F57-84E2-6FD257FFEE2A.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Furnas** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6C09D463-E09A-40EC-A886-7357C032346F.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Povoação** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Povoa%C3%A7%C3%A3o.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Nossa Senhora dos Remédios** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Nossa+Senhora+dos+Rem%C3%A9dios.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Ribeira Quente** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/C54E2003-D72F-4FFF-9B65-AD49BBC4AC98.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Achada** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Achada.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Achadinha** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/38641346-C802-43EE-A89B-B05610491644.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Algarvia** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/E30815D3-D3FB-4526-BC52-E543E297E60F.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Lomba da Fazenda** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6B7D4239-13BD-4037-81EE-0A6BC8A71A65.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Nordeste** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/928FB64A-64C2-4E1D-BBDD-C11351A63D12.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Salga** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/D3BC3928-14D1-47BD-BF08-C108BE899220.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Santana** [Em linha]. Disponível em WWW:0<
<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Santana.htm>>

Governo dos Açores AZORES.GOV.PT – **Santo António Nordestinho** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/Santo+Ant%C3%B3nio+Nordestinho.htm>>

Governo dos Açores: AZORES.GOV.PT– **São Pedro Nordestinho** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-cets/conteudos/livres/S%C3%A3o+Pedro+de+Nordestinho.htm>>

ia -Igrejas dos Açores: **Paróquia da Covoada celebra padroeira no ano em que comemora 40 anos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/parouquia-da-covoada-celebra-padroeira-no-ano-em-que-comemora-40-anos/>>

ia -Igrejas dos Açores: **Igreja Paroquial de Santo António reabre dez meses depois** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/igreja-paroquial-de-santo-antonio-reabre-dez-meses-depois/>>

ia -Igrejas dos Açores: **Igreja de Nossa Senhora do Carmo reabre portas no dia 16 de julho** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/igreja-de-nossa-senhora-do-carmo-reabre-portas-no-dia-16-de-julho/>>

ia -Igrejas dos Açores: **Igreja Paroquial de Santo António reabre dez meses depois** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.igrejaacores.pt/igreja-paroquial-de-santo-antonio-reabre-dez-meses-depois/>>

Igreja do Coração de Maria [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.fatima.pt/files/upload/2009/_1_4b2760534e115.pdf>

Junta de Freguesia da Candelária: **Patrimónios Religiosos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://freguesiacandelaria.net/patrimonio-religiao/>>

Junta de Freguesia de Arrifes: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.arrifes.pt/patrimonio/patrimonio-igrejas-e-monumentos>>

Junta de Freguesia das Capelas: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jfcapelas.pt/a-vila/a-visitar/patrimonio-religioso-e-outro>>

Junta de Freguesia da Fajã de Cima: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jffajadecima.ifreg.pt/index.php/freguesia/festividades--povo-de-fe>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Igreja Nossa Senhora do Livramento** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/historia-da-paroquia/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Frontispício da Capela** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/capela-de-nossa-senhora-da-penha-de-franca/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/jesus-maria-e-jose/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Frontispício da Ermida** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-das-necessidades/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-do-carmo/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-da-gloria/>>

Junta de Freguesia do Livramento: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://livramento.net/nossa-senhora-do-populo/>>

Junta de Freguesia do Pilar da Bretanha: **Locais de interesse** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.freguesiapilardabretanha.com/index.php/freguesia/locais-de-interesse>>

Junta de Freguesia da Relva: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfrelva.com/index-3.html>>

Junta de Freguesia Matriz Ribeira Grande: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jf-matriz.pt/index.php?option=historia>>

Junta de Freguesia da Ribeira das Taíñas: **História** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jf-feteiras.pt/historia/>>

Junta de Freguesia da Ribeira das Taíñas: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfribeiradastainhas.com/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Junta de Freguesia da Ribeira Seca: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfribeiraseca.com/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Junta de Freguesia de São Miguel: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.jfsoomiguel.pt/patrimonio/>>

Junta de Freguesia de São Pedro: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jfsaopedro.net/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Junta de Freguesia de Ponta Garça: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://jfpontagarca.ifreg.pt>>

Junta de Freguesia de Água d'Alto: **Património** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.jfaguadalto.com/index.php?pagina=patrimonio.html>>

Memória Portuguesa: **Portugal em Pormenor! - Relva. Memória Portuguesa - Portugal em Pormenor!** - Ginetes [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.memoriaportuguesa.pt/igrejas-e-ermidas-da-relva>>

Memória Portuguesa: **Portugal em Pormenor! - Ginetes** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://www.memoriaportuguesa.pt/ginetes>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora dos Anjos** [Em linha]. Disponível em WWW: <<http://lagoa->

acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=889&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de Nossa Senhora do Monte Santo** [Em linha]. Disponível em
WWW: <[http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=879&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250](http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=879&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250)>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de São Pedro** [Em linha]. Disponível em WWW: <[http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=881&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250](http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=881&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250)>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de São Tiago** [Em linha]. Disponível em WWW: <[http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=882&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250](http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=882&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250)>

Município de Lagoa: Açores - **Convento da Caloura** [Em linha]. Disponível em WWW:
<[http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=876&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250](http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=876&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250)>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de São José - IGREJA PAROQUIAL DA RIBEIRA CHÃ** [Em linha].
Disponível em WWW: <[http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=890&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250](http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=890&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250)>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora das Necessidades** [Em linha]. Disponível em
WWW. <[http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=929&ismenu=1&menuleft1=0
&idterceironivel=498&idpai=1250](http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=929&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250)>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora do Rosário** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=888&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja Matriz de Santa Cruz** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=891&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=887&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de Nossa Senhora do Cabo** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=878&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Ermida de Nossa Senhora dos Remédios** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=880&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Convento dos Franciscanos** [Em linha]. Disponível em WWW:
<<http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=article/article&id=875&ismenu=1&menuleft1=0&idterceironivel=498&idpai=1250>>

Município de Lagoa: Açores - **Casa e Ermida de Nossa Senhora do Pópulo** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://lagoa-acores.pt/site/frontoffice/default.aspx?module=Article/Article&id=900>

O guia: **Convento e Igreja de Santo André** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-convento-e-igreja-de-santo-andre-22237>

Paróquia de Fajã de Baixo Ponta Delgada: **S. Miguel Açores - História da Paróquia** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://paroquiafajadebaixo.com/historia-da-paroquia>

Santuário de Fátima: **Ermida Nossa Senhora de Fátima** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.fatima.pt/pl/locations/ermida-n-s-fatima-lomba-bettencourt>

Santuário de Fátima: **Igreja Nossa Senhora de Fátima** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://www.fatima.pt/pt/locations/igreja-nossa-senhora-fatima-ponta-delgada>

Wikipédia: **Lista de edificações de carácter religioso dos Açores** [Em linha]. Disponível em WWW: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_edifica%C3%A7%C3%B5es_de_car%C3%A1ter_religioso_dos_A%C3%A7ores

Wikiloc: **Ribeira Grande** [Em linha]. Disponível em WWW: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/2014-05-28-smi-lombadas-pr29-salto-cabrito-ribeira-grande-7042622/photo-3986733>

“Estilo micaelense”

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de – Ribeira Grande, sua arquitetura antiga. In **Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), vol. VI, 1950, p.33-68.

Igrejas portuguesas

CHUECA GOITIA, Fernando – **Invariantes da Arquitetura Española. Manifesto da Alhambra.** Editorial Dossat, S.A. (Madrid), 3ªedição, 1981.

CORREIA, José Horta – **Arquitetura portuguesa – Renascimento, maneirismo, estilo chão.** Lisboa: Editorial Presença, 2002 (2ª Edição).

KUBLER, George - **Arquitectura portuguesa Chã: entre as especiarias e os diamantes 1521-1706.** Lisboa: Vegas, 1988.

LA SANTA SEDE: **GAUDIUM ET SPES** [Em linha]. Disponível em WWW: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>

QUINTÃO, José Cesar Vasconcelos - **Fachadas de igrejas portuguesas de referente clássico.** FAUP Publicações, 2005.

PINTO, Jorge Cruz – **Arquitetura portuguesa: A imagem de caixa.** Lisboa: ACD Editores, 2007.

Território e povoamento da ilha de São Miguel

AAVV - **Roteiro cultural dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012.

ALMEIDA, Rui Miguel Goulart de - **Território e paisagem na ilha de São Miguel: século XV a XVIII.** Angra do Heroísmo (Açores): Direção Regional da Cultura, 2012.

COELHO, Carlos Dias e LAMAS, José (coord) - A Praça em Portugal - Açores: Inventário de Espaço Público. Ed. Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005.

COSTA, Susana Goulart - Religiosidade, crenças e festas populares. **In Roteiro cultural dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direcção Regional da Cultura, 2012, pag. 231-241.

DIAS, Urbano de Mendonça - **História dos Açores.** Agência de Obras Literárias de António Silvério de Medeiros, 1924.

FERNANDES, José Manuel – Ribeira Grande: aspectos da sua evolução e história urbana. **In São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007, pag.19-26.

FERNANDES, José Manuel – Nordeste, enquadramento na ilha de São Miguel, e aspectos do seu território, urbanismo e arquitetura. **In São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pag.15-23.

FERNANDES, José Manuel – Aspectos de história do urbanismo e da arquitetura do concelho da Povoação. **In São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012a, pag.27-37.

FRUTUOSO, Gaspar – Saudades da terra. Instituto de Ponta Delgado (Açores): Paperback, vol. IV 2011.

GREGÓRIO, Rute Dias – O concelho da Povoação: Esboço Histórico. **In São Miguel, Povoação: Inventário do património imóvel dos Açores.** Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2012a, pag.11-18.

GREGÓRIO, Rute Dias - Ocupação e povoamento. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012b, pag.44-53.

LEITE, Antonieta Reis – **Açores, cidade e território – Quatro vilas estruturantes**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2012. Tese de Doutoramento.

MELLO, José de Almeida - Santa Cruz, Lagoa: memórias da terra e do homem. Lagoa (Açores): Junta de Freguesia de Santa Cruz, 2013.

MONTEIRO, Sandra - Gentes e memórias do concelho da Lagoa (1910-1933). Lagoa (Açores): Santa Casa da Misericórdia de Santo António da Lagoa, 2014.

PATRÍCIO, Carla - Vila Franca do Campo: a influência dos espaços religiosos no desenho urbano. **In Atlântida**. Angra do Heroísmo (Açores): IAC - Instituto Açoriano de Cultura, vol. LI, 2006, pag.193-204.

RODRIGUES, Henrique de Aguiar Oliveira – Diário de Caroline Pomery. **In Revista Insulana**. Ponta Delgada (Açores), Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. 53, junho de 1997, pag.77-130.

RODRIGUES, José Damião – Ribeira Grande: de nobre vila a nova cidade marcos na história de um concelho. **In São Miguel, Ribeira Grande: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2007, pag.11-18.

RODRIGUES, José Damião – Nordeste: notas para uma história por fazer. **In São Miguel, Nordeste: Inventário do património imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, 2011, pag.11-14.

RODRIGUES, José Damião - Os capitães. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012, pag.269-273.

Urbanismo português

AMADO, Ana Elisabete Martinho – **A “rua direita” nas cidades portuguesas. Leitura tipomorfológica do elemento urbano.** Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Tese de Doutoramento.

FERNANDES, José Manuel – **A arquitectura, sínteses da cultura Portuguesa, Comissariado para a Europália 91.** Imprensa Nacional (Lisboa): Casa da Moeda, 1991.

SAMPAIO, Mafalda G. Teixeira de. - **O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas (séc. VIII-XIII).** Lisboa: ISCTE, 2001. Dissertação de Mestrado.

SAMPAIO, Mafalda G. Teixeira de – **Forma urbana da parte baixa da Lisboa destruída: Análise e avaliação da cartografia (1756-1786).** Lisboa: ISCTE, 2011. Tese de Doutoramento.

SAMPAIO, Mafalda Teixeira de; OCHOA, Rita e MARTINS, Ana Maria Tavares - **O crescimento das cidades com frentes de água: Setúbal do século XIII ao XVIII.** In Actas da International Conference on Engineering. Covilhã: UBI, 2013.

SILVA, Jorge Pais da, **Em torno da arquitetura setecentista portuguesa, Páginas de História da Arte”.** Editorial Estampa (Lisboa), vol. II, 1996.

TEIXEIRA, Manuel C. e VALLA, Margarida – **O urbanismo português dos séculos XIII – XVIII.** Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

TEIXEIRA, Manuel C. - **As formas urbanas das cidades de origem portuguesa [DVD].** Centro de estudos de Urbanismo e Arquitectura, Instituto Superior de Ciências e tecnologia. Lisboa, 2000.

TRINDADE, Luisa – **Urbanismo na composição de Portugal.** Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009. Tese de Doutoramento.

Arquitetura popular

AAVV - **Arquitetura popular dos Açores**. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2000.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de – **Arquitetura regional: S. Miguel Açores**. Ponta Delgada (Açores): Oficina de Artes Gráficas, 1920.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores**. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. I, 2011 (1973)a.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores**. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. II 2011 (1973)b.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores**. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. III, 2011 (1973)c.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - **Etnografia, arte e vida antiga dos Açores**. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, vol. IV, 2011 (1973)d.

FERNANDES, José Manuel - A arquitetura tradicional e civil. **In Roteiro cultural dos Açores**. Angra do Heroísmo (Açores): Presidência do Governo Regional dos Açores; Direção Regional da Cultura, 2012b, pag.171-181.

Dicionários arquitetónicos

AAVV – Teoria da Arquitectura: do renascimento aos nossos dias. Edição TASCHEN, 2005.

ESCUADERO, LorenOzo de la Plaza – **Dicionário visual de arquitetura**. Lisboa: Quimera Editores, 2014.

JANSON, Helge Donatus - **História da Arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição, 1977.

PEDREIRINHO, José Manuel – Dicionário dos arquitetos activos em Portugal do século I à actualidade, Porto: Edições Afrontamento, 1994.

RODRIGUES, Maria João Madeira – **Vocabulário técnico e crítico de arquitetura**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda, 3ª Edição, 2002.

ROSSI, Aldo – **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIBERTO, F. M. de Sousa – Dicionário histórico documental dos arquitetos, engenheiros e construtores portugueses, Lisboa: vol. I, vol. II, vol. III, 1922.

II. PARTE
VERTENTE PROJECTUAL

3.4	Síntese do Capítulo	327
4.	CONCLUSÃO	329
5.	REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	335
5.1	Bibliografia geral	337

ÍNDICE ANALITÍCO

ÍNDICE GERAL	235
ÍNDICE ANALITÍCO	237
ÍNDICE DE FONTES E IMAGENS	239
ÍNDICE DE ANEXOS	243
LISTA DE ABREVIATURAS	247
1. PROBLEMÁTICA	249
1.1 Enunciado	251
2. ESTRATÉGIA DE GRUPO	253
2.1 Reconhecimento da problemática	255
2.2 Reconhecimento do território	257
2.2.1 Oferta atual	257
2.2.2 Tipos de aluno e residência	259
2.2.3 Mobilidade	263
2.3 Intervenção	265
2.3.1 Análise da estrutura da CRIL	271
2.3.2 Análise de tipologia de estação de metro	273
2.3.3 Referências	274

2.4 Síntese do capítulo	276
3. ESTRATÉGIA INDIVIDUAL	277
3.1 Plano Urbano	283
3.1.1 Enquadramento Histórico	283
3.1.2 Reconhecimento do território	285
3.1.3 Intervenção	292
3.2 Plano de Pormenor	301
3.3 Projeto do Edificado (Biblioteca Pública)	320
3.4 Síntese do Capítulo	327
4. CONCLUSÃO	329
5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	335
5.1 Bibliografia geral	337

ÍNDICE DE FONTES E IMAGENS

Figura 01 – Esquema estatístico de estudantes da cidade de Lisboa, segundo dados fornecidos da cadeira de Projeto Final de Arquitetura (VIEIRA, 2019)

Figura 02 – Notícias da problemática (Disponível em WWW: <<https://www.publico.pt/2018/02/04/sociedade/noticia/estudantes-estrangeiros-a-nova-galinha-de-ovos-de-ouro-do-alojamento-1801517>>)

Figura 03 – Montagem provocatória de 10 torres das Amoreiras no parque de estacionamento do ISCTE-IUL (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 04 – Reconhecimento da problemática (MARTINS; ANDRADE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 05 – Análise da oferta atual para os alunos universitários (residências e universidades) (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 06 – Tipologia de alunos, ocupação e quarto (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 07 – Tipologia de residência (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 08 – Qualidade de vida (tempo + preço) (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 09 – Evolução da AML em conformidade com a intervenção (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 11 – Estações de metro propostas (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 12 – Anel Interior e Anel Periférico (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 13 – Estações de metro ao longo do Anel Interior e Periférico (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 14 – Diversidade tipológica da CRIL (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 15 – Tipologias da CRIL/ Metro leve (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 16 – Tipologias de estação de metro (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Figura 17 – Referências: Loop City dos BIG; SkyGardem dos MVRDV (Disponível em WWW: < <https://big.dk/#projects-loop>> e < <https://www.mvrdv.nl/projects/208/seoullo-7017-skygarden> >)

Figura 18 – Referências: Programa VALIS (Valorização de Lisboa) – As Portas da Aldeia de Lisboa, julho de 1991; Segunda Circular de Nuno Raimundo (Disponível em WWW: < <https://cedru.com/o-que-fazemos/valis-estudo-e-plano-estrategico-de-preservacao-do-patrimonio-arquitectonico-e-urbanistico-de-lisboa/> > e < <https://ocorvo.pt/o-metro-na-segunda-circular/>>)

Figura 19 – Identificação da área de intervenção (VIEIRA, 2019)

Figura 20 – Foto área (VIEIRA, 2019)

Figura 21 – Contraste morfológico de Camarate (AM Lisboa- cota: AJF000745 e VIEIRA, 2019)

Figura 22 – Análise aos cheios e vazios de modo a compreender a unidade morfológicas de Camarate (VIEIRA, 2019)

Figura 23 – Comparação dos limites das antigas quintas com a morfologia atual dos AUGI (VIEIRA, 2019)

Figura 24 – Fotografias do local de estudo (VIEIRA, 2019)

Figura 25 – Análise territorial (VIEIRA, 2019)

Figura 26 – Plano Urbano: Diagramas explicativos da intervenção (VIEIRA, 2019)

Figura 27 – Referências: Museumplein de Sven-Ingvar-Anderson em Amesterdão (acima) e projeto Borneo-Sporenburg dos West 8 (abaixo) (Disponível em WWW: <

<https://divisare.com/projects/62824-sven-ingvar-andersson-luigi-latini-massimo-venturi-ferriolo-museumplein>> e < http://www.west8.com/projects/all/borneo_sporenburg/>)

Figura 28 – Plano Urbano: Diagramas explicativos da intervenção (VIEIRA, 2019)

Figura 29 – Plano Urbano: Intervenção (VIEIRA, 2019)

Figura 30 – Lar panorâmico em 1992 (VIEIRA, 2019); AM Loures – cota: 2432/92 e (Disponível em WWW:

<https://www.facebook.com/pg/jornaldecamarate/photos/?tab=album&album_id=1774921466101586>)

Figura 31 – Análise da organização espacial do Edifício 1 do Lar Panorâmico (existente e proposta) (VIEIRA, 2019)

Figura 32 – Análise da organização espacial do Edifício 2 do Lar Panorâmico (existente e proposta) (VIEIRA, 2019)

Figura 33 – Análise da organização espacial do Edifício 3 do Lar Panorâmico (existente e proposta) (VIEIRA, 2019)

Figura 34 – Fotomontagem (ideia da imagem do edificado) (VIEIRA, 2019)

Figura 35 – Referência: Escola Dr. Júlio Martins do Arq. Nuno Brandão Costa em Chaves (Disponível em WWW: < <https://www.brandaocosta.com/projetos/chaves-ii/> >

Figura 36 – Plano de Pormenor: Planta à cota 133 e corte transversa e desenho técnico (VIEIRA, 2019)

Figura 37 – Fotografias à maquete 1/200 (VIEIRA, 2019)

Figura 38 – Plano de Pormenor: Corte Longitudinal pelo edifício da cantina (VIEIRA, 2019)

Figura 39 – Plano de Pormenor: Corte Longitudinal pelo edifício da biblioteca (VIEIRA, 2019)

Figura 40 – Plano de Pormenor: Planta à cota 133 e alçados a norte e desenho técnico (VIEIRA, 2019)

Figura 41 – Plano de Pormenor: Planta à cota 137 e alçados a sul e desenho técnico (VIEIRA, 2019)

Figura 42 – Fotografias à maquete 1/200 (VIEIRA, 2019)

Figura 43 - Plano de Pormenor: Percurso pelas rampas (VIEIRA, 2019)

Figura 44 – Referências: Biblioteca Central do Atelier Santos (acima) e Biblioteca Central do Atelier Santos (abaixo) (Disponível em WWW: <<http://ultimasreportagens.com/54.php>>) e Library Delft University of Technology de Mecanoo (Disponível em WWW: <<https://www.mecanoo.nl/Projects/project/27/Library-Delft-University-of-Technology?t=0>>)

Figura 45 – Referências: Biblioteca Tianjin Binhai dos MVRDV (Disponível em WWW: <<https://www.mvrdv.nl/projects/246/tianjin-binhai-library>>)

Figura 46 – Corte construtivo (VIEIRA, 2019)

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Enunciado

Anexo 2 – Estratégia de Grupo: Números atuais (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 3 – Estratégia de Grupo: Tempo limite e Preço imóveis (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 4 – Estratégia de Grupo: Qualidade de vida (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 5 – Estratégia de Grupo: Tipologia de aluno, ocupação e quartos (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 6 – Estratégia de Grupo: Tipologia de residência (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 7 – Estratégia de Grupo: Transportes públicos (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 8 – Estratégia de Grupo: Estrutura verde (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 9 – Estratégia de Grupo: Cronologia urbana (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 10 – Estratégia de Grupo: Critérios de localização (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 11 – Estratégia de Grupo: Sistema rodoviário (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 12 – Estratégia de Grupo: Tipologia rede metro (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 13 – Estratégia de Grupo: Ligações metro leve (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 14 – Estratégia de Grupo: Tipologias estações (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 15 – Estratégia de Grupo: Casos de estudo – VALIS (ANDRADE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 16 – Estratégia de Grupo: VALIS vs Lisboa 2029 (ANDRADE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 17 – Estratégia de Grupo: Loop City dos BIG (ANDRADE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 18 – Estratégia de Grupo: Casos de estudo – Skygarden dos MVRDV (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 19 – Estratégia de Grupo: Memória descritiva (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 20 – Estratégia de Grupo: Interface Sacavém (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 21 – Estratégia de Grupo: Estação Camarate (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 22 – Estratégia de Grupo: Interface Odivelas (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 23 – Estratégia de Grupo: Interface Amadora (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 24 – Estratégia de Grupo: Estação Damaia (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 25 – Estratégia de Grupo: Interface Algés (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 26 – Estratégia de Grupo: Interface Miraflores (ANDRADE; MARTINS; NASCIMENTO; VIEIRA, 2019)

Anexo 27 – Plano Urbano: Planta de Camarate em 1855 com as suas quintas (AM Loures)

Anexo 28 – Plano Urbano: Análise de Cheios e Vazios (Unidades Morfológicas de Camarate) (VIEIRA, 2019)

Anexo 29 – Plano Urbano: Levantamento fotográfica histórico de Camarate (VIEIRA, 2019)

Anexo 30 – Plano Urbano: Planta comparativa da atual malha com os limites das antigas quintas (no ano de 1855) (VIEIRA, 2019)

Anexo 31 – Plano Urbano: Reconhecimento do território (VIEIRA, 2019)

Anexo 32 – Plano Urbano: Reconhecimento do território (VIEIRA, 2019)

Anexo 33 – Plano Urbano: Levantamento fotográfica (VIEIRA, 2019)

Anexo 34 – Plano Urbano: Esquema de funções (VIEIRA, 2019)

Anexo 35 – Plano Urbano: Diagrama evolutivo – desenvolvimento da proposta (VIEIRA, 2019)

Anexo 36 – Plano Urbano: Esquema de funções (VIEIRA, 2019)

Anexo 37 – Plano Urbano: Propostas – Quinta do Redondo e Santa Maria (AM Loures)

Anexo 38 – Plano Urbano: Propostas – Quinta do Redondo e Santa Maria (AM Loures)

Anexo 39 – Plano de Pormenor: Reconhecimento do edificado existente – Edifício 1, 2 e 3 do Lar Panorâmico (VIEIRA, 2019)

Anexo 40 – Plano de Pormenor: Proposta - Planta e Corte (VIEIRA, 2019)

Anexo 41 – Projeto do Edificado: Biblioteca pública - pormenor construtivo (VIEIRA, 2019)

LISTA DE ABREVIATURAS

AML – Área metropolitana de Lisboa

TT – Travessia pelo Tejo

CRIL – Circular regional interior de Lisboa

TGV - *Train à grande vitesse* (Comboio de alta velocidade)

VALIS - Valorização de Lisboa

AUGI – Área urbanizável de génese ilegal

AM Lisboa – Arquivo municipal de Lisboa

AM Loures – Arquivo municipal de Loures

1. PROBLEMÁTICA

1.1 Enunciado

“Da Cidade Pós-industrial ao novo Campus Urbano”, a problemática assenta na escassez de camas para estudantes universitários (10000 camas em falta).

O problema prende-se com o crescente interesse no sector de alojamento universitário, à mercê da especulação imobiliária, privilegiando os alunos com elevada capacidade financeira. Colocando Lisboa numa situação não privilegiada enquanto cidade universitária. Pois Lisboa é uma cidade com uma média de meio milhão de habitantes, dos quais 113.500 são estudantes universitários, sendo 56.000 deslocados e, entre estes, 16.000 estrangeiros, ou seja, 34% da população estudantil nacional encontra-se deslocada sem “cama” para viver, onde as residências universitárias só conseguem cobrir 1% deste número. Os restantes estudantes nacionais deslocados onde estão instalados?

Esta situação de escassez de camas é agravada com o potencial económico e o desenvolvimento que Lisboa está vivendo, concretamente ao nível do turismo. Situação que está retirando aos estudantes, principalmente nacionais, residência (cama).

Desde logo, o primeiro fator é a cidade de Lisboa ser reconhecida como uma das capitais emergentes da Europa para o turismo, devido ao seu clima, segurança, economia e cultura, o que nos leva a um aumento de investimentos, quer privados quer multinacionais com grande poder de investimento no mercado imobiliário. Este grande *boom* por um lado é visto como uma mais valia para a cidade, porque permite uma requalificação e conservação de imobiliário degradado, por outro temos todos estes investimentos a serem direcionados para entidades com grande poder de compra, ou seja, turistas ou estudantes Erasmus, que são vistos como as “galinhas dos ovos d’ouro”.

O segundo fator, prende-se com o surgimento de plataformas de mercado online, que praticam preços exorbitantes, criando slogans poucos fiáveis, para facilmente venderem o produto.

O terceiro fator, reside na procura de alojamento/camas/residências perto das suas faculdades/universidades, pois estes alunos ficam dependentes de transportes públicos, zonas comerciais, serviços, equipamentos, etc. A falta de alojamento para estudantes verifica-se através das

queixas denunciadas pelos mesmos, amplamente difundido pelos meios de comunicação no passado verão de 2018, pelo preço altíssimo das rendas, pelas casas que são cubículos sem condições e pela falta de contratos de arrendamento.

Constata-se que os alunos estão a ser vítimas da especulação imobiliária, realidade conhecida pela população e pelas entidades governamentais, e que as estratégias de planeamento na área metropolitana de Lisboa não combatem.

Serão os alunos estrangeiros a nova galinha de ovos de ouro do alojamento?

Primeira residência de luxo para estudantes chegou a Lisboa: tem sala de cinema, piscina e ginásio. Mercado para universitários vai crescer como aconteceu com o alojamento local, prevêem agentes. Faltam 15 mil camas neste sector, calcula um estudo. Críticos temem que nova frente de imobiliário exclua mercado nacional.

JOANA GORJÃO HENRIQUES | 4 de Fevereiro de 2018, 7:07

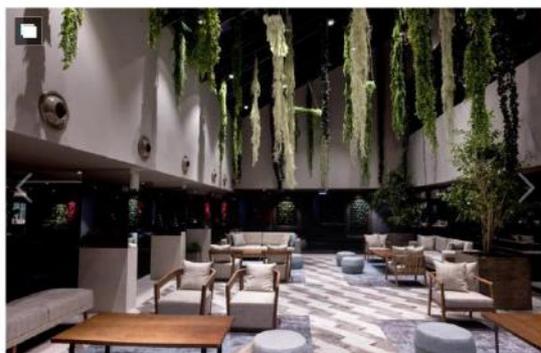


Figura 2- Notícias da problemática

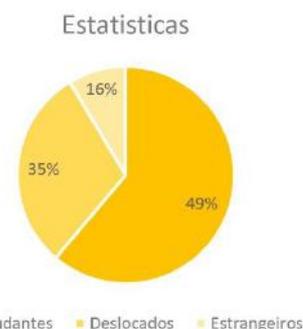


Figura 1- Esquema estatístico de estudantes da cidade de Lisboa

2. ESTRATÉGIA DE GRUPO

2.1 Reconhecimento da problemática

Colocada a questão da falta de camas para os estudantes universitários de Lisboa e no contexto atual da cidade a nível socioeconómico (gentrificação como consequência da enorme especulação imobiliária devido à bolha de Turismo e à realidade atual do estudante) pretendemos perceber a escala do problema proposto - dez mil camas em falta. Para tal utilizamos um edifício icónico de referência – uma torre do complexo das Amoreiras da autoria do Arq. Tomás Taveira – expoente da enorme densidade de construção no centro da cidade.

Com esta análise, seriam necessárias dez torres das Amoreiras (para uma média de 20 metros quadrados por estudante) para resolver dez mil camas em falta, e concluímos que a escala da resposta não se adequaria a uma única intervenção - quer no espaço quer no tempo – nem tão pouco na cidade de Lisboa – já bastante consolidada e alvo de especulação – sugerindo então a Área Metropolitana de Lisboa como potencial zona de intervenção.



Figura 3 – Montagem provocatória de 10 torres das Amoreiras no parque de estacionamento do ISCTE-IUL



NÚMEROS ACTUAIS

ESTUDANTES LISBOA

117.800 ESTUDANTES TOTAL

48.500 ESTUDANTES CIDADE UNIVERSITÁRIA

10.000 ESTUDANTES SEM "CAMA"

ESTUDANTES DESLOCADOS

56.000 ESTUDANTES DESLOCADOS TOTAL

16.000 ESTUDANTES ERASMUS

UNIVERSIDADES

117.800 ESTUDANTES TOTAL

48.500 ESTUDANTES CIDADE UNIVERSITÁRIA

10.000 ESTUDANTES SEM "CAMA"

RESIDÊNCIAS

Nº RESIDÊNCIAS PÚBLICAS: 29 (2.427 Estudantes)

Nº RESIDÊNCIAS PRIVADAS: 106 (1.966 Estudantes)

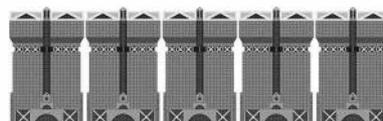
* área de referência do quarto e áreas comuns



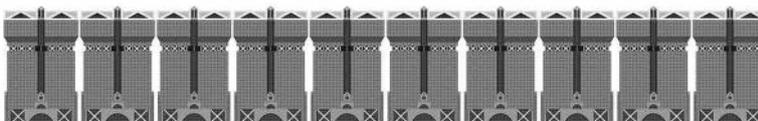
1 Piso (35m x 35m) = 1.225 m² = 61 camas (20m² cada)



18 Pisos = 1 T. Amoreiras = 22.050 m² = 1.102 camas (20m² cada)



90 Pisos = 5 T. Amoreiras = 110.250 m² = 5.512 camas (20m² cada)



180 Pisos = 10 T. Amoreiras = 220.500 m² = 11.025 camas (20m² cada)

Figura 4 - Reconhecimento da problemática

2.2 Reconhecimento do território

2.2.1 Oferta atual

De modo a compreender a razão de escassez de camas para alunos universitário, analisou-se a oferta atual de residências e universidades na AML de forma a compreender a sua distribuição no território e a relação quantitativa entre universidade/residência.

Relativamente à análise elaborada no estudo das universidades constatou-se uma concentração na zona da Grande Lisboa, destacando-se em dimensão o Campus da Cidade Universitária. Verifica-se pontualmente, polos universitários em territórios periféricos. Em contrapartida, no que diz respeito à análise elaborada às residências, verifica-se a existência de residências de maior dimensão nas periferias sendo estas residências públicas. A sua localização justifica-se pela consolidação urbana existente no centro urbano da cidade, onde se concentra maior quantidade de investimentos privados de menor dimensão.

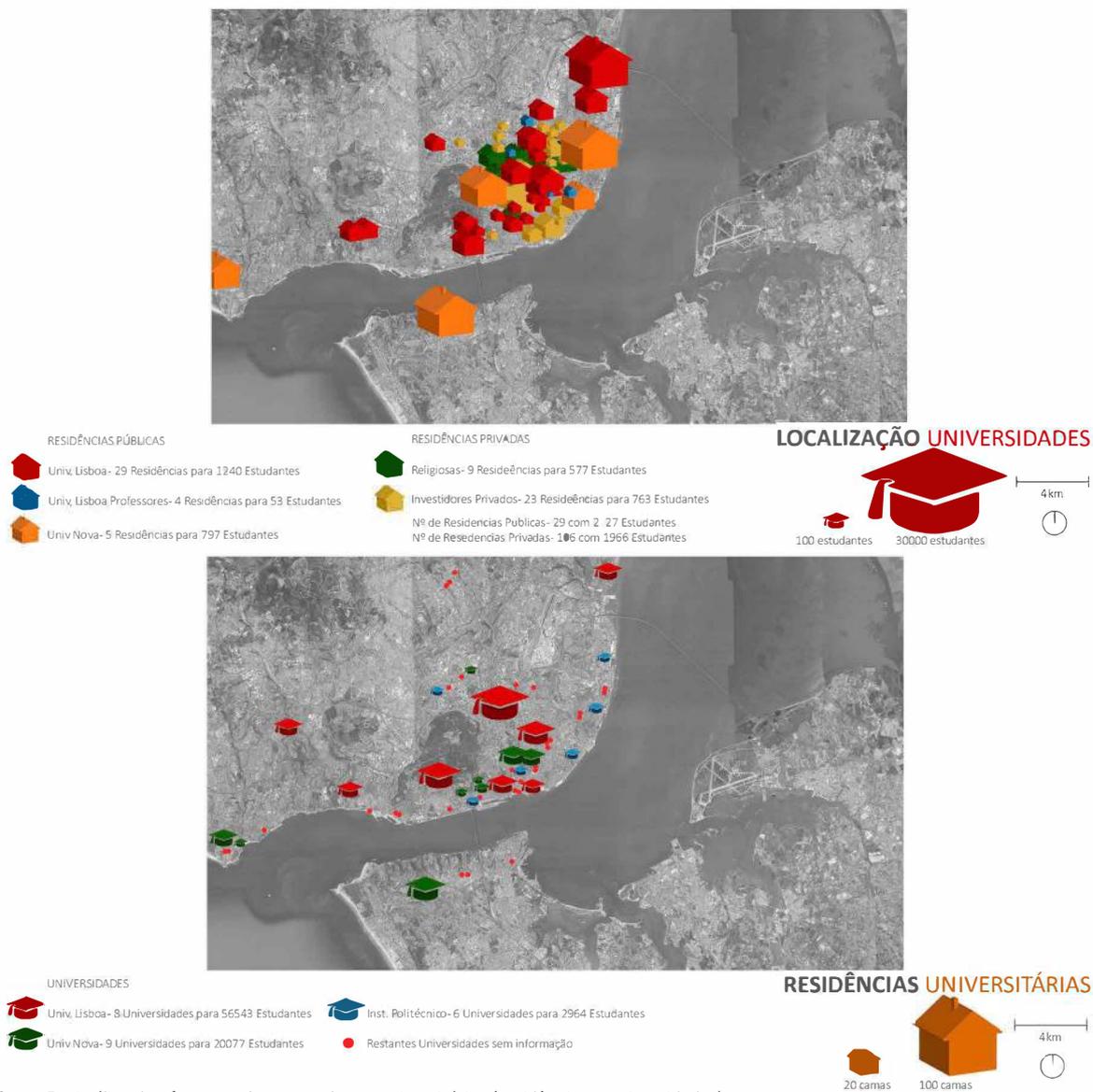


Figura 5 - Análise da oferta atual para os alunos universitários (residências e universidades)

2.2.2 Tipos de aluno e residência

Interessou-nos estudar a nova realidade e vivência do estudante universitário, não só a nível de ocupação de espaço e comunhão com os demais, mas também a sua interação com a instituição Universidade, originando diversas respostas.

Assim, estabeleceram-se critérios de tipo de aluno; tipo de ocupação e tipo de quarto o que nos levaria a um tipo de residência, cujas características variam.

Classificando os alunos em relação à sua tipologia, estabeleceram-se os conceitos de *standart* (aluno comum) e de *digital nomad* (nómada digital), onde a primeira tipologia diz respeito ao aluno que está mais dependente da universidade e dos transportes públicos cuja ocupação é efémera no seu local de habitação, não obstante a segunda tipologia diz respeito ao aluno que não depende fisicamente da Universidade, que a partir da sua área de trabalho consegue estar conectado ao trabalho e ao estudo, cuja ocupação é permanente no seu local de habitação.

Relativamente ao tipo de ocupação, ambas as tipologias, podem ser, individual, coletiva (amigos) ou familiar. No caso da ocupação individual e coletiva as áreas de descanso e trabalho têm dimensões médias e os espaços são partilhados, onde o espaço de habitação é servido por satélites complementares (com áreas de *co-working*, espaços de estudo e lúdicos). No caso da ocupação familiar as áreas de habitação têm dimensões máximas, os espaços são privados e dependem de equipamentos e serviços complementares (ex. creches, jardins infantis, parques, etc.)

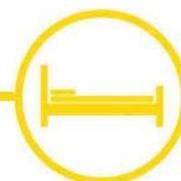
Deste modo, a tipologia de quarto pode ser individual, que corresponde a um único espaço de descanso e de trabalho; pode ser duplo ou t0, que corresponde a um espaço de descanso partilhado complementado com espaço de trabalho, instalação sanitária e *kitchnet*; e pode ser apartamento t1 ou t2, que corresponde a um espaço de descanso partilhado ou individual complementado por um espaço de trabalho, uma sala de estar, uma instalação sanitária e uma cozinha.



TIPO ALUNO



TIPO OCUPAÇÃO



TIPO QUARTO



STANDART

- ocupação Efémera
- Dependente da Universidade
- Dependente de transportes públicos



INDIVIDUAL OU COLECTIVA

- Dimensão Média (Descanso + Trabalho)
- Espaços Partilhados (Co-working / Co-living)
- Espaços de Estudo e Lúdicos



QUARTO INDIVIDUAL

- Espaço de Descanso
- Espaço de Trabalho



QUARTO DUPLO ou T0

- Espaço de Descanso (2 camas)
- Espaço de Trabalho
- IS + Kitchnet



DIGITAL NOMAD

- ocupação Permanente
- Não depende fisicamente da Universidade
- Pode não depender frequentemente de



FAMILIAR

- Dimensão Máxima (Habitação)
- Espaços Privados
- Dependente de Equipamentos e
- Serviços complementares



APARTAMENTO T1/ T2

- Espaço de Descanso (1 ou 2 quartos)
- Espaço de Trabalho
- Espaço de Estar
- IS + Cozinha

Figura 6 - Tipologia de alunos, ocupação e quarto

Assim sendo, estabeleceram-se três tipologias de residências, cuja relação com a envolvente vai aumentando ou diminuindo de acordo com as funcionalidades e serviços que a residência disponibiliza para os estudantes como para a população. Deste modo, em alguns casos a residência não é apenas o local de descanso mais sim um conjunto de programas complementares (ex. equipamentos desportivos, comércio, biblioteca, cantina, espaços flexíveis, etc.) disponibilizados para os estudantes como para a população. Deste modo, o dormitório é um núcleo composto maioritariamente por quartos servidos por satélites de programas complementares; o *high tech campus* é um núcleo composto por várias tipologias de quarto (quartos individuais, duplos ou apartamentos) servido por espaços de estudo e trabalho inseridos no campus e por satélites de programas complementares; e a cidade de estudantes é um núcleo composto por várias tipologias de quarto (quartos individuais, duplos ou apartamentos) servido por espaços de estudo, trabalho e programas complementares inseridos no campus cuja independência com o exterior é total.



TIPO RESIDÊNCIA



DORMITÓRIO

Núcleo composto maioritariamente por quartos
Servido por satélites de programas complementares



HIGH TECH CAMPUS

Núcleo composto por quartos e apartamentos
Servido por satélites de programas complementares
Espaços de estudo e trabalho inseridos na estrutura

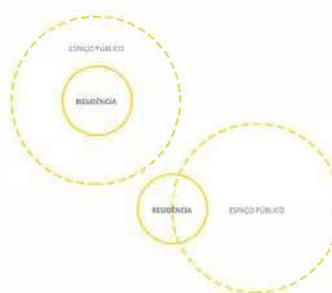


CIDADE DE ESTUDANTES

Núcleo composto por quartos e apartamentos
Servido por todos os programas complementares
Espaços de estudo e trabalho inseridos na estrutura
Independência total do exterior
Oferta de equipamentos partilhados com a cidade

PROGRAMAS COMPLEMENTARES

Biblioteca
Cantina
Espaços Flexíveis
Comércio a Retalho
Equipamentos Desportivos
Etc



Diagramas- Relação Residência e Espaço Público



Diagrama- Relações em tabela

Figura 7- Tipologia de residência

2.2.3 Mobilidade

De forma a entender a AML e tendo como ponto de partida o maior Campus Universitário de Lisboa (Cidade Universitária), teve-se em consideração alguns fatores determinantes para a qualidade de vida de um estudante, tais como o Tempo (30 minutos no máximo em cada deslocação – total de 1 hora diária) e o Preço (evitar as zonas de grande especulação imobiliária e atualmente muito consolidadas). Contemplámos paralelamente a este horizonte temporal alargado preocupações a nível sustentável (aquecimento global, poluição e congestionamento automóvel, concentração de investimento, etc.) e a tendência de concentração da população nos grandes centros urbanos (em 2050 prevê-se que mais de 80% da população irá viver em apenas 2% do território do planeta de acordo com o relatório da ONU).

No contexto atual da mutação da cidade de Lisboa, interessou-nos a ideia de limite, não só da cidade convencional como também das áreas em maior transformação. O próprio programa proposto de residências universitárias é, a nosso ver, um catalisador desta mesma regeneração urbana. Tentámos encontrar uma zona *in-between* da cidade, entre a malha urbana extremamente consolidada e o *Sprawl* característico das periferias com grandes urbanizações pós-revolução 25 de Abril. É neste espaço sobrance e desconexo, normalmente limitado por grandes estruturas rodoferroviárias que tentamos estabelecer uma charneira de novas sinergias e ligações, promovendo a ligação das distintas realidades.

O resultado deste estudo direcionou-nos para limites ambíguos, tanto na coroa norte de Lisboa como nas zonas ribeirinhas da margem sul, sendo que esta última estará dependente da construção de grandes infraestruturas (terceira e quarta travessias do tejo e aeroporto no Montijo).

Assim sendo, a nossa proposta implica respostas múltiplas e coordenadas: a nível geográfico com a criação de novas polaridades limítrofes; temporal com a previsão do desenvolvimento de Lisboa e com a construção pendente de grandes infraestruturas públicas.

As novas centralidade de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)

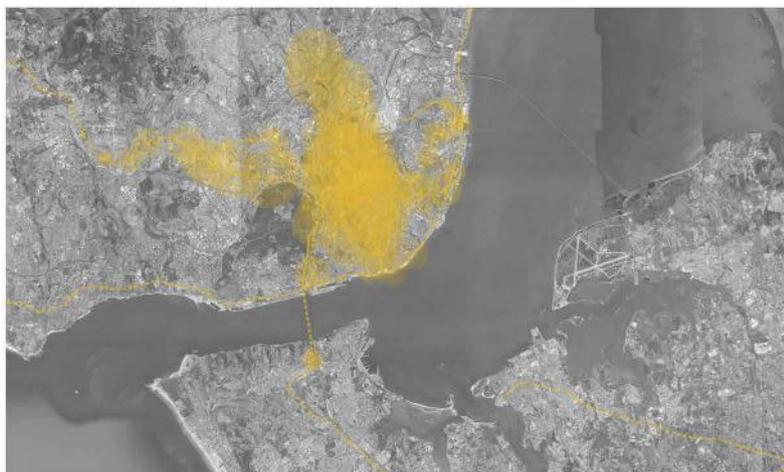


Figura 8 - Qualidade de Vida (tempo+preço)

2.3 Intervenção

Com base na análise realizada no capítulo anterior relativamente ao “*Reconhecimento do território*”, verificou-se que atualmente a nível da mobilidade, a distribuição da cidade de Lisboa funciona num sistema multilinear, ou seja, a rede de metro e comboio está desenhada com as suas conexões concentradas a sul, não existindo qualquer eixo de ligação entre as diversas linhas a norte e a poente.

A nossa proposta de residência estudantil passa pela reestruturação da AML, tendo em consideração as transformações que Lisboa terá nos próximos 10 anos. Deste modo, a proposta visa a transformação/criação de novos corredores de transportes públicos (metro de superfície) incorporados nas principais vias de circulação e distribuição periféricas automóvel e ferroviária, de modo a combater a carência de conexão entre as zonas periféricas e o centro da cidade. Estes novos corredores de transportes públicos surgem na sequência das atuais problemáticas de sustentabilidade, reduzindo o uso automóvel e promovendo uma visão ecológica.

Criam-se assim dois anéis tangentes, um que atua na coroa periférica reaproveitando a infraestrutura existente automóvel da CRIL (suprimindo as duas faixas de rodagem internas da plataforma) e outro que regenera uma área já consolidada no centro da cidade de Lisboa reaproveitando a infraestrutura ferroviária existente (substituindo o comboio por metro leve).



CRONOLOGIA URBANA

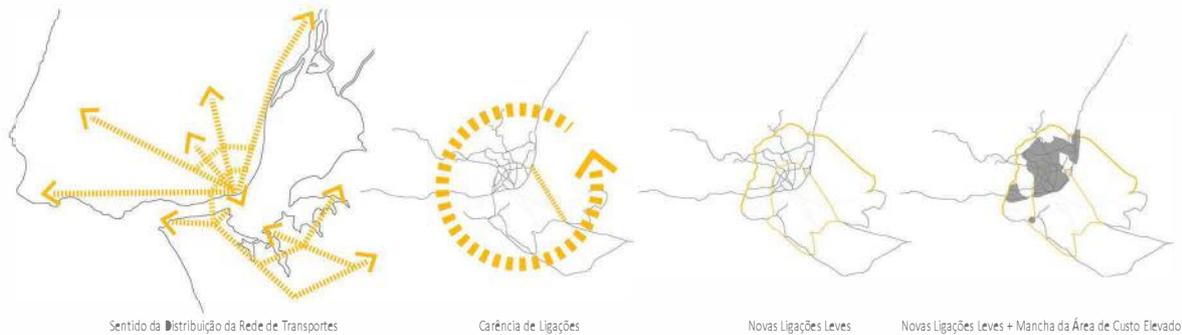
2022	Aeroporto Montijo Expansão Metro- Linha Amarela	2027	Quarta Travessia do Tejo Algés- Trafaria Expansão Total do Metro (Margem Norte)
2025*	Anel Interior : Comboio para Metro Leve Terceira Travessia Tejo Chelas- Barreiro	2030*	Anel Periférico : Implantação Metro Leve Expansão Total do Metro (Margem Sul)

*data de referência

Figura 9 – Evolução da AML em conformidade com a intervenção



TRANSPORTES PÚBLICOS



ESTRUTURA VERDE

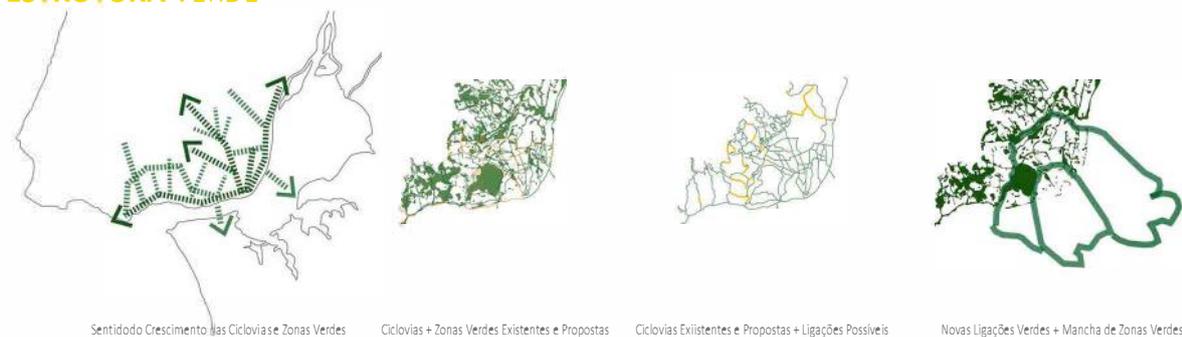


Figura 10 - Ponto de arranque da estratégia

Deste modo, o anel periférico começa em Algés, com a introdução de um metro leve de superfície que facilita a mobilidade periférica, até então inexistente, com um grande corredor ecológico, prologando-se pela CRIL até Sacavém atravessando o rio pela ponte Vasco da Gama seguindo pela frente ribeirinha da Margem Sul que vai até à Trafaria, onde a Quarta Travessia liga novamente a Algés.

O anel interno é também ligado por esta estrutura que volta a cruzar o rio pela Ponte 25 de Abril, reestrutura e suprime a linha de comboio pesado do centro de Lisboa até Chelas, onde encontra o projeto proposto da Terceira travessia do Tejo que liga ao Barreiro e retorna à ponte 25 de Abril num circuito fechado.



LIGAÇÕES METRO LEVE

ANEL PERIFÉRICO

ALGÉS - Interface

Barco + Comboio (Linha Cascais) + Metro Leve

MIRAFLORES - Interface + Residências

Metro (Linha Vermelha) + Metro Leve

DAMAIA - Interface

Comboio (Linha Sintra) + Metro Leve

AMADORA - Interface + Residências

Metro (Linha Azul) + Metro Leve

ODIVELAS - Interface + Residências

Metro (Linha Amarela) + Metro Leve

CAMARATE - Residências

SACAVÉM - Interface

Comboio (Linha Azambuja) + Metro Leve

MONTIJO - Interface

Barco + Metro Leve

ANEL INTERNO

BARREIRO - Interface + Residências

Barco + Metro Leve

PRAGAL - Interface + Residências

Metro + Metro Leve

TRAFARIA - Interface

Barco + Metro Leve

Figura 11 – Estações de metro propostas



Figura 12 - Anel Interior e Anel Periférico

Ao longo desta intervenção desenvolvemos vários pontos-chave que funcionam como interfaces e conectores urbanos, sendo estes o núcleo destas novas polaridades que visam regenerar estes territórios nomeadamente aos níveis: programático de residência universitária e com um carácter público complementar que serve também a população; mobilidade (ligação de dois transportes em massa, ciclovias, pedonais, bolsas de estacionamento, sistemas de car/bike sharing); ecológico (corredor verde, ciclo da água, arquitetura biofílica, etc.); e unidade de paisagem urbana (boulevard periférica, hortas urbanas, referências no percurso na CRIL).

Do ponto de vista urbano e pedonal, a CRIL funciona como uma “muralha contemporânea” da cidade e a nossa proposta visa redefinir as novas “Portas de Lisboa”.

Assim sendo, definimos 13 zonas fulcrais com maior carência a nível de ligações e serviços, tais como, na margem norte, no anel periférico, Algés (conexão com comboio linha Cascais, barco e 4ªTT), Miraflores (conexão com metro linha vermelha), Damaia (comboio linha de Sintra), Amadora (metro linha azul), Odivelas (metro linha amarela), Camarate (ligação condicionada pelo aeroporto) e Sacavém (conexão com comboio linha Azambuja e metro linha vermelha); e no anel interior, Chelas (conexão com comboio linha Azambuja, metro linha vermelha e 3ªTT) e Alcântara (conexão com comboio linha Setúbal, comboio linha Alcântara-Rio, metro linha amarela). Na margem sul desenvolvemos as interfaces, no anel periférico, Montijo (conexão com o novo aeroporto e o metro linha azul) e Trafaria (conexão com a 4ªTT e o metro linha verde); e no anel interior, Barreiro (conexão com a 3ªTT, o TGV e o metro linha azul) e Pragal (conexão com o comboio linha Setúbal e o metro linha verde). Este é um sistema que permite no futuro, e consoante o desenvolvimento e dinâmicas da cidade, criar polaridades com distintos caracteres. Cria-se assim uma rede de subsistemas e centralidades programáticas (social, desportivo, tecnológico, artístico, familiar, etc.) que tem influência sobre uma área bem mais vasta do que o próprio corredor programático proposto.



Figura 13 - Estações de metro ao longo do Anel Interior e Periférico

2.3.1 Análise da estrutura da CRIL

O nosso olhar teve maior enfoque na análise morfológica da estrutura da CRIL, e de que forma esta se implanta e se relaciona com o terreno adjacente, pois esta estrutura assim como outras construídas entre a década 80 e o início do séc. XXI, vieram dinamizar a relação com a cidade e melhorar a mobilidade rodoviária. Estas estruturas têm uma identidade própria que caracteriza a paisagem urbana que se perdeu devido ao seu acelerado crescimento. Deste modo, estas construções criaram lugares ambíguos, não-lugares, vazios urbanos descaracterizados e descontinuidade no território.

Pretendemos com esta análise perceber de que forma a implantação da nossa proposta de metro de superfície se pode relacionar com esta estrutura e com a envolvente, criando soluções que visem diminuir o impacto paisagístico que estas estruturas têm no território. Assim, a nosso ver a CRIL não é apenas uma estrutura de mobilidade e de ligação entre diversos pontos, mas também uma estrutura programática como parte integrante da cidade.

Na análise identificaram-se quatro tipologias de relação com o território: i) de nível (a plataforma da CRIL tem continuidade com o restante território); ii) em viaduto (a plataforma da CRIL elava-se do território); iii) em túnel (a plataforma da CRIL enterra-se) e iv) em túnel aberto (a plataforma da CRIL enterra-se sem cobertura).



SISTEMA RODOVIÁRIO



Figura 14 – Diversidade tipológica da CRIL



Figura 15 - Tipologia da CRIL/ metro leve

2.3.2 Análise de tipologia de estação de metro

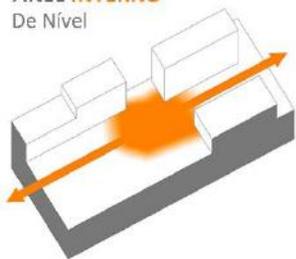
Esta linha de metro encontra-se condicionada pela sua localização, pois situa-se entre vias rápidas, logo a entrada/saída de passageiros deve ser feita num nível diferente, onde se cria a estação, e pela tipologia da relação da CRIL com o território. Deste modo nos vários pontos de intervenção surgem várias soluções de estação de metro que se distinguem pela relação com a plataforma da CRIL.

Na análise identificaram-se quatro tipologias de estação de metro: i) de nível; ii) em ponte; iii) em túnel e iv) enterrada.



TIPOLOGIAS ESTAÇÕES

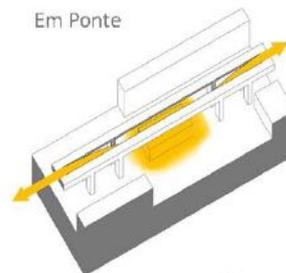
ANEL INTERNO
De Nível



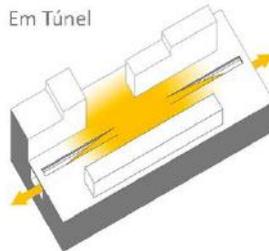
ANEL PERIFÉRICO
De Nível



Em Ponte



Em Túnel



Enterrada

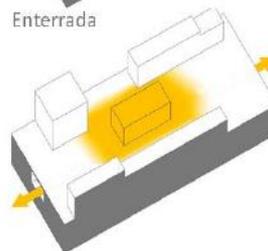


Figura 16 – Tipologias de estação de metro

2.3.3 Referências

A referência estudada mais importante foi o projeto Loop City dos BIG, onde uma grande estrutura urbana liga as periferias de Copenhaga, fazendo ligação entre a área urbana e a área suburbana, através de um transporte em massa, ganhando novas dimensões e adaptando a sua morfologia às diferentes realidades com que se cruza, criando pontos de desenvolvimento e de dinamização urbana em torno das estações. Este projeto foi essencial para a percepção de múltiplas respostas que a estação de metro pode ter em contacto com a CRIL e com o território, para além disso, foi importante perceber que os pontos da estação de metro podem ser utilizados como catalisadores de regeneração urbana.

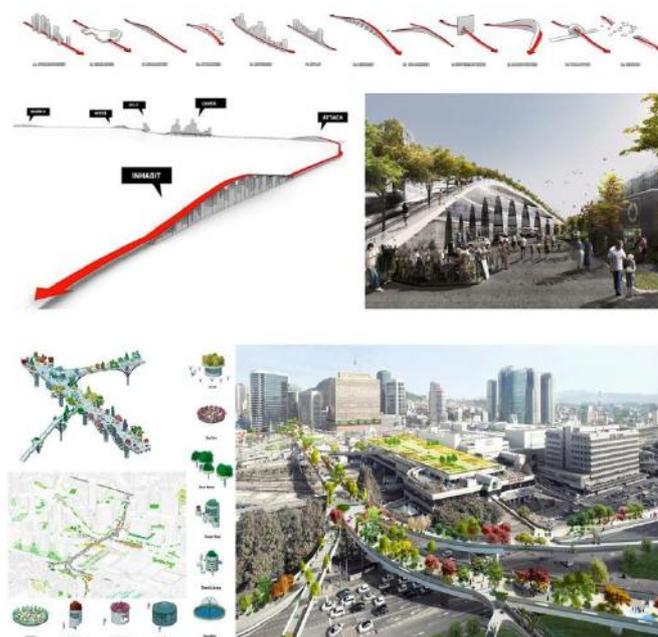


Figura 17 – Referências: Loop City dos BIG; SkyGardem dos MVRDV

Outra referência estudada foi o projeto Skygardem dos MVRDV, onde aproveitam uma estrutura rodoviária fechada por questões estruturais, na Coreia do Sul, para a implantação de um verde urbano de modo a melhorar a paisagem tornando-a mais ecológica e inspiradora para os locais. Este projeto teve importância para a nossa abordagem à CRIL enquanto elemento paisagístico no meio urbano.

Também se estudou o projeto do Programa Valis intitulado *As Portas da aldeia de Lisboa*, onde proponham que se abrissem portas de entrada pela barreira física que é a CRIL promovendo um cruzamento menos impactante entre a funcionalidade do automóvel e o urbanismo. Este projeto teve relevância no entendimento que se tem da AML, dos seus limites e das atuais portas de entrada para Lisboa.

Por fim, analisou-se o projeto Segunda Circular de Nuno Raimundo em que se aproveita a estrutura da segunda circular em Lisboa para se implantar um metro leve nas faixas rodoviárias centrais. Este projeto teria como objetivo diminuir o congestionamento rodoviário criando uma expansão da rede metropolitana de Lisboa. Localiza-se numa via paralela à CRIL, e assemelha-se ao nosso projeto pela necessidade de se criar uma linha de transporte público (metro) perpendicular às ramificações das linhas já existentes, promovendo assim a facilidade de mobilidade neste meio de transporte.

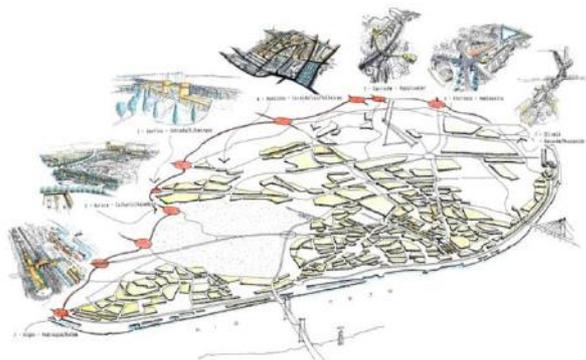


Figura 18 – Referências: Programa VALIS (Valorização de Lisboa) – As Portas da Aldeia de Lisboa, julho de 1991; Segunda Circular de Nuno Raimundo

2.4 Síntese do capítulo

Esta estratégia/proposta de grupo foca-se na problemática da escassez de camas para estudantes universitários (10000 camas em falta) cruzando-se com a revitalização e criação de novas centralidades na periferia da cidade de Lisboa, tendo em consideração as transformações previstas para a AML, pensando-se numa Lisboa para daqui a 10 anos.

Deste modo, através da problemática e do programa residência de estudantes universitários, procuramos criar uma estratégia à macro escala na AML, ligando as duas margens através de um meio de transporte em massa (metro de superfície) para combater o défice de transportes e permitir trabalhar nas periferias (terrenos de menor custo) criando complexos de cidades universitárias (residências e edifícios complementares).

Pretendemos criar dinâmicas e consequentemente uma nova imagem em todo esse corredor de cintura de Lisboa, promovendo o seu atravessamento com uma nova experiência, tanto a nível de paisagem, como rodoviário, pedonal e ciclável. Esta grande artéria será também, na nossa perspetiva, uma referência na expansão da cidade e catalisador de nova urbanidade.

3. ESTRATÉGIA INDIVIDUAL

Analisada a problemática e desenvolvida uma estratégia descrita ao longo do capítulo 3, intitulado *Estratégia de Grupo*, a partir das 10 zonas fulcrais assinaladas e chamadas de novos centros regeneradores das periferias, estes procuram ganhar independência a Lisboa e promover novas dinâmicas territoriais. Assim sendo, a proposta individual insere-se no território de Camarate, cujo arranque da proposta localiza-se na implantação da estação de metro de superfície no túnel do Grilo. A opção do local analisado e intervencionado prendeu-se com a relação do número de alunos e com a dimensão da área de estratégia, pois cada elemento do grupo (primeira fase do trabalho – capítulo 3) teria de criar uma residência para 1000 alunos de modo a colmatar o problema de escassez de camas. Deste modo, Camarate era uma das zonas de maior área de intervenção que conseguiria responder à problemática. Na elaboração da proposta, foram tomadas como ponto de arranque as opções refletidas em grupo na primeira fase de trabalho com alterações resultantes de um estudo mais detalhado ao local de intervenção.

A área de trabalho individual está compreendida a sul e oeste pela barreira física da CRIL e aeroporto da Portela, a norte pela barreira natural de campos de cultivo e verdes baldios e a este pelos bairros planeados de Sacavém. Por outras palavras a intervenção assenta nos bairros de Fetais, de São José, nas quintas abandonadas de Santa Maria, do Redondo e do Anjo da Guarda e no centro histórico de Camarate.

Esta área de intervenção apresenta elevadas falhas aos mais diversos níveis; na sua morfologia de malhas urbanas; nas barreiras naturais e artificiais; na sua estrutura de transportes públicos; nos seus espaços públicos e de lazer; e na inexistência de serviços e de equipamentos públicos essenciais para a população local, que conduzem à sua continua segregação e isolamento do restante tecido urbano. Embora sejam alvos de várias intervenções por parte dos municípios muito ainda está por fazer, como podemos ver pelas análises e estudos feitos ao local pelo Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística da Câmara de Loures, destacando-se os ficheiros, *Relatório de diagnóstico e caracterização das áreas deprimidas dos municípios de Loures*, de 2009 e *Delimitação de áreas de reabilitação urbana e operação urbana simples*, de 2016, onde delimitam as zonas com necessidade de reabilitação e de revitalização.

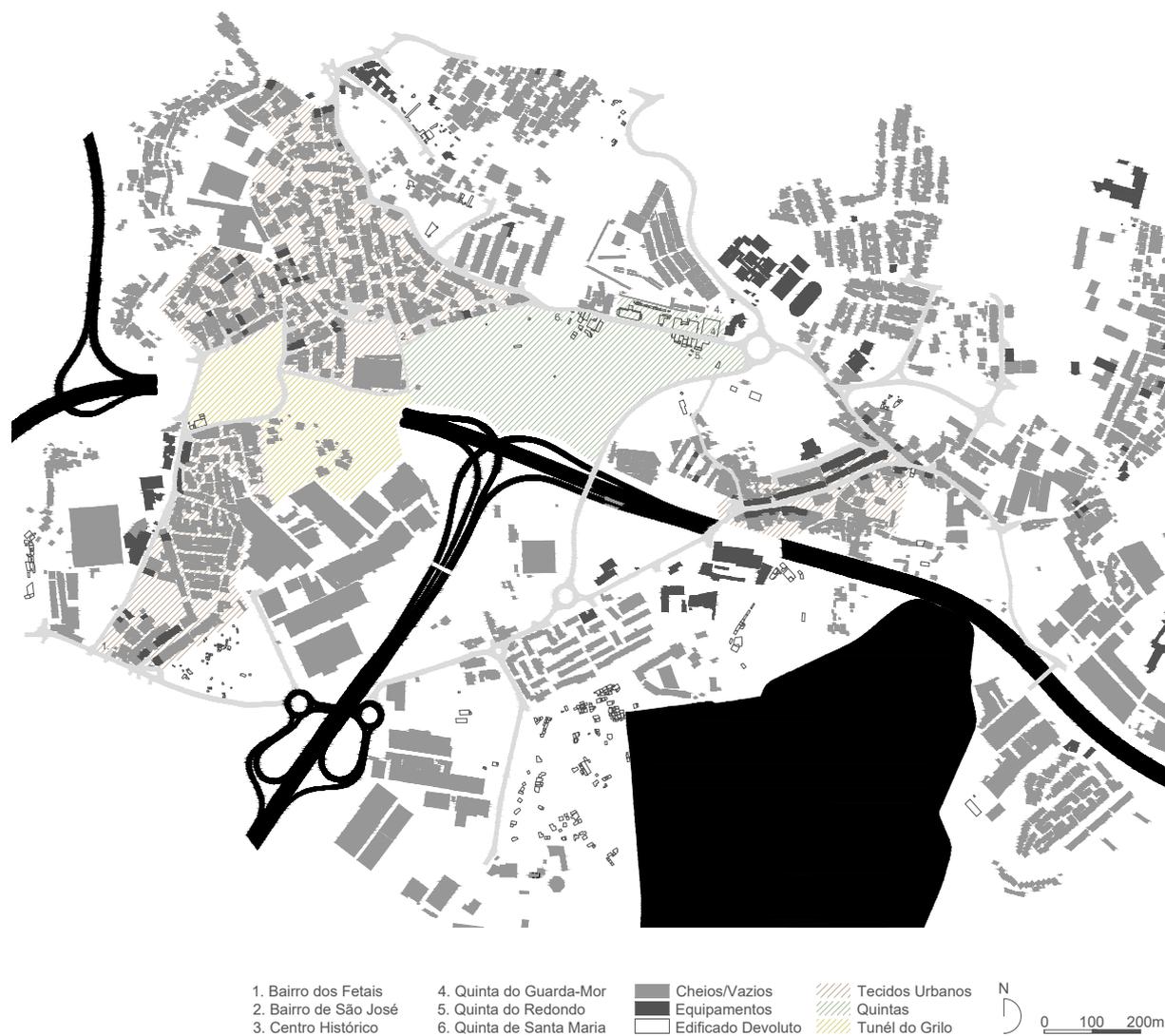


Figura 19 - Identificação do local de intervenção

Ainda da intervenção de grupo, identificou-se este local apto a receber estudantes standart e digital nomad pela proximidade ao centro de Lisboa e a instituições universitárias bem como aos novos equipamentos e serviços que Camarate pode vir a oferecer. De acordo com as características do local a residência é do tipo high-tech composta por várias tipologias de quarto (individual, coletivo e apartamento) servida de espaços de uso exclusivo para a residência bem como programas complementares destinados aos estudantes e à população local, permitindo uma função social.

Pressupõe-se do trabalho de grupo que este é um local de carácter familiar e social, pela necessidade de regeneração urbana e social, resultado da degradação e segregação dos bairros de AUGI e com a introdução de um novo tipo de sociedade (estudantes) e de uma série de programas e atividades (arquitetura) poderá juntar estas realidades e melhorar a qualidade de vida de Camarate.

Deste modo, o presente trabalho individual apresenta-se dividido em três partes de acordo com a escala da área em análise, expondo três propostas interligadas cuja área de estudo e de intervenção afunila.

A primeira parte da intervenção, designada neste trabalho por *Plano Urbano*, liga a proposta de grupo, criação de uma estação de metro de superfície no túnel do Grilo relacionada com o território adjacente, os bairros de génese ilegal, e a criação de um plano urbano através de novos arruamentos, espaços e edificados.

A segunda parte da intervenção, intitulada de *Plano de Pormenor* foca-se na revitalização e regeneração da rua Maria Deolinda Gomes Ferreira e dos edifícios que a delimitam, as quintas abandonadas de Santa Maria, do Redondo e do Anjo da Guarda, através da atribuição de novas funções e nova configuração da rua. Esta intervenção pretende manter a memória do local caracterizada pelas suas quintas, portões e pomares.

E por fim, a terceira parte da intervenção, designada de *Projeto do Edificado*, assenta na elaboração de um edifício de interesse e uso coletivo, uma biblioteca pública.



Figura 20 – Foto área

3.1 Plano Urbano

3.1.1 Enquadramento Histórico

Segundo documento oficial Camarate terá pertencido a David Negro, um judeu, ao tempo Almojarife das Alfândegas do reino. Após a morte do rei, David Negro foi obrigado a fixar-se em Toledo, onde veio a morrer. Os numerosos bens de David Negro foram doados pelo novo rei D. João I ao seu aliado D. Nuno Álvares Pereira como recompensa pelos seus serviços prestados à corte. Após a morte do rei D. João I, Nuno Álvares Pereira passou a viver na Quinta do Salter (atual centro histórico de Camarate) e nela construiu uma capela em honra de Nossa Senhora do Socorro que mais tarde foi doada à ordem Carmelita para ali fundarem o seu convento, extinto em 1834, próximo da atual igreja matriz.

Não se sabe ao certo como terá surgido a toponímia de Camarate, mas sabe-se que em tempos idos neste local existia o cultivo de uma casta de videira chamada camarate ou, em alternativa, pelo facto de, na Idade Média, aqui se situar a Camarata Real, onde pernoitavam os nossos reis, quando se dirigiam para o norte do país. Porém ao que tudo indica o mais provável é que o nome derive do nome de uma antiga família que aí se estabeleceu durante a ocupação mourisca.

A partir do século XVI, devido à sua privilegiada localização tornou-se um local muito concorrido pela nobreza lisboeta, sendo afamada pela sua produção vinícola. Deste modo a paisagem de Camarate era caracterizada pelas suas quintas nobres, extensa rede de azinhagas, debruadas por longos troços de sólidos muros de pedra que fizeram parte do quotidiano desta freguesia, conservado a sua ruralidade até meados do século XX (ver Anexo27). No entanto, desde meados do século XX, com o desenvolvimento industrial acelerado e subsequente terciarização e com o avançar do progresso e devido à proximidade de Lisboa a freguesia tornou-se essencialmente num dormitório de Lisboa e num espaço do sector terciário. A construção em massa de armazéns e indústrias, de prédios de baixo custo de construção moderna, de bairros de génese ilegal em redor nos muros das antigas quintas rompeu com as deslumbrantes quintas e com a morfologia rural, passando a existir apenas os restos de antigas quintas e ruínas de frontões e portões, que só um olhar atento pode registar.



Rua Avelino Salgado Oliveira em 1926



Rua Avelino Salgado Oliveira em 2019

Figura 21 - Contraste morfológico de Camarate

3.1.2 Reconhecimento do território

Devido à sua evolução histórica, Camarate não assimilou as mudanças sociais e económicas e as alterações morfológicas que o território foi sofrendo, por conseguinte, atualmente encontramos Camarate como uma zona segregada, degradada e subdesenvolvida onde os contrastes são evidentes.

Camarate, é uma das freguesias mais a sul do concelho de Loures, e faz fronteira com Lisboa. Em termos geográficos encontra-se nos extremos de dois municípios, Lisboa e Loures, apresentando-se periférica e subdesenvolvida. Apesar da sua proximidade com o centro de Lisboa, Camarate encontra-se muito longe devido ao défice de meios de transportes públicos de ligação entre os dois locais, onde só funciona a rede de autocarros.

Deste modo, o território em análise encontra-se gravemente fragmentado com vários tipos de morfologias urbanas que não se ligam entre si. Cada morfologia urbana diz respeito a núcleos habitacionais de bairro de génese ilegal ou de custo controlado muito consolidados ou a núcleos terciários (parques industriais e armazéns). Estas morfologias urbanas para além do nível de segregação em termos de tecido urbano também são segregadas por serem autossuficientes.

Todavia, esta segregação não se deve apenas à diferença de desenho urbano entre as diversas morfologias urbanas, mas também se deve à sua barreira física e aos seus limites fortemente sentidos e criados aquando da construção do aeroporto da Portela e do troço da CRIL, evidenciando a separação com Lisboa. O ambiente urbano de Camarate é fortemente marcado pelas grandes infraestruturas rodoviárias nomeadamente o Eixo Norte-Sul, a CRIL e os seus nós viários, criando fissuras intransponíveis da qual resulta a fragmentação do espaço urbano e espaços inaproveitáveis.

Tanto a rede viária como a morfologia urbana em Camarate apresentam ainda muito das características da malha urbana do séc. XVI ao XIX, formada pelos muros das quintas, como é o caso do centro histórico de Camarate que corresponde ao traçado urbano orgânico definido pelas antigas azinhagas que delimitavam as antigas quintas, como se pode observar na figura 22 (ver Anexo 28).



Figura 22  Análise aos cheios e vazios de modo a compreender as unidades morfológicas de Camarate

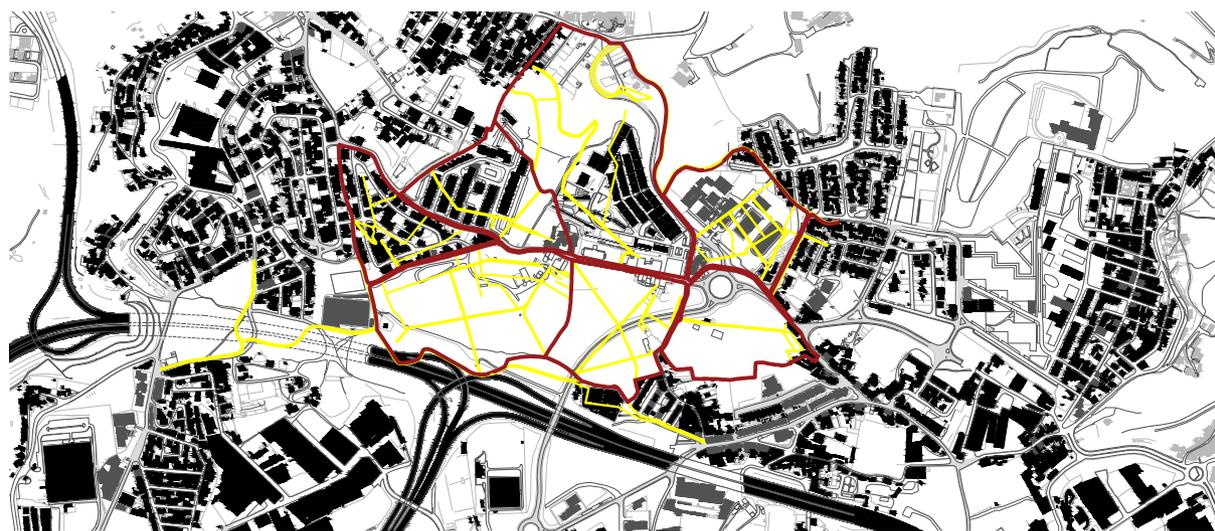
Assim sendo, o desenvolvimento e o crescimento de Camarate encontravam-se condicionados pelas pré-existências destas antigas quintas de exploração agrícola, dividindo o território em duas áreas distintas. O crescimento do tecido urbano subordinado aos muros das antigas quintas, como é o caso do Bairro do Grilo e de São José (AUGI), e a ocupação de antigas quintas ao longo dos arruamentos, como é o caso da demolida Quinta de São Lourenço que deu lugar ao Bairro de São Lourenço. Em ambos os casos ocorre uma sobreposição do antigo tecido com novos traçados de vias, desaparecendo as antigas volumetrias de um a dois pisos dando lugar a novas ocupações de cinco e seis pisos provocando ruturas entre tecidos. Todavia com a inserção da CRIL, sucede uma rotura do tecido pela evidente separação física, com verdes de proteção, passagem sobre viadutos, túneis e proibição de passagens de peões. No caso em específico da CRIL em Camarate ocorrem apenas três momentos de ligação entre os dois lados da autoestrada, um demarcado pelo túnel do Grilo, criando uma zona recreativa de lazer, os outros dois momentos são apresentados por apenas um acesso viário, um por viaduto (acesso sobre a CRIL) e o outro por túnel (acesso sob a CRIL) (ver anexos 30 e 31).

Para além disso, como já foi referido no subcapítulo 4.1.1 constatou-se que Camarate é uma zona dormitório, pois não é abastecido por uma rede de serviços para a população local. Deste modo, dentro dos núcleos habitacionais, destaca-se o núcleo do centro histórico (Rua Avelino Salgado de Oliveira) composto pela sua rua comercial, concentrando em si um grande dinamismo de atividades económicas, com pequenos equipamentos, serviços e comércios como os correios, a junta de freguesia, o supermercado, a clínica, os cafés e a restauração. Em oposição à restante envolvente, os núcleos de habitação (AUGI) são compostos por pequenos comércios, cafés e pequenas atividades industriais como oficinas do ramo automóvel e carpintarias que servem diretamente o respetivo núcleo a que pertencem, com maior dependência funcional (ver anexo 32).

Dentro dos núcleos habitacionais, para além de se destacar o centro histórico, como centro de vida urbana, destacam-se também os bairros de génese ilegal muito característicos deste território (AUGI), que apesar da sua proximidade territorial, apresentam identidades específicas e próprias, possuindo uma estrutura fechada em si próprio, estabelecendo ligações pontuais com os tecidos envolventes. Trata-se de loteamentos clandestinos, que ocorreram dentro dos limites de uma antiga quinta ou que surgiram nas periferias das quintas, apresentando em muitos casos limites irregulares.



Limites morfológicos das AUGI (atual)



Limites das antigas quintas (1855)

— Limites de Quintas — Caminhos

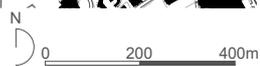


Figura 23 - Comparação dos limites das antigas quintas com a morfologia atual das AUGI

Estes bairros apesar da sua dependência funcional são encarados como zonas deprimidas pela Câmara de Loures, pela decadência física de espaços urbanos e infraestruturas associadas e pela falta de vivência e estruturas socioeconómicas endémicas (ver anexo 33).

Estes bairros são caracterizados pela densidade construtiva extremamente elevada sem hierarquia, ou seja, sem uma estrutura (matriz) urbana, com poucos ou nenhuns espaços verdes de lazer qualificados, pelo desenho de quarteirão regular de dimensão muito variável e de tipologia traseira com traseira, pelas ruas estreitas sem espaço pedonal fortemente ocupadas pelos automóveis, e pelas habitações de duas tipologias, habitações próprias, essencialmente moradias de 1 a 2 pisos complementadas por anexos; habitação coletiva de 3 a 5 pisos complementadas por anexos e pequenas indústrias sem licença, predominando as ampliações desqualificadas. Por se tratar de espaços autossuficientes, o uso habitacional coexiste com a atividade económica, sendo bastante



Impacto da CRIL na paisagem



AUGI



Centro histórico (Rua Avelino de Oliveira)



Verdes de proteção



Verdes baldios nas AUGI



Azinhagas – Muros de antigas quintas

Figura 24 – Fotografias do local de estudo



Figura 25 - Análise territorial

incompatível com a passagem de veículos pesados induzidos pelas atividades circulando com extrema dificuldade nos arruamentos exíguos e sem passeio.

A estrutura de verdes é caracterizada por quatro tipos de verde, pelos verdes de proteção devido à forte presença de autoestradas, criando verdes sem uso e sem tratamento; pelos verdes baldios, sem uso urbano, que empobrece o espaço, muito característico das zonas rurais e em alguns casos usados pela população para hortas; pelos verdes agrícolas fortemente presente nas zonas rurais e a parca presença dos verdes urbanos com desenho qualificado, como parques urbanos, jardins e verdes recreativos. Estes espaços urbanos verdes, verdes de proteção e verdes baldios apresentam-se na paisagem como vazios urbanos sem papel e função aguardando para ganharem relevância no tecido urbano da freguesia. Os espaços urbanos verdes, verdes agrícolas e verdes urbanos, são espaços pensados e desenhados para fins urbanos de lazer e de riqueza local, no entanto, não existe ligação ou continuidade entre estes, sendo para uso especialmente dos residentes locais.

Perante o contexto urbano de Camarate, a estratégia urbana tem como ponto de arranque a localização da nova e primeira estação de transporte público em massa (metro de superfície) que irá abastecer o local. A localização do metro, dá-se no túnel do grilo (estratégico enquanto grupo) uma vez que o território se encontra bastante condicionado com as vias de acesso à CRIL e ao Eixo N/S e deste modo, reaproveitando a estrutura existente.

Esta estação de metro promove um novo desenho urbano permitindo a reformulação de limites de tecidos urbanos, substituição de edifícios que se apresentam em mau estado de conservação e demolição daqueles que impedem a concretização do projeto garantindo o seu realojamento, criação de um grande espaço público de lazer e de equipamentos no seu centro, reformulação global de todos os sistemas de infraestruturas urbanas e a sua adaptação a um novo enquadramento urbano.

3.1.3 Intervenção

Deste modo, a proposta encara o túnel do grilo, consequência de construção da CRIL, enquanto túnel para os automóveis e verde de lazer e baldio para a população como o único momento de ligação direta entre o lado sul (Loures) e o lado norte (Lisboa), transformando-o na nova centralidade de Camarate, como polo de carga e descarga de pessoas e gerador de equipamentos coletivos e sociais em oposição ao centro histórico, caracterizado pela sua rua comercial. Assim sendo, este novo centro urbano é um elemento de equilíbrio e de complemento ao antigo centro funcional, cujo desenho urbano tenta seguir as memórias das antigas azinhagas e quintas, numa tentativa de manter a identidade do território.

Este espaço verde para além de contemplar a nova estação de metro, é visto como um momento de desafio, e de ligação entre as malhas urbanas densas dos Bairros de Fetais e de São José. Para além disso, a proposta visa a ligação entre o núcleo habitacional e o núcleo histórico, através de uma nova rede viária que permite a reabilitação e requalificação das quintas e edifícios abandonados para implementar equipamentos, serviços e comércio de interesse público. Assim sendo, a proposta urbana assenta em cinco pontos encadeados (ver anexo 34).

O primeiro ponto, assenta na estação de metro, no atual verde de lazer e baldio (túnel do grilo), sem uso urbano qualificado, que empobrece o espaço, dando-lhe um novo papel de zona central em Camarate. A proposta redesenha os limites da zona verde, através do redesenho dos limites dos bairros de génese ilegal (Bairro de Fetais e Bairro de São José); da criação de ligações viárias de norte a sul entre os bairros e de este a oeste entre centros geradores de espaço urbano; da criação de equipamentos sociais como um centro de dia e um ATL para a população que vive no espaço durante o dia (jovens e idoso) nos limites da zona verde e da criação de uma estação de metro com comércio para acentuar a movimentação da população local com a população sazonal que passará a usufruir do local. A par disso houve a necessidade de redesenhar as habitações e o parque industrial adjacente à nova área verde de lazer, seguindo as linhas matriciais do existente, adquirindo uma nova linguagem mais contemporânea, melhorando as vias de acesso quer para automóveis quer para peões.

As novas Portas de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)

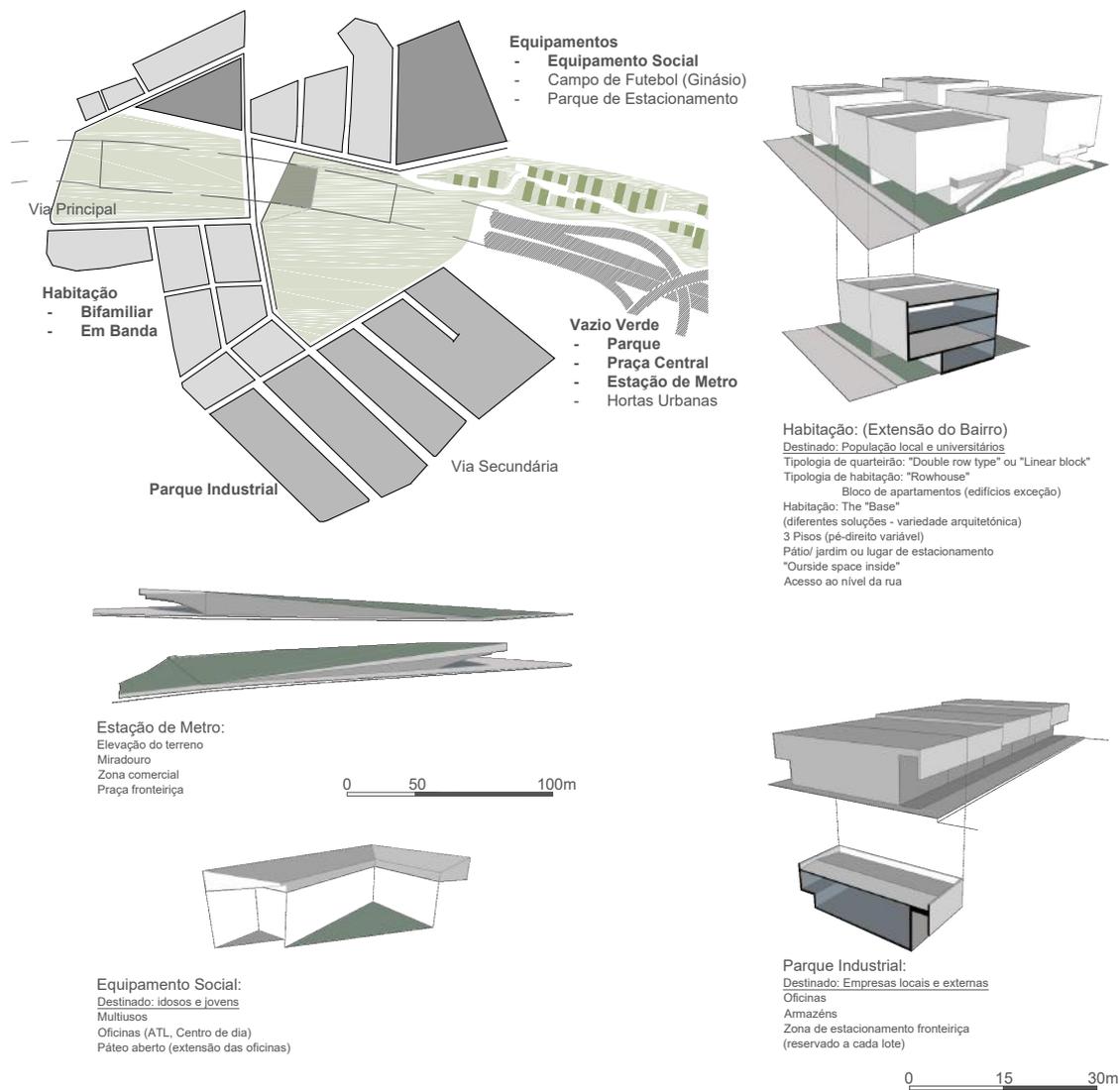


Figura 26 - Plano Urbano: Diagramas explicativos da intervenção

Assim, o parque industrial, a sul do vazio verde urbano, é caracterizado pelos lotes retangulares que correspondem a um armazém de (20*45m) com frente para ambos os lados da via pública, contemplando uma área de estacionamento privado para cada armazém, de modo a colmatar o excesso de veículos que impendem a circulação na via pública (ver anexo 35).

No que diz respeito às habitações, a norte, a sul e a nascente do vazio verde urbano, procuram a reinterpretação da tipologia existente caracterizadas pelos seus lotes retangulares de (12*15m), apresentando uma tipologia de moradia bifamiliar “Rowhouse” de 3 pisos contemplando uma área exterior traseira e uma fronteira (logradouro ou pátio) de modo a colmatar o excesso de veículos que impendem a circulação na via pública. No que diz respeito a estas habitações ocorrem duas tipologias de quarteirão de acordo com a sua implantação, frente com frente “double row type” para os quarteirões desenvolvidos ao longo das linhas matriciais e em linha “linear block” para os quarteirões que fazem frente para o espaço verde desenhado. No entanto, ocorrem edifícios de exceção, de tipologia de habitação coletiva de podem atingir até os 7 pisos, de forma a demarcar o território como também elementos de transição de escala entre os edifícios existentes (habitação de moradia e habitação coletiva) (PACHECO,2004) (ver anexo 34 e 35).

Das várias referências analisadas para os espaços centrais, como praças urbanas e parques urbanos, destacamos o projeto de Museumplein de Sven-Ingvar-Anderson em Amesterdão, onde se desenvolve um espaço público caracterizado pelo seu vazio verde urbano que faz a ligação entre os três museus que delimitam e definem o espaço e que ao mesmo tempo serve de área de expansão dos museus. Este vazio pela sua amplitude e pelo seu marco de traçado urbano enquanto praça verde permite a realização de eventos de grande porte, como festivais, tornando-se num espaço versátil, completado por equipamentos públicos que dinamizam o local. Esta referência foi útil na medida em que um espaço para ser funcional e vivido, não requer ser densamente construído, mas auxiliar a zona envolvente, nesta medida, o novo centro de Camarate apresenta-se no território como um vazio verde urbano e zona de desafogo às áreas adjacentes, densamente construídas, auxiliado por alguns equipamentos públicos.

Relativamente ao plano de expansão do tecido urbano, analisou-se o projeto Borneo-Sporenburg dos West 8, desenvolvido nas penínsulas das docas de Amsterdão caracterizadas pela baixa densidade habitacional. Deste modo, a intervenção consiste na reabilitação e dinamização das docas com a implantação de duas tipologias de habitação. A primeira tipologia habitacional de menor escala, é uma nova interpretação da casa tradicional do canal holandês com três andares organizada por espaços exteriores, pátios e jardins, permitindo uma variedade da imagem arquitetónica do edificado, criando



Vista área do parque



Versatilidade do espaço



Relação entre tipologias de edificado (vista da maquete)



Variedade e dinâmica da imagem arquitetónica da habitação

Figura 27 – Referências: Museumplein de Sven-Ingvar-Anderson em Amsterdão (acima) e projeto Borneo-Sporenburg dos West 8 (abaixo)

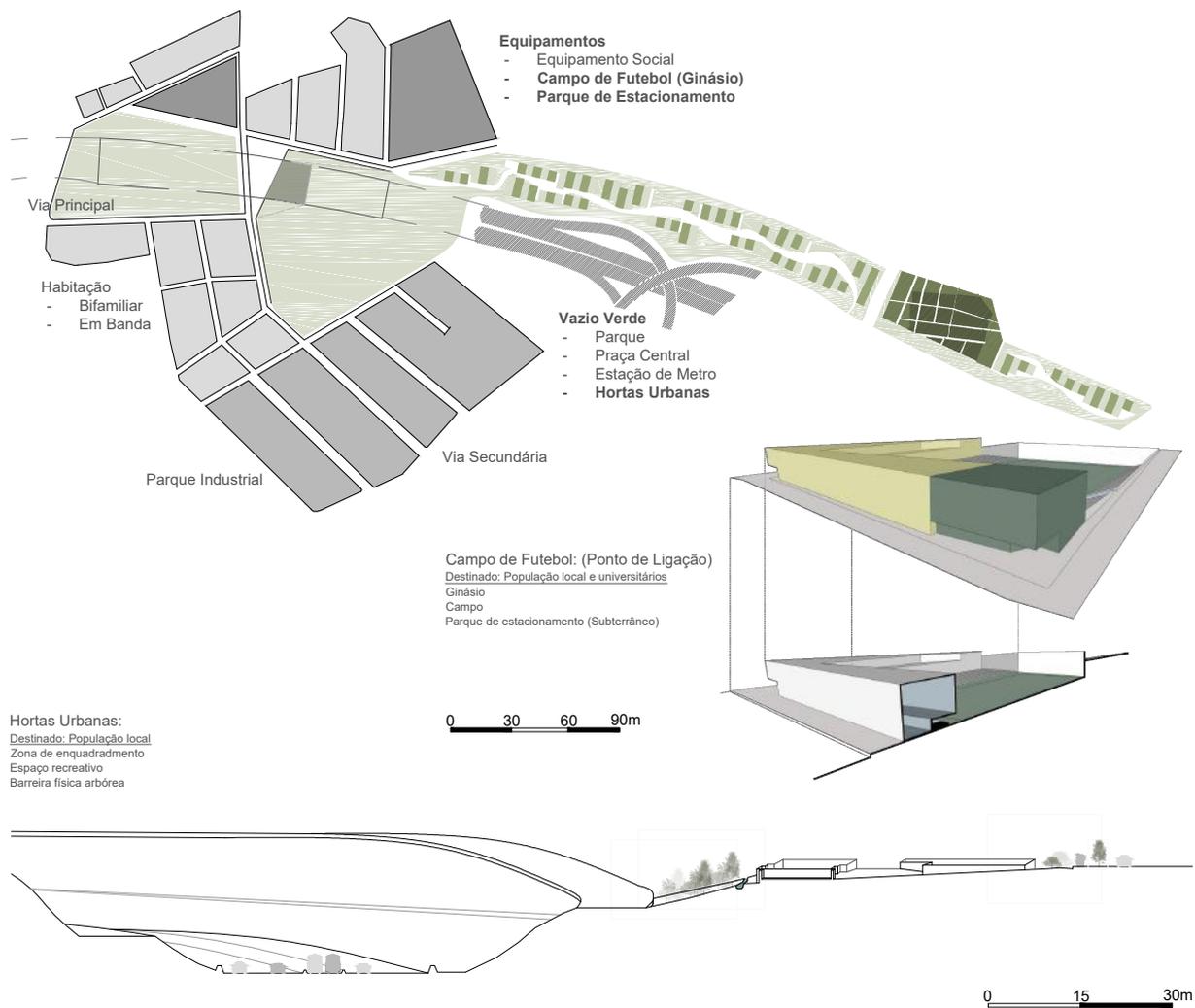


Figura 28 - Plano Urbano: Diagramas explicativos da intervenção

uma certa animação e dinamização ao longo dos vários arruamentos ortogonais. A outra tipologia de habitação é caracterizada pela sua maior escala, apresentando-se na forma de blocos, garantindo assim uma relação de equilíbrio entre as moradias de menor escala e o seu lugar de implantação.

Estes blocos habitacionais coletivos, são vistos como peças escultóricas que demarcam e pontuam o território. Este projeto teve relevância no entendimento que se tem da ocupação territorial através do programa habitacional e como marcação do território, em Camarate, acentuado pelas pré-existências dos bairros de AUGI e na possibilidade da expansão destes, mantendo a sua essência e linguagem, mas de forma qualificada e estruturada.

O segundo ponto, assenta na rótula de ligação do existente e da nova centralidade criada pelo espaço verde de lazer com a nova rede viária de ligação ao centro histórico de Camarate. Portanto, esta rótula é feita através de um equipamento público destinado à população local e à futura população estudantil, com a reformulação e qualificação do atual campo de futebol, acrescentando e ampliando o espaço com um ginásio e com um parque de estacionamento subterrâneo público, de apoio ao campo e ao metro.

O atual campo de futebol apresenta-se no território como barreira física entre o Bairro de São José e o centro histórico de Camarate. Deste modo, o novo desenho do campo de futebol, ginásio e parque de estacionamento encontra-se encastrado no terreno de modo a colmatar a barreira física e promover a nova ligação viária. Assim, o equipamento público é composto por um edifício que contempla o ginásio, os balneários, a receção e a entrada do estacionamento, na cota mais baixa com frente para a rua e por um espaço exterior, o campo de futebol ao nível da cota mais baixa, criando um miradouro na zona de cota mais alta aumentando a bancada.

O terceiro ponto, assenta na criação do arruamento a sul, que estabelece a zona de proteção contínua com a autoestrada (CRIL e nó viário) e faz a ligação ao centro histórico de Camarate. Este arruamento, pela sua tipologia, é considerado um arruamento de escoamento do metro para a restante envolvente de Camarate, para além disso, contempla passeios largos (de 5m) com zona de circulação pedonal e clicável com zona arbórea de barreira com a autoestrada e com zona de estar/lazer complementada

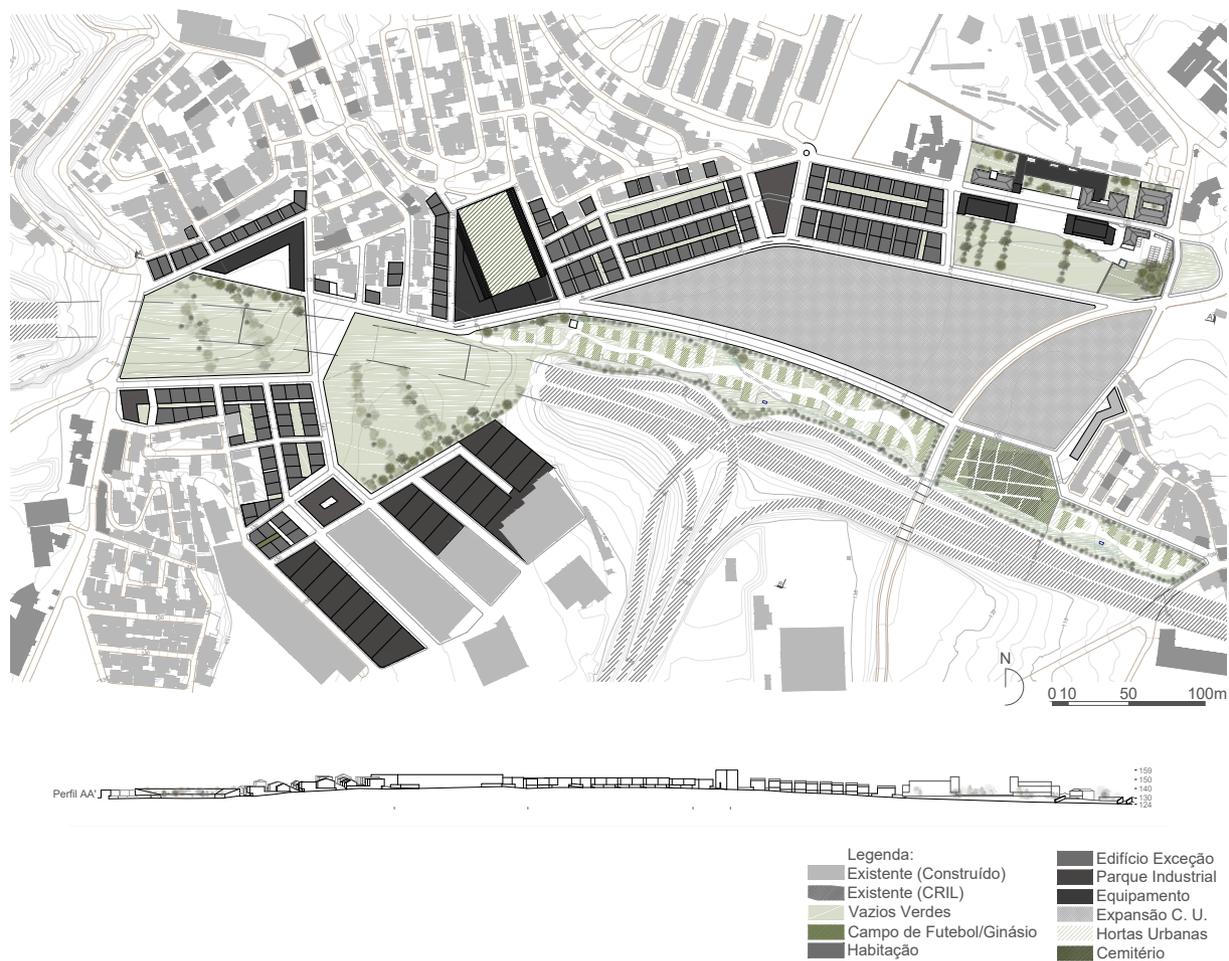


Figura 29 - Plano Urbano: Intervenção

com mobiliário urbano. A zona de proteção, pretende criar uma imagem de paisagem que se pode estender ao logo da CRIL, com a introdução de hortas urbanas destinadas à população local e que podem apresentar interesse público aos jovens. Estas hortas urbanas apresentam duas tipologias de dimensão (8*20m e de 8*10m) complementadas com zonas de apoio e de arrumos a material agrícola. Para além disso, aproveita-se e redesenha-se a existência de uma linha de água pluvial para uso próprio (TEIXEIRA, 2016) (ver anexo 34 e 35).

Esta via garante a ligação com o centro histórico de Camarate, ultrapassado a barreira física do cemitério de São Lourenço, através de um redesenho dos limites do cemitério, regularizando a sua forma e retirando o muro para torná-lo num espaço público permeável.

Nesta intervenção os espaços verdes, quer de lazer (vazio urbano - parque) quer de proteção (hortas urbanas) complementados pelas edificações apresentam-se no território como elementos unificadores de todo o projeto e como elemento de unidade paisagística.

O quarto ponto, assenta na criação do arruamento a norte que estabelece uma nova expansão do bairro existente (Bairro de São José) para a população local bem como para a nova população estudantil e faz a ligação ao centro histórico de Camarate através da via de maior densidade viária.

Este arruamento, pela sua tipologia, é considerado um arruamento local de ligação entre o metro e as habitações, contemplando passeios mais estreitos de 1,5m com zonas de circulação pedonal e zonas arbóreas. À semelhança da estratégia usada na reformulação das habitações na zona de verde, a expansão do bairro segue as linhas matriciais do existente com vias secundárias adquirindo uma nova linguagem mais contemporânea. Com tipologias de quarteirão frente com frente “double row type” e em linha “linear block” de acordo com o seu local de implantação e com tipologias de moradia bifamiliar “Rowhouse” de 3 pisos contemplando uma área exterior traseira e fronteira (logradouro ou pátio) e habitações coletivas que podem atingir até os 7 pisos (Pacheco, 2004).

Neste arruamento são inseridos a residência e os edifícios complementares à residência de modo a reaproveitar as estruturas abandonadas com valor histórico e com interesse público. O reaproveitamento destas estruturas (Quinta de Santa Maria, Quinta do Redondo e Lar Panorâmico)

permite a requalificação e reabilitação não só do edificado devoluto, mas também da via em que as edificações estão inseridas, dando uma nova vida urbana ao local, descentralizando os polos de influência (centro histórico de Camarate e novo centro proposto).

O quinto ponto, assenta numa área de futura expansão da Cidade Universitária compreendida entre o arruamento norte e o arruamento sul. Esta futura expansão da Cidade Universitária apesar de não se apresentar desenhada está prevista no plano, podendo contemplar universidades, residências ou outros programas académicos (anexo 36)

Em anexo (anexo 35) desenvolveram-se pequenos diagramas que explicam a evolução e estratégia da intervenção urbana.

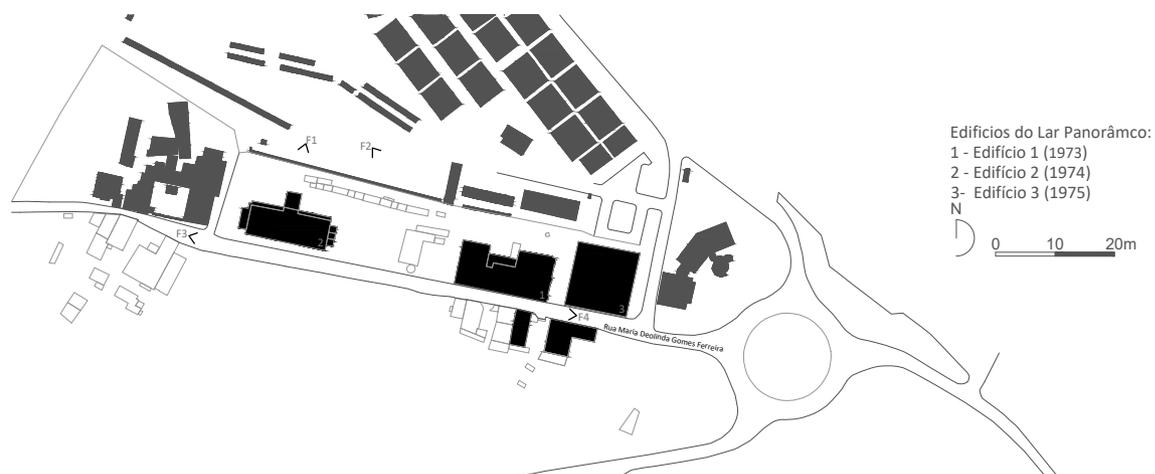
3.2 Plano de Pormenor

O projeto de pormenor está compreendido entre o arruamento a norte (criado e desenvolvido na estratégia urbana) e a rua Maria Deolinda Gomes Ferreira, inserindo-se nos terrenos das quintas devolutas de Santa Maria (séc. XIX), Redondo (séc. XVIII) e Guarda-Mor (séc. XVIII) (atual terreno do Lar Panorâmico). Este projeto foca-se na zona onde é implantada a residência e os edifícios complementares à residência reaproveitando as estruturas abandonadas com valor histórico e com interesse público de modo a revitalizar a rua existente.

A partir de ficheiros do Arquivo Municipal de Loures, foi possível analisar três propostas de urbanização que já existiram para estes terrenos. Em todos os projetos arquivados é possível verificar o denso nível de construção proposta para estes terrenos, perdendo-se os terrenos agrícolas para darem lugar a estradas, blocos de habitação (em média de 6 pisos), comércio e armazéns. No entanto dois dos projetos (Anexo37 – 1/5 e 3/5) mantêm parte da memória da quinta nomeadamente o edifício (Quinta Redondo), o aqueduto e os seus respetivos tanques tornando-os em zonas de atividades culturais e recreativas (ver anexo 37).

Este arruamento existente (rua Maria Deolinda Gomes Ferreira) é caracterizado pelo seu elevado grau de abandono delimitado a sul por duas quintas, a Quinta de Santa Maria e a Quinta do Redondo, devolutas e com elevado grau de degradação e a norte por três edifícios devolutos do Lar Panorâmico. Para além disso, esta rua apresenta elevado fluxo viário, por ser a única rua que faz a ligação da zona habitacional com o centro histórico. Assim, a proposta reside no redesenho da via rodoviária e pública, melhorando as condições pedonais criando passeios e regularizando a via automóvel; reabilitação e requalificação dos edifícios do antigo Lar Panorâmico, antigo lar de idosos, aproveitando a sua tipologia de edificado, quartos individuais e quartos duplos, para a inserção da residência universitária cuja tipologia é idêntica; reabilitação da Quinta de Santa Maria e da Quinta do Redondo, reaproveitando e recuperando os pomares para a introdução de dois equipamentos de interesse público, biblioteca pública e cantina social, e de espaços de lazer e recreativos para darem resposta às necessidades da população local bem como para os estudantes locais ou de futuras residências;

As novas Portas de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)



Lar Panorâmico em 1992



Lar Panorâmico em 2019



Atual estado de conservação (interior)

Figura 30 - Lar Panorâmico em 1992 e atualmente (estado de conservação)

recuperação do edificado da Quinta do Redondo para a introdução da zona administrativa do polo das residências universitárias de Camarate; e demolição da Quinta de Santa Maria para alargamento da via automóvel, melhorando a visibilidade (ver anexo 33).

Deste modo, a proposta desenvolve três momentos, com quatro programas distintos ao longo da rua Maria Deolinda Gomes Ferreira, um pouco à semelhança do projeto Grace Farms dos SANAA, onde um único edifício concentra em si várias funções distintas, resultando num edifício simples e elegante que repensa a relação entre arquitetura e paisagem.

O primeiro momento, diz respeito ao estudo do Lar Panorâmico, lar de idosos, fundado pela Fundação de Santa Maria da Silva criado em 1969 na antiga quinta do Guarda-Mor com apenas um edifício (do meio) sofrendo alterações de ampliação com o segundo edifício (o da esquerda) e com o terceiro edifício anexo de apoio para garagens de ambulâncias (o da direita) em 1974, sofrendo este último alterações de conversão no ano seguinte, em 1975, para a criação de apartamentos (ver anexo 38).

Tendo os edifícios do Lar, a mesma tipologia espacial, aproveitou-se as pré-existências conservando o edificado, gravemente danificado pela ocupação de génese ilegal conhecida em 1992 como a maior ordem de despejo, encontrando-se desde então devoluto e em estado de degradação. Logo foi estudada a organização programática dos edifícios existentes, com recurso a esquemas espaciais, de forma a tirar o máximo partido dos espaços existentes. Assim sendo, destacam-se duas situações, o reaproveitamento das áreas coletivas e técnicas (existente) para espaços de estar e de copa (proposta) e a reinterpretação dos espaços técnicos para fins medicinais (existente) adquirindo uma nova função e permitindo a criação de novos quartos para a residência (proposta). Os espaços existentes, refeitório e bar foram convertidos em copas e os espaços de tratamento de pensos e salas de espera convertidos em salas de estar e lazer. Assim sendo, toda a estrutura do edificado foi mantida, dando-lhe uma nova linguagem contemporânea (ver anexo 39).

Esta linguagem contemporânea foi dada pela reformulação das mansardas, cuja estrutura encontrava-se danificada sendo revestida de chapas de zinco cinza claro e a criação de varandas de apoio aos

quartos. Estas chapas de zinco são o elo de ligação do edificado existente com o edificado proposto - as salas de estudo privadas da residência.

Através da análise da organização espacial e não descorando os espaços obrigatórios de uma residência, como sala de estar, cozinha, arrumos, lavandaria e receção, foi possível adicionar, 17 quartos individuais no edifício 1 com a reorganização espacial do piso -1 com acesso ao logradouro, 18 quartos individuais no edifício 2 com a reorganização espacial do piso de entrada e 18 apartamentos no edifício 3 com a reorganização espacial do piso -1, permitindo assim um aumento de número de quartos e por consequente um aumento de número de estudantes, permitindo albergar 350 alunos.

O segundo momento, prende-se com a necessidade de estabelecer uma relação entre os vários edifícios do Lar Panorâmico e a rua em que se inserem, estabelecendo-se uma praça-varanda entre os edifícios 1 e 2, cujas entradas e receções passam a convergir para esse momento. Deste modo, o movimento de expansão do passeio para a criação da praça, permitiu desenvolver um edifício de salas de estudo privadas da residência semi encastrado/enterrado. Também este novo edifício (salas de estudo) é o elo de ligação da nova linguagem dada às mansardas da residência universitária (edifícios 1, 2 e 3 que correspondem diretamente a residência 1,2 e 3) com revestimento de chapas de zinco cinza claro.

Assim sendo, o edifício das salas de estudo encontra-se composto por dois volumes, onde o primeiro volume localiza-se à direita do edificado da residência 2 sem se aproximar na totalidade, encarando-se como o rosto do edificado atingindo três pisos onde o primeiro nível à cota da rua vence o desnível de cotas entre a rua e o piso da residência e o segundo e terceiro pisos dão apoio à residência com um espaço de copa e uma sala de lavandaria coletivas.



Figura 31 - Análise da organização espacial do Edifício 1 do Lar Panorâmico (existente e proposta)

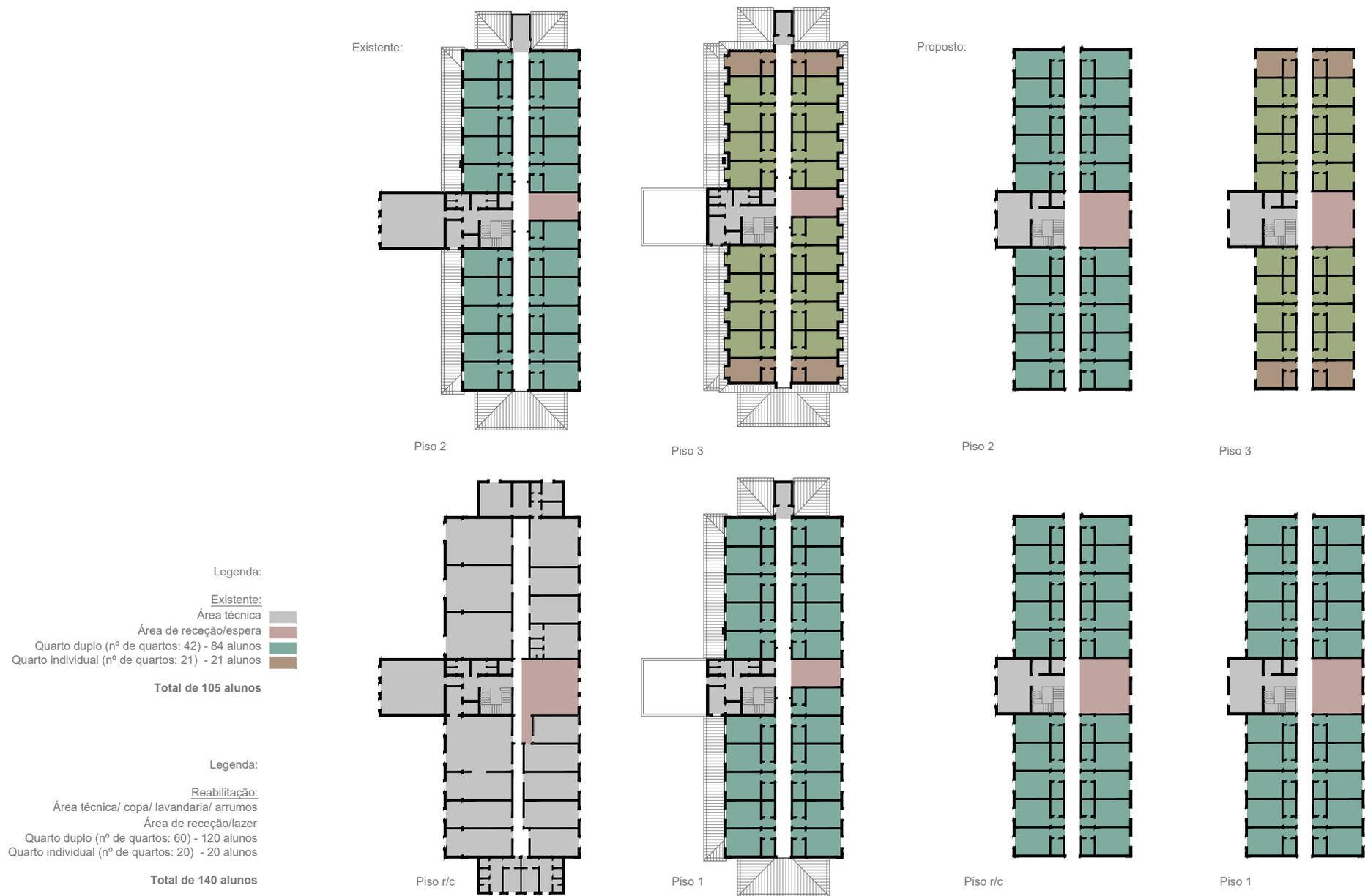
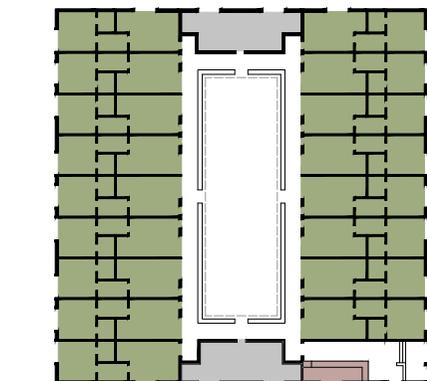
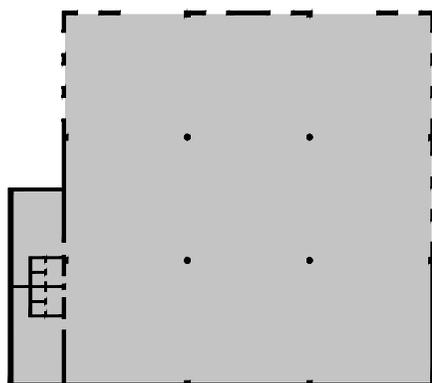


Figura 32 - Análise da organização espacial do Edifício 2 do Lar Panorâmico (existente e proposta)

Existente:

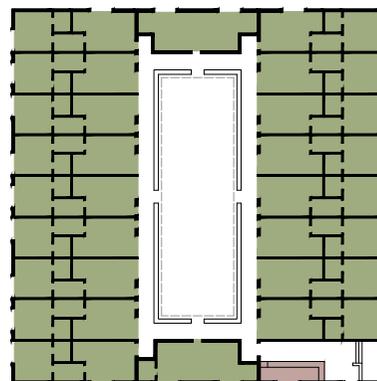


Piso r/c

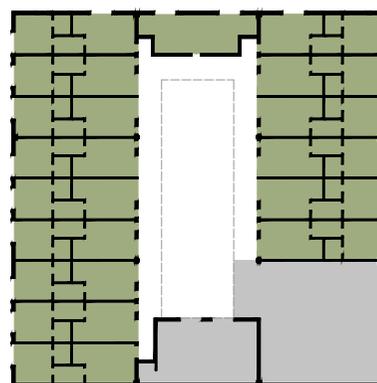


Piso -1

Proposto:



Piso r/c



Piso -1

Legenda:

Existente:

- Área técnica
- Área de receção
- Apartamento (nº de quartos: 17) - 34 alunos

Total de 34 alunos

Legenda:

Reabilitação:

- Área técnica/ lavandaria/ arrumos
- Apartamento (nº de quartos: 35) - 70 alunos

Total de 70 alunos

Figura 33 - Análise da organização espacial do Edifício 3 do Lar Panorâmico (existente e proposta)

Este edifício, para além de resolver uma condicionante técnica é a receção tanto da residência como das salas de estudo. Este volume apesar de se apresentar como um bloco denso e fechado cuja fachada principal (virada para a via) é totalmente cega, abre-se para as traseiras (logradouro) com um grande janelão.

O segundo volume das salas de estudo encontra-se na continuidade do primeiro volume, no entanto, numa cota mais baixa do nível da rua, permitindo ao nível da rua criar uma praça-varanda e um edifício-praça que estabelece a entrada e a relação entre os vários edifícios, física e visual, (residência e sala de estudo) e ao nível baixo um pátio exterior de uso privado das salas de estudo. É neste volume que também se faz a ligação interna das várias residências de estudantes, residência 1 com a residência 2.

Este volume para além de desenhar um novo espaço de estar com relação e comunicação entre os edifícios e a rua, permitiu reformular o limite físico entre o quarteirão do Lar Panorâmico e o quarteirão do cemitério de Camarate, através de uma barreira física (o edifício e a vegetação) sem se perder a visibilidade para a vasta vista panorâmica que se tem sobre as quintas e sobre os terrenos agrícolas.



Figura 34 – Fotomontagem (ideia da imagem do edificado)



Deste modo, o edifício encara o território numa continuidade, não se sobrevalorizando em relação aos edifícios existentes e criando um espaço de uso coletivo, como é o caso da referência analisada na ampliação da escola Dr. Júlio Martins do Arq.º Nuno Brandão Costa em Chaves, onde o espaço vazio entre os edifícios existentes é preenchido por um edifício-praça que acomoda todos os espaços adicionais, surgindo embutido no terreno como continuação do “chão”, garantindo a continuação do vazio entre os edifícios existentes.

O edifício das salas de estudo organiza-se de forma simples, criando uma sucessão de espaços de estudo ora coletivos ora privados (cada espaço encontra-se desenhado e com mobiliário distinto de modo a abranger um maior número de alunos e ao mesmo tempo ser adaptável ao tipo de uso), complementados por instalações sanitárias, uma sala de aulas, reprografia, arrumos e zonas de apoio. O edifício interiormente organiza-se por pequenos pátios interiores delimitando as salas de estudo privadas. Toda a cobertura do edifício é usada como terraço para atividades lúdicas da residência (ver anexos 40).

E o terceiro momento, que vem na continuidade da praça-varanda, é a criação de uma praça entre edifícios-torre, que funcionam como elementos relevantes no território e que marcam as portas da residência de Camarate. Esta praça para além de gerador de espaço público permite ser uma extensão dos edifícios adjacentes, tornando o espaço versátil destinado a concertos, exposições ou conferências, etc. Deste modo, propõe-se o desenho de dois novos edifícios de interesse público nos terrenos das Quintas do Redondo e de Santa Maria sem perder a identidade do local.



Figura 35 – Referência: Escola Dr. Júlio Martins do Arq. Nuno Brandão Costa em Chaves



Assim sendo, o edifício proposto à esquerda pela sua relação com a expansão do bairro de São José, apresenta o programa de biblioteca pública e o edifício da direita pela sua relação com o edifício da Quinta do Redondo apresenta o programa de cariz social, uma cantina social juntamente com um auditório. Todavia, a ligação feita pelos cinco edifícios não se faz apenas por meio da sua praça e praça-varanda ou pelo programa, mas também pelo diálogo entre fachadas de edifícios (existentes e propostos).

Estes dois edifícios de uso coletivo (biblioteca e cantina com piso térreo comercial), apresentam uma fachada para a rua Maria Deolinda Gomes Ferreira, toda ou quase toda opaca criando um momento de tensão em oposição às fachadas dos edifícios existentes profundamente rasgadas de vãos, à exceção do piso térreo que se abre na totalidade deixando-se ver da rua. Em contrapartida, a fachada virada para o terreno agrícola das Quintas (pomar) abre-se numa leitura de ligação entre as duas realidades (existente-pomar e proposto-edificado).

Em ambos os edifícios as entradas viram-se para a praça central e apresentam no piso térreo uma zona comercial e/ou zona de serviços mais relacionados com as residências e com os equipamentos, no entanto também destinado à população (como por exemplo, um bar, um café, etc.).



Figura 37 – Fotografias à maqueta 1/200

O edifício da direita, pelo seu programa de cantina social e auditório apresenta três entradas opostas no nível térreo, uma diretamente relacionada com o auditório e sala de exposições virada para a praça, podendo expandir-se para o exterior, a outra entrada diretamente relacionada com a cantina social virada para o edifício existente da Quinta Redondo e a outra entrada diretamente relacionada com a zona técnica das cargas e descargas virada para o pomar.

O espaço da cantina encontra-se dividido em duas partes, a zona técnica da cozinha e armazém e a sala de refeições. De modo a reaproveitar toda a estrutura da cantina e para completar o espaço do auditório e da sala de exposições, é criada uma zona de apoio (cocktail/bar/esplanada) para exposições, palestras e conferências.

A estrutura do edifício da cantina social é demarcada pelas suas vigas de 1m na laje de cobertura, permitindo a libertação e um aumento do espaço, sem a presença marcante de pilares, à semelhança dos projetos do Arq.^a Paulo Mendes da Rocha, como é o caso da casa no Butanã, onde a simples estrutura de laje nervurada permite a redução do número de pilares, possibilitando não só a libertação do espaço mas também organiza-lo e criar momentos dinâmicos, que apesar do seu carácter funcional e racional são valorizados plasticamente pelo seu ritmo, nomeadamente, quando a estrutura da cobertura desenha as entradas de luz zenital.

A partir desta estrutura foi possível libertar o espaço da sala de refeições, tornando-o maior e ao mesmo tempo definir as entradas de luz zenital, através de chaminés de luz que atravessam o piso do bar.

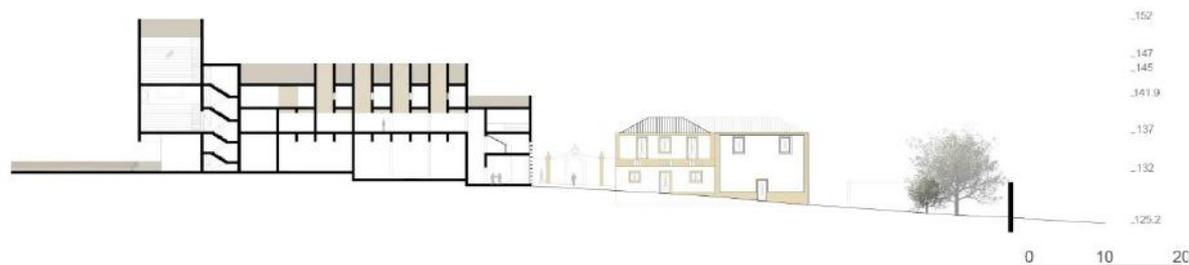


Figura 38 – Plano de Pormenor: Corte Longitudinal pelo edifício da cantina

O edifício da direita, pelo seu programa de cantina social e auditório apresenta três entradas opostas no nível térreo, uma diretamente relacionada com o auditório e sala de exposições virada para a praça, podendo expandir-se para o exterior, a outra entrada diretamente relacionada com a cantina social virada para o edifício existente da Quinta Redondo e a outra entrada diretamente relacionada com a zona técnica das cargas e descargas virada para o pomar.

O espaço da cantina encontra-se dividido em duas partes, a zona técnica da cozinha e armazém e a sala de refeições. De modo a reaproveitar toda a estrutura da cantina e para completar o espaço do auditório e da sala de exposições, é criada uma zona de apoio (cocktail/bar/esplanada) para exposições, palestras e conferências.

A estrutura do edifício da cantina social é demarcada pelas suas vigas de 1m na laje de cobertura, permitindo a libertação e um aumento do espaço, sem a presença marcante de pilares, à semelhança dos projetos do Arq.^a Paulo Mendes da Rocha, como é o caso da casa no Butanã, onde a simples estrutura de laje nervurada permite a redução do número de pilares, possibilitando não só a libertação do espaço mas também organiza-lo e criar momentos dinâmicos, que apesar do seu carácter funcional e racional são valorizados plasticamente pelo seu ritmo, nomeadamente, quando a estrutura da cobertura desenha as entradas de luz zenital.

A partir desta estrutura foi possível libertar o espaço da sala de refeições, tornando-o maior e ao mesmo tempo definir as entradas de luz zenital, através de chaminés de luz que atravessam o piso do bar.



Figura 38 – Plano de Pormenor: Corte Longitudinal pelo edifício da cantina



Figura 40 - Plano de Pormenor: Planta à cota 133 e alçados a norte



Figura 41 - Plano de Pormenor: Planta à cota 137 e alçados a sul

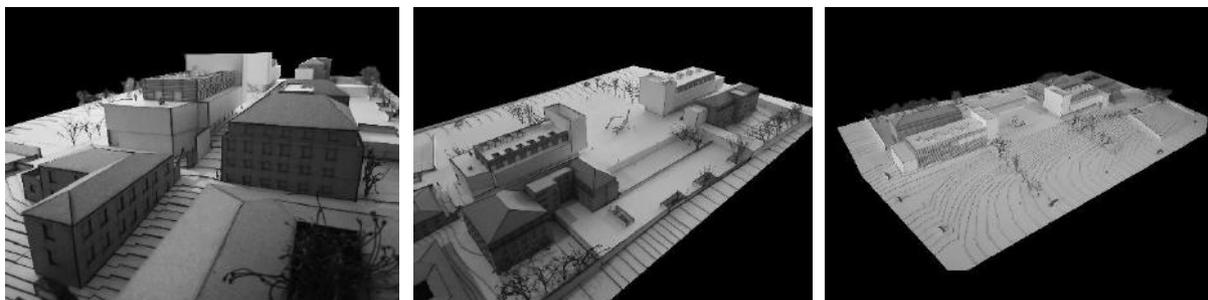


Figura 42 – Fotografias à maquete 1/200

Este elemento metálico (ripado) em junção com as paredes em betão à vista (de cor bege - pedra lioz) permite a ligação entre os dois edifícios-torre, através da sua materialização e de uma linguagem uniforme bem como a ligação aos edifícios reabilitados da residência (mansardas – chapas de zinco cinza claro e moldura dos vãos – pedra de lioz) e o edifício proposto da sala de estudos (chapas de zinco cinza claro e betão à vista).

No que diz respeito ao arranjo do espaço exterior, envolvente a destes edifícios, pretende-se recriar a memória dos antigos pomares, estabelecendo-se espaços de estar e espaços de cultivo devidamente equipados com mobiliário urbano. Deste modo, o pomar organiza-se segundo linhas paralelas no sentido norte-sul, criando enfiamentos com os vários elementos da proposta, como também recriar os antigos atalhos entre quarteis (ver anexo 30), onde cada linha é representada por alinhamentos arbóreos, tais como, arbustos, árvores de fruto ou árvores de flor. Estes alinhamentos têm o intuito de criar diversos momentos cujas sensações sejam diferentes no espaço verde, ora momentos animados pelos aromas das flores ora momentos animados pelos sabores dos frutos para consumo livre dos estudantes e da população.

Para além desta dinâmica do espaço com recurso ao tipo de vegetação, pretende-se uma tipologia de vegetação arbórea de baixo porte devido à implantação dos edifícios, permitindo que o edifício seja visto a partir dos dois centros de Camarate (ver anexo 40).

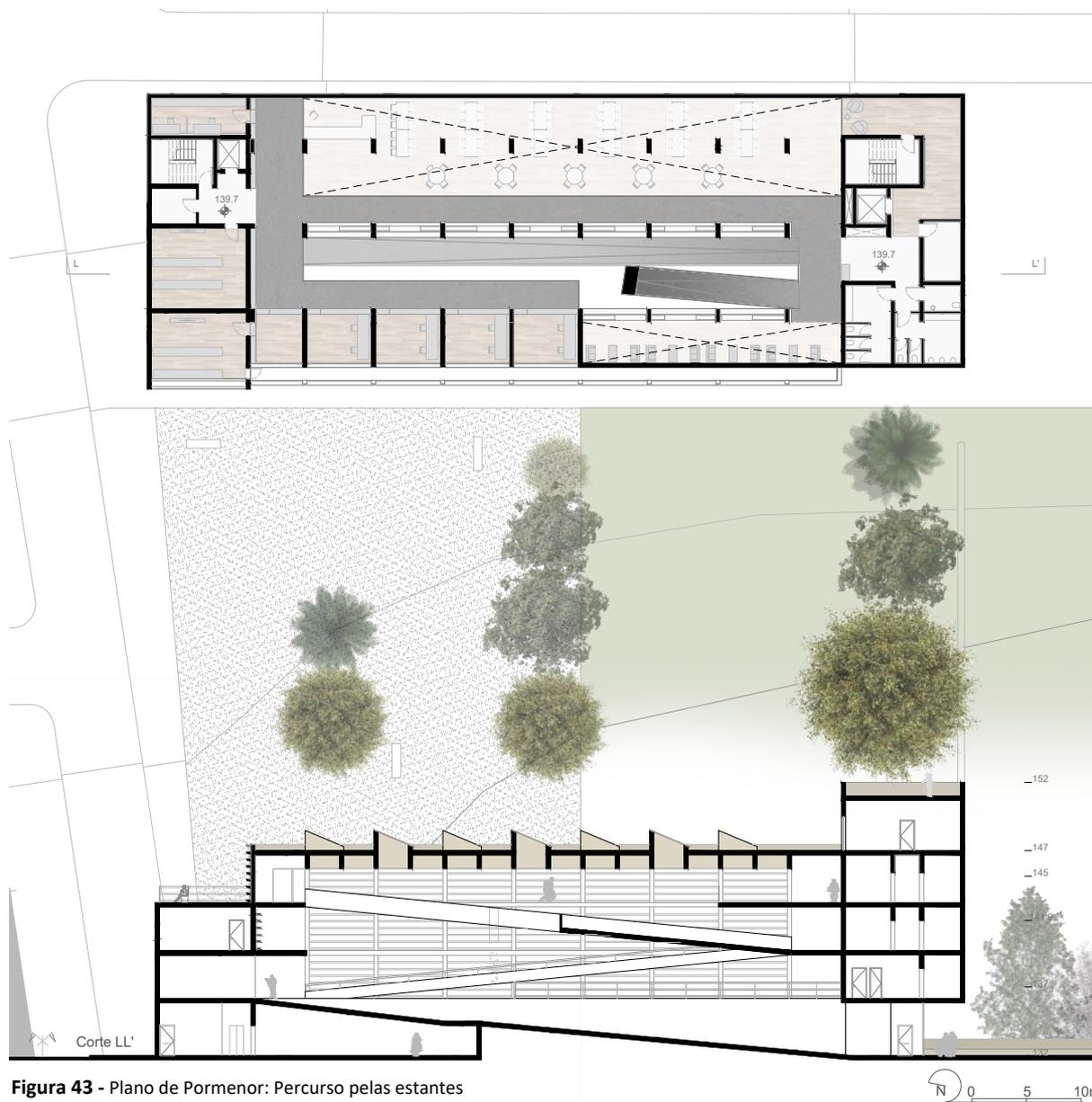
3.3 Projeto do Edificado (Biblioteca Pública)

Na proposta à escala do edifício foi desenvolvido o edifício da biblioteca pública, pelo programa espacial que apresentava, bem como pela sua relação de implantação com a envolvente, permitindo uma maior liberdade criativa e conceitual sobre aquilo que atualmente podemos entender e assumir como biblioteca.

Como ponto de arranque houve a necessidade de analisar o conceito de biblioteca, aos olhos da obra *A biblioteca* de Umberto Eco, onde se caracteriza o que é uma “boa” biblioteca. Segundo o autor, uma biblioteca não é só um espaço onde se reúne um conjunto de livro, manuscritos, revistas, etc. destinados à leitura pública, mas também um equipamento versátil que reúne um conjunto de espaços interiores e exteriores, destinados à leitura formal e informal, ao trabalho, à consulta, à sala de jogos, à salas de multimédia, e a vários lugares atrativos que ajudam a criar diversidade de atividades (ECO, 1994).

O edifício encontra-se organizado por quatro pisos, sendo o piso térreo destinado a pequenos comércio e/ou serviços, com uma zona reservada a cargas e descargas e aérea técnica da biblioteca e os restantes pisos são destinados à biblioteca. Os únicos acessos ao comércio e serviço são feitos pela rua Maria Deolinda Gomes de Ferreira, estabelecendo ligações diretas com os edifícios da residência. Relativamente aos acessos da biblioteca, o acesso principal é feito pela praça central, com um primeiro momento de zona de leitura informal apoiado por um conjunto de estantes e o outro acesso no lado oposto, é feito pelo novo arruamento (plano urbano) destinado às cargas e descargas.

Todo o percurso principal do edifício da biblioteca ao longo dos restantes três pisos é feito de forma linear e faz-se através de rampas apoiadas na estrutura do edificado, à semelhança do projeto analisado da Biblioteca Central do Atelier Santos no Campus da Universidade dos Açores, onde também é a estrutura de acessos (rampas) que organiza e separa os vários espaços/programas através de pisos e meios pisos. No entanto, a estrutura de acessos desenvolvida por nós apresenta-se suportada pela imagem de parede permeável (visualmente) composta por elementos verticais e



horizontais (pilares e estantes), pois permite manter contacto visual ao longo dos vários pisos da biblioteca quando se percorre as rampas. Todavia, a estrutura do edifício para além de suportar as rampas também demarca e separa todo o espaço de circulação do espaço de estar ou de trabalho.

Esta estrutura apresenta-se importante no edificado, pois materializa o conceito de biblioteca, através da sua imagem de estantes, elemento chave e primordial deste edifício. O recurso a esta estratégia de concentrar as estantes num único local permitiu-nos a libertação das paredes e a criação de espaços mais amplos e diversificados. Assim sendo, ao longo do percurso vários espaços vão surgindo, coletivos e individuais, que permite uma hierarquia de espaços através da sua relação de privacidade e de autonomia. A hierarquia espacial também é reforçada pelo conceito de silêncio, pois quando se atingem os pisos superiores, menores são os espaços coletivos.

Um exemplo claro desta situação é o projeto de Library Delft University of Technology de Mecanoo na Alemanha caracterizado no seu interior pelo seu amplo salão de estudo coletivo perfurado por um volume em forma de cone onde se encontram as salas de estudo de menores dimensões e onde ocorre a entrada de luz natural. Para além disso, o elemento de ligação entre estes dois espaços de escalas diferentes faz-se a partir de uma parede técnica em forma de estantes, apresentando-se não só como decoração, mas também como elemento principal do programa do edifício.

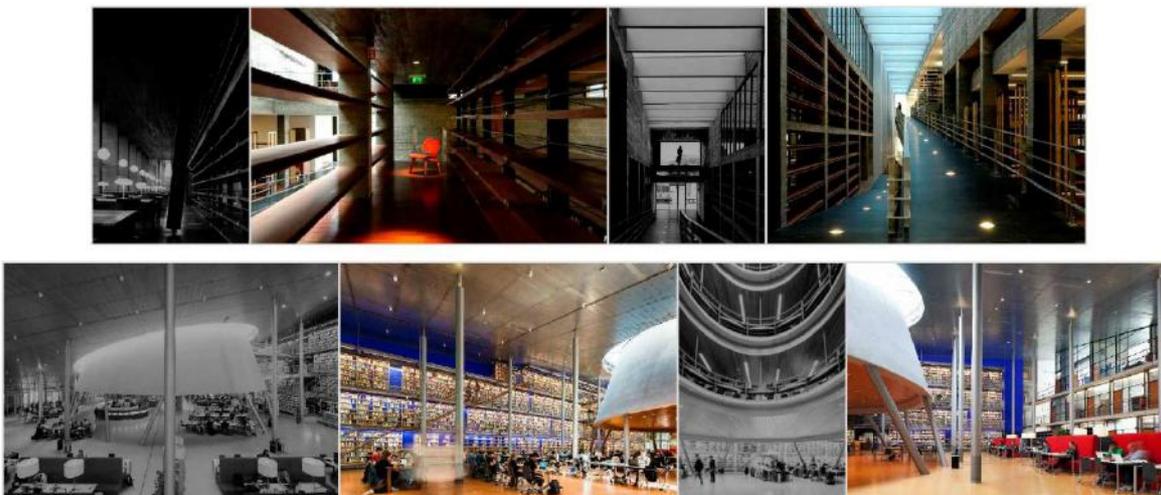


Figura 44 – Referências: Biblioteca Central do Atelier Santos (acima) e Library Delft University of Technology de Mecanoo (abaixo)

Para além do percurso rampeado, o edifício é organizado por dois volumes encaixados, cujas materialidades se diferenciam, onde os volumes opacos, programaticamente, dizem respeito às zonas técnicas, tais como acessos verticais, arrumos, instalações sanitárias, arquivos e o volume permeável é organizado segundo o percurso principal do edifício, por rampas que dão acesso aos vários espaços de leitura, de consulta e de trabalhos coletivos e individuais.

Desta forma, são criados, num primeiro momento do percurso, espaços partilhados com áreas e mobiliário individual, que pela sua distância “às estantes” adquirem uma relação de autonomia com o programa de biblioteca, sendo espaços sem função fixa, como por exemplo de trabalho ou de informática. Num segundo momento do percurso é criado um espaço amplo de duplo pé-direito de receção com sala coletiva com relação direta entre o local de recolha e consulta, ou seja, relação direta visual e física entre “as estantes”. Num terceiro momento do percurso é criado um conjunto de diversas salas com diversas tipologias e funções, nomeadamente de consulta audiovisual, de leitura informal e de leitura/trabalho individual. E por fim, num quarto momento do percurso é criada uma sala de consulta coletiva com mobiliário individual com relação direta ao exterior permitindo uma ampliação da zona de leitura (ver anexo 40).

Este percurso rampeado é interligado com o percurso de acesso às estantes, quer em passadiço quer ao nível do pavimento, ideia de unidade e de unificação, dada pela introdução do mesmo material, linóleo. Este material, diferencia-se do restante material usado no pavimento, de forma a demarcar o momento das “estantes”, evidenciando a sua importância estruturadora do espaço. O material escolhido linóleo deve-se à sua manutenção fácil, resistência, durabilidade e unidade.

De forma a levar ao extremo o conceito de biblioteca, estudou-se o edifício da biblioteca Tianjin Binhai dos MRVDV, cujo espaço é organizado a partir de um salão esférico composto por estantes que envolvem todo o salão, desde o chão até à cobertura, posicionadas em forma de cascata. Esta estrutura em estantes é o principal instrumento espacial do edifício, pois é utilizada tanto para enquadrar o espaço como para criar escadas, assentos, tetos e até mesmo elementos na fachada.



Figura 45 – Referências: Biblioteca Tianjin Binhai dos MVRDV

Assim sendo, na proposta optou-se em replicar a ideia de “estante” da estrutura interna do edifício para a fachada exterior, virada a sul, garantindo uma unidade de linguagem no edificado.

Deste modo, este elemento primordial do edificado não fica apenas restringido ao interior do edifício, apresentando-se na forma de palas metálicas (ripado). Estas palas metálicas para além de organizarem os vãos da fachada têm uma função técnica de proteger o interior do edifício a sul. O ripado metálico que a fachada apresenta, permite criar uma segunda “pele” ao edifício, criando um jogo entre os vãos do edifício e os vãos do ripado estabelecendo momentos de cheio, de vazio e de transparência.

Este elemento metálico (ripado) em junção com as paredes em betão à vista (de cor bege - pedra lioz) permite a ligação entre os dois edifícios-torre, através da sua materialização e de uma linguagem uniforme bem como a ligação aos edifícios reabilitados da residência (mansardas – chapas de zinco cinza claro e moldura dos vãos – pedra de lioz) e ao edifício proposta da sala de estudos (chapas de zinco cinza claro e betão à vista). A iluminação natural do edificado para além de acontecer pelas suas fachadas sul e norte, faz-se igualmente pelas claraboias que iluminam a estrutura das rampas.

As novas Portas de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)

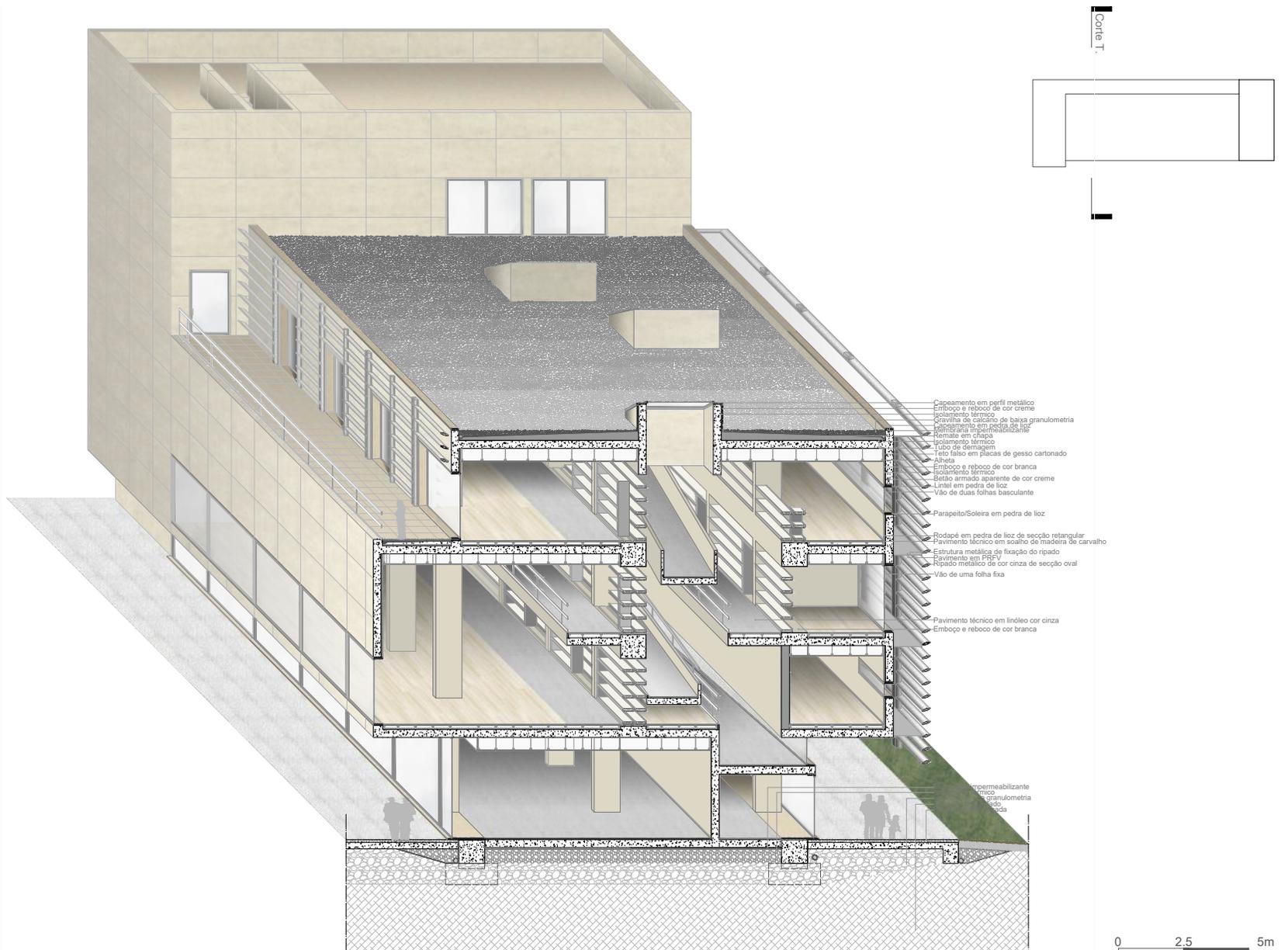


Figura 46 - Corte Construtivo

3.4 Síntese do Capítulo

Através da estratégia de grupo, o território de Camarate foi escolhido pela sua grande área de intervenção, respondendo à problemática lançada inicialmente. A proposta desenvolveu-se em três escalas: urbana, com a leitura e caracterização do território; pormenor, com a resolução da problemática; e do edifício, com a relação do detalho construtivo.

O projeto da escala Urbana – pretende requalificar o espaço urbano através da introdução de equipamentos coletivos e sociais:

- Criação de um vazio verde (Jardim) que liga as malhas urbanas dos bairros de AUGI, caracterizadas pela sua densa construção, permitindo um momento de desafogo e lazer;
- Criação da estação de metro “Camarate”, primeiro transporte em massa que abastece o local;
- Redesenho do Parque Industrial, requalificando a sua imagem e melhoria da via pública;
- Criação de equipamentos sociais: centro de dia, ATL, Campo de Futebol, Ginásio e Hortas Urbanas para uso da população local e da população estudantil;
- Expansão do bairro existente para a população local bem como para famílias estudantis, utilizando a tipologia de habitação existente, reconfigurada num traçado requalificado, garantindo zonas de circulação e de lazer;
- Requalificação e reabilitação de estruturas devolutas, edifícios e quintas, dando-lhes uma nova vivência e vitalidade, permitindo manter a identidade do local;
- Zona para futura expansão da Cidade Universitária.

Assim sendo, esta intervenção permitirá assimilar as diferenças e as segregações que este território apresenta, quer a nível morfológico, quer a nível programático, através de um desenho de traçado

urbano regular e da reorganização do espaço com uma unidade de linguagem paisagística, como a introdução de novos objetos (edifícios) com uma nova e qualificada interpretação das pré-existências.

O projeto da escala pormenor - pretende revitalizar o espaço urbano através da requalificação das pré-existências e com a introdução de novos equipamentos:

- Reabilitação e requalificação de um complexo de lar de idosos “Lar Panorâmico”, adaptando-o a uma residência universitária, cuja tipologia é idêntica;
- Criação de uma sala de estudo (privada para a residência) de modo a interligar os vários edifícios da residência universitária;
- Reabilitação da Quinta Redondo e de Santa Maria, propondo-se a criação de dois edifícios de interesse público, cantina social e biblioteca pública, para uso da população local e da população estudantil;

Deste modo, esta intervenção permitiu uma reformulação mais local, mantendo as pré-existências e introduzindo novos edifícios de modo a não perder a sua identidade. Assim, tanto os edifícios novos como os existentes dialogam entre si, numa única linguagem marcada pelas suas diferentes características arquitetónicas.

O projeto da escala do edifício, Biblioteca Pública – permitiu desenhar e pensar a relação do programa espacial com o seu sistema construtivo.

Assim, este edifício pretende levar ao limite o conceito de biblioteca, onde as estantes são parte integrante do edifício que se reflete no seu exterior, onde todo o edificado é percorrido por rampas que dão acesso aos vários espaços de leitura e de consulta, sendo também elas espaços de estar e de convívio.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho inicia-se com a realização de um exercício de grupo, exercício de arranque, intitulado “Da Cidade Pós-industrial ao novo Campus Urbano”, cuja temática é a escassez de “camas” para jovens universitários deslocados e a especulação imobiliária. Nesta fase de arranque, pretendia-se uma abordagem à temática com a análise e reconhecimento do território à macro escala (AML), de modo a ser desenvolvida uma estratégia para colmatar a escassez de camas.

A estratégia de grupo, foca-se na problemática da escassez de camas para estudantes universitários cruzando-se com a revitalização e criação de novas centralidades na periferia da cidade de Lisboa, tendo em consideração as transformações previstas para a AML, pensando-se numa Lisboa para daqui a 10 anos. Deste modo, através da problemática e do programa residência de estudantes universitários, procuramos criar uma estratégia à macro escala na AML, ligando as duas margens através de um meio de transporte em massa (metro de superfície) para combater o défice de transportes e permitir trabalhar nas periferias (terrenos de menor custo) criando complexos de cidades universitárias (residências e edifícios complementares).

A segunda parte do trabalho, diz respeito ao exercício individual, onde através da fase de grupo foi possível destacar vários territórios periféricos para a implantação da residência e de edifícios complementares, de modo a servir os futuros estudantes e a população local. A proposta em específico, insere-se no território de Camarate, delimitado pelo túnel do Grilo, pela CRIL, pelo aeroporto, pelo centro histórico de Camarate, pelos bairros de génese ilegal e pelas suas quintas devolutas. Este território é caracterizado pelo seu subdesenvolvimento e segregação de malhas urbanas (AUGI), cujas ligações são escassas e em alguns casos inexistentes. Assim, o trabalho individual tem como intuito revitalizar uma área de Camarate com a introdução da residência universitária e de outros equipamentos complementares à residência, equipamentos estes também destinados ao uso coletivo para a população local.

Assim sendo, esta segunda fase do trabalho individual apresenta-se dividida em três partes de acordo com a escala da área em análise, expondo-se três propostas interligadas cuja área de estudo e de intervenção afunilam.

A primeira parte da intervenção, designada neste trabalho por *Plano Urbano*, liga a proposta de grupo, criação de uma estação de metro de superfície no túnel do Grilo, ao território adjacente, e aos bairros de gênese ilegal, criando um plano urbano através de novos arruamentos, espaços e edifícios.

A segunda parte da intervenção, intitulada de *Plano de Pormenor*, foca-se na revitalização e regeneração da rua Maria Deolinda Gomes Ferreira e dos edifícios que a delimitam, as quintas abandonadas de Santa Maria, do Redondo e do Anjo da Guarda, através da atribuição de novas funções e nova configuração da rua. Esta intervenção pretende manter a memória do local caracterizada pelas suas quintas, portões e pomares.

E por fim, a terceira parte da intervenção, designada de *Projeto do Edificado*, assenta na elaboração de um edifício de interesse e uso coletivo, uma biblioteca pública.

A escolha do local analisado e intervencionado, prendeu-se à relação do número de alunos com a dimensão da área de estratégia, pois cada elemento do grupo (primeira fase do trabalho – capítulo3) teria de criar uma residência para 1.000 alunos de modo a colmatar o problema de escassez de camas. Deste modo, Camarate era uma das zonas de maior área de intervenção que conseguiria responder à problemática. Na elaboração da intervenção, foram tomados como ponto de arranque as opções refletidas em grupo na primeira fase de trabalho com alterações resultantes de um estudo mais detalhado ao local de intervenção.

Esta área de intervenção apresenta elevadas falhas aos mais diversos níveis, na sua morfologia de malhas urbanas, nas barreiras naturais e artificiais, na sua estrutura de transportes públicos, nos seus espaços públicos e de lazer e na inexistência de serviços e de equipamentos públicos essenciais à população local, que conduzem à sua contínua segregação e isolamento do restante tecido urbano.

O presente trabalho pretende reabilitar, revitalizar e requalificar o espaço, tornando-o público, através de um novo desenho de perfis de rua, de equipamentos e da introdução de uma unidade paisagística. A intervenção, para além de criar infraestruturas, também pretende reaproveitar o existente dando-lhe uma nova vida e mantendo a memória e imagem do local.

Assim, a proposta consiste na expansão do tecido urbano, reinterpretando as características dos bairros de AUGI como áreas catalisadoras de novas centralidades periféricas, transformando os verdes existentes em verdes urbanos usáveis complementados por equipamentos para usufruto da população. A proposta em específico reside na implantação de seis edifícios, dos quais três são existentes, assentes numa praça a dois níveis, que limita a privacidade dos sítios e que se abrem para o parque verde trazendo a memória das antigas quintas tão características de Camarate e os outros três serão criados de raiz, enriquecendo esta zona, sempre sem descuidar da envolvente que outrora era característica deste local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Bibliografia geral

AAVV - **Relatório de diagnóstico e caracterização das áreas deprimidas dos municípios de Loures**. Loures: Departamento de Gestão Urbanística – Divisão de Planeamento Urbanístico, vol. I, vol. II, vol. III, vol. IV, 2009.

AAVV - **Novas ARU: áreas de Reabilitação Urbana - Delimitação de áreas de reabilitação urbana e operação urbana simples**. Loures: Departamento de Gestão Urbanística – Divisão de Planeamento Urbanístico, 2016.

ANTUNES, Joel – **Projecto de Requalificação Urbana dos Bairros de Génese Ilegal das Galineiras e dos Fetais: Dentro do tema das novas Centralidades**. Lisboa: Instituto Superior Técnico: Universidade Técnica de Lisboa, 2011. Dissertação de mestrado.

Centro Regional de Informação das Nações Unidas: **Relatório da ONU mostra população mundial cada vez mais urbanizada, mais de metade vive em zonas urbanizadas ao que se podem juntar 2,5 mil milhões em 2050** [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050?fbclid=IwAR0kmuFKRXNnNpq3SOJaCg2MNGbkoqARrqYGBScZTBgxtQyXspPdHgJuaM>>

CRUZ, Carlos - **Infraestrutura, arquitetura e território: Vale do Carregado e a linha do Norte**. Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2017. Dissertação de mestrado.

PACHECO, Mónica – **The Diving line of privacy and the social project: The urban critique in Borneo-Sporenburg**. London: Architectural Association School of Architecture, 2004. Dissertação de mestrado.

TEIXEIRA, Diana – **Hortas Urbanas: O contributo da Arquitetura para a integração das hortas urbanas na (re)qualificação da cidade**. Coimbra: FCTUC, 2016. Dissertação de mestrado.

Câmara Municipal de Loures: **Atlas de Loures** [em linha]. Disponível em WWW: <<https://www.cm-loures.pt/AtlasEntrada.aspx> >.

Jornal de Camarate: **História das Quintas de Camarate** [em linha]. Disponível em WWW: <<https://jornaldecamarate.blogspot.com/>>

Jornal de Camarate: **A Grande História da Vila de Camarate** [em linha]. Disponível em WWW: <<https://jornaldecamarate.blogspot.com/>>